

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO ASSOCIADO EM
EDUCAÇÃO FÍSICA – UEM/UEL

JEFERSON ROBERTO ROJO

**MIGRAÇÃO ESPORTIVA: UM OLHAR
PARA OS CORREDORES DE RUA
AFRICANOS NO BRASIL**

Maringá
2020

JEFERSON ROBERTO ROJO

**MIGRAÇÃO ESPORTIVA: UM OLHAR PARA OS
CORREDORES DE RUA AFRICANOS NO
BRASIL**

Tese de Doutorado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação
Associado em Educação Física –
UEM/UEL, para obtenção do título de
Doutor em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Augusto Starepravo

Maringá
2020

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

R741m

Rojo, Jeferson Roberto

Migração esportiva : um olhar para os corredores de rua africanos no Brasil / Jeferson Roberto Rojo. -- Maringá, PR, 2020.
269 f.color., figs., tabs., maps.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Augusto Starepravo.

Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências da Saúde, Departamento de Educação Física, Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física - UEM/UEL, 2020.

1. Migração esportiva. 2. Esporte. 3. Corrida de rua. 4. Atletismo. 5. Sociologia do esporte. I. Starepravo, Fernando Augusto, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências da Saúde. Departamento de Educação Física. Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física - UEM/UEL. III. Título.

CDD 23.ed. 796.01

JEFERSON ROBERTO ROJO

**MIGRAÇÃO ESPORTIVA: UM OLHAR
PARA OS CORREDORES DE RUA
AFRICANOS NO BRASIL**

Tese apresentada à Universidade Estadual de Maringá, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física – UEM/UEL, na área de concentração Práticas Sociais em Educação Física, para obtenção do título de Doutor(a).

APROVADA em 18 de dezembro de 2020.



Prof. Dr. **Amauri Aparecido Bássoli de Oliveira**

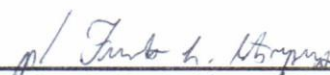
UEM/CCS/DEF
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO FÍSICA (UEM/UEL)



Prof. Dr. **Wendell Arthur Lopes**
Coordenador

Prof. Dr. **Renato Francisco Rodrigues Marques,**
Prof. Dr. **Carlos Henrique de Vasconcellos**
Ribeiro

Participação remota – Resolução nº 013/2018-CEP



Prof. Dr. **Juliano de Souza**



Prof. Dr. **Fernando Augusto**
Starepravo
(Orientador)

Dedicatória



Dedico este trabalho a meus familiares.

Agradecimentos

Passados mais de vinte anos da entrada no ensino básico na Escola Municipal Rocha Pombo, em Ourizona – PR, talvez esse seja o momento menos esperado e ainda sim de grande alegria e gratidão. Nesse tempo, passei pelo Colégio Estadual Professor Benoil, pela Universidade Estadual de Maringá, e também, pela Universidade Federal do Paraná. Com isso, é primordial a referência e agradecimento a essas instituições e funcionários que contribuíram para a minha formação.

O exercício de gratidão pelas infinitas ações que contribuíram para a construção do material aqui apresentado é algo complexo e difícil. A dificuldade vem do risco que corremos de esquecer pessoas importantes para a realização dessa jornada, ao mesmo tempo em que lembrá-las torna-se um exercício prazeroso de gratidão. Portanto, já parto nessa empreitada agradecendo a Deus pela oportunidade de conhecer cada uma das pessoas que serão mencionadas e também contempladas ocultamente nesse texto.

Meus sinceros agradecimentos ao Prof. Fernando Starepravo, pelo acolhimento no grupo, pela oportunidade a mim concedida tanto no momento da graduação, pelos seus ensinamentos e contribuições com este trabalho no papel de orientador. Aproveito também para lembrar dos professores que compõe a banca de avaliação: Juliano de Souza, Amauri Oliveira, Renato Marques e Carlos Ribeiro, muito obrigado pelas leituras e proveitosas sugestões, correções e direcionamentos fornecidos.

Aproveito esse momento em relação às pessoas que colaboraram com leituras, sugestões e indicações e agradeço a dois professores que jamais ousaria pensar que fossem tão acessíveis. Pelo maravilhoso ensinamento de humildade acadêmica agradeço aos professores Wycliffe Njororai (University of Texas) e Jay Coakley (University of Colorado).

Não posso esquecer de estender o agradecimento aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da UEM, pelos ensinamentos e conselhos. Ainda, aproveito para lembrar da Guisela, secretária que atuou sempre no sentido de

nos orientar para corretamente corresponder às demandas. Ainda dentro das paredes do DEF-UEM aproveito para agradecer aos professores, e nesse momento, colegas de trabalho pelos ensinamentos e companheirismo.

O fazer pesquisa é uma ação que para além da atuação do pesquisador é fundamentalmente inerente aos que colaboram com o fornecimento de dados para que se atinja o objetivo proposto. Nesse sentido, meu muito obrigado aos atletas corredores de rua, que forneceram por meio das entrevistas mais que informações para uma pesquisa, mas histórias de vida, e hoje posso dizer que são colegas de atletismo. No mesmo espírito de gratidão, lembro dos agentes, que além de conceder a oportunidade de ter contato com os atletas para realizar minha pesquisa, abriram a porta de suas casas e vidas e sempre foram muito atenciosos e pacientes.

Aos grupos de pesquisa que fizeram parte da minha formação também minha gratidão. Principalmente aos integrantes do GEPOL-UEM, que com as leituras e críticas que fizeram amadurecer minhas reflexões, colaboraram com a construção desse material. Amigos são peças fundamentais em nossa caminhada pela vida, por isso deixo meus agradecimentos a todos os amigos que cultivei no DEF/UFPR e também no DEF/UEM. Aos amigos do de corrida, principalmente aos meus professores de corrida da ACORREMAR.

A alguns amigos de “Maringá” minha gratidão é pouca comparada ao que vocês significam em minha vida. Nos momentos em que mais precisei, a sensibilidade de tomar atitudes que confortaram meus dias esteve presente em vocês, toda a minha gratidão é insignificante perto do que vocês representam. Muito obrigado Ana, Fran, Giovanna, Marco, Vandega e Yara. Vocês são demais. Nesse interim, é preciso agradecer a prontidão e colaboração nas coletas de dados dessa pesquisa, Fran e Gi, muito obrigado por participar desse momento impar para minha vida.

Não poderia deixar de agradecer a todos de minha família. Lembro de minhas avós Alzira e “Maria”, e de meu avô Almiro (em memória) e, assim, estendo meus agradecimentos a todos os meus tios e tias, primos e primas, que de alguma forma colaboram com minha formação, e também às minhas irmãs Suellen e Ellen. Agradeço às pessoas que me permitiram vivenciar todas essas oportunidades e, mesmo sabendo

das dificuldades e obstáculos que teriam me apoiaram nessa jornada. Muito obrigado aos meus pais José e Enira. Eu amo vocês.

Por fim, agradeço a pessoa que me aguentou durante toda essa jornada, desde o momento de decisão de mudança de toda uma vida planejada, estive junto apoiando e colaborando com essa tarefa. Mesmo que as vezes me aguentou calado e pensativo, ou por preocupações, ou por reflexões aleatórias que surgiam, se manteve firme ao meu lado, a Luana, minha esposa, minha gratidão de todo coração.

Entendo que o que sou e todo o desenvolvimento que tive nesse processo têm um pouco de cada um de vocês aqui lembrados. Muito obrigado a todos, e espero ter a oportunidade de um dia conseguir retribuir cada gesto de carinho, atenção e solidariedade destinados a mim.

Epigrafe

Porque a sabedoria serve de defesa, como de defesa serve o dinheiro; mas a excelência do conhecimento é que a sabedoria dá vida ao seu possuidor.

Eclesiastes 7:12

ROJO, Jeferson Roberto. **Migração esportiva**: um olhar para os corredores de rua africanos no Brasil. 2020. 269f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Centro de Ciências da Saúde. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2020.

RESUMO

A migração pode ser caracterizada a priori como a troca de residência definitiva ou temporária. Esse fenômeno é observado em diferentes setores da sociedade, bem como ocorre por diferentes motivos, nesta pesquisa a migração se relaciona ao setor esportivo. Dentro do contexto esportivo, um dos grupos que estão em constante mobilidade migratória é o de corredores de rua oriundos de países do leste africano, o qual se desloca para diferentes países, inclusive o Brasil. Entretanto, os impactos da entrada desses indivíduos não são sempre bem receptivos, divergências e resistências são observadas por parte dos atletas nativos brasileiros, que argumentam uma dificuldade em competir com esses indivíduos, uma vez que são considerados os melhores do mundo nas corridas de médias e longas distância. Diante disso, a presente pesquisa parte do questionamento de quais fatores influenciam o processo migratório dos corredores de rua africanos para o Brasil? Frente ao problema exposto, estabeleceu-se como objetivo principal analisar os fatores que influenciam o processo migratório de atletas de corrida de rua africanos para o Brasil. Para atender a demanda estabelecida pelo objetivo, elaborou-se um modelo analítico da migração esportiva, modelo este formulado após compreensão da necessidade de agregar diferentes perspectivas para a análise do fenômeno. A ideia central do modelo proposto foi de analisar o processo migratório a partir de quatro dimensões: dimensão cultural, dimensão política, dimensão econômica e dimensão pessoal. Para atender aos anseios do modelo analítico, a pesquisa de cunho explicativo se apropriou de múltiplas técnicas de pesquisa, bibliográfica, observacional, entrevistas e a documental. Como resultados verificou-se que a migração de corredores de ruas africanos para o Brasil reflete alguns aspectos da globalização do esporte. No que tange a dimensão cultural, identificou-se uma divisão internacional do trabalho esportivo. Já na dimensão política, detectou-se a

atuação de diferentes atores políticos em uma disputa pela flexibilização da migração e participação de estrangeiros em competição. Economicamente, observou-se que há um desequilíbrio entre o Brasil e os países que enviam os atletas corredores de rua. Sendo que a origem dos atletas se enquadra como periférica, assim como apontado pela perspectiva do sistema mundial. Por fim, na dimensão pessoal, identificou-se que mesmo as estruturas da globalização atuando na pressão para a migração, os indivíduos são capazes de calcular os riscos em relação a sua decisão de migrar, bem como suas relações pessoais contribuem para conhecer os responsáveis por efetivar o processo migratório. Conclui-se então que o fator predominante para a decisão de migrar é o fator econômico. No entanto, as demais dimensões, políticas, culturais e pessoal, moldam o padrão de migração dos corredores de rua africanos para o Brasil.

Palavras-Chave: Atletismo; Migração; Esporte; Corrida de rua; Globalização.

ROJO, Jeferson Roberto. **Sports migration:** analysis of african road runners in Brazil.. 2020. 269f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Centro de Ciências da Saúde. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2020.

ABSTRACT

The migration can be characterized beforehand as the exchange of definite or temporary residence. This phenomenon is observed in different sectors of the society, as well as take place for different motives, in this inquiry the migration is made a list to the sporting sector. Within the sports context, one of the groups that are in constant migratory mobility are African runners, who move to different countries, including Brazil. Meantime, the impacts of the entry of these individuals are not always quite receptive, divergences and conflicts are observed regarding the native Brazilian athletes, who argue a difficulty in competing with these individuals, as soon as those are considered the best of the world in the running of middle and long-distance. Given this, the present research starts from the question of which factors influence the migratory process of African runners to Brazil? In view of the above problem, the main objective was to analyze the factors that influence the migration process of African road running athletes to Brazil. To meet the demand established by the objective, an analytical model of sports migration was elaborated, a model formulated after understanding the need to aggregate different perspectives for the analysis of the phenomenon. The central idea of the proposed model was to analyze the migratory process from the following dimensions: cultural dimension, political dimension, economic dimension and personal dimension. To meet the desires of the analytical model, explanatory research has appropriated multiple research techniques, including bibliographic research, observational research, interviews and documentary research. As a result, it was diagnosed that the migration of East African runners to Brazil reflects some aspects of the globalization of sport. Regarding the cultural dimension, an international division of sports work was identified. In the political dimension, the performance of different political actors was detected in a dispute for the flexibility of migration and participation of foreigners in competition. Economically, it was observed that there is an imbalance

between the countries part of the migration process towards the more central countries, as pointed out by the perspective of the world system. Finally, in the personal dimension, it was identified that even the structures of globalization acting on the pressure for migration, individuals are able to calculate the risks in relation to their decision to migrate, as well as their personal relationships contribute to knowing those responsible for effect the migration process. It is concluded, then, that the predominant factor for the decision to migrate is the economic one. However, the other dimensions, political, cultural and personal, shape the pattern of migration of African road runners to Brazil.

Keywords: Athletics; Migration; Sport; Road Running; Globalization.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|-----|
| Figura 1 - Tipologia da migração esportiva | 64 |
| Figura 2 - Dimensões da migração esportiva | 74 |
| Figura 3 - Fluxograma do processo de busca da revisão sistematizada | 89 |
| Figura 4 - Número de publicações sobre migração esportiva por ano | 103 |
| Figura 5 - Número de artigos publicados por periódico | 104 |
| Figura 6 - Número de documentos por país | 107 |
| Figura 7 - Número de documentos por instituição | 108 |
| Figura 8 - Autores com maior número de publicações sobre a temática | 109 |
| Figura 9 - Número de autores e instituições por artigo | 112 |
| Figura 10 - Rede direta e indireta de colaboração de Joseph Maguire | 113 |
| Figura 11 - Rede direta e indireta de colaboração de Sine Agergaard | 114 |
| Figura 12 - Distribuição dos estudos pelo sexo dos indivíduos de pesquisa | 117 |
| Figura 13 - Número de documentos por posição do migrante pesquisado | 118 |
| Figura 14 - Manifestação esportiva investigada | 119 |
| Figura 15 - Número de estudos por modalidade esportiva | 120 |
| Figura 16 - Locais de origem e destino | 122 |
| Figura 17 - Número de artigo por tipo de tipo de padrão de migração | 123 |
| Figura 18 - Temas centrais de estudo com maior publicação | 127 |
| Figura 19 - Fluxos migratórios em diferentes modalidades esportivas | 142 |
| Figura 20 - Número de atletas estrangeiros por ano e por modalidades | 143 |
| Figura 21 - Número de atletas platinum e gold por nacionalidade | 155 |
| Figura 22 - Número de atletas silver e bronze por nacionalidade | 155 |
| Figura 23 - Índice de Desenvolvimento Humano dos países | 181 |
| Figura 24 - Produto Interno Bruto (PIB) por Paridade do Poder de Compra (PPC) | 184 |
| Figura 25 - Percentual de população abaixo do nível da pobreza | 186 |
| Figura 26 - Número de provas Road Races Label por país | 191 |
| Figura 27 - Número de provas Road Races Label por continente | 192 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|-----|
| Quadro 1 - Matriz de categorização de países de migração esportiva | 76 |
| Quadro 2 - Conteúdos abordados e fonte de dados | 95 |
| Quadro 3 - Perfil dos agentes brasileiros de atletas africanos | 134 |
| Quadro 4 - Perfis das (os) atletas entrevistados(as) | 136 |

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

| | |
|------------------------|--|
| COI | Comitê Olímpico Internacional |
| CBA^t | Confederação Brasileira de Atletismo |
| CBF | Confederação Brasileira de Futebol |
| CBV | Confederação Brasileira de Voleibol |
| CCS | Centro de Ciências da Saúde |
| CEFE | Centro de Educação Física e Esporte |
| CIES | Centro Internacional de Estudos Esportivos |
| DEF | Departamento de Educação Física |
| EU | União Europeia |
| EUA | Estados Unidos da América |
| FIBA | Federação Internacional de Basquetebol |
| FIFA | Federação Internacional de Futebol |
| IAAF | Associação Internacional das Federações de Atletismo |
| IDH | Índice de Desenvolvimento Humano |
| ISSA | The International Sociology of Sport Association |
| LNP | Linha Nacional da Pobreza |
| NASSS | The North American Society for the Sociology of Sport |
| NBA | National Basketball Association |
| NBB | Novo Basquete Brasil |
| NVA | National Volleyball Association |
| OMS | Organização Mundial da Saúde |
| ONU | Organização das Nações Unidas |
| PIB | Produto Interno Bruto |
| PPC | Paridade do Poder de Compra |
| PPP | Purchasing Power Parity |
| UEFA | União das Associações Europeias de Futebol |
| UEL | Universidade Estadual de Londrina |
| UEM | Universidade Estadual de Maringá |
| UNESCO | Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura |
| WA | World Athletics |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| 1 INTRODUÇÃO | 17 |
| 1.1 Objetivo Geral | 29 |
| 1.2 Objetivos específicos | 29 |
| 1.3 Justificativa | 30 |
| 1.4 Estrutura da tese | 32 |
| 2 GLOBALIZAÇÃO, MIGRAÇÃO E O ESPORTE | 35 |
| 2.1 Globalização | 35 |
| 2.2 Migração | 44 |
| 2.3 O esporte entra em cena | 54 |
| 2.4 Quadros conceituais de análise da migração esportiva | 59 |
| 2.5 Proposta de análise da migração esportiva | 68 |
| 3 MATERIAIS E MÉTODOS | 86 |
| 4 O OLHAR CIENTÍFICO/ACADÊMICO SOBRE A MIGRAÇÃO ESPORTIVA | 98 |
| 4.1 Migração Esportiva e suas revisões de literatura | 99 |
| 4.2 O campo científico da Migração Esportiva | 102 |
| 4.3 Migração Esportiva, análise dos seus padrões | 116 |
| 4.4 A parte que cabe ao Brasil | 129 |
| 4.5 Alguns apontamentos | 132 |
| 5 UMA VIDA CORRIDA- ENTRE A AFRICA E O BRASIL | 134 |
| 5.1 Dimensão Política | 140 |
| 5.2 Dimensão Econômica | 160 |
| 5.3 Dimensão Cultural | 177 |
| 5.4 Dimensão Pessoal | 195 |
| 6 CONCLUSÃO | 217 |
| REFERÊNCIAS | 223 |
| ENTREVISTAS | 258 |
| ANEXOS E APÊNDICES | 259 |

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, a migração de pessoas em várias partes do mundo tem se consolidado como um fenômeno social que altera drasticamente a composição da sociedade, voltando a ficar em evidência nos meios de comunicação de massa. A questão da migração - decorrente de razões políticas, religiosas e sociais - foi frequentemente veiculada pelas grandes mídias. De acordo com o portal de notícias G1 (2016), após o encontro do G20¹, os países pertencentes ao grupo reconheceram a crise de refugiados na qual se encontra o planeta. Segundo o site, os números atingiram níveis históricos, com um total de 65 milhões de deslocados no mundo no ano de 2015.

Para a representação das Nações Unidas no Brasil o número de deslocados forçados é o maior desde a Segunda Guerra mundial (ONUBR, 2014). Porém, vale considerar que esses dados são referentes apenas aos migrantes forçados, ou seja, pessoas que se deslocaram por pressões relativas aos riscos de sua integridade, de modo que, contabilizando outras formas de migração, esse valor chega próximo a 250 milhões de migrantes no mundo (MIGRA MUNDO, 2018).

Diante disso, é essencial uma primeira definição do fenômeno social aqui em discussão, ressaltando que posteriormente serão aprofundadas as discussões sobre o conceito. A migração pode ser compreendida a priori, de maneira ampla, como uma mudança de residência permanente ou semipermanente (NOLASCO, 2016). No entanto, Koser e Salt (1997) já alertavam que a literatura acadêmica não era unânime em apontar para uma definição sólida de migração. Para os autores, um dos grandes problemas desse impasse conceitual é a determinação do tempo que o indivíduo que se muda de seu local de origem permanece no seu destino, uma vez que um deslocamento de curto prazo pode ser considerado como uma movimentação ou mobilidade, e não como migração (KOSER; SALT, 1997).

¹ Criado em 1999, o Grupo dos 20 (G20) é um fórum que reúne os principais países industrializados e emergentes do planeta. Nos primeiros anos, as nações eram representadas nos encontros periódicos do G20 pelos ministros das finanças e chefes dos bancos centrais (VEJA, 2017).

As formas de mobilidade humana são diversas, entretanto para autores da migração nem todas se enquadram na definição de migração (NOLASCO, 2016). Muitas definições teóricas sobre o tema são levantadas, com distinções entre si, mas um ponto de convergência é que a migração se apresenta como um fenômeno simultaneamente espacial e temporal. No aspecto espacial, refere-se à distância geográfica percorrida pelo migrante, já o aspecto temporal refere-se à duração em que o migrante permaneceu fora do local de origem, podendo ser até mesmo permanente.

Diante disso, para esta pesquisa, adotou-se a ideia de que a migração é a mudança de residência do indivíduo que fixa morada por um período de tempo em seu destino. Exclui-se da categoria migrantes os atletas/indivíduos que apenas se deslocam para competir e retornam aos seus países/locais de origem.

Observa-se que o Brasil se apresenta como ponto geográfico dos movimentos migratórios de populações ao redor do mundo. No entanto, nem sempre o fluxo e as direções foram as mesmas. Há de se considerar a colonização exercida por países europeus em períodos próximos aos anos de 1500, em que se constituiu um padrão de movimento migratório de entrada de estrangeiros em território brasileiro. Esse padrão se manteve até próximo dos séculos XIX e XX, com a chegada de japoneses e outros europeus. Posteriormente, em meados da década de 1990, pela primeira vez o Brasil muda seu *status* de país receptor e passa a ser visualizado como “expulsor” (PATARRA, 2005), ou seja, a saída de brasileiros do país era maior do que a entrada de estrangeiros².

Como exemplo da referida alternância de padrão de migração, recentemente voltou a ficar em evidência no cenário brasileiro a entrada de estrangeiros no país, devido à facilidade do país em absorver a população, principalmente de refugiados. Sendo essa informação veiculada tanto na mídia quanto nas discussões e pesquisas acadêmicas (MILESI; ANDRADE, 2010; BÓGUS; FABIANO, 2015). Os dados divulgados pelo relatório de “Migrações e mercado de trabalho no Brasil” de 2017 corroboram essa afirmação. O documento apresenta um número de aproximadamente

² Nesse ponto é imprescindível ressaltar que a proeminência de um padrão de migração não exclui o outro, ou seja, mesmo com dados que evidenciam a tendência de uma maior saída de pessoas do país, não significa que não haja também a movimentação de entrada de indivíduos em território nacional.

19,2 milhões de registros de movimentações de estrangeiros no Brasil no período entre os anos de 2010 e 2016 (SINCRE, 2017)³, sendo que, desse montante, o registro de permanência de migrantes é de 669.722 indivíduos.

A migração de pessoas envolve, como já explicitado, não apenas pessoas expulsas e/ou forçadas a saírem de suas origens, mas também indivíduos migrantes que buscam diferentes tipos de trabalhos em outras regiões, como estudantes, cientistas, e ainda, indivíduos que se vinculam ao espaço social do esporte. Diante disso, focar no campo específico de estudo deste trabalho, implica evidenciar que as discussões sobre o processo migratório também permeiam o setor esportivo. Como exemplo, pode-se citar o êxodo de jogadores brasileiros de futebol rumo aos países europeus, fato recorrente nas últimas três décadas (RIAL, 2008). Esse fenômeno é observado pela matéria veiculada no blog esportivo, vinculado ao site UOL, que aponta para um número de 2.174 jogadores brasileiros distribuídos em 111 países do mundo no ano de 2015 (REIS, 2015). O autor também apresenta dados da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), que indicam que no primeiro semestre de 2015, 355 futebolistas emigraram para jogar futebol profissionalmente. Em dados mais recentes, a CBF aponta que entre jogadores amadores e profissionais em 2017 foram transferidos 1.630 jogadores brasileiros para outros países (CBF, 2018).

Além do futebol, outras modalidades esportivas, como futsal (MARQUES; MARCHI JR, 2020), basquete (MAGUIRE, 1994), handebol (AGERGAARD, 2008), rúgbi (HORTON, 2012), e corrida de rua, foco principal do presente estudo, evidenciam a mobilidade de pessoas ao redor do planeta. De acordo com Njororai (2012), nas 50 maiores meia-maratonas de 2012, 74% dos corredores da elite competitiva eram de origem queniana e 22% de etíopes. Considerando apenas as duas maiores potências esportivas no âmbito das corridas de rua, a representação da elite da modalidade era de 96% dos atletas, ou seja, os atletas de origens do leste africano estão presentes nos

³ O número de entradas e saídas considerou os movimentos associados à migração de curta duração, excluindo turistas, tripulantes e pessoas em trânsito (SINCRE, 2017).

maiores eventos de corrida de rua e o seu volume de participação é extremamente superior ao dos demais países⁴.

Em outro estudo, o autor aponta o fenômeno da naturalização dos atletas quenianos para representar outros países (NJORORAI, 2010). Além dos exemplos de quenianos levantados por Njororai (2010), pode-se apresentar o caso de Mebrahtom Keflezighi, medalhista de prata na maratona dos Jogos Olímpicos de 2004 em Atenas. O maratonista, de origem eritreia, naturalizou-se norte-americano, representando os Estados Unidos durante os Jogos de 2004.

Com relação aos atletas africanos de corrida de rua no Brasil, Ribeiro *et al* (2013) abordam a temática dos corredores quenianos em território brasileiro a partir da visão de treinadores. Os autores discutem a percepção e a posição dos treinadores da modalidade sobre as normas reguladoras da atuação de estrangeiros em provas no Brasil. O tema entrou em evidência no universo das corridas de rua do Brasil⁵ a partir do grande volume de atletas de origem africana que participa dos circuitos de corridas de rua no país.

No entanto, atletas estrangeiros presentes nas corridas de rua em território nacional não é um fato recente. Como relata Dallari (2009), em anos anteriores atletas estrangeiros já competiam na corrida de São Silvestre⁶ em São Paulo, sem restrições, já a elite dos atletas brasileiros só podia correr se tivessem participado de seletivas que os classificariam para disputar a prova.

De acordo com Dallari (2009), a corrida de São Silvestre passou por um longo período sem ter como vencedor da prova um atleta brasileiro. Essa disputa com atletas estrangeiros no período observado pela autora, iniciou-se no ano de 1946, momento em que se introduziu o adjetivo “internacional” ao nome do evento, com à participação dos primeiros sul-americanos. Com o passar dos anos, atletas de diversas

⁴ Entre esses atletas, todos estão fora de suas origens. Entretanto, uns são considerados por Maguire (1996) como nômades, assim como pilotos de formula 1, tenistas do circuito mundial de tênis, entre outros.

⁵ Partindo da compreensão da noção de campo em Bourdieu, considera-se o subcampo das corridas de rua no Brasil como um espaço social de disputas e interações entre agentes e instituições com relações estreitas com a modalidade da corrida de rua.

⁶ A Corrida Internacional de São Silvestre é o evento de corrida de rua com maior expressão em âmbito nacional. Realizada sempre no dia 31 de dezembro, no ano de 2018 a prova chegou à sua 94ª edição, reunindo entre amadores e atletas de elite um total de aproximadamente 30 mil corredores.

nacionalidades, como mexicanos, marroquinos, portugueses e equatorianos, participaram da Corrida e classificavam-se nas primeiras colocações das disputas. Porém, com as transformações no esporte, as nacionalidades dos estrangeiros participando das competições no Brasil também se alteraram, e a presença deles aumentou significativamente.

O que vem ocorrendo nos últimos anos nas corridas de rua brasileiras é a grande participação de atletas oriundos de países africanos, principalmente Etiópia, Tanzânia e Quênia (RIBEIRO *et al*, 2013). O grande impasse desse processo migratório é que potencialmente os atletas africanos possuem um melhor desempenho em provas de médias e longas distâncias, sendo destaque entre atletas de todo o mundo, causando desconforto nos atletas brasileiros pela dificuldade em conquistar as primeiras colocações (RIBEIRO *et al*, 2013; TOMAZINI; MOTA E SILVA, 2013; VANCINI *et al*, 2013).

Ao assimilar os pontos de conexão entre prática e indivíduos a serem analisados no presente estudo, ou seja, as corridas de rua e os atletas migrantes de origem africana, é mister ocupar-se da compreensão do fenômeno da corrida de rua, bem como analisar qual é a importância dos atletas oriundos dos países do leste africano para a modalidade.

Para iniciar o entendimento do que se trata a corrida de rua, é importante compreender que esse tipo de evento se constitui como um leque de provas que compõem a modalidade do atletismo (ROJO *et al*, 2017a). O atletismo, por sua vez, desde o princípio do esporte moderno figurou como uma prática relevante dentro de um dos principais eventos criados naquele período, os Jogos Olímpicos (GUTMANN, 1978). Dentro do atletismo, as corridas de rua se enquadram dentro das provas conhecidas como provas de fundo, ou seja, são as corridas de longas distâncias, geralmente acima dos 5.000 metros. No programa dos Jogos Olímpicos, a versão da corrida de rua presente é a maratona, que consiste em uma corrida pela distância de 42.195 metros, sendo uma das grandes atrações do evento.

Para além da importância do atletismo no cenário esportivo internacional e o papel da corrida de rua nesse contexto, pode-se observá-la com peculiaridades dentre as modalidades esportivas (ROJO *et al*, 2017b). Os eventos de corridas de rua, além de

reunirem milhares de espectadores, também reúnem milhares de participantes em um só evento, sendo eles de perfis e níveis distintos (PRONI, 2011). Desta forma, a corrida de rua/maratona tem se tornado uma grande geradora de receitas e um importante fator de movimentação econômica do setor esportivo (MCKELVEY; SANDLER; SNYDER, 2012).

No espaço social em que se constitui a corrida de rua, os corredores e corredoras com origens nos países do leste africano são protagonistas entre os atletas. São considerados as grandes “estrelas” dos eventos, detentores dos recentes recordes mundiais. Estudos para analisar as possíveis causas dessa predominância do leste africano nas corridas de longa distância existem dos mais diversos. Entre as variáveis apresentadas estão: fatores genéticos, fisiológicos, demográficos e socioeconômicos (WILBER; PITSILADIS, 2012; SCOTT *et al*, 2003; PITSILADIS *et al*, 2007).

Esse protagonismo dos corredores africanos não é algo da história recente do atletismo. Durante os Jogos Olímpicos de 1964, o corredor de 800 metros, Wilson Kiprugut, ganhou a medalha de bronze (WILBER; PITSILADIS, 2012; BALE, 2006; BALE; SANG, 1996). Contudo, foi no ano de 1968, durante os Jogos Olímpicos da Cidade do México, que os dois países somados (Quênia e Etiópia) conquistaram um total de 10 medalhas nas provas de média e longas distâncias, e se apresentaram como potência mundial do atletismo de meio-fundo e fundo (MANNERS, 2007; BALE; SANG, 1996; WILBER; PITSILADIS, 2012).

Com algumas exceções, pela não participação em edições de Jogos Olímpicos e Mundiais de atletismo, os países mantiveram ou aumentaram seu protagonismo nas corridas de longa distância (WILBER; PITSILADIS, 2012). Além das representações em Olimpíadas, em eventos distintos esses atletas também são referências. No estudo realizado por Nikolaidis, Onywera e Knechtle (2017), em eventos com corrida de 10km, meia-maratona e maratona, com dados de 1999 a 2015, em ambos os sexos os dois países foram destaques e obtiveram os melhores resultados, sendo o Quênia líder nesse cenário.

A partir dos primeiros êxitos, em nível global, nas provas de média e longa distâncias, os primeiros indícios de recrutamento e migração de corredores começaram a ser evidenciados. De acordo com Christensen e Damkjær (2002), houve a dinâmica

em dois níveis, tanto o recrutamento interno no Quênia, como também internacionalmente. Ao fim da década de 1960, as instituições de ensino superior norte americanas, que assumem ser de grande importância o próprio sistema esportivo, começam a recrutar os primeiros corredores africanos para compor suas equipes, que outrora eram formadas por nativos, estrangeiros oriundos do Canadá e europeus (BALE; SANG, 1996).

Entre os anos de 1970 e 1980, o fluxo migratório de atletas quenianos para as universidades norte americanas chegou ao seu auge (CHRISTENSEN; DAMKJÆR, 2002). De acordo com Gotaas (2013), nesse período por volta de 200 corredores viviam de bolsas de estudos ofertadas pelas instituições de ensino. Ademais, Bale e Sang (1996), afirmam que os indivíduos recrutados nesse padrão migratório estavam presentes nos quadros de melhores atletas das provas, tendo entre eles recordistas mundiais e campeões olímpicos.

Para além do notável desempenho atlético desses corredores, Bale e Sang (1996) afirmam que o custo operacional para se recrutar tais atletas era mais baixo que para selecionar representantes nativos norte-americanos. Nesse sentido, em alguns anos, o número de atletas africanos tornou-se significativo em relação aos demais, e como primeiros impactos desse processo os autores apontam que, mesmo não sendo uma particularidade dos corredores quenianos, os torcedores nativos norte americanos se colocavam contrários ao excesso de bolsas de estudos ofertadas aos estrangeiros.

No final da década de 1980 e início dos anos 1990, o atletismo se abriu para o profissionalismo, trazendo com isso as possibilidades de retornos financeiros aos atletas. Dessa forma, o recebimento de bolsas de estudos das universidades norte-americanas se tornou menos atrativa do que as premiações concedidas aos atletas (BALE; SANG, 1996). Já que o sistema esportivo das universidades norte-americanas não permite a remuneração salarial a atletas, o vínculo institucional para eles não era mais relevante às suas ambições financeiras, o que provocou, de acordo com Bale e Sang (1996), o declínio do número de corredores africanos nos Estados Unidos⁷.

⁷ Por mais que tenha havido o declínio no número de atletas quenianos nas universidades norte-americanas e, conseqüentemente, nos Estados Unidos como um todo, esse padrão de movimento não se acabou, pois estar em uma faculdade ou universidade americana ainda pode ser atraente para os

As mudanças estruturais no atletismo mundial não acabaram com a migração de corredores de médias e longas distâncias, o que ocorre é uma alteração nas dinâmicas e padrões do fluxo migratório (BALE; SANG, 1996). Os atletas africanos começam a participar dos grandes circuitos de corridas de rua europeus (BALE; SANG, 1996), dos circuitos de corrida de rua nos Estados Unidos (MANNERS, 2007) e dos maiores eventos de meia-maratonas e maratonas em todas as regiões do planeta (NJORORAI, 2012).

É nesse período, meados dos anos de 1990, que os primeiros corredores de rua começam também a se deslocar para o Brasil. De acordo com o acervo de campeões da Corrida Internacional de São Silvestre, no ano de 1992 o primeiro atleta oriundo do leste africano conquistou a prova, Simon Chemwoyo (GAZETA ESPORTIVA, 2019). Anos mais tarde, em 1998, outro atleta de origem queniana venceu a Maratona de São Paulo, evento de relevância para o atletismo de rua brasileiro (NUNES; ROCHA, 2019).

Os reflexos do alto número de atletas de origem leste africana nas competições em diversas partes do planeta surgem então, como ocorrera no movimento do esporte universitário norte-americano. As reações aos fluxos migratórios são apresentadas de duas formas. A primeira delas em relação à própria instituição reguladora do atletismo queniano, a *Athletics Kenya*, a qual recorreu algumas vezes à IAAF⁸ para regulamentar a saída de seus atletas e evitar o comprometimento financeiro da instituição (BALE; SANG, 1996; JARVIE, 2007). A segunda forma, refere-se ao incômodo dos nativos em relação à presença dos atletas estrangeiros em suas competições. Esse movimento foi identificado por Bale e Sang (1996), nos circuitos britânicos de corridas de rua, e nos Estados Unidos por Manners (2007), em que o autor afirma haver tentativas de criar circuitos exclusivos para cidadãos norte-americanos, mas que também são vencidos por atletas naturalizados.

Recentemente, o tema voltou a ficar em evidência, figurando nos noticiários de diversas partes do mundo, quando a organização de uma meia-maratona na cidade de

atletas quenianos abaixo do nível da elite (BALE; SANG, 1996). Tal evidência é apontada por Chepyator-Thomson (2003), em seu estudo com atletas universitários.

⁸ Recentemente, no ano de 2019, a instituição passou por uma reformulação e alterou seu nome para World Athletics. No entanto, a nomenclatura utilizada durante o texto levava em conta o período analisado. Ou seja, o nome contido nos documentos.

Trieste, na Itália, divulgou que barraria a participação de atletas de origem africana em seu evento (BBC, 2019; THE GUARDIAN, 2019). O fato deu voz às discussões, nas quais se revelaram preocupações de diversos tipos, como preconceitos, explorações, desigualdades de desempenho atlético, entre outras.

A participação africana nas provas brasileiras tem sido questionada por alguns constituintes do espaço social das corridas de rua, como treinadores e atletas brasileiros. Recentemente, em competições brasileiras, ocorreram alguns fatos que evidenciaram tensões entre os indivíduos pertencentes ao espaço social das corridas de rua. Aranda (2013) e Lucena (2013) retratam em seus respectivos sites um episódio em que atletas brasileiros realizaram protesto contra o que eles afirmavam ser um número excessivo de corredores africanos nas provas do Brasil.

Outro caso desse conflito, foi relatado pela matéria veiculada pelo site da emissora televisiva SporTV. Segundo a reportagem, o então treinador e responsável pelo setor de atletismo do Cruzeiro Esporte Clube, localizado em Belo Horizonte – MG, entrou na justiça para pedir a limitação de vagas para estrangeiros nas corridas de rua (SPORTV, 2014). De acordo com o texto, as justificativas são as premiações/bonificações - ofertadas pelas organizações - que são pagas aos vencedores. Com o desempenho atlético melhor por parte dos africanos, essa receita não estaria chegando aos brasileiros e, conseqüentemente, aos treinadores/técnicos.

Uma ressalva a se fazer é que, em ambos os casos mencionados, os responsáveis pelas críticas à presença dos africanos dizem não serem contra a participação dos corredores estrangeiros nas provas brasileiras. Segundo os entrevistados, eles solicitam a proposta de incrementar uma premiação, ou até mesmo realizar circuitos de corridas de rua exclusivamente para brasileiros (ARANDA, 2013; LUCENA, 2013; SPORTV, 2014). Tal fato se aproxima dos ocorridos mencionados por Manners (2007) nos circuitos norte-americanos.

Ainda nas dimensões econômicas, outro reflexo da presença de corredores de rua africanos no Brasil, é o descontentamento dos atletas brasileiros em relação aos patrocínios recebidos pela principal equipe que agencia esses estrangeiros. Como pode ser observado na reportagem de Brito (2014), a empresa estatal brasileira Caixa Econômica Federal, durante um período patrocinou a equipe de corredores africanos

que residiam e competiam no Brasil. No entanto, essa ação foi criticada pelos atletas brasileiros, que se diziam prejudicados por não receberem tal incentivo.

Como se pode observar, os impactos e reflexos gerados pela migração de atletas africanos para o Brasil com objetivo de participarem dos eventos de corridas de rua, observados nos parágrafos anteriores, é tema de importantes reflexões. No entanto, é necessário iniciar as discussões compreendendo como se deu o processo de migração desses indivíduos até o Brasil. Sendo que permanecem residindo em território brasileiro por períodos determinados, consolidando assim o processo migratório.

Nesse sentido, em texto de Bourdieu e Wacquant (2000) sobre a obra do sociólogo Abdelmalek Sayad, estudioso da migração, os autores apresentam a importância de compreender que, para se ter um imigrante, primeiro existe o emigrante, e que as pesquisas da migração devem começar pela origem do migrante.

A primeira é a proposição simples, mas fundamental, cujas implicações devem ser totalmente retiradas pelos acadêmicos e formuladores de políticas, que antes de se tornar um imigrante, o migrante é sempre primeiro um emigrante, e que a sociologia da migração deve portanto, imperativamente começar, não a partir das preocupações e clivagens da sociedade receptora, mas das comunidades de origem, sua história, estrutura e contradições (BOURDIEU; WACQUANT, 2000, p. 174)⁹.

A interpretação que se tem aqui é de que os estudos devam partir não do impacto gerado nas corridas de rua no Brasil, mas sim de como e o que levou esses indivíduos a migrar. Ou seja, nessa perspectiva, se propõe nesse estudo uma investigação dos elementos que compõem o processo migratório de corredores africanos para o Brasil

Nesse sentido, algumas questões são apontadas por Maguire (1994; 1996; 2008) com objetivo de nortear esse quadro: quais são as políticas que envolvem o processo migratório e como isso influencia na ação do migrante; qual padrão de migração ocorre na modalidade esportiva analisada; quais fatores influenciam a decisão de migrar do

⁹ Tradução livre nossa, versão original: "The first is the simple but fundamental proposition, the implications of which remain to be fully drawn out by scholars and policy makers alike, that before he or she becomes an immigrant, the migrant is always first an emigrant, and that the sociology of migration must therefore imperatively start, not from the concerns and cleavages of the receiving society, but from the sending communities, their history, structure and contradictions".

indivíduo; como ocorre o processo de recrutamento e migração do atleta; qual motivação leva o atleta a migrar.

A partir das problematizações apresentadas por Maguire, entende-se que fazem parte do processo migratório elementos de natureza política, geográfica e sociológica. Nos aspectos políticos, enquadram-se as normas e legislações que regem o ato migratório e a atuação dos estrangeiros no país. Já nos aspectos geográficos, pode-se destacar os padrões de movimentos que a modalidade apresenta. Por fim, sociologicamente, compreende-se que diversos fatores podem influenciar e motivar o indivíduo a migrar, sejam de origem econômica, cultural ou social.

De acordo com Giddens (2008), a migração de pessoas ocorre em volumes intensificados em decorrência do processo de globalização contemporânea. Para o autor, de maneira elementar, o entendimento do termo tem relação com “processos que intensificam cada vez mais a interdependência e as relações sociais a nível mundial” (GIDDENS, 2008, p. 51). Eliasson (2009), por sua vez, afirma que a globalização é caracterizada pela intensificação da migração. Mesmo que pareça haver uma oposição entre os autores, pode-se considerar que os fenômenos são interdependentes, ou seja, possuem relação dialética, em que um influencia o outro.

A partir do exposto, pode-se observar que a migração esportiva se trata de um fenômeno social que permeia um processo de globalização da sociedade contemporânea. Assim como diferentes populações e profissões se deslocam por distintas regiões do planeta, os trabalhadores do esporte também exercem essa movimentação. Considerando, também, que o processo migratório pode envolver, além de questões econômicas, aspectos sobre políticas regulatórias, geográficos e sociais, apresenta-se como problema o seguinte questionamento: **Quais fatores influenciam o processo migratório dos corredores de rua africanos para o Brasil?**

A partir da problematização exposta, estabeleceu-se a hipótese de que o processo de migração de corredores de rua africanos para o Brasil é componente inerente ao processo de globalização contemporânea, possuindo suas particularidades e especificidades em relação ao fenômeno. Nesse sentido, acredita-se que envolva dinâmicas culturais, políticas, econômicas e de orientação pessoal, não se resumindo a uma pressão externa de estrutura social da economia global do esporte, ou seja, as

relações e interações dos indivíduos que os levam a migrar é influenciada por questões tanto macrossociais, como micros-sociais, em outras palavras, no âmbito de suas ambições e reflexões pessoais.

Partindo da compreensão de que há a existência de vários aspectos que envolve o processo de migração, sendo eles enquadrados em questões de diferentes disciplinas, entre elas Ciência Política, Geografia, Sociologia, como exemplo (BRETTELL; HOLLIFIELD, 2014), dentro das dinâmicas em que se apoia o presente trabalho, pode-se observar no que tange o aspecto político que o Brasil se constitui como uma nação com direitos previstos a pessoa migrante, em decorrência da aprovação e implementação da chamada Lei de Migração¹⁰ (OLIVEIRA, 2017; GUERRA, 2017). No entanto, no contexto específico do campo esportivo, e mais precisamente das corridas de rua no Brasil, acredita-se que da mesma forma com que ocorrem outras realidades, as regulamentações da Confederação Brasileira de Atletismo visam limitar o número de estrangeiros em atividade no país, o que é visto na literatura como cotas para a participação estrangeira (MAGUIRE; STEAD, 1996; MADICHIE, 2009; BINDER; FINDLAY, 2012).

Já em relação aos aspectos culturais, por se tratar do campo esportivo, acredita-se que esses aspectos moldam os padrões migratórios, não se resumindo apenas aos tipos de movimentos migratórios estabelecidos por Maguire (1994), que nesse caso seria classificado como transcontinental, ou seja, o deslocamento dos atletas ocorre entre países de diferentes continentes. Aqui, apoia-se em Crossan (2008), que indica que o status da modalidade esportiva influencia nos padrões de movimento migratórios, ou seja, como o atletismo de fundo, mais precisamente a corrida de rua, se consolida como esporte primário nos países africanos, o excedente de produção de talento acaba por ser pressionado a migrar para outras localidades. No caso do Brasil, esses atletas se consolidam como “estrelas” da modalidade tornam-se um atrativo para os eventos de corridas de rua, o que caracteriza como um fator de atração para esses corredores.

¹⁰ A Lei da Migração é uma regulamentação instituída no ano de 2017 pelo governo brasileiro. De forma sintética a Lei Nº 13.445 de 24 de maio de 2017, “dispõe sobre os direitos e os deveres do migrante e do visitante, regula a sua entrada e estada no País e estabelece princípios e diretrizes para as políticas públicas para o emigrante” (BRASIL, 2017).

Por mais que não se deva reduzir todas as relações sociais, dentre elas os processos migratórios, as questões socioeconômicas, também não se pode negar a sua interferência e relevância para o fenômeno. Diante disso, acredita-se que a dinâmica socioeconômica permeia a migração de corredores de rua africanos para o Brasil. De acordo com Bale e Sang (1996), as corridas de rua fornecem um grande retorno financeiro aos atletas, sendo que esse recurso geralmente é utilizado para financiar uma melhor condição de vida para estes e seus familiares. Nesse sentido, acredita-se que as diferentes condições socioeconômicas podem ser fatores de atração desses indivíduos em relação ao Brasil.

Por fim, no que tange aos aspectos íntimos à vida do indivíduo migrante, admite-se que os corredores de rua africanos são motivados por diferentes aspectos, se tratando tanto por motivos econômicos, como por motivos de desenvolvimento de carreira profissional na modalidade (MAGUIRE, 1996; MAGEE E SUGDEN, 2002). Outro ponto nesse aspecto, são as relações pessoais do migrante, nesse sentido acredita-se que há um processo de recrutamento e de deslocamento dos corredores de rua africano para o Brasil. Sendo que esse fato se diferencia dos diagnosticados por Elliot e Maguire (2008) em que os autores afirmam que em grande parte os recrutamentos se davam “por meio de redes de relações informais, e não por meio de uma mediação mais formal” (ELLIOT; MAGUIRE, 2008). No caso do presente estudo supõe-se que haja uma rede de relacionamento formal. Sendo que essa dinâmica era facilitada pela diminuição dos custos operacionais do processo.

1.1 Objetivo geral

Analisar os fatores que influenciam o processo migratório de atletas de corrida de rua africanos para o Brasil.

1.2 Objetivos específicos

- Analisar reflexivamente o conhecimento científico/acadêmico internacionalmente produzido sobre a migração esportiva;

- Examinar os aspectos referentes a legislação brasileira e a regulamentação esportiva do atletismo a respeito da migração de atletas estrangeiros;
- Identificar os padrões de migração encontrados na corrida de rua no Brasil;
- Analisar as reflexões individuais que influenciam os atletas africanos de corridas de rua migrarem para o Brasil;
- Analisar o processo de recrutamento e deslocamento dos atletas de corrida de rua africanos para o Brasil.

1.3 Justificativa

O interesse em pesquisar esta temática se justifica a partir de elementos de ordem pessoal, acadêmica e social. Pelo aspecto pessoal, a pesquisa se justifica a partir do interesse pelo objeto das corridas de rua. Nesse quesito pesa também o fato de eu ser um agente inserido no espaço social da modalidade, em suas variadas posições (atleta, treinador, árbitro e, mais recentemente, professor da disciplina de atletismo), e o interesse pela dedicação aos estudos que visam a leitura do esporte em suas diversas maneiras.

A monografia de graduação em Educação Física (ROJO, 2014), na qual investiguei as transformações ocorridas no tradicional evento de corrida de rua, Prova Rústica Tiradentes, realizado anualmente na cidade de Maringá, se coloca como os primeiros traços relacionados à problemática da presença dos corredores africanos na agenda de pesquisa. De acordo com um de seus entrevistados,

[...] os atletas elite do Brasil se afastaram, até devido à invasão dos africanos na prova rústica Tiradentes, deixando assim a dificuldade dos atletas brasileiros de competir com eles de igual pra igual, deixando a maioria dos atletas brasileiros de fora da premiação, porque o nível africano é muito alto (ROJO, 2014, p. 38).

A corrida de rua permanece na agenda de pesquisa na dissertação apresentada para a titulação de mestrado (ROJO, 2017). O estudo investigou o fenômeno das

corridas de rua sob os olhares das políticas públicas, sociologia e história do esporte. Buscou diagnosticar e compreender as ações realizadas pelo poder público municipal da cidade de Curitiba – PR, para o subcampo esportivo da modalidade.

No que tange a justificativa acadêmica, observa-se que a produção do conhecimento sobre o objeto das corridas de rua, mesmo com aumento gradual, segundo aponta o levantamento realizado a partir de teses e dissertações, são poucos os estudos com leitura sob o olhar da área sociocultural (BASTOS; PEDRO; PALHARES, 2009). O mesmo indicativo foi diagnosticado em levantamento realizado com estudos publicados no formato de artigos em português veiculados nos periódicos brasileiros (ROJO *et al*, 2018). Na literatura nacional, apenas um artigo aborda a temática da migração esportiva em relação a modalidade da corrida de rua. O estudo realizado por Ribeiro e seus colaboradores (2013) traz uma análise da atuação dos atletas de origem africana no Brasil a partir da perspectiva dos treinadores brasileiros, frisando principalmente as questões das restrições impostas aos competidores estrangeiros.

No ambiente internacional das pesquisas sobre migração do esporte, também se observa um número reduzido no quantitativo de estudos publicados sobre a migração de corredores de rua¹¹. Dos dez textos levantados sobre o atletismo sobre a temática, quatro versam sobre a migração de corredores de rua africanos (CHEPYATOR-THOMSON, 2003; NJORORAI, 2010; 2012; CHEPYATOR-THOMSON; ARIYO, 2016). No entanto, a peculiaridade desses estudos é em relação aos padrões dos fluxos realizados por esses atletas. Todos os analisados versam sobre indivíduos que saíram dos países africanos em direção a nações com bons desempenhos econômicos no mercado global, como países europeus, Qatar e Estados Unidos da América.

Ainda sobre os aspectos acadêmicos desta pesquisa, pode-se compreender que também se justifica pelo que se pode chamar de relevância operativa da pesquisa (SALOMON, 2004), ou seja, esta tese busca produzir um novo conhecimento em relação a migração esportiva. Como visto, essa produção, está em agregar informações sobre um novo ponto geográfico nas dinâmicas migratórias, além de fornecer um olhar mais abrangente sobre o fenômeno.

¹¹ Esses dados serão apresentados e discutidos mais profundamente durante a revisão de literatura.

Desse modo, apropriasse de outro tipo de relevância de pesquisa apontada por Salomon (2004), que é a contemporânea. Em síntese trata-se de como o estudo pode ser observado como uma atualização ou evolução das pesquisas de uma determinada área. A esse respeito, a presente tese apresenta uma proposta de modelo analítico da migração esportiva, o qual se baseia em um conjunto de quatro dimensões que buscam compreender os elementos que moldam o processo migratório no contexto esportivo. Sendo então uma propositura de avanço nas formas de observar e analisar o fenômeno da migração nesse cenário.

Assim, o presente estudo possibilita um novo olhar para o fenômeno da migração esportiva na modalidade da corrida de rua, bem como abre um campo para as demais modalidades esportivas, uma vez que propõe um olhar mais abrangente para as questões que permeiam a migração esportiva em direção a um Estado/nação que não se enquadra nos países denominados como centro/núcleo da economia global do esporte.

Por fim, em relação à justificativa social desta pesquisa, acredita-se que a relevância do fenômeno da movimentação dos atletas de origem africana para o território brasileiro no subcampo das corridas de rua se dá por diferentes elementos. Ao pensar no volume e nas influências que essa mobilidade causa tanto no contexto estrutural do esporte, nesse caso, a corrida de rua brasileira, bem como no âmbito pessoal, na vida do migrante, considera-se relevante pesquisas sobre a temática. Sendo que essas pesquisas envolvem questões diversas, entre elas geográficas, políticas, econômicas e sociais.

O diagnóstico e as análises aqui realizados podem contribuir para uma melhor reflexão sobre formas de regulamentação e atenção a pessoa, tanto de nacionalidade brasileira ou estrangeira, em sua atuação como atleta de corrida de rua. Também, entende-se que o estudo possa gerar dados que possibilitem pensar em formas de mediar o processo tornando o ambiente das corridas de rua brasileiro espaço de qualificação para ambos os profissionais desse esporte.

1.4 Estrutura da tese

A presente tese estruturalmente divide-se em seis capítulos, sendo eles: texto introdutório, referencial teórico, descrição dos materiais e métodos, revisão sistematizada do conhecimento sobre a temática, capítulo analítico a partir de dados empíricos, e por fim, o texto conclusivo.

Encontra-se no próximo capítulo um referencial teórico-metodológico no qual dedicou-se a trabalhar uma contextualização do cenário em que se visualiza o fenômeno da migração, bem como apresenta as definições de conceitos centrais de globalização e migração. A discussão a respeito do conceito de globalização é abordada a partir das diferentes formas de definição do termo, isso no tocante aos distintos olhares teóricos para a palavra. Posteriormente, apresenta-se os estágios históricos em que se observaram a globalização, isso já perante um olhar para o termo enquanto um fenômeno social. Na continuação do capítulo, abordou-se o conceito de migração. Assim como ocorre no tocante a globalização, as visões sobre a migração enquanto conceito central tem suas distintas vertentes teóricas, e algumas são apresentadas para reflexão. Também, discute-se os tipos e volumes de mobilidade de populações nos diferentes períodos da história da sociedade.

A relação do esporte com os fenômenos da globalização e migração também é posta à luz das reflexões. Discute-se como os pesquisadores do esporte tem abordado os impactos desses fenômenos na área do esporte, bem como a contribuição do esporte para o processo de globalização e mobilidade de pessoas envolvidas com a prática esportiva, principalmente os trabalhadores do esporte. Após esse delineamento do corpo teórico sobre a temática, apresentou-se também um construto teórico como uma proposta de análise da migração esportiva, a qual envolve uma série de quatro dimensões as quais são consideradas relevantes para um olhar abrangente do fenômeno.

Posteriormente, no terceiro capítulo, foram realizadas descrições dos métodos utilizados nesta pesquisa, estabelecendo como instrumentos de pesquisa: pesquisa bibliográfica, pesquisa documental, pesquisa observacional e o uso de entrevistas semiestruturadas.

No capítulo quatro, tem-se a análise da produção científica internacional sobre a temática da migração esportiva, realizada por meio de uma revisão sistemática do

conhecimento. Foram analisados aspectos sobre os principais agentes que permeiam o campo acadêmico e suas instituições de vínculos, os métodos empregados nas pesquisas da área, como também o levantamento sobre as modalidades mais analisadas e os temas mais abordados pelos pesquisadores da migração esportiva.

Já no quinto capítulo, foram formuladas leituras sob a ótica das dimensões da migração esportiva estabelecidas a priori como ferramenta de análise da presente tese. Realizaram-se análises a partir dos conceitos relacionados às políticas migratórias, aos padrões de movimento, perfis de migrantes e finalizando com os meios de recrutamento e deslocamento dos corredores de rua africanos para o Brasil. Para atingir o objetivo as reflexões foram realizadas a partir da interpretação dos dados empíricos oriundos das múltiplas fontes elencadas para a pesquisa.

Por fim, encontra-se um texto conclusivo com algumas considerações sobre os achados da presente pesquisa. Bem como estabeleceu-se as limitações e as sugestões para futuros estudos sobre a migração esportiva.

2 Globalização, Migração e o Esporte

O fenômeno da migração de pessoas não é algo relatado apenas na história recente da humanidade. Durante diversos períodos da constituição da vida humana houve processos migratórios. Quando se fala em esporte, isso pensando no fenômeno moderno, também se associa sua expansão vinculada com alguns processos de movimentação de pessoas geograficamente.

No entanto, a globalização intensifica o fenômeno e altera as dinâmicas do mundo social (ELIASSON, 2009). Compreendendo as contribuições dos elementos para analisar a migração dos corredores de rua africanos para o Brasil, nesse capítulo será realizada a discussão sobre a globalização, migração e como esses fenômenos são encarados no campo esportivo. Posteriormente, será apresentada uma proposta de análise para a migração esportiva que envolve a vinda dos atletas para o Brasil.

2.1 Globalização

Dentre os vários estudos que abordam a mobilidade de pessoas envolvidas com o esporte¹², é comum identificar afirmações de que isso é fruto da globalização do esporte ou que é um processo que está globalizando o fenômeno esportivo. Entretanto, Taylor (2006) faz um alerta do perigo que se corre ao explicar o termo de forma descontextualizada, como uma simples palavra clichê do momento.

No mesmo sentido, Zygmunt Bauman (1999) coloca a preocupação com a utilização do termo globalização, observando que durante aquele momento era a palavra da moda, algo não muito distante do momento atual.

¹² Mesmo que a tese se concentre nas discussões sobre os trabalhadores do esporte, na condição de atleta, é importante ressaltar que outras pessoas estão envolvidas e se deslocam por conta do fenômeno esportivo.

A “globalização” está na ordem do dia; uma palavra da moda que se transforma rapidamente em um lema, uma encantação mágica, uma senha capaz de abrir as portas de todos os mistérios presentes e futuros. Para alguns, “globalização” é o que devemos fazer se quisermos ser felizes; para outros, é a causa da nossa infelicidade. Para todos, porém, “globalização” é o destino irremediável do mundo, um processo irreversível; é também um processo que nos afeta a todos na mesma medida e da mesma maneira. Estamos todos sendo “globalizados” — e isso significa basicamente o mesmo para todos (BAUMAN, 1999, p. 7).

Nas palavras de Bauman, o uso indiscriminado do termo faz com que a globalização seja uma explicação para tudo. O autor faz sua ressalva no que se refere ao emprego excessivo e sem respaldo teórico do termo. Para Bauman (1999, p. 7) “todas as palavras da moda tendem a um mesmo destino: quanto mais experiências pretendem explicar, mais opacas se tornam”.

O sociólogo Ulrich Beck (2008) também traz essa preocupação. Para o autor, a globalização muitas vezes cai no uso como de um *slogan*. Beck diz que é uma palavra que pode ser, dentro das Ciências Sociais, “a mais usada, menos definida, provavelmente a menos compreendida, a mais nebulosa e politicamente a mais eficaz da última década e certamente também dos próximos anos” (BECK, 2008, p. 53).

A globalização se tornou um conceito da moda nas Ciências Sociais, um ditado fundamental nas prescrições de gurus da administração e uma frase de efeito para jornalistas e políticos de todos os tipos (HIRST; THOMPSON; BROMLEY, 2009). Assim como no contexto popular, bem como nas discussões acadêmicas, a globalização está na ordem do dia. De acordo com Ianni (1994), naquele período já era o novo paradigma das Ciências Sociais. Schirm (2007) aponta que a globalização pode ser observada por diferentes perspectivas. Diante disso, será realizada uma reflexão com o objetivo central de compreender o termo globalização, a partir dos usos históricos e perspectivas teóricas de análise.

Ao abordar o termo globalização, enfrenta-se um desafio complexo, uma vez que não há uma unanimidade na forma de se tratar o fenômeno e, por ser algo recente na história da humanidade, ainda carece de aprimoramentos teóricos metodológicos (IANNI, 1994; SASSEN, 2007). De acordo com Eliasson (2009) o termo foi utilizado primeiramente na década de 1980. Posteriormente, os usos do termo e a globalização como campo de pesquisa, ganharam força (SCHIRM, 2007).

Sobre a globalização como fenômeno social, há entendimentos distintos quanto à data de seu surgimento. Para um grupo, se dá por volta das décadas de 1970 e 1980, com o início da queda das nações comunistas. Por outro lado, há os que analisam o processo anteriormente ao século XVI (EL-OJEILI; HAYDEN, 2006). Nesse sentido, Held e seus colaboradores (1999) dividem o processo de globalização em quatro períodos. O primeiro, que vai até os anos de 1500, denominado globalização pré-moderna, o segundo período, globalização inicial-moderna (1500-1850), terceiro período, globalização moderna (1850-1945), e por fim, o quarto período que seria posterior ao fim da segunda guerra mundial até os dias de hoje, denominado globalização contemporânea.

Fato observado é que em todos os períodos a ideia da globalização está ligada à relação entre território e seu povo com agentes externos. No caso da globalização contemporânea, fatores como mudanças tecnológicas que facilitam os meios de comunicação e o poder econômico mundial deixam os limites territoriais, tornando-se fenômenos transnacionais. Os Estados-Nações, de acordo com Ianni (1994, p. 147), “são desafiados a pensar o mundo como uma sociedade global”.

Para além das discussões sobre as fases, ou mesmo início do fenômeno da globalização, tem-se levantado algumas questões acerca das compreensões em torno do conceito. Para Schirm (2007), uma das maneiras de se distinguir as abordagens é analisando como as teorias tratam a globalização como variável analítica. Segundo o autor, um grupo de estudiosos conceitua a globalização como uma variável dependente, analisando em que medida os aspectos como energia, ideias, instituições ou interesses moldam a globalização. Por outro lado, a globalização pode ser abordada como uma variável independente, ou seja, é analisada como causa de fenômenos como convergência ou divergência de políticas econômicas nacionais e governança global.

Como fruto do aumento no número de publicações sobre a globalização, como mencionado anteriormente, surgem as várias tentativas de categorizar essas contribuições. Um primeiro ponto a ser observado é que, nas categorias a serem apresentadas, não se identificaram pontos de concordâncias no contexto geral (BUSCH, 2007). Busch (2007) traz alguns autores que propuseram diferentes

categorizações, como: liberal, cética e moderada (BUSCH, 1999), hiperglobalista, cética e transformacionista (HELD *et al.* 1999), liberal, social-democrata e rejeicionista (SALLY, 2000) e globalista e cético (MCGREW; HELD, 2000).

Para Busch (2007, p 28), “o principal critério de distinção nessas classificações acaba por ser a questão de saber se a globalização está sendo percebida como um evento que altera fundamentalmente as condições sob as quais os estados agem ou não”¹³.

Para compreender uma dessas classificações, observa-se a proposta de distinguir as diferentes formas de abordagem da globalização no debate acadêmico, apresentada por Held *et al* (1999), a qual diz que existem três amplos sentidos da natureza e significados do termo. São eles os estudos com visão hiperglobalista, os céticos e, por fim, transformacionista.

Os “hiperglobalistas”, segundo os autores, são aqueles que defendem a ideia de que o mundo está cada vez mais globalizado, e em consequência disso, os Estados são reféns dos processos políticos e econômicos mundiais. De forma sintética, para essa linha de pensamento os Estados/nações estão cada vez mais fragilizados diante do poder global. Em decorrência disso, os atores políticos estão se tornando escolhedores e não mais formuladores de decisões (HELD *et al*, 1999).

A exemplos desse tipo de estudo, pode-se observar os textos de Ianni (1994) e Sassen (2007). Para os autores, mesmo possuindo resquícios da autonomia e soberania dentro de seus territórios, os Estados-Nações estão cada vez mais tendo que se atentar aos processos políticos e econômicos do planeta.

Por outro lado, a argumentação dos “céticos” é de que o fenômeno da globalização não é inédito e que o processo de intensificação da atividade internacional, ao invés de enfraquecer as atuações dos atores políticos, reforça o poder de alguns Estados em específico (HELD *et al*, 1999).

Os autores da visão denominada por Held e colaboradores (1999) como “transformacionistas”, argumentam que a sociedade recebe os impactos ocasionados

¹³ Tradução livre nossa, versão original: “The main distinguishing criterion in these classifications turns out to be the question of whether globalization is being perceived as an event that fundamentally alters the conditions under which states act or not”.

pela globalização, alterando sim as dinâmicas sociais e criando circunstâncias políticas, econômicas, entre outras. Em consequência, estão mudando os próprios Estados e o campo de atuação de seus agentes, sendo que o resultado disso é incerto, porém é consenso que os Estados-nações não detém mais o monopólio do poder político.

No mesmo sentido, mas com termos diferentes, Cochrane e Pain (2000) trazem três categorias, os globalistas, os tradicionalistas e os transformacionistas. As descrições sobre cada categoria são muito próximas, mas os autores expõem alguns detalhes como a divisão de globalistas otimistas - que creem que a globalização ocasiona melhoras para a sociedade - e os globalistas pessimistas - que argumentam ser uma ameaça à vida humana o processo de globalização.

Ampliando as noções das possibilidades de classificação da literatura sobre a globalização, Beck (2008, p. 73) aponta uma divisão entre os autores que “argumentam a existência de uma lógica dominante, enquanto outro grupo desenvolve teorias que tornam reconhecível a lógica complexa e multicausal da globalização”. Em outras palavras, enquanto um grupo foca exclusivamente nos fatores econômicos da análise dos processos de globalização, um segundo grupo se atenta a outras variáveis com certa influência no fenômeno.

Para Beck (2008), diversos autores contribuíram para uma racionalização das lógicas da globalização, sendo que esses em algum momento têm referência comum a Anthony Giddens. Segundo o autor, um dos primeiros conceitos advém da teoria do sistema mundial e, posteriormente, surgem os estudiosos da política internacional.

Após o apanhado de reflexões sobre os entendimentos da globalização por parte da comunidade acadêmica, tanto em referência aos usos históricos do termo, bem como da compreensão do fenômeno. Observa-se que de acordo com Schirm (2007), as diferentes definições de globalização estão cada vez mais sugerindo um entendimento comum de que a globalização seja uma integração de mercados. Fato que o autor supõe ser uma desnacionalização dos processos econômicos.

Como mencionado anteriormente, Beck (2008) aponta como ponto de encontro de vários autores que possuem uma argumentação mais multicausal sobre o fenômeno da globalização, o autor Anthony Giddens. Diante disso, apropria-se a partir desse referencial, de algumas noções sobre o termo. O autor refere-se à globalização como

um processo de alongamento das conexões entre diferentes regiões ou contextos sociais, através de toda a superfície da Terra (GIDDENS, 1991, p. 60).

Ao partir dessa conceituação, ressalta a importância do cuidado com a compreensão de globalização, pois a uma primeira vista “parece um fenômeno externo, o desenvolvimento de relações sociais de um tipo global bem afastado das preocupações da vida cotidiana” (GIDDENS, 1997, p. 117-118). No entanto, Giddens (1997) afirma que a globalização é uma questão que afeta os aspectos íntimos da vida humana, e para além disso, nossa relação com a globalização se dá de forma dialética. Pode-se compreender com a argumentação do autor, como a globalização influencia nossas vidas e a humanidade molda os contornos das mesmas.

Tratada por alguns autores como influência dos poderes econômicos globais, a globalização também é confundida com um novo processo de colonização. Para Giddens (1997), mesmo havendo o domínio ocidental, a globalização não pode ser reduzida a uma questão de imperialismo unilateral. É reconhecido que a fase anterior da globalização foi amparada pelos processos de colonização dos povos europeus ao redor do mundo, no entanto, a ação do fenômeno está cada vez mais sem uma direção óbvia, e nem é mensurável em que medida as suas ramificações estão presentes em cada sociedade (GIDDENS, 1997).

Em maior escala, hoje a globalização não pode simplesmente ser compreendida como ocidentalização. Não há mais nenhum termo adequado para as "sociedades em desenvolvimento", e a ideia dos "estudos de desenvolvimento" perde sua convicção. Em todos os lados, mesmo nas regiões mais pobres do globo, vemos processos mistos de desenvolvimento, subdesenvolvimento e superdesenvolvimento. Nas sociedades do mundo industrializado, as características - previamente associadas ao "subdesenvolvimento" - tornam-se lugar-comum. As diásporas culturais, como observa Lash, não estão mais confinadas aos ricos. No modo de vestir, na orientação religiosa ou política, na música, as pessoas dos guetos mais pobres unem-se às "comunidades de gosto" transnacionais de uma maneira ativa (GIDDENS, 1997, p. 224).

Observa-se que as relações entre as regiões do planeta estão em constante diálogo, tornando culturas cada vez mais globais. Nesse sentido, Giddens (1991) define a globalização a partir da intensificação das relações sociais em uma escala global.

Para o autor, até mesmo os eventos locais são moldados por acontecimentos ocorridos a quilômetros de distância, sendo o oposto, também verdadeiro.

No que tange à globalização enquanto campo de estudo, Giddens (1997, p. 118) afirma que essa seria a “análise dos sistemas do mundo, os modos de interconexão que operam na estratosfera global”. No entanto, assim como observado anteriormente no texto, muitos autores apoiam-se nos estudos da globalização, pautando-se em questões políticas e econômicas. Beck (2008) sinaliza, porém, que é necessário distinguir as dimensões da globalização. Para o autor, encontra-se entre elas as dimensões das técnicas de comunicação, dimensões ecológicas, econômicas, de organização do trabalho, culturais, da sociedade civil etc.

Outro ponto bem enfatizado no decorrer das reflexões aparadas aqui é a questão do foco dos estudos da globalização. Como pode ser observado, muito se discute a respeito das questões políticas e econômicas como poderes globais, e para isso, os estudos são amplamente pautados numa estrutura macrossocial. No entanto, os aspectos microsociais devem ser observados pelas lentes dos pesquisadores.

A globalização em um nível microsocial, está ligada em grande parte às individualidades do ator social. Nesse sentido Muts (2015, p. 726) explica.

No nível micro-social, a globalização pode afetar as ações, atitudes e valores, e identidades e lealdades dos indivíduos. Cada vez mais pessoas consomem produtos e bens culturais produzidos em países estrangeiros; atravessam fronteiras como turistas, migrantes, intercambistas ou em contexto profissional; eles têm o equipamento técnico e o *know-how* técnico para se comunicar em grandes distâncias com amigos e conhecidos (Mau 2012). Potencialmente cada vez mais pessoas falam línguas estrangeiras e, portanto, conseguem se comunicar fora de seus países domésticos (Gerhards, 2012). Quer gostem ou não, "as pessoas são jogadas em estilos de vida transnacionais" em conformidade¹⁴.

¹⁴ Tradução livre nossa, versão original: “At the micro-social level, globalization can affect the actions, attitudes and values, and identities and loyalties of individuals. Ever more people consume products and cultural goods produced in foreign countries; they cross borders as tourists, migrants, exchange students, or in a professional context; they have the technical equipment and the technical know-how to communicate over large distances with friends and acquaintances (Mau 2012). Potentially ever more people speak foreign languages and are thus able to communicate outside their domestic countries (Gerhards 2012). Whether they like it or not, ‘people are thrown into transnational lifestyles’ accordingly.

A influência da globalização em nível microssocial - ou pode-se dizer, a nível local ou mesmo individual - do ator social, pode ser consequência dos consumos encarados pelas pessoas. O autor evidencia que as pessoas falam línguas estrangeiras, consomem bens culturais, o que aqui se pode relacionar com a matéria dessa tese, o esporte. Outra ação contextualizada em nível microssocial, que se trata do objeto desse estudo, é a mobilidade de pessoas atravessando fronteiras dos Estados-nações, continentes, sejam elas pelo turismo ou por questões trabalhistas.

No mesmo sentido, alguns autores, baseando-se na crítica da utilização do termo globalização como um fenômeno unilateral, apropriam-se do termo glocalização (EL-OJEILI; HAYDEN, 2006). Para Giulianotti e Robertson (2007a, p. 168), glocalização é um conceito criado a partir da fusão de globalização e localização, e salvas possíveis divergências entre áreas que o adotam, glocalização concentra em seus sentidos a complexidade das relações dialéticas entre as particularidades locais e globais em uma compreensão global intensa e mudanças transnacionais.

Nas palavras de Robertson (1992, p. 173), no final do século XX houve um esforço, do que ele denomina “mundo real”, em trazer o global, ou seja, do aspecto macroscópico da vida para o local, o aspecto microscópico, e isso constituiria a glocalização. No que tange aos sentidos da glocalização, Giulianotti e Robertson (2007), afirmam que o conceito se configura como crítica às leituras que promovem oposição em alguns pontos da globalização. Para os autores, por exemplo, a existência de local não é excludente da dimensão global, pelo contrário, ambas constituem uma relação interdependente.

Teóricos da glocalização normalmente desafiam a suposição de que os processos de globalização sempre colocam em risco o local. Em vez disso, a glocalização destaca como culturas locais podem se adaptar criticamente ou resistir a fenômenos "globais" e revelar o caminho em que a própria criação de localidades é um componente padrão da globalização (GIULIANOTTI; ROBERTSON, 2007b, p. 134)¹⁵.

¹⁵ Tradução livre nossa, versão original: “Theorists of glocalization typically challenge the assumption that globalization processes always endanger the local. Rather, glocalization both highlights how local cultures may critically adapt or resist ‘global’ phenomena, and reveals the way in which the very creation of localities is a standard component of globalization”.

Nesse sentido de dualismo e leituras excludentes do fenômeno, Robertson (1995) também apresenta que, por um lado, há os que defendem que se tem uma homogeneização global, e por outro lado, a heterogeneização da sociedade. Para o autor, as reflexões não se tratam de oposição.

O argumento principal nesta discussão é, portanto, centrado na afirmação de que o debate sobre homogeneização global *versus* heterogeneização deve ser transcendido. Não se trata de homogeneização ou heterogeneização, mas sim das maneiras pelas quais essas duas tendências se tornaram características da vida em grande parte do mundo do final do século XX. Nesta perspectiva, o problema passa a ser o de explicar de que maneira as tendências de homogeneização e heterogeneização são mutuamente implicativas. Na verdade, isso é muito mais um problema empírico do que se poderia pensar a princípio. Em várias áreas da vida contemporânea [...] existem tentativas contínuas e calculadas de combinar homogeneidade com heterogeneidade e universalismo com particularismo (ROBERTSON, 1995, p. 27)¹⁶.

Como observado, o termo glocalização defendido pelos autores, de certa forma busca abordar de maneira crítica o entendimento simplista de um imperialismo unilateral defendido por alguns autores. Não obstante, consideram os autores da glocalização que o conceito é parte chave da compreensão da globalização contemporânea.

A partir da exploração do conceito da globalização - bem como da dimensão inerente a ele, que é a glocalização - realizado aqui, diagnosticou-se que seja uma palavra cuja definição tenha conotações e utilizações distintas para diversos grupos de autores. No presente estudo, entende-se que a globalização, em consonância com o apresentado por Giddens (1997), é de fato algo que envolve a vida das pessoas de quase todas as partes do planeta, mesmo que esse efeito seja sentido de maneiras

¹⁶ Tradução livre nossa, versão original: "The leading argument in this discussion is thus centred on the claim that the debate about global homogenization versus heterogenization should be transcended. It is not a question of either homogenization or heterogenization, but rather of the ways in which both of these two tendencies have become features of life across much of the late-twentieth-century world. In this perspective the problem becomes that of spelling out the ways in which homogenizing and heterogenizing tendencies are mutually implicative. This is in fact much more of an empirical problem than might at first be thought. In various areas of contemporary life - some of which are discussed in the following pages - there are ongoing, calculated attempts to combine homogeneity with heterogeneity and universalism with particularism".

diferentes por cada indivíduo. Compreende-se também que a ideia de globalização aqui adotada não significa uma atuação unilateral das forças econômicas mundiais, como é o entendimento de europeização, americanização ou ocidentalização do mundo (GIDDENS, 1997). Isso muito em decorrência de que a globalização não é apenas um fator político econômico, mas também envolve dimensões comunicativas, tecnológicas, culturais e sociais (BECK, 2008). A globalização não se resume a estruturas macrossociais, mas envolve as relações sociais de cada indivíduo, sendo necessário observá-las em uma escala microssocial (MUTS, 20015).

Com uma relação de interdependência, pode-se associar o fenômeno da globalização com a migração de pessoas ao redor do globo. Isso pois os processos migratórios intensificam a globalização, bem como o fenômeno da globalização facilita os fluxos migratórios. Diante disso, o próximo tópico deste capítulo será dedicado a discutir sobre o fenômeno da migração de pessoas.

2.2 Migração

Para Nolasco (2016) o conceito de migração tem sido banalizado, assim como suas derivações (emigração e imigração), se reduzindo a simples movimentação de pessoas. O autor ressalta a importância da definição do conceito a fim de inibir preconceitos e visões estereotipadas das pessoas migrantes.

De maneira sintética, as definições encontradas sobre a migração remetem a aspectos que abordam a movimentação de pessoas através de dimensões de espaço e tempo (NOLASCO, 2016). Para King (2012), as definições em relação às categorias espacial e temporal passam por divergências dependendo da abordagem que o pesquisador adota.

A exemplo, podemos compreender a migração a partir de Lee (1966, p. 49), na qual o autor afirma que

A migração é definida amplamente como uma mudança de residência permanente ou semipermanente. Nenhuma restrição é colocada sobre a distância do movimento ou sobre a natureza voluntária ou involuntária do ato, e nenhuma distinção é feita entre migração externa e interna. Assim, um movimento através do salão de um apartamento para outro é

contado como um ato de migração como uma mudança de Bombaim, na Índia, para Cedar Rapids, Iowa, embora, é claro, a iniciação e as consequências de tais movimentos sejam vastamente diferentes. No entanto, nem todos os tipos de mobilidade espacial estão incluídos nesta definição. Excluem-se, por exemplo, os contínuos movimentos de nômades e trabalhadores migratórios, para os quais não há residência de longo prazo, e movimentos temporários como os das montanhas para o verão.¹⁷

Como se pode observar na definição de Lee, a migração não tem limites quanto à questão do espaço. Nesse sentido, podemos enquadrar a migração tanto como internamente a um Estado, ou seja, nacional, como externamente, internacional. Porém, diferentemente de Petersen (1968), Lee apresenta a necessidade de ser caracterizado como migrante apenas aquele que fixa residência de longo prazo no local de destino. Para Petersen, mesmo atentando para um prazo mínimo de um ano, ressalta que se deve compreender a realidade estudada pelo pesquisador.

Na discussão sobre as definições de migração, King (2012) levanta algumas reflexões em que sugere que fronteiras são métricas para definir migração no que tange às dimensões espaciais, mas atenta para que mesmo as fronteiras podem sofrer alterações no decorrer da história. Já no que se refere à dimensão temporal, o autor considera o prazo mínimo de um ano de residência no local de destino. Entretanto, alerta “que o limiar de um ano deixa de fora os migrantes sazonais, que são vitais para certos setores econômicos, como agricultura, turismo e construção”¹⁸ (KING, 2012, p. 7). O alerta exposto por King sobre as propostas apresentadas pelos outros autores, também pode ser observado no caso do esporte, uma vez que se exclui muitos casos de migrantes no campo esportivo, como é o caso dos esportistas dos grandes circuitos mundiais de automobilismo, tênis, e mesmo, o atletismo.

¹⁷ Tradução livre nossa, versão original: “Migration is defined broadly as a permanent or semipermanent change of residence. No restriction is placed upon the distance of the move or upon the voluntary or involuntary nature of the act, and no distinction is made between external and internal migration. Thus, a move across the hall from one apartment to another is counted as just as much an act of migration as a move from Bombay, India, to Cedar Rapids, Iowa, though, of course, the initiation and consequences of such moves are vastly different. However, not all kinds of spatial mobility are included in this definition. Excluded, for example, are the continual movements of nomads and migratory workers, for whom there is no long-term residence, and temporary moves like those to the mountains for the summer”.

¹⁸ Tradução livre nossa, versão original: “Note that the one-year threshold leaves out seasonal migrants, who are vital to certain economic sectors such as agriculture, tourism and construction.”

Ao compreender a complexidade em definir a migração, Nolasco (2016 p. 3) afirma que

Tratando-se de um fenômeno simultaneamente espacial e temporal, todas as definições do que são migrações são arbitrárias, na medida em que não há consenso relativamente à amplitude geográfica a percorrer, nem à duração da permanência no destino, nem tampouco às consequências sociais implicadas no movimento para que o mesmo possa ser considerado como migratório. Por consequência, as definições de migrações revelam-se insuficientes na aspiração de cobrir todas as dimensões e facetas de um fenômeno tão heterogêneo.

Nesse sentido, ao entender que não há uma definição pontual sobre o conceito de migração, cabe ao pesquisador analisar o fenômeno investigado e a partir das variadas formas de se olhar o objeto, buscar seu enquadramento. Para isso, é necessário compreender como o fenômeno ocorre nas dimensões espacial e temporal da sociedade.

King (2012) apresenta que há também uma caracterização da realidade social estudada a partir de certos binários presentes na migração. Segundo o autor, a migração pode ser interna ou internacional; temporária ou permanente; regular ou irregular; voluntária ou forçada; econômica ou refugiados; entre outros.

Para King (2012) as categorias são úteis, no entanto faz ressalva no sentido de que na prática elas podem ser falhas, uma vez que um mesmo migrante, em momentos distintos, pode ser categorizado de maneiras diferentes. No presente trabalho, considera-se importante então, ao analisar um fenômeno de migração em particular, estabelecer recortes temporais sobre o contexto de investigação.

Ainda no sentido de compreender o fenômeno da migração, King (2012) afirma que durante muitos anos três grupos de migrantes dominaram os olhares dos pesquisadores. São eles: migrantes temporários, imigrantes colonizadores e refugiados. No entanto, o autor relata que com as transformações sociais em decorrência dos processos de globalização, surgiram migrações relacionadas aos fatores como reagrupamento familiar e creches, migração conjugal, migração estudantil, migração para aposentadoria, migração de alta qualificação e fuga de cérebros, migração ambiental e de mudança climática, tráfico humano e exploração sexual (KING, 2012).

Outro ponto levantado por alguns autores é em relação à tipologia da migração¹⁹ ou do migrante. De acordo com Petersen (1958), a partir da teoria dos fatores de “*Push and Pull*” surgiram as tipologias das migrações. Para o autor

Quando a polaridade da teoria do push-pull foi refinada nestes dois sentidos, ao distinguir a migração inovadora de migração conservadora e ao incluir na análise o nível de aspiração dos migrantes, pôde formar a base de uma tipologia melhorada de migração. Cinco amplas classes de migração, designadas como primitivas, forçadas, impelidas, livres e em massa, são discutidas abaixo (PETERSEN, 1958, p. 259)²⁰.

Sobre esse ponto das tipologias da migração, Nolasco (2016), pautado na Comissão Mundial sobre as Migrações Internacionais (CMMI), apresenta outra série de categorias: temporárias; permanentes; legais; irregulares; espontâneas; forçadas; trabalhadores indiferenciados; especialistas altamente qualificados; reagrupamento familiar; mobilidade estudantil; migrantes em trânsito; migrantes retornados, entre outros.

O autor revela a necessidade do cuidado com a utilização das categorias de tipos de migração, uma vez que elas podem ser utilizadas de forma unidimensional. Porém, o fenômeno da migração é multidimensional, ou seja, um mesmo migrante pode se enquadrar em mais de uma categoria.

A partir da introdução e compreensão inicial do complexo fenômeno da migração, nesse momento se iniciará uma série de reflexões para entender como esse processo ocorreu em diversos períodos. Numa primeira análise, parte-se da ideia de que os fluxos migratórios, de acordo com Sassen (2007), são exemplos principais de que se tem constituído uma economia política em nível transnacional. Esse fato é observado tanto nas relações macrossociais quanto nas microrrealidades.

¹⁹ No caso específico da migração esportiva foi elaborada uma categorização específica por Joseph Maguire (1996). Esse ponto será abordado posteriormente.

²⁰ Tradução livre nossa, versão original: “When the push-pull polarity has been refined in these two senses, by distinguishing innovating from conservative migration and by including in the analysis the migrants' level of aspiration, it can form the basis of an improved typology of migration. Five broad classes of migration, designated as primitive, forced, impelled, free, and mass, are discussed below”.

A imigração, por exemplo, é um dos principais processos que começaram a constituir uma nova economia política transnacional, tanto no nível macro dos mercados de trabalho globais quanto no nível micro das estratégias de sobrevivência translocal para as famílias. (SASSEN, 2007, p.12)²¹.

Relacionados com o nível macrossocial, as migrações têm estreitas ligações com a ideia do mercado de trabalho em uma escala global. Já as formas de sobreviver em uma sociedade translocal, corresponde ao que o autor apresenta como nível micro dessas relações. Sassen (2007) avança no sentido de expor a migração como um processo influenciador da globalização atual, mesmo não sendo reconhecida por alguns estudos da área.

Aqui considera-se que a migração é parte importante do processo de globalização. Sendo assim, da mesma forma que esse - mesmo intensificado nas últimas décadas - não é um fenômeno restrito ao mundo contemporâneo. A migração também passou por situações distintas durante diferentes períodos históricos.

O movimento de pessoas pelo globo terrestre não é algo recente. Durante séculos a migração dos indivíduos entre diferentes regiões foi registrada (TRUZZI; MONSMA, 2018). Entretanto, nos últimos séculos essas migrações deixaram de ser estilo de vida nômade transformando-se em deslocamentos por razões diversas (HELD *et al*, 1999).

A sociedade passou por transformações sociais importantes, como Held e colaboradores (1999) lembram, após o século XVI, em consequência das grandes navegações, as migrações de pessoas tiveram seus padrões alterados. Posteriormente, o tráfico escravocrata ampliou o número de deslocamento de pessoas em âmbito transatlântico.

O período de mobilidade amparado pelo regime escravagista em diversas partes do planeta, principalmente nas Américas, perdurou até meados do século XIX. Esse padrão de movimento foi alterado por migrações de povos asiáticos e a população

²¹ Tradução livre nossa, versão original: "La inmigración, por ejemplo, es uno de los principales procesos que han comenzado a constituir una nueva economía política transnacional, tanto en el nivel macro de los mercados laborales globales como en el nivel micro de las estrategias de supervivencia translocales de los hogares".

pobre europeia para as terras dos Estados Unidos e colonizações europeias (HELD *et al*, 1999).

A migração internacionalizada visualizada nos períodos anteriores, dá lugar a um padrão de migração intranacional durante o início do século XX (HIRST; THOMPSON; BROMLEY, 2009). Segundo os autores, o padrão de deslocamento desse período se torna predominantemente da população que outrora residia em áreas rurais e se movem para as áreas urbanizadas, fortemente amparada pelo processo de industrialização.

Anos mais tarde, em decorrência das grandes guerras, novamente os padrões de movimento das populações entre diferentes regiões do planeta se alteram. De acordo com Held e seus colaboradores (1999), há uma redução no número de pessoas migrando durante o período da Primeira Guerra Mundial, entretanto, um novo fato de migração forçada se evidencia nesse cenário. São os refugiados, algo que também ocorre com a Segunda Grande Guerra.

Não por acaso, em virtude das questões políticas desses períodos é quando se iniciam as formulações e implementações das primeiras leis sobre as migrações da era moderna (HELD *et al*, 1999). Para os autores, os Estados Unidos criam durante esse período um conjunto de sistemas de controle de fronteira, deixando assim mais restrito o acesso de imigrantes ao seu território.

Na história recente (últimos 50 anos), pode-se observar que novamente os padrões de migração se alteram. Dessa vez, o fenômeno adquire formas mais complexas, sendo observada a migração por motivos econômicos, por motivos forçados (refúgios e asilos), migrações ilegais, principalmente para os Estados Unidos, mas também em novas direções que outrora não se visualizava em grande escala, como em direção às grandes produções de petróleo (HELD *et al*, 1999).

A mobilidade de populações, estilos de vida baseados no nomadismo, mercadores e aventureiros foram comuns nos períodos que Giddens (1991) chama de tempos pré-modernos. No entanto, para o autor, grande parte da população vivia em situação de isolamento e em certa imobilidade. Já nas últimas décadas, esse volume aumentou gerando formas regulares e densas de mobilidade decorrentes dos meios de transporte modernos (GIDDENS, 1991, p.93).

Em um paradoxo, mesmo com o aumento observado na mobilidade de pessoas através das fronteiras, e com o cenário de ampliação na migração (KING, 2012), as pessoas contemporâneas são menos livres para mover-se entre países do que há cem anos. Isso se dá pelo fato de que na contemporaneidade há um mundo mais complexo nas suas relações sociais e mais impasses, que geram uma abertura menor nas fronteiras de alguns Estados-nações.

Como observado anteriormente, os deslocamentos de pessoas tiveram padrões e causas distintas em diferentes momentos da história da humanidade. A complexidade do fenômeno também deve ser observada no que tange às consequências diante do quadro da transformação da realidade social de uma certa localidade.

Os padrões de migração econômica recente, em grande parte dos casos, estão relacionados ao movimento da mão de obra do hemisfério Sul do planeta para ao Norte. Hirst, Thompson e Bromley (2009) afirmam que esse é um dos debates mais divergentes no campo da globalização. Para os autores, esse fluxo de trabalhadores em direção ao norte, países geralmente mais desenvolvidos economicamente, geram discussões a respeito da grande oferta de mão de obra, que diminui o salário e aumenta as desigualdades salariais nesses países.

É evidente que muitas causas e consequências são encontradas em relação às grandes migrações de pessoas, sejam elas econômicas, mas também culturais, sociais, políticas, entre outras. Nesse sentido, é pertinente ressaltar que, apesar de os padrões levarem em direção aos países com maiores recursos econômicos e por motivos de procura por oportunidades de trabalho, o contexto de um mundo contemporâneo mais globalizado apresenta outras rotas migratórias, formas de trabalho (como o caso desse estudo, o trabalho esportivo), e também outros efeitos do fenômeno.

Expostos os percursos históricos e algumas definições sobre o conceito de migração, para o presente trabalho compreende-se que migração é a mobilidade de pessoas através das dimensões de espaço e tempo (NOLASCO, 2016). No que tange à dimensão espacial, entende-se que a migração se dá a partir da transposição de fronteiras, sejam elas dos mais variados contextos (municípios, unidades federativas, Estados-nação) (LEE, 1966). Já na dimensão temporal, toma-se por base que a migração pode ser semipermanente, sendo que o tempo de permanência do migrante

de destino não é uma métrica definida e imutável (KING, 2012). Nesse sentido, na dimensão temporal a métrica estabelecida pelo presente estudo é de que os indivíduos, para serem considerados migrantes, devem fixar residência no Brasil por um período, não sendo considerados os atletas que se deslocam apenas para competições específicas.

Seguindo as reflexões sobre o fenômeno da migração, será abordado nesse momento sobre o fazer pesquisa no campo das migrações. Nesse sentido, alguns pesquisadores desenvolveram estudos que discutiram sobre as teorias da migração. Entre eles podemos destacar Molho (1986), King (2012), Massey e colaboradores (1993), O'Reilly (2013). Também há reflexões sobre as disciplinas que abordam a migração enquanto objeto de estudo (BRETTELL; HOLLIFIELD, 2014).

No estudo apresentado por Molho (1986), é exposta uma série de abordagens de caráter multidisciplinar, entre as quais o autor julga não haver troca de referências. Para Molho, as naturezas das pesquisas, mesmo originadas de diferentes disciplinas, podem conter elementos que possibilitem a construção de uma matriz de análise que permita compreender o fenômeno de uma maneira mais global.

Anos mais tarde, outros esforços foram realizados a fim de compreender as múltiplas formas de análise da migração. King (2012), apresenta as teorias da migração, além de levantar as possibilidades de dualismos ao se compreender as formas de migrar. O autor atenta para a necessidade de analisar a complexidade do fenômeno da migração para além de uma perspectiva exclusivamente estrutural, bem como exclusivamente individual. Segundo King (2012), deve-se analisar a interação entre agente e estrutura nas análises da migração.

Por mais que o fenômeno da migração altere as composições da sociedade acolhedora do agente em movimento é imprescindível, ao abordar a mobilidade de pessoas entre diferentes regiões, conhecer as histórias, estruturas e contradições dos emissores. Para além disso, lembra-se que o migrante enquanto agente também tem suas ações dentro desse campo.

Já o estudo de Massey e colaboradores (1993) focaliza seus objetivos em discutir as principais teorias da migração no que tange à mobilidade internacional. A contribuição dos autores apresenta diversas teorias, no entanto, com grande peso nas

teorias que versam sobre a economia do trabalho. Essas teorias são separadas em um conjunto que investiga os elementos causais da migração e outro que analisa os elementos de perpetuação do movimento internacional.

Também com uma discussão voltada à migração a nível internacional, O'Reilly (2013) faz sua revisão a partir de como se analisa o fenômeno sob a ótica das teorias sociais. Pautado nas teorias, as quais a autora considera predominantes na discussão da migração, o texto revela um dualismo nas pesquisas, sendo, por um lado, olhado a nível predominantemente micro - ou seja, em que a ação do agente é levada em conta, encontrada na teoria do *push and pull* - e por outro, com uma visão macro - apoiada na teoria dos sistemas mundiais, que segundo a autora, é baseada em perspectivas marxistas e enxerga o mundo como um único sistema capitalista, onde os países pobres são fornecedores de mão de obra barata aos países mais desenvolvidos.

A partir do dualismo de perspectivas apresentado, O'Reilly (2013) tece críticas aos modelos teóricos, expondo sua defesa ao quadro teórico da estruturação da práxis, em que seria permitido a compreensão da prática da vida cotidiana como o resultado da interação constante entre estrutura e agência. Ressalta-se aqui, que mesmo partindo da defesa de um quadro teórico específico, a autora formula a intenção de ampliar as formas de olhar para o fenômeno da migração, integrando diferentes disciplinas e quadros teóricos, permitindo assim compreender a mobilidade de pessoas entre países a partir não só das questões econômicas, mas de aspectos políticos, sociais e geográficos.

Para Brettell e Hollifield (2014), os estudos da área envolvem diferentes disciplinas, sendo elas: Antropologia, Demografia, Economia, Geografia, História, Direito, Ciência Política e Sociologia. Compreende-se a seleção dos autores e a limitação das disciplinas apresentadas dentro do escopo das Ciências Sociais. Entretanto, atenta-se aqui ao fato de que outras disciplinas também podem se fazer relevantes nos estudos da migração, como é o caso da psicologia.

Em uma revisão buscando compreender os aspectos relacionados às pesquisas da migração, Brettell e Hollifield (2014) analisam como são as questões de pesquisa, nível e unidade de análise, dados e metodologias a partir das disciplinas por eles selecionadas. No que tange às questões de pesquisas, os autores citam exemplos de

formulações de questões a serem resolvidas com as pesquisas da migração. Já em relação ao nível e unidade de análise, apontam que os estudos têm focos em uma análise micro, meso ou macro social da sociedade. No que tange às unidades, definem se a investigação será a partir dos indivíduos, sua família e grupo social, ou em relação às estruturas sociais, Estado, e as próprias leis de mercado. Por fim, em dados e metodologia, é discutido se as disciplinas trabalham com métodos de pesquisas quantitativos ou qualitativos, como são buscadas as fontes e em que forma elas se materializam, ou seja, se como documentos, entrevistas, estatísticas de Estado etc. (BRETTELL; HOLLIFIELD, 2014).

Brettell e Hollifield (2014) apresentam inúmeras divergências quanto às formas de se fazer pesquisa sobre a migração a partir das lentes de cada disciplina. Os autores ressaltam que até mesmo dentro das disciplinas há questões divergentes dependendo das matrizes teóricas adotadas. No entanto, propõem que as pesquisas do campo possam, em alguns aspectos, abordar questões referentes a mais de uma dessas disciplinas em uma mesma investigação. Para Brettell e Hollifield (2014), muitas das questões já são compartilhadas entre duas ou mais disciplinas, porém, construções de pontes entre elas devem ser mais firmadas. A exemplo deste trabalho que aborda questões políticas e de legislação, que envolvem os trâmites legais e as normas para a atividade de atletas dentro do Brasil, questões geográficas e demográficas, identificando os padrões de movimento e as características do indivíduo migrante, e por fim, questões sociológicas (e até mesmo psicológicas), onde se discute as formas, os porquês e as consequências da migração.

A partir de uma compreensão inicial dos aspectos relacionados à migração como fenômeno social e campo de estudos, apropria-se da ideia de que a migração não envolve apenas questões de trabalhadores formais, entende-se que o esporte esteja inserido nessas questões, incorporando algumas leis gerais do fenômeno, mas também tendo suas particularidades.

Nesse sentido, o próximo tópico desse capítulo será destinado a refletir sobre o esporte. Para isso, será abordado como os autores percebem ou analisam a globalização e a migração no campo esportivo.

2.3 O esporte entra em cena

Assim como as áreas gerais de estudo da globalização e da migração, quando se entra na particularidade do campo esportivo se observa alguns contrastes na forma como os pesquisadores usam suas lentes para analisar os fenômenos. Nesse sentido, algumas reflexões sobre os estudos da globalização do esporte serão abordadas.

Segundo autores como Maguire (2003), a primeira fase da globalização do esporte corresponde a sua própria gênese, a qual segundo Marques, Gutierrez e Montagner (2009), ocorre no século XIX, principalmente na Inglaterra, onde os jogos populares são institucionalizados e apropriados a partir de valores da nobreza inglesa. Para Maguire (2009) esse momento é marcado pela difusão dos esportes com origem anglo-europeia e isso se consolida enquanto parte do processo de globalização. No entanto, o autor ressalta que o termo difusão não é muito utilizado a partir de sua perspectiva teórica pautada na teoria figuracionista e denomina o processo como esportivização.

Peter Donnelly (1996) traz alguns levantamentos do percurso trilhado pelos pesquisadores do esporte ao abordar a globalização. A grande discussão que ocorreu sobre o esporte em escala global no período que sucedeu a Guerra Fria, foi o questionamento sobre se o processo era globalização ou americanização.

O esporte nesse contexto é abordado enquanto um objeto da cultura popular. Assim, quando se fala em americanização, Donnelly (1996) apresenta duas formas, como imperialismo cultural e como hegemonia cultural. Evidentemente as formas têm suas distinções, porém, o que o autor aponta é que ambas observam um processo unidirecional de propagação de ideias, culturas, políticas, em um sentido único dos Estados Unidos em direção ao restante do planeta. Essa perspectiva é pautada em ideias da Sociologia que afirmam que há uma certa manutenção de poder americana em relação ao mundo e denominam essas formas de disseminação de culturas como *McDonaldização* ou *Disneyficação*²².

²² Tais termos são utilizados para representar o avanço ou alastramento de empresas norte-americanas ao redor do mundo.

No entanto, Donnelly (1996) aponta que no campo do esporte esse olhar é um pouco mais complexo, uma vez que as modalidades mais tradicionais dos Estados Unidos não são de fato as com maior apelo em âmbito mundial, como é o caso do futebol americano, beisebol e roquei no gelo. O autor então se apropria dessa perspectiva para apontar a visão de americanização do esporte no que se refere às formas de entretenimento e econômica do setor esportivo. Segundo Donnelly (1996), enxergar o esporte enquanto uma atividade lucrativa e espetacularizada, que gera produtos de consumo, é fruto desse processo de americanização.

Aqui é importante considerar que é empiricamente observado que há influências significativas nos modelos de negócios implementados pelos gestores esportivos norte-americanos em diversas partes do globo. No entanto, é necessário cautela nessas afirmações, uma vez que, recuperando Giddens (1997), não podemos reduzir tudo a aspectos de colonização e imperialismos unilaterais.

As práticas podem ser inseridas em outras sociedades, no entanto há probabilidade de níveis diferentes de inserção e ainda ressignificação das práticas em cada contexto social distinto. Pensando nessa perspectiva unilateral, o futebol contemporâneo passa por uma latinoamericanização? As corridas de fundo no atletismo passam por uma africanização? Essas questões são complexas e talvez não sejam respondidas por uma simples resposta unilateral.

Ao abordar as formas de se pesquisar sobre a globalização do esporte, Eliasson (2009) afirma que os pesquisadores do esporte desenvolveram um interesse pela globalização, sendo que o desenvolvimento mais proeminente nessa área se baseia na sociologia da figuração de Elias, que Elias e Dunning aplicaram aos estudos aos esportes (ELIASSON, 2009).

A exemplo do que diz Eliasson (2009), pode-se observar que, pautado na teoria figuracionista de Norbert Elias, o sociólogo do esporte Joseph Maguire observa enquanto características da globalização do esporte, elementos como o consumo, não só de bens materiais como culturais, no caso, os jogos esportivos propriamente ditos (MAGUIRE, 2003). Como exemplo da globalização do esporte a partir do consumo de bens culturais, o autor retrata exemplos de modalidades - como Róquei no Gelo - que apesar de serem tradicionais em localidades específicas, são consumidas em diferentes

partes do planeta. Já em relação aos bens materiais, cita exemplos das marcas de materiais esportivos, que envolvem uma produção a nível global. Tem origem em determinados países, são produzidos em outros, e comercializados em um número maior de outros países. Para Maguire (2009), a globalização no contexto geral, como particularmente no esporte, é constituída de fluxos: fluxo humano, fluxo tecnológico, fluxo econômico, fluxo de imagens, e o fluxo ideológico.

Por outro lado, buscando integrar o conhecimento socialmente produzido, Harvey, Rail e Thibault (1996), propõe uma análise da globalização do esporte a partir de quatro dimensões, sendo elas dimensão política, econômica, social e cultural. Além disso, buscam responder a questões tais quais: como o esporte está sendo transformado pela globalização? Como o esporte está influenciando a globalização? E como a globalização do esporte pode afetá-lo dentro dos limites de um Estado-nação? Para isso os autores analisam informações tanto a nível local quanto global.

Com uma preocupação mais voltada à gestão e às políticas do esporte, Thibault (2009) apresenta a importância do esporte e como ele se consolida enquanto um elemento de destaque da cultura global. Segundo a autora, as grandes organizações mundiais do esporte como Comitê Olímpico Internacional (COI) e Federação Internacional de Futebol (FIFA) são exemplos de poderes mundiais. Diante disso, o esporte se vale da globalização para sua difusão, bem como fomenta o processo globalizante. Tal visão aproxima-se muito da de Giulianotti e Robertson (2007c), os quais afirmam que o esporte é um assunto cada vez mais importante para estudos globais, no seu duplo papel como um motor a longo prazo e métrica de mudança transnacional.

Thibault (2009) amplia a discussão sobre a globalização apresentando um contraste no fenômeno da globalização do esporte. Por um lado, a autora apresenta elementos positivos demarcados, como propagação de esportes pelo mundo, diversidade de origens de atletas, maior participação de países em grandes eventos do esporte, além de romper com barreiras culturais, religiosas, étnicas, políticas etc. Já por outra perspectiva, a autora atenta para os pontos negativos do processo de globalização, como as divisões sociais do trabalho em produtos relacionados ao esporte, a perda de atletas pelos países de origens menos desenvolvidos, as

interferências das grandes mídias globais, e os danos ao meio ambiente ocasionados pelo esporte²³.

De acordo com Eliasson (2009) muitas pesquisas sobre a globalização realizadas no campo acadêmico do esporte são contadas como macro-razões, porém ressalta que os resultados da globalização podem variar entre diferentes indivíduos ou grupos dentro de uma sociedade em particular (ELIASON, 2009). Nesse sentido, assim como visto anteriormente, além de compreender as estruturas, deve-se atentar para o nível da agência na investigação.

Salienta-se que o esforço aqui realizado em compreender a relação entre o esporte e a globalização é apenas um panorama do cenário das pesquisas, uma vez que a complexidade do fenômeno e o conjunto de material produzido não cabe aqui e nem é ambição por parte da autoria abarcar o todo. No entanto, de forma sintética, com o intuito de contextualizar o objeto central da presente pesquisa pode-se entender, que assim como Marques, Gutierrez e Montagner (2009) apontam o esporte enquanto elemento sociocultural que é constituído de dois períodos distintos: o esporte moderno e a gênese das institucionalizações dos jogos populares da nobreza inglesa, e um segundo, mais próximo da atualidade, o esporte contemporâneo, que é fruto das espetacularizações, mercantilização, e inovações recentes. Nesse sentido, percebe-se em Sekot (2005), que o autor considera uma das características mais importantes do esporte contemporâneo a sua posição no processo de globalização da sociedade.

Observa-se que, da mesma maneira que acontece nos estudos da globalização em sua amplitude, no esporte também há suas diferenças teóricas. No entanto, o ponto comum e que se encontra neste trabalho é a questão da migração de pessoas pelo mundo. De acordo com Eliasson (2009) a globalização é um processo caracterizado pela crescente migração de jogadores através das fronteiras e o relaxamento das regulamentações nacionais que mantêm essa migração sob controle.

A migração é elemento encontrado nas produções sobre a globalização do esporte e ganhou peso significativo no avanço nas novas formas de olhar para esse fenômeno (DONNELLY, 1996). Para o autor, o ponto de partida dessa área de estudo

²³ Ressalta-se que as posições e qualificações realizadas pela autora são parte de suas compreensões e perspectivas de pesquisa. A categorização entre positivo e negativo, vão ser distintas a partir dos pontos em que se observa o fenômeno.

no campo do esporte foi a publicação de Joseph Maguire (1994). Diante disso, nesse momento será abordado alguns aspectos sobre as pesquisas da migração esportiva.

A migração de trabalhadores do esporte é um processo que deve ser analisado juntamente com outros fluxos culturais globais (MAGUIRE, 1994). Maguire, pautado pela teoria figuracional de Norbert Elias, afirma que o desenvolvimento atual do esporte é em si alimentado por uma série de cadeias de interdependências intencionais e não intencionais que caracterizam os processos de globalização.

Com base no conceito geral de migração, a migração esportiva se consolida enquanto mudança de residência de um indivíduo envolvido com o campo esportivo, com relações nas dimensões de tempo e espaço do deslocamento. No entanto, esse movimento muitas vezes considera apenas o atleta. Entretanto, autores como Maguire (2008) e Carter (2011), apontam que também se inclui nessa perspectiva as funções de treinadores, jornalistas, cientistas etc.

No que tange ao fazer pesquisa na migração esportiva, Nolasco (2017) argumenta que as pesquisas publicadas seguem algumas abordagens teóricas centrais. As principais apontadas por ele são abordagem geográfica da migração, abordagem figuracional e abordagem do sistema mundo. Vale ressaltar que a partir de cada abordagem surgem os quadros conceituais utilizados nas análises.

Já Maguire e Bale (1994) sugerem, além da abordagem figuracional adotada pelos autores, uma série de outras teorias que têm sido apropriadas para analisar o fenômeno. São elas: teoria do sistema mundo, teoria da modernização, teoria do imperialismo e neo-imperialismo, e a teoria da dependência²⁴.

Quando se refere à especificidade dos estudos sociológicos da migração esportiva, encontramos alguns modelos teóricos que vêm sendo utilizados pelos pesquisadores da temática em estudos pós anos de 1990. De acordo com Carter (2013), os modelos mais evidenciados nas produções de conhecimento sobre a migração de mão de obra do esporte são o da globalização, do “Network”, e o sugerido pelo autor, que é o modelo de local.

²⁴ Para se aprofundar nas teorias relacionadas ver: BALE, John; MAGUIRE, Joseph. The global sports arena: Athletic talent migration in an interdependent world. Routledge, 2013.

Pesquisadores que abordam a temática pela ótica da globalização, expõem que uma das definições dos processos de globalização é a "internacionalização", ou seja, a migração internacional de pessoas (LOVE; KIM, 2011). Há ainda aqueles que abordam a globalização sob o viés econômico. Para esses autores o esporte se transformou em um produto mercantilizado, atletas são vendidos e comprados, principalmente pelos países da Europa e Estados Unidos, onde se pagam melhores salários e onde se tem altos padrões de vida (LEE, 2010).

Assim como levantado aqui, o campo de análise da pesquisa sobre a migração esportiva é bastante amplo. Contudo, raramente os estudos conseguem ampliar o olhar para mais de uma forma de análise do fenômeno. Diante disso, no próximo tópico serão apresentados os principais quadros conceituais utilizados nas pesquisas sobre migração esportiva.

2.4 Quadros conceituais de análise da migração esportiva

Nesse tópico, objetiva-se apresentar as variadas metodologias que foram utilizadas pelos pesquisadores da área, e assim fornecer uma compreensão panorâmica das pesquisas sobre a migração esportiva. Serão utilizadas diferentes disciplinas para colaborar com esse objetivo.

O primeiro ponto que se apresentará para uma agenda de pesquisa sobre a migração esportiva é considerar os aspectos políticos relacionados à mobilidade de populações. Como observado anteriormente, por mais que o volume de migração tenha se intensificado nas últimas décadas, as pessoas são menos livres para se mover, quando se refere à migração entre nações diferentes (KING, 2012). Isso se dá em decorrência da ampliação das leis e regulamentações para controlar a entrada, e também, saídas de pessoas em um determinado país.

Essa condição é observada em um contexto geral da migração, em que diversas nações estabelecem critérios complexos para retirada de visto, tanto de turistas como para trabalho, o que torna as fronteiras geográficas mais fechadas. No campo do esporte, em sua peculiaridade, não é diferente. Além de seguir as normas estabelecidas pelos Estados envolvidos na mobilidade do migrante, algumas

modalidades internamente regulam a participação do atleta estrangeiro em suas competições nacionais.

O caso de Bosman é um dos mais populares no meio jornalístico e também no meio acadêmico. O caso trata-se de um jogador que apelou judicialmente para ter uma liberação para atuar por outra equipe. A situação foi base para o acordo assinado em 1995, permitindo jogadores a atuarem em outros países dentro da Europa (MADICHIE, 2009; BINDER; FINDLAY, 2012). Diante da repercussão do caso, estudos foram realizados para analisar as implicações (MADICHIE, 2009) e os efeitos (BINDER; FINDLAY, 2012) gerados a partir da implementação da lei.

No Brasil, caso semelhante ocorreu, segundo Rial (2008), a lei nº 9.615/98 de 1998, mais conhecida como Lei Pelé, é uma forma da Lei de Bosman. Em síntese, a Lei Pelé instituiu uma maior flexibilização da relação do jogador, tornando-o um trabalhador com direito de escolha em relação ao exercício de sua força de trabalho (RIAL, 2008).

Um segundo ponto para a pesquisa da migração esportiva é em relação aos padrões de migração no sentido geográfico da análise. De acordo com Bale (2003), a geografia do esporte pode analisar, entre outras coisas, as distribuições espaciais dos pontos de instalações esportivas, locais de produção de jogadores e, também, a movimentação deles, que é o ponto abordado aqui.

Para traçar os padrões dos fluxos migratórios no esporte, um primeiro ponto é estabelecer os níveis de movimento. Na concepção de Maguire (1994; 1996) a migração pode ser a nível nacional, ou seja, o fluxo de pessoas dentro de um mesmo Estado/nação; continental, que é o fluxo entre dois Estados/nação localizados dentro de um mesmo continente; e por fim, o transcontinental, movimento de pessoas entre Estado/nação localizados em continentes diferentes.

A princípio, essa categorização parece ser irrelevante para as análises da migração esportiva, pois refere-se apenas a localizações em diferentes níveis de distância ou fronteiras. No entanto, com um olhar mais aprofundado às questões culturais e políticas que permeiam o mundo globalizado, compreende-se que nessa classificação estão inerentes aspectos influenciadores que podem facilitar ou dificultar a migração. Como exemplo, a migração transcontinental pode não ser contemplada por acordos regionais realizados pelos países pertencentes àquela região (ex: União

Europeia – EU e Mercosul). Como observado nas questões políticas anteriormente, o caso da lei de Bosman é modelo dessa percepção.

Outro ponto em relação ao padrão de migração é o que considera os locais envolvidos no processo de migração. Carter (2013) aponta que essa forma permite que um padrão orgânico de migração internacional surja com base em diferentes escalas de relações econômicas e políticas. Para o autor, existe um equívoco em se tratar de forma separada as noções do global e das localidades, uma vez que para ele os locais envolvidos na mobilidade de trabalhadores do esporte, por mais que tenham suas particularidades, quando há as relações entre pessoas e instituições, se integram ao mercado global do esporte.

Nesse sentido, Maguire e Pearton (2000) classificam os países envolvidos na migração a partir do posicionamento dentro do mundo globalizado. Para os autores, existem as nações que se encontram no núcleo (ou centro), os da semiperiferia, e os que se encontram na periferia. Essa categorização é baseada em condições políticas, culturais e econômicas. Países da América do Norte e Europa ocidental são localizados no núcleo da arena global, América Latina e Coreia do Sul como semiperiferia, e os países africanos como periferia²⁵.

Com intuito de agregar as análises sobre os padrões de movimento dos migrantes do esporte, Crossan (2008) afirma que há de se levar em consideração as condições sociais, econômicas e políticas de cada local envolvido no processo migratório. Adiante, Crossan aponta também para a necessidade de localizar a modalidade esportiva em foco no estudo dentro da estrutura social dos países envolvidos. Em outras palavras, o autor sugere investigar se a modalidade é popular ou não nos países doadores e receptores. Para isso, Crossan (2008) sugere as noções de esporte primário e esporte secundário. O esporte primário é a modalidade cujo país, seja de origem ou destino, tem grande apelo popular (ex: futebol no Brasil). Já o esporte secundário representa as modalidades sem grande apelo cultural e econômico nos países (ex: roquei no gelo no Brasil).

²⁵ Os países anexados aqui são exemplos ilustrativos da proposta dos autores, e não correspondem à totalidade.

Para Crossan (2008) esse tipo de categorização contribui para identificar padrões de migração no esporte, e assim determinar se realmente existe globalização ocorrendo, uma vez que movimentos multilaterais, que ainda não foram pesquisados com profundidade, podem ser observados como rotas diferentes das periferias em direção ao centro.

Um terceiro quadro é o modelo conhecido como *push and pull* o qual tem origens nas leis da migração escritas por Ravenstein (DORIGO; TOBLER, 1983; LEE, 2010). As leis da migração de Ravenstein foram desenvolvidas por volta do fim do século XIX (1889) e posteriormente aprimoradas. De acordo com Lee (2010), a teoria sugere que a migração global é iniciada por contextos em que mercados possuem relações desfavoráveis, atuais ou futuras, que ocasionam fatores para empurrar o indivíduo migrante para um local externo e puxar o migrante para fora do mercado de origem.

Nas palavras de Dorigo e Tobler (1983) os fatores *push and pull* se resumem de forma genérica nas seguintes definições,

Os fatores de pressão são aquelas situações da vida que dão uma razão para estar insatisfeito com a própria localidade; os fatores de atração são aqueles atributos de lugares distantes que os tornam atraente (DORIGO; TOBLER, 1983, p. 1)²⁶.

No entanto, apesar da teoria ser baseada na ideia de um mercado global, as razões, as quais ela sugere, para um indivíduo vir a migrar, não são exclusivamente econômicas. Um dos fatores que envolvem a migração é a ideia da lei da oferta e da procura. Segundo Lee (2010), em países em que se tem uma grande produção de “talentos” do esporte, há uma escassez de postos de trabalho, o que pode se tornar um fator de pressão para a pessoa que deseja ser atleta profissional. Já em países com menor produção e qualidade de “talentos” desenvolvidos, pode ter uma demanda por novos atletas, o que se torna um fator de atração para os migrantes.

Mais detalhadamente, Wicker *et al* (2017) apresentam outros fatores que podem influenciar na decisão para migrar, como as questões salariais, culturais, familiares e

²⁶ Tradução livre nossa, versão original: “The push factors are those life situations that give one reason to be dissatisfied with one’s present locale; the pull factors are those attributes of distant places that make them appear appealing.”

políticas. No mesmo sentido, Orłowski *et al* (2016) argumentam que os fatores *push and pull* podem ser analisados em diferentes níveis, sendo eles nível global, nacional, organizacional e individual.

Orłowski *et al* (2016) defendem ainda que a estrutura de *push and pull* permite um exame holístico de potenciais impulsionadores da migração, sendo importante para um estudo exploratório sobre a migração. Considerando isso, o próximo passo dessa proposta é apresentar as tipologias da migração do esporte, uma derivação do quadro anteriormente abordado.

Como observado, as propostas anteriores têm características mais voltadas às questões macrossociais, ou seja, voltadas às dinâmicas de uma economia global do esporte, e pode-se denominar assim, meso-sociais, um nível intermediário nessa escala em que há uma conjuntura política e cultural interna de um Estado-nação específico. No entanto, é necessário que haja também diálogos em nível micro-social, e para isso, propõe-se compreender as questões motivacionais para migração.

No campo científico da migração geral, Petersen (1958) argumenta que o surgimento das tipologias da migração é um refinamento da teoria dos fatores *push and pull*, em que a partir de uma primeira proposta de classificação, outras derivações foram elaboradas. No campo específico da migração esportiva não é diferente, a proposta foi desenvolvida pelo sociólogo do esporte Joseph Maguire e publicada no ano de 1996. A tipologia da migração do esporte de Maguire (1996) incluía cinco categorias de migrantes, baseadas em suas motivações para migrar, sendo elas migrantes pioneiros, colonos, mercenários, cosmopolitas nômades e repatriados.

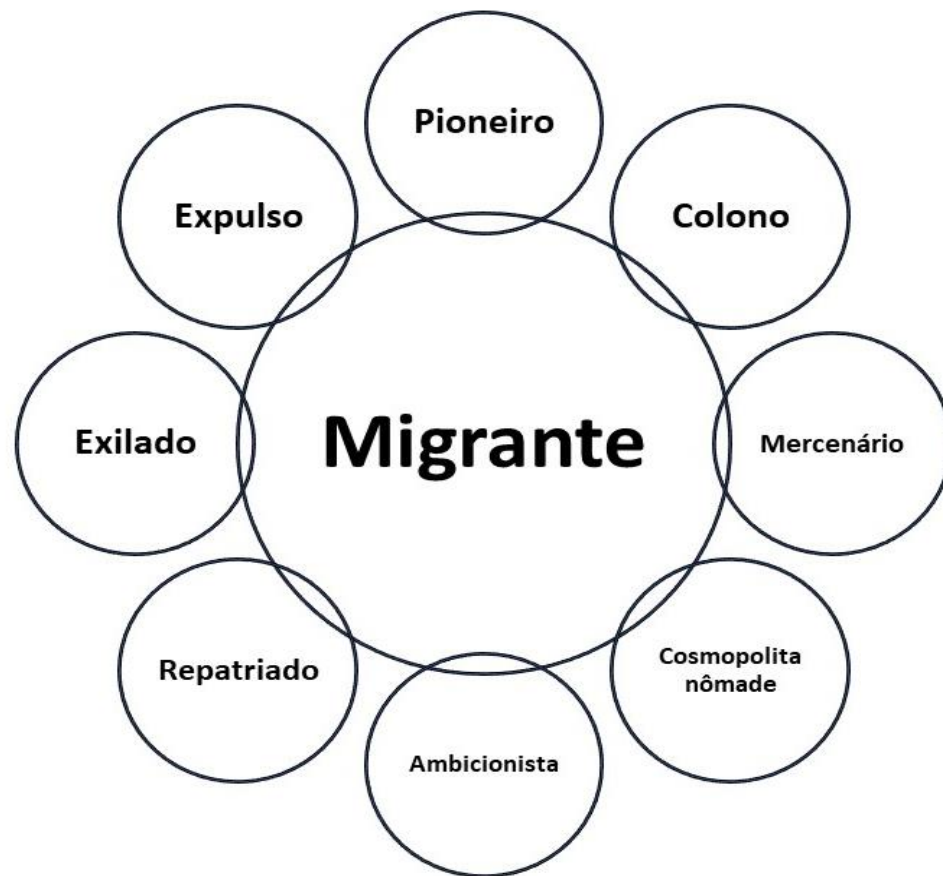
Posteriormente, algumas propostas de utilização e adaptação da tipologia da migração esportiva foram realizadas. A que mais gerou impacto no campo acadêmico da migração esportiva foi elaborada por Magee e Sugden (2002), que consideravam além das categorias mercenários, colonos e cosmopolitas nômades, outras três: migrantes ambicionistas, exilados e expulsos.

O contexto gerou uma discussão acadêmica entre as propostas (MAGEE; SUGDEN, 2002; MAGUIRE, 2004), entretanto esse movimento não deve ser visto como um delimitador de oposições entre as duas propostas, uma vez que além de

compartilharem algumas das categorias, a soma entre as demais pode ser interessante a depender da pesquisa a ser realizada.

Diante dessa conjuntura, serão adotadas aqui as seguintes categorias: pioneiros, colonos, mercenários, cosmopolitas nômades, ambicionistas, repatriados, exilados e expulsos.

Figura 1: Tipologia da migração esportiva.



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Maguire (1996) e Magee e Sugden (2002).

Uma ressalva importante ao se utilizar das tipologias para tentar compreender as motivações por trás da migração de pessoas é a crítica feita a suas limitações explicativas. Para Carter (2013), as migrações ocorrem mais em relação ao mercado global do que por motivações individuais. Outro ponto é em relação à classificação isolada do migrante em uma categoria apenas. Para Magee e Sugden (2002) é um

equivoco, sendo que as categorias podem ser sobrepostas em um mesmo migrante. Dadas as informações, serão apresentadas as definições de cada categoria.

Os **pioneiros** são os migrantes que tem como característica serem os primeiros a inserir uma modalidade esportiva em um novo país. De acordo com Maguire (1996), são motivados por um zelo quase evangélico para a expansão de seus esportes. Suas palavras buscam converter a nação hospedeira a seus hábitos e cultura esportiva. A exemplo desse tipo de migrante, Maguire (1996) expõe os migrantes do início do século XX à difusão do esporte. Em relação ao Brasil pode ser observado o caso da inserção do Judô pelos japoneses.

Já os **colonos** são os atletas que se mudam para outro país para atuar no esporte, entretanto permanecendo nas novas terras (MAGUIRE, 1996). Na dimensão temporal, eles podem permanecer no país hospedeiro por aproximadamente cinco anos ou mais, ou até mesmo estabelecer nele sua residência após o fim da carreira (MAGEE; SUGDEN, 2002). Um exemplo desse tipo de migrante no Brasil são os jogadores de basquete com origem norte-americana Shamel e Lary Taylor, que estão no país há mais de 10 anos.

Os **mercenários** são os trabalhadores do esporte que migram por razões econômicas em primeiro lugar (MAGEE; SUGDEN, 2002). De acordo com Maguire (1996), esses atletas têm pouca ou nenhuma relação com o lugar em que atuarão em suas respectivas modalidades. Njororai (2014) argumenta que esse tipo de migrante é justificado pela natureza da carreira esportiva de curto prazo e a necessidade de acumular patrimônio rapidamente. Os jogadores de futebol brasileiros que deixam as grandes ligas europeias para atuar em campeonatos como da China e do Oriente Médio por salários astronomicamente maiores, são exemplos dessa categoria.

A característica central dessa categoria dos **cosmopolitas nômades** é que são migrantes que almejam utilizar as suas carreiras profissionais para obter experiências cosmopolitas em outros países (MAGEE; SUGDEN, 2002). Eles buscam experiência de viver em outras localidades e se colocar no lugar do outro (MAGUIRE, 1996). Para Maguire (1996), exemplos desse tipo de migrante são os surfistas, snowboarders, e no caso do Brasil, muitos skatistas.

O **ambicionista** é o atleta que tem suas ambições dentro de sua modalidade esportiva. Essa categoria é dividida a partir de três dimensões (MAGEE; SUGDEN, 2002). A primeira é a pessoa que deseja ser atleta profissional, não importando o local; a segunda é o migrante que tem preferência em jogar/atuar em um determinado clube ou país; a terceira e última dimensão é o atleta que busca um novo lugar de atuação com objetivo de melhorar sua prática esportiva.

Já os **repatriados** são os jogadores que retornam as suas culturas esportivas de origem (BORGES *et al*, 2015). Podem ser vistos como jogadores que defendem seus países em competições internacionais (NJORORAI, 2014), bem como os que retornam a seu país para finalizar a carreira (BOTELHO; AGERGAARD, 2011). No Brasil, tem-se casos em diferentes esportes, como os jogadores de basquete que retornaram da NBA e atuam no basquete nacional, e inúmeros casos de jogadores de futebol que encerram suas carreiras em clubes brasileiros.

Exilados são os atletas que deixam os seus países, voluntariamente ou por pressões de ameaças, e decidem não retornar por questões pessoais ou políticas (MAGEE; SUGDEN, 2002). Um exemplo recente desse tipo de migrante apareceu nos Jogos Olímpicos Rio 2016. O atleta etíope Feyisa Lilesa, medalhista de prata na maratona olímpica, revelou não poder retornar a seu país após realizar protesto na ocasião de sua conclusão de prova.

A categoria de **expulsos** são os atletas forçados a migrar de seus países de origem. No entanto, Magee e Sugden (2002), afirma que essa pressão vem de questões comportamentais e exposição na mídia que os impedem de atuar em suas terras natais. Acredita-se que, para além dessa realidade particular da relação atleta e exposição midiática, migrantes expulsos de seus países por questões de guerras, políticas, crises humanitárias, entre outras, também se encaixam nessa categoria. Nos Jogos Olímpicos Rio 2016, pela primeira vez uma equipe composta apenas por refugiados participou da competição²⁷.

A tipologia da migração esportiva, apesar das críticas já mencionadas, foi utilizada em estudos no futebol (NJORORAI, 2014; BOTELHO; AGERGAARD, 2011),

²⁷ A equipe era formada por 10 atletas com origem em quatro países diferentes.

handebol (AGERGAARD, 2008), atletismo (NJORORAI, 2012), em modalidades olímpicas (ALMEIDA; RUBIO, 2018), com treinadores (BORGES *et al*, 2015), entre outros.

Por fim, se abordará o processo de recrutamento e de migração dos atletas para o Brasil. Para essa finalidade a proposta é compreender o papel das *networks* no processo migratório das pessoas.

De acordo com a sociologia da migração geral, a noção de redes (*networks*) sugere que a nível meso social, família, amigos e redes sociais de contato ligam o migrante à estrutura social (HAUG, 2008). Ou seja, as relações sociais mantidas pelo migrante são influenciadoras na tomada de decisão do indivíduo.

Diante disso, Haug (2008, p. 588) define as redes de migração como

Uma rede de migração pode ser definida por um composto de relações interpessoais nas quais os migrantes interagem com sua família ou amigos. As redes sociais fornecem uma base para a divulgação de informações, bem como para patrocínio ou assistência²⁸.

Segundo o autor, essas interações entre o migrante e a sua rede social podem facilitar o processo de migração, reduzindo os custos operacionais e os riscos do movimento para ambos os lados (HAUG, 2008). Já no campo da pesquisa da migração esportiva, Elliott e Gusterud (2016) colocam que um papel importante das redes é o de intermediar a relação entre o empregado e o empregador.

A *network* aqui abordada é retratada por Poli (2010) como conjunto de indivíduos funcionalmente interdependentes. A articulação de um indivíduo com o outro, e entre redes, formam a base da sociedade. Aproximando-se dos estudos de migração esportiva, podemos exemplificar que a Network pode ser compreendida como a relação entre atletas, agentes esportivos, treinadores, entre outros. Nesse caso podemos entender como a relação entre esses atores podem facilitar a mobilidade dos migrantes esportivos, assim como evidenciado no estudo de Elliott e Gusterud (2016) em relação ao recrutamento de jogadores para o futebol norueguês.

²⁸ Tradução livre nossa, versão original: "A migration network can be defined by a composite of interpersonal relations in which migrants interact with their family or friends. Social networks provide a foundation for the dissemination of information as well as for patronage or assistance".

As redes utilizadas para o processo decisório, tanto no recrutamento quanto na decisão de migrar, podem ser de dois tipos, formais e informais²⁹ (ELLIOTT; GUSTERUD, 2016; ELLIOTT; MAGUIRE, 2008). De forma sintética, pode-se colocar as redes formais como agentes regulamentados, relações entre clubes, federações, entre outras. Já as redes informais são compostas por amigos, familiares, atletas, ex-atletas, ou seja, uma rede de interação que é considerada no processo migratório.

Diante do exposto, a próxima seção abordará uma proposta de análise da migração esportiva, a qual nesse estudo será aplicada com corredores de rua africanos que migraram para o Brasil. Para isso se desenvolveu a partir da convergência de algumas disciplinas e quadros conceituais com intuito de analisar a migração esportiva, colocando o Brasil enquanto eixo importante nessa relação das dimensões espacial e temporal.

2.5 Proposta de análise da migração esportiva

No que diz respeito à migração, Giddens (2008) ressalta que, por mais que não seja um fenômeno recente, pode estar contribuindo para o processo de interação global. Nas palavras do autor “os padrões de migração globais podem ser vistos como um reflexo da mudança rápida dos laços econômicos, políticos e culturais entre países” (GIDDENS, 2008, p. 260).

Conforme anteriormente abordado, os estudos sobre a migração apresentavam uma série de quadros teóricos para análise do fenômeno. De acordo com Giddens (2008), muitas das teorias introdutórias da migração se concentravam nos fatores de empurrar e puxar (*Push and Pull*). Sendo *Push* os fatores que influenciam a tomada de decisão de sair do seu local de origem e *Pull*, os fatores que atraem o migrante em seu destino de residência (DORIGO; TOBLER, 1983).

No entanto, Giddens (2008) aponta que pesquisadores da área tecem críticas ao modelo por oferecer explicações muito simplistas ao processo de migração, o qual o autor coloca como “um processo complexo e multifacetado” (GIDDENS, 2008, p. 262). Segundo o autor, os estudiosos da migração estão analisando os padrões globais de

²⁹ Considera-se neste trabalho que uma rede não é excludente a outra.

migração a partir do entendimento de que são sistemas gerados pelas interações de processos de macro e microníveis.

Por fatores de nível macro entendem-se situações de âmbito lato como a situação política na área, as leis e regulamentos que controlam a imigração e a emigração, ou as mudanças na economia internacional, fatores esses que exercem uma importante influência sobre diversos aspectos. Os fatores de nível micro, por outro lado, são os que dizem respeito aos recursos, conhecimentos e formas de pensar das próprias populações migrantes (GIDDENS, 2008, p. 262).

Como observado em King (2012) e O'Reilly (2013), alguns dualismos estão postos no fazer pesquisa sobre a migração. Ademais, de acordo com Santos *et al* (2010) as teorias sobre migração possuem pouca conexão entre elas. Diante disso, o intento dessa proposta não é negar a capacidade analítica dos quadros teóricos apresentados anteriormente, mas, pautados na utilização de alguns desses pressupostos, elaborar uma lente capaz de observar o processo migratório de forma abrangente. Desde já reconhecendo as limitações desse esforço, pois como ressaltam os autores, nenhuma teoria por si só é capaz de abarcar todos os aspectos da migração, uma vez que o fenômeno é complexo e multifacetado.

Diante do cenário apresentado, a ideia é fornecer um modelo analítico a partir de quatro dimensões que busque reduzir ou evitar o dualismo/dicotomia entre estrutura e agência, bem como entre níveis analíticos, ou seja, microrrelações ou macrorrelações. Nesse sentido, observa-se a preocupação estabelecida por Almeida e Mezzadri (2017) em compreender o que se pode entender como um modelo analítico.

os modelos são criados como pressuposições precisas aplicáveis para um cenário específico, em que determinados parâmetros e variáveis são encontrados em um conjunto limitado. Os modelos são aplicados em diferentes cenários, utilizando a lógica, a matemática, a experimentação e a estimulação como meios de aferição de sua compatibilidade ou da existência de seus pressupostos (ALMEIDA; MEZZADRI, 2017, p. 42).

A partir da compreensão dos autores e em diálogo com a ideia formulada, pode-se entender que o modelo analítico aqui proposto busca ser aplicado em cenários específicos da migração esportiva. Ainda, pode ser apresentado que suas

experimentações são advindas de fontes de dados distintas e mensuráveis, a serem detalhadas posteriormente, que permitem fornecer um olhar ampliado para o fenômeno da migração esportiva, sendo o foco o processo migratório.

Vale ressaltar que as definições apontadas por Almeida e Mezzadri (2017), partem de um cenário de análises das políticas. Porém, acredita-se que tal definição é passível de aproximação com a pesquisa social do esporte. A exemplo disso, observa o modelo analítico proposto por Marchi Jr (2015), que o autor sugere como uma ferramenta de análise do esporte no contexto da sociedade contemporânea.

Esclarecidos os entendimentos iniciais relativos à construção de um modelo analítico da migração esportiva, importa detalhar os pontos que são considerados na presente proposta. O modelo analítico da migração esportiva aqui idealizado, parte de uma análise em três momentos: 1º compreende-se a necessidade de analisar o conhecimento já produzido a respeito da temática; 2º delimitar o contexto social em que o indivíduo migrante está inserido; 3º por fim, propõe-se uma análise dos elementos que influenciam e moldam o processo de migração.

O ponto de partida da proposta analítica é se utilizar dos conhecimentos científicos historicamente produzidos sobre a respectiva temática. Essa apropriação é baseada na leitura de que conhecendo os antecedentes da produção do conhecimento especializada, colabora-se para um possível entendimento, sob diferentes perspectivas, das questões referentes ao fenômeno social (SOUZA; MARCHI JR, 2010).

Esse posicionamento se vale da compreensão de que a produção acadêmica é de certa forma legitimada pelos seus corpos de especialistas, por meio de um complexo sistema de produção e divulgação do conhecimento científico (SOUZA; MARCHI JR, 2010). Nesse sentido, sugere-se a utilização da produção acadêmica para analisar diversas questões referentes a determinada temática, nesse caso a migração esportiva.

Tais questões podem ser visualizadas tanto na análise sociológica do fazer ciência (SOUZA; MARCHI JR, 2011), identificando os indivíduos - ou seja, os atores que produzem o conhecimento específico de determinado espaço social – e os objetos de pesquisas mais valorizados por esses pesquisadores, quanto na compreensão das hierarquias e legitimações desse conhecimento (SOUZA; MARCHI JR, 2010). Por outro lado, esse esforço de análise do conhecimento historicamente produzido, pode

contribuir para um diagnóstico apriorístico do fenômeno social em investigação, ou seja, os dados de estudos anteriores podem revelar padrões e contextos em um universo ampliado da ocorrência do fenômeno.

Compreendendo a importância das análises propostas, para iniciar o modelo analítico da migração esportiva, importa sugerir os instrumentos para atender às necessidades da pesquisa. A esse respeito Souza e Marchi Jr (2010, p. 296), ressaltam que esse esforço não pode “ser confundido com aquela etapa integrante de todo trabalho acadêmico e que consiste em apresentar uma revisão de literatura”. No entanto, mesmo essa revisão de literatura não sendo o objetivo final, ela consiste em instrumento para se apropriar dos dados e informações para realizar as análises anteriormente mencionadas.

Diante do quadro apresentado, sugere-se no momento de busca pelos dados a serem analisados, utilizar as ferramentas oriundas de uma revisão de literatura sistematizada. Esse tipo de revisão consegue, por meio de seus métodos, localizar e selecionar os estudos existentes sobre determinado tema. E permite realizar avaliação das contribuições, analisando e sintetizando os dados, para relatar as evidências de maneira a permitir conclusões razoavelmente claras (DENYER; TRANFIELD, 2009). Esses estudos podem divulgar seus achados tanto de maneira qualitativa, informando verbalmente as combinações dos estudos, quanto de maneira quantitativa, informando em seus resultados as combinações numéricas e estatísticas (MCKIBBON, 2006).

O segundo momento de análise da proposta de pesquisa é em relação à delimitação do contexto social no qual a pessoa migrante está envolvida. Isso se dá pelo entendimento de que os estudos dos esportes devem ser também estudos das sociedades, somente assim conseguirão suficientemente oferecer o entendimento rigoroso dos significados, funções e papéis do fenômeno social (SOUZA, STAREPRAVO, MARCHI JR, 2014).

Nesse intento, sugere-se, ao investigar o contexto social da pessoa migrante do esporte, compreender o seu perfil, localizá-lo dentro do cenário da modalidade na qual está inserida, ou seja, se o seu desempenho é do alto nível esportivo ou é um atleta de um padrão inferior. Ainda a respeito do contexto social, vale observar as condições propostas para a permanência desses atletas em sua origem, entre outros aspectos da

vida cotidiana que sejam passíveis de representar uma realidade social vivida por esses indivíduos.

Metodologicamente, para adquirir tais informações e dados, sugere-se utilizar diversos instrumentos de pesquisas. O primeiro deles é uma metodologia observacional (SPARKES; SMITH, 2014), analisando as condições que a pessoa migrante está vivendo em seu local de destino pelas próprias lentes do pesquisador. Já o segundo instrumento, refere-se à pesquisa documental (GIL, 2008), em que o pesquisador se apropria de documentos como reportagens, fotografias, relatórios de desempenhos, entre outras fontes. Por fim, sugere-se também a utilização de entrevistas (SPARKES; SMITH, 2014), procurando entrevistar tanto os atletas quanto os treinadores ou agentes responsáveis por eles.

Por fim, a parte central do modelo analítico da migração esportiva proposto no presente trabalho é a ideia da análise dos fatores que influenciam e moldam os fluxos migratórios. Para isso, desenvolveu-se um modelo de análise a partir de quatro dimensões, o qual denominou-se **dimensões da migração esportiva**.

Para a elaboração do referido construto, serão apropriadas as dinâmicas apontadas por Giddens (1991) em suas proposições de leitura a partir das dimensões (a exemplo: dimensões institucionais da modernidade, dimensões da globalização, dimensões do realismo utópico). Nesse sentido, as dimensões da migração esportiva possuem algumas compreensões a serem observadas. Primeiro, entende-se que de alguma forma as migrações ocorridas no campo esportivo são ou foram afetadas por todas as quatro dimensões propostas. Segundo, as dimensões não são categorias fechadas no sentido de não haver relação entre elas, ou seja, em certa medida, há inter-relações entre as dimensões da migração esportiva. Por fim, entende-se que a combinação das dimensões é um fator responsável pela existência e expansão da migração esportiva. Para além disso, são moldadoras do processo migratório, estabelecendo padrões específicos de movimento migratório em cada modalidade.

Ademais, contribuições anteriormente mencionadas, também se tomou como ponto de apoio para a elaboração do presente construto, algumas questões apontadas por Maguire (1994; 1996; 2008). Como já exposto, o autor apresenta que, os questionamentos que podem direcionar um projeto de pesquisa sobre a migração

esportiva envolvem questões políticas, geográficas ou de padrões de fluxos migratórios, fatores que influenciam a decisão de migrar, as redes de colaboração, motivos ou comportamento do migrante, entre outros.

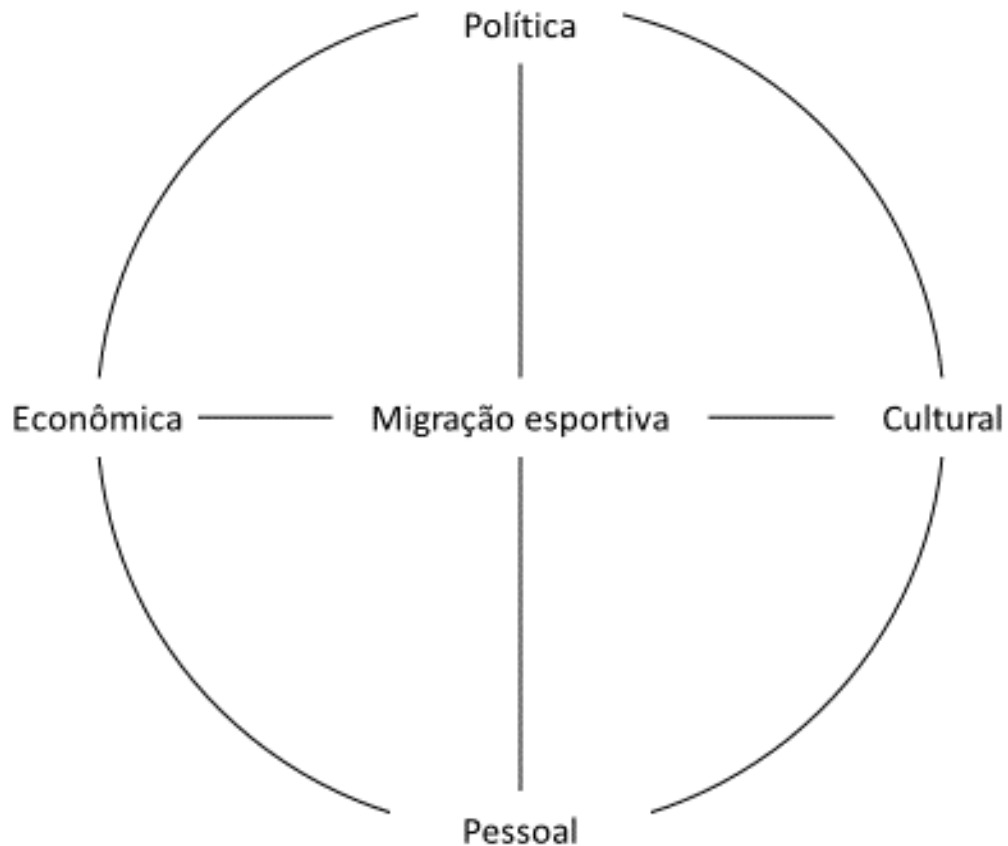
Nesse sentido, buscando avançar nas investigações sobre o tema, apresenta-se como modelo analítico da migração esportiva, uma proposta que consiste em quatro dimensões, as quais acredita-se estarem relacionadas às migrações esportivas. São elas a dimensão política, dimensão econômica, dimensão cultural e a dimensão pessoal, visualizadas na figura nº 2. A rigor desse construto, entende-se que as mesmas podem exercer uma análise qualificada do fenômeno da migração dentro do esporte, observando e inter-relacionando questões de níveis macro e micro estruturais, bem como permitem analisar as forças estruturais que regem o funcionamento do processo migratório e também as atuações dos indivíduos nas escolhas e constituição do fenômeno no esporte.

Nas palavras de Giddens (2008, p. 262),

os apoiantes da abordagem em termos dos sistemas de migração salientam que nenhum fator, por si só, pode explicar o processo de migração. Pelo contrário, cada movimento migratório particular, como o existente [...] é o produto de uma interação entre processos de nível micro e macro.

Diante desse quadro, apresenta-se na figura dimensões consideradas para a compreensão do processo migratório que ocorre no esporte.

Figura 2: Dimensões da migração esportiva.



Fonte: Adaptado pelo autor a partir de Giddens (1991).

A primeira dimensão a se analisar nas pesquisas sobre a migração esportiva é a dimensão *cultural*. Esta, por sua vez, não é somente posta no sentido de compreender o porquê do processo migratório, mas porque o processo migratório se consolida de tal maneira. Nesse sentido, aplicando ao esporte, compreende-se que a cultura de um certo território pode influenciar nos contornos/padrões nos quais a migração se consolida.

O quadro conceitual apropriado para a leitura dessa dimensão foi desenvolvido por Willian Crossan, que o utilizou em sua tese de doutorado, ao analisar o uso de imigrantes no basquetebol de uma liga na República Checa (CROSSAN, 2013). A proposta do autor foi elaborada a partir do que denominou níveis de categorização, sendo um total de quatro.

O primeiro nível é a tipologia do atleta imigrante. Para essa proposição o autor se baseia nas tipologias da migração desenvolvidas por Maguire (1996) e Magee e Sugden (2002), versando sobre a motivação do atleta para migrar (CROSSAN, 2013). Para o autor, as categorias apontadas pelos seus antecessores são o ponto de partida de sua proposta, pois como mencionado aproxima-se de uma ideia de motivos para a pessoa migrar.

A classificação dos países dentro do que se chama sistema mundial é apresentada pelo autor enquanto segundo nível da proposta. A classificação apresentada por Crossan (2013) é uma categorização já utilizada nos estudos da migração esportiva. Maguire e Pearton (2000), analisaram a posição dos países dentro de um mundo globalizado, utilizando as categorias de núcleo ou centro, semiperiferia e periferia. Essas categorizações são feitas com base em condições políticas, culturais e econômicas (CROSSAN, 2013).

Segundo o autor, a classificação dos países é importante, no entanto, identificar em cada caso a prioridade da modalidade esportiva para quem está recebendo e quem envia os atletas é necessário, e isso se constitui enquanto terceiro nível de categorização (CROSSAN, 2013). Segundo o autor, duas categorias são apresentadas, se o esporte é o primário, ou seja, de grande prestígio para a população local, ou não-primário/secundário, que não possui apelo relevante para a população.

O último nível de categorização apresentado por Crossan (2013) é em relação à resposta do país ao processo de globalização. Ou seja, para o autor, os países receptores de atletas migrantes apresentam níveis de aceitação ou rejeição a esses atletas e também à cultura que se materializa nas formas de jogar e de modelo de espetáculo.

A partir dos níveis apresentados, Crossan (2013) propõe uma matriz em que se deve identificar os países que recebem e enviam atletas, a sua posição dentro do mundo globalizado, bem como se o esporte é tido como primário ou secundário na cultura dos países. Diante disso, o autor expõe a referida matriz no quadro nº 1.

Quadro 1: Matriz de categorização de países de migração esportiva.

| | | Primary | Secondary |
|-----------|-----------|---------|-----------|
| Core | Sending | CS-P | CS-S |
| | Receiving | CR-P | CR-S |
| Periphery | Sending | PS-P | PS-S |
| | Receiving | PR-P | PR-S |

Fonte: Crossan (2013).

Para o autor, a matriz - quando em diálogo com as pesquisas já realizadas e dados empíricos - consegue, dentro de suas limitações, fornecer padrões de movimentos dentro da migração esportiva (CROSSAN, 2013). Alguns dos padrões exemplificados pelo autor são: países com rico acervo de talentos esportivos exportam seus atletas para lugares com menor concentração de bons atletas; importação de países com alta concentração de riquezas econômicas de atletas de países com situações econômicas mais vulneráveis; atletas de esporte primário de países centrais deslocando-se para países periféricos; entre outros.

A partir dessas considerações, recuperando as proposições de Crossan (2008), acredita-se que as noções classificatórias das modalidades esportivas dentro das localidades envolvidas no processo de migração podem contribuir para o entendimento dos padrões migratórios estabelecidos. Assim, a identificação da popularidade, ou predominância da modalidade dentro da cultura local, e classificação dessas como primárias ou secundárias, podem contribuir para o entendimento do processo migratório.

Para analisar a dimensão *cultural*, sugere-se o uso de alguns tipos de fontes de pesquisas, sendo elas pesquisa documental, bibliográfica e, também, o uso de entrevistas. Na pesquisa documental, pode-se utilizar reportagens, relatórios de registros de atletas, *rankings* de atletas e países. Na pesquisa bibliográfica, apropriar-se da literatura que versa sobre a predominância esportiva nacionais. E por fim, existe a

entrevista com os atletas migrantes, que são capazes de expor suas percepções sobre o esporte em suas origens.

A segunda dimensão a ser analisada é a *política*. Nas palavras de Giddens (2008), apresentando exemplos da migração turca para a Alemanha, as questões políticas, aqui tratadas como componentes da migração esportiva, referem-se ao nível macro.

As questões políticas, como observado nessa tese, começam a surgir em períodos de grandes deslocamentos forçados por conta de guerras e outras circunstâncias. Devido a isso, inicia-se as formulações e implementações das primeiras leis sobre as migrações da era moderna (HELD *et al*, 1999). Assim como mencionado anteriormente, apesar da grande facilidade de deslocamento, as pessoas contemporâneas são menos livres para mover-se entre países (KING, 2012).

Essas condições não são circunscritas às migrações de um mercado de trabalho tradicional e a um contexto social mais amplo. O espaço social específico do esporte também vivencia algumas dessas imposições de regras, que limitam ou abrem as fronteiras dos Estados/nação para o deslocamento dessa mão de obra especializada. Para Maguire (2011, p. 1044), “a migração esportiva está ligada a uma economia política complexa, ela própria inserida em uma série de lutas pelo poder que caracterizam o sistema esportivo global³⁰”.

Nesse sentido, de uma econômica política complexa, considera-se os aspectos levantados por Maguire e Stead (1996). Os autores apontam que para analisar as regulações - as regras de qualificação, entrada e registro - do sistema esportivo global, ou seja, que envolve o processo de migração e transferência de mão de obra do esporte, é necessário observar dois aspectos.

Um aspecto envolve a liberdade de contrato do funcionário e questões de patrimônio relacionadas. O segundo aspecto centra-se no

³⁰ Tradução livre nossa, versão original: “Sports migration is bound up in a complex political economy that is itself embedded in a series of power struggles that characterize the global sports system”.

empregador, onde os objetivos, práticas e critérios financeiros da administração são fundamentais (MAGUIRE; STEAD, 1996, p. 3)³¹.

Ao analisar o contexto referente ao críquete inglês, Maguire e Stead (1996) expõem que não é simples o processo de investigação dessas questões. Nesses cenários os autores elencam alguns elementos que, segundo eles, estruturam os regulamentos dos migrantes.

- i) Quotas: ou seja, o número de jogadores estrangeiros permitidos em um esquadrão do condado ou no campo de jogo durante um jogo específico.
- ii) Qualificações de nascimento e residência: ou seja, os requisitos para nascer, ter vínculos ancestrais ou viver por um período definido no país de trabalho.
- iii) Qualidade e *status*: ou seja, restrições nacionais / da União Europeia em relação às categorias de migrantes permitiram autorizações de trabalho.
- iv) Duração dos contratos: ou seja, os períodos contratuais mínimos para jogadores estrangeiros registrados.
- v) Isenções especiais: ou seja, o uso de discricção em casos especiais, por exemplo circunstâncias atenuantes sobre qualificações residenciais. (MAGUIRE; STEAD, 1996, p. 3)³².

Observa-se que existem diversos elementos apontados pelos autores em relação aos pontos de regulamentação da atuação estrangeira em uma modalidade esportiva, no caso apresentado, o críquete. No entanto, posteriormente, Maguire (2011) expõe que as análises das políticas relacionadas ao movimento migratório de pessoas envolvidas no esporte envolvem questões de política externa. Ademais, segundo o autor, os mecanismos contemplados na formulação e implementação dessas ações são

³¹ Tradução livre nossa, versão original: "One aspect involves the employee's freedom of contract, and related equity issues. The second aspect centres on the employer, where management objectives, practices and financial criteria are paramount".

³² Tradução livre nossa, versão original: "i) Quotas: i.e. the number of overseas players allowed in a county squad or on the field of play during a specific game. ii) Birth and Residential Qualifications: i.e. the requirements to have been born, have ancestral links or have lived for a set period of time in the country of employment. iii) Quality and Status: i.e. national / European Union restrictions regarding categories of migrants allowed work permits. iv) Length of Contracts: i.e. the minimum contractual periods for registered overseas players. v) Special Exemptions: i.e. the use of discretion in special cases e.g. extenuating circumstances over residential qualifications".

mutáveis, podendo ter variações do tipo uma “política real” ou uma abordagem “ética”. De maneira sintética, a “política real” clássica, como apontada pelo autor, são as ações que, de alguma forma, buscam melhor posicionar o Estado-nação dentro do sistema esportivo global, até mesmo em detrimento de outras. Já a baseada na “ética”, são políticas/ações que visam buscar o desenvolvimento social pelo esporte, a exemplo do autor, as ações desenvolvidas pela ONU em relação ao desenvolvimento dos países.

Diante disso, considera-se relevante investigar as regulamentações e leis vigentes em relação ao trabalho do esportista migrante - tanto a nível de Estado-nação quanto de instituições responsáveis pelas modalidades esportivas - no Brasil, a exemplo da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), da Confederação Brasileira de Voleibol (CBV) e da Confederação Brasileira de Atletismo (CBAAt).

Para isso, sugere-se apoiar-se em pesquisas documentais, que se configuram em fontes no formato de leis e decretos formulados pelos Estados-nação. Também pode apropriar-se de regulamentos e normativas oriundas de instituições não governamentais que regem as modalidades esportivas. Colaborando com o entendimento do funcionamento da dimensão política, é salutar utilizar-se de entrevistas no sentido de compreender os trâmites realizados pelos envolvidos no processo migratório.

A próxima dimensão é a *econômica*, que também se encontra no nível das macrorrelações. Giddens (2008) apresenta que ela pode se estabelecer de duas formas. A primeira delas, enquanto necessidade de mão de obra por parte do local de origem, e a segunda, como impossibilidade econômica do local de origem de fornecer melhores salários aos indivíduos que optam por migrar.

Giddens (1991), partindo de uma perspectiva da globalização, constata que um aspecto do fenômeno é a ideia de “empurra e puxa”. Na mesma linhagem, o autor aponta que as teorias precursoras sobre a migração também centravam suas análises nos fatores “push and pull” (GIDDENS, 2008). Em síntese os fatores push, ou seja, o empurrar, são as dinâmicas internas de um país que forçam as pessoas a emigrar, podendo essas ser “guerra, a fome, a opressão política ou a pressão demográfica” (GIDDENS, 2008, p. 261). Já os fatores “pull”, ou seja, os que puxam, são as atrações

dos países de destino, sendo eles “mercados de trabalho prósperos, melhores condições gerais de vida ou menor densidade populacional” (GIDDENS, 2008, p. 262).

Compreende-se que críticas foram realizadas ao modelo em razão de suas explicações simplistas (GIDDENS, 2008). No entanto, como já apresentado, o presente modelo analítico busca compreender o processo de migração esportiva a partir de quadro dimensões, propondo assim uma melhor compreensão de um fenômeno complexo. Nesse sentido, acredita-se que para apoiar o olhar da dimensão econômica, o modelo pode ser de grande relevância.

Não é de intento dessa proposta analisá-lo por completo a partir dos fatores empurra e puxa, mas sim, a partir da compreensão de que, na dimensão econômica possa haver desequilíbrios entre as localidades, e que isso seja um fator influenciador para que o atleta decida migrar. Os fatores que empurram os migrantes de sua origem são “aquelas situações da vida que dão uma razão para estar insatisfeito com a própria localidade” (DORIGO; TOBLER, 1983, p. 1). Já os que atraem “são aqueles atributos de lugares distantes que os tornam atraentes” (DORIGO; TOBLER, 1983, p. 1).

Uma aproximação feita com os fatores de empurra e puxa, é a teoria do sistema mundial, feita por Chepyator-Thomson e Ariyo (2016). De acordo com as autoras, a referida teoria classifica o sistema esportivo como

produção e aos relacionamentos dos atletas que são desenvolvidos em conexão com vários sistemas esportivos em países além da residência domiciliar dos atletas. Em referência ao trabalho qualificado, as divisões de núcleo, semi- periferia e periferia ajudam a explicar o movimento de atletas qualificados da região leste da África para outras regiões do mundo onde os serviços são necessários. No atual sistema esportivo global, existe o núcleo, a semi-periferia e a periferia, onde o núcleo possui recursos abundantes, sendo que a semi-periferia e a periferia dependem da produção de mão-de-obra esportiva qualificada para alimentar gerações de capital social e econômico para o consumo do centro. Os migrantes esportivos da periferia mudam para o núcleo principalmente devido a fatores econômicos. Segundo Darby, há pouco em termos de 'infraestrutura, profissionalismo ou a possibilidade de um bom salário para incentivá-los (os jogadores) a permanecerem em seus países de origem (CHEPYATOR-THOMSON; ARIYO, 2016, p. 1827)³³.

³³ Tradução livre nossa, versão original: “the global sport system concerns athlete production and relationships that are developed in connection with various sporting systems in countries beyond the athletes’ home residence. In reference to skilled labour, the WST’s divisions of core, semi-periphery and periphery helps explain the movement of skilled athletes from the eastern Africa region to other regions of

A teoria do sistema mundial foi desenvolvida por Wallerstein (1974), e de acordo com Giddens (1991), traz muitas contribuições para compreender, tanto teórica quanto empiricamente, a globalização. A teoria do sistema mundial é baseada fortemente em critérios econômicos, o que se torna uma limitação para análises mais amplas (GIDDENS, 1991). No entanto, assim como para Giddens (1991) a economia capitalista mundial, ou sistema de Estado-nação, é uma das dimensões da globalização, no presente intento, pode ser sim aplicada como uma lente para olhar para a dimensão econômica aqui proposta.

Diante disso, considera-se, a partir da proposição de uma dimensão *econômica*, analisar a diferença entre os potenciais ganhos salariais correntes no local de origem e destino do atleta migrante, bem como, a realidade macroeconômica dos locais envolvidos nos fluxos migratórios. Ou seja, dados internacionais de análises das condições socioeconômicas às quais os atletas estão submetidos.

Para tal intento, a análise se sustenta em uma pesquisa documental, na qual serão realizadas comparações entre indicadores sociais de ambos os países envolvidos no processo migratório. Os documentos analisados dialogam com o recurso das entrevistas, utilizando-se dos depoimentos realizados pelos atletas e técnico sobre salários, condições sociais e de trabalho.

Por dimensão *pessoal* compreende-se as relações microsociais do indivíduo migrante. Nesse cenário, o modelo analítico da migração esportiva aqui proposto se baseia em dois momentos de análises. Primeiro, o foco das análises é voltado para o recrutamento de atletas e as relações sociais que os indivíduos migrantes estabelecem nesse processo. Em um segundo período, existem as análises das motivações e racionalidades do esportista na decisão de migrar.

Referente às análises das relações sociais dos migrantes dentro do processo migratório, é considerado que as redes de relacionamento da pessoa migrante podem

the world where services are needed. In the current global sport system, there is the core, semi-periphery and periphery, where the core has abundant resources, with semi-periphery and periphery being depended on for production of skilled sport labour to fuel generations of social and economic capital for the core consumption. Sport migrants from the periphery move to the core primarily due to economic factors. According to Darby, there is little in the way of 'infrastructure, professionalism or the possibility of a good salary to encourage them (the players) to remain in their home nations'".

ser formais ou informais, e são investigadas para compreender como e em que medida a *network* influenciou no recrutamento e na decisão do atleta em migrar (ELLIOTT; GUSTERUD, 2016; ELLIOTT; MAGUIRE, 2008).

Para refletir sobre o processo de migração dentro do esporte, dois aspectos são necessários, como eles são recrutados e se há alguma ajuda nesse processo de recrutamento. Nesse sentido, alguns autores trazem os dois elementos muito próximos (ELLIOTT; MAGUIRE, 2008a, b; ELLIOTT; MAGUIRE, 2011; POLLI; BESSON, 2011). Ou seja, a consolidação de uma rede faz parte do processo de recrutamento, bem como o processo de recrutamento envolve uma rede de contatos.

Frente ao exposto, será abordado um pouco sobre o recrutamento e, posteriormente, sobre as consolidações da *network*. O primeiro trabalho a versar sobre os mecanismos ou formas de recrutar atletas foi desenvolvido por Bale (1991), onde o autor analisa o processo de recrutamento de atletas para as universidades americanas.

Posteriormente ao estudo realizado por Bale, outras investigações se dedicaram a analisar o processo de recrutamento de atletas, sendo analisado se é benéfico ou não para os diversos atores e instituições envolvidas no processo (MAGUIRE; FALCOUS, 2011). Maguire e Falcoux (2011) sugerem que seja realizada análise cuidadosa das estratégias de recrutamento, afirmando que esse processo molda características significativas das migrações.

Para Poli e Besson (2011), o recrutamento pode ocorrer por influência de fatores como dependência ou proximidade cultural com antigas colônias, e também podem se diversificar os fatores, o que reflete a integração funcional dos espaços, que ocorre no contexto da globalização. Elliott e Maguire (2008a, 2008b; 2011) apontam para um elemento facilitador desses mecanismos recrutamento, a *network* da migração esportiva.

Giddens (2008) expõe que as redes informais e os canais de apoio existentes no destino do migrante, bem como as redes de contatos que permanecem em seu local de origem - a exemplo da família e dos amigos - são elementos presentes no processo migratório. No entanto, na literatura acadêmica sobre a migração esportiva, existe um olhar distinto para o termo. De um lado, há autores que trabalham pela perspectiva de rede a partir da *Teoria do Network* (CARTER, 2013). Por outro lado, dentro do esporte,

o olhar voltado para os estudos das redes é fortemente baseado na teoria figuracional de Norbert Elias (ELLIOTT; MAGUIRE, 2008a, b; ELLIOTT; GUSTERUD, 2016; FRY; BLOYCE, 2017).

Para o presente modelo analítico, não é o objetivo estabelecer discussões sobre possíveis e melhores frentes teóricas para analisar o fenômeno. Nesse sentido, compreende-se que o entendimento do funcionamento da rede diz respeito a entender como e em qual medida as relações interpessoais da pessoa que optou por migrar, ajudaram-na a tomar essa decisão.

Frente ao exposto, a literatura apresenta que as redes utilizadas para o processo decisório tanto no recrutamento, quanto na decisão de migrar, podem ser de dois tipos, formais e informais (ELLIOTT; GUSTERUD, 2016; ELLIOTT; MAGUIRE, 2008). De forma sintética, pode-se colocar as redes formais como agentes regulamentados, relações entre clubes, federações, entre outras. Já as redes informais são compostas por amigos, familiares, atletas, ex-atletas, ou seja, uma rede de interação que é considerada no processo migratório.

Uma segunda frente na dimensão *pessoal* refere-se à capacidade de tomada de decisão do indivíduo em migrar. Compreende-se que, por mais que as forças sistêmicas trabalhem para empurrar ou puxar o indivíduo a se deslocar de sua inércia geográfica, a capacidade de calcular os riscos, ganhos e perdas com o processo de migração é algo que parte do indivíduo enquanto ser social. Para além disso, os atletas migrantes também estabelecem ambições e prerrogativas com suas carreiras atléticas, partindo então para uma motivação pessoal em migrar, sendo que essas podem ser das mais variadas.

De acordo com Giddens (1978), o ator social é dotado de poder, sendo esse poder também entendido em nível microsocial, e podendo ser analisado até mesmo pelas suas escolhas sociais.

Pois a noção de ação humana implica logicamente a de poder, entendida como capacidade transformadora: "ação" só existe quando um agente tem a capacidade de intervir, ou se abstém de intervir, em uma série de eventos para poder influenciar seu curso (GIDDENS, 1978, p. 256).

Para o autor, os seres humanos se mantêm conectados às bases que integra, sendo essa conexão chamada de monitoração reflexiva da ação (GIDDENS, 1991). O monitoramento reflexivo de conduta tem relação com a intencionalidade do ator (GIDDENS, 1978). Nesse sentido, para Giddens, os atores sociais são capazes de se basear em seus acervos de conhecimento, os mesmos usados na própria produção e reprodução de sua ação.

Os estudos sobre a motivação para migrar de pessoas envolvidas com o esporte, são em grande parte analisados a partir das premissas da tipologia da migração esportiva desenvolvida por Maguire (1996), e posteriormente adaptada e incrementada por Magee e Sugden (2002). Corroborando a ideia de que a abordagem é passível de ser desenvolvida a partir de outros estudos, observa-se que Yoshio e Horne (2004) propuseram uma nova categoria, chamada de *provador*, ao analisar o futebol japonês. Já Botelho e Agergaard (2011) indicaram a classificação de *trabalho por amor*, ao estudarem o futebol feminino.

Agergaard e Botelho (2011) reconhecem as contribuições das tipologias do migrante esportivo, no entanto, revela duas limitações. A primeira por ser amplamente utilizada no futebol masculino e não ser evidenciada sua capacidade de generalização, segundo as várias sobreposições de categorias, definições e conceitos (AGERGAAD; BOTELHO, 2011). Nesse estudo, as autoras propõem não tipificar o perfil do migrante, mas categorizar os possíveis motivos de migrar. São eles: ganhos econômicos, assentamentos, experiência cultural, ambições e experiências no esporte. Além dos pontos elencados pelas autoras, considera-se também que partindo da tipologia dificulta o aparecimento de outros fatores motivacionais que podem influenciar na decisão de migrar do indivíduo.

Para o presente modelo analítico da migração esportiva, considera-se que as contribuições das tipologias e categorias posteriormente adicionadas são muito importantes para compreender o processo migratório. No entanto, não se restringe em realizar tais classificações dos atletas a partir das categorias previamente postas pela literatura.

Esse posicionamento se dá diante da necessidade de se permitir uma amplitude de análise a partir dos dados e informações gerados pelas fontes. Nesse sentido,

acredita-se que as entrevistas sejam o instrumento de pesquisa que se constitui como mais pertinente para analisar os aspectos referentes à dimensão *pessoal*. Tal convicção se dá pelo entendimento de que os esportistas migrantes são dotados de certa racionalidade, calculando e tensionando suas motivações e processos necessários para o deslocamento entre países (GIDDENS, 1978).

Exposta a proposta do construto teórico para analisar a migração esportiva, posteriormente será realizada a apresentação dos caminhos metodológicos adotados, para gerar dados para as análises aqui pretendidas.

3 Materiais e métodos

No que diz respeito a fazer pesquisa sobre migração esportiva, Maguire (2013) remonta à década de 1980, ou seja, ao início dessa vertente dos estudos sociais dentro do esporte. No entanto, Carter (2013), mesmo reconhecendo esforços de autores anteriores, aponta que os estudos sobre a temática ainda se encontram em estágio muito próximo ao inicial e indica a necessidade de qualificação das pesquisas.

Na mesma linha de posicionamento, em períodos anteriores, num diálogo que os autores afirmam ser salutar para o desenvolvimento qualitativo da produção do conhecimento sobre migração no esporte, Magee e Sugden (2002) e Maguire (2004) apontam para necessidade de melhora dos recursos investigativos para os estudos. Para os autores de ambos os lados do diálogo, tem-se a necessidade de utilização de fontes empíricas primárias para as análises posteriores.

A pesquisa sobre migração esportiva pode se enquadrar dentro do que se convencionou a chamar de área de estudos da sociologia do esporte. De acordo com Maguire (2014; 2016) a sociologia do esporte, mesmo sendo fundamentada na sociologia, abrange pesquisas em várias disciplinas das Ciências Humanas e Sociais. É o caso da História, Ciência Política, Geografia Social, Antropologia, Psicologia Social e Economia. Tendo em vista a proposta do presente estudo de abranger ampla gama de explicações sobre o fenômeno da migração esportiva, a partir de um modelo analítico de dimensões, o mesmo está circunscrito a pesquisa na sociologia do esporte.

Na esteira da compreensão sobre a atuação do pesquisador frente à pesquisa da migração esportiva, observa-se que os sociólogos do esporte examinam o papel, a função e o significado do esporte na vida das pessoas e das sociedades que elas formam (MAGUIRE, 2014). Adiante, pode-se entender que a função dessa pesquisa consiste em uma série de compreensões sobre o esporte e sua relação com a migração das pessoas que permeiam esse espaço social, sendo que o olhar específico está em analisar os elementos que influenciam o fenômeno.

Adentrando as classificações a respeito das metodologias de pesquisa, observa-se que uma série delas são utilizadas na sociologia do esporte, e são frequentemente caracterizadas como quantitativas e qualitativas (MAGUIRE, 2016). Para o presente estudo, compreende-se que as análises são majoritariamente qualitativas. No entanto, com o objetivo de fortalecer o aporte de informações e dados, ambos os métodos foram apropriados. A esse respeito, Gratton e Jones (2010) afirmam que a utilização complementar de métodos qualitativos e quantitativos seja capaz de produzir um resultado que pode destacar as contribuições significativas de ambos.

O nível de pesquisa compreendida neste estudo é classificado enquanto uma pesquisa explicativa (GIL, 2008; GRATTON; JONES, 2010). Esse tipo de pesquisa é caracterizado pela preocupação central em identificar os fatores que determinam ou colaboram para o acontecimento dos fenômenos, avaliando as relações causais entre as variáveis (GIL, 2008; GRATTON; JONES, 2010). Para Gratton e Jones (2010), a pesquisa explicativa é a que mais aprofunda o conhecimento da realidade, pois analisa o porquê das coisas.

Ainda na caracterização da pesquisa explicativa, Gil (2008) salienta que essas pesquisas necessitam de algum tipo de arcabouço teórico para que a explicação possa ser deduzida dos dados. É nesse contexto que surge o modelo analítico da migração esportiva, proposto como ferramenta de análise do fenômeno migratório de corredores de rua africanos para o Brasil.

Outro aspecto de distinção entre as pesquisas, mas que aqui pode-se dizer que são complementares, concerne às pesquisas teórica e empírica. Por um lado, a pesquisa teórica se baseia geralmente em resultados de trabalhos já publicados para desenvolver novos conhecimentos; já a pesquisa empírica, apropria-se da coleta de dados (GRATTON; JONES, 2010). Atentou-se ao fato de que o estudo se apropria das duas formas de pesquisa, e será detalhado posteriormente.

Estabelecidas as classificações ou detalhamento de como se configura o estudo aqui realizado, o próximo passo é compreender o delineamento de pesquisas, ou os métodos de coletas/instrumentos de pesquisas utilizados. Nas pesquisas qualitativas, as fontes comumente são coletas por meio de entrevistas, observações e revisão de documentos (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2012). Novamente, aqui não se

apropriou de um único modelo, bem como não somente se reduziu ao elencado pelos autores supracitados. Foi realizada a complementação de múltiplos métodos, justificada pela complexidade dos dados sociais, como também pela compreensão de que a utilização de um método apenas limita a visão de um comportamento social complexo (MAGUIRE, 2016).

Diante desse cenário, apresenta-se os delineamentos, ou os métodos de coletas/instrumentos de pesquisas utilizados para coletar as fontes analisadas no estudo. São eles, pesquisa bibliográfica/revisão de literatura, pesquisa observacional, pesquisa documental e por fim as entrevistas. Configurando assim o uso tanto de fontes primárias como secundárias (GRATTON; JONES, 2010). No entanto, é salutar mencionar que o volume de fontes é expressivamente maior partindo das pesquisas documentais, sendo elas o eixo norteador das análises, complementado com as demais formas de pesquisa no acesso aos dados e informações.

Sobre a pesquisa bibliográfica, é desenvolvida a partir do conhecimento produzido e compartilhado socialmente, sendo constituído principalmente no formato de livros e artigos científicos (GIL, 2008). A pesquisa foi realizada no formato de uma revisão de literatura sistematizada (DENYER; TRANFIELD, 2009).

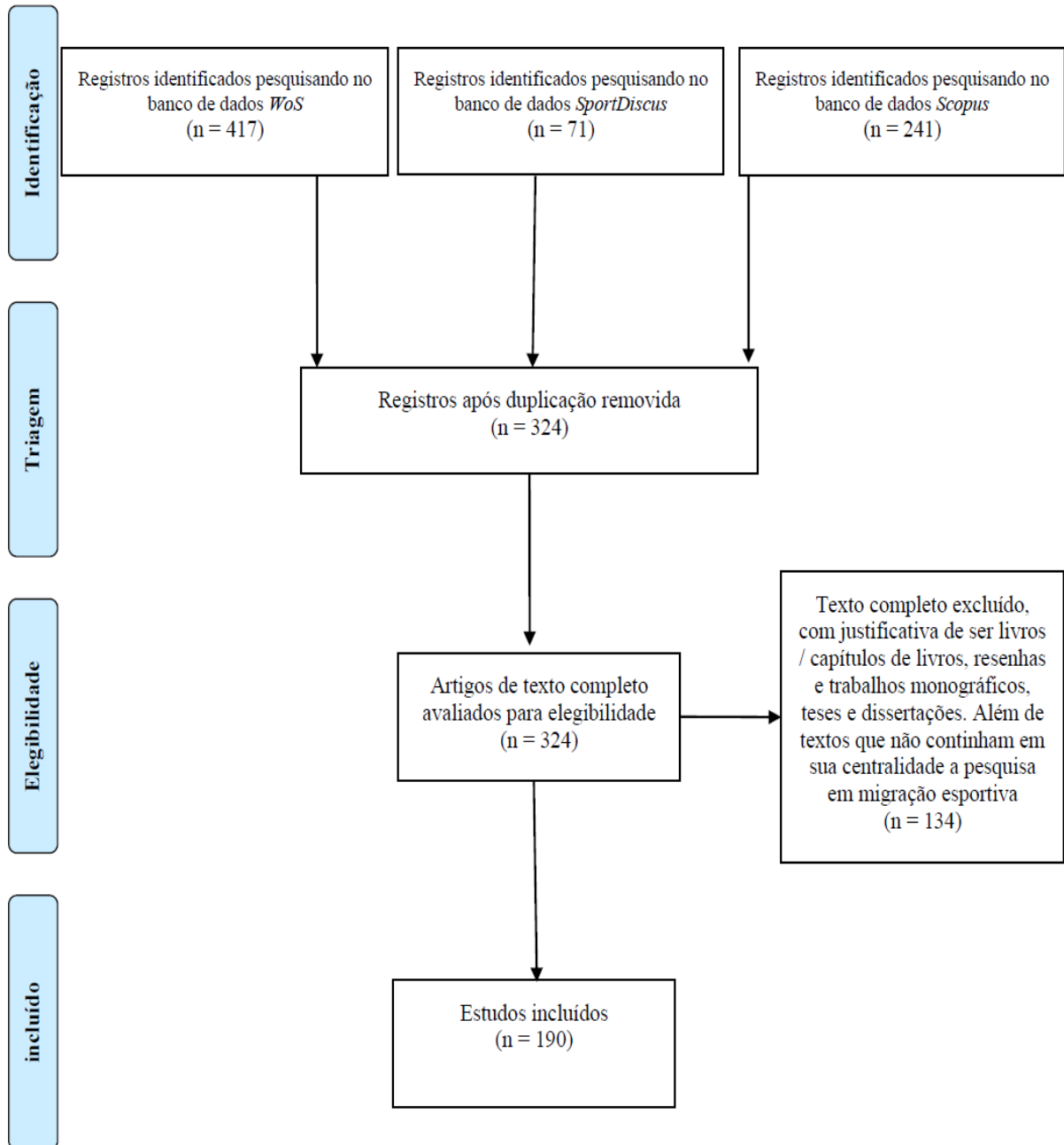
Justifica-se o uso desses recursos no entendimento de que esse material passa por um crivo de especialistas e é capaz de trazer à tona diferentes aspectos referentes ao fenômeno social estudado (SOUZA; MARCHI JR, 2010; SOUZA; MARCHI JR, 2011). Evidentemente as análises sob essa perspectiva não se circunscrevem em descrever como está o estado do conhecimento sobre a temática, mas se aprofunda em questões de como funciona o espaço social e os objetos privilegiados, por exemplo.

Para isso, realizou-se uma análise da produção científica sobre a temática da Migração Esportiva disponível em periódicos internacionais. Elegeram-se para compor o escopo os artigos indexados nas seguintes bases de dados: *Web Of Science*TM (Thomson Reuters); *Scopus* (Elsevier); e *SPORTDiscus* (EBSCOhost). Essas foram escolhidas por sua abrangência em termos de indexação de um grande número de periódicos de distintas áreas do conhecimento.

Foi utilizada em ambas as bases de dados a estratégia de busca com os seguintes descritores: (Sport Migration) OR (Sport Labor Migration) OR (Athlete

Migration). Selecionou-se para compor o escopo da pesquisa apenas documentos disponíveis *online*, independentemente do período de publicação. As buscas foram realizadas durante os meses de maio e junho do ano de 2018.

Figura 3: Fluxograma do processo de busca da revisão sistematizada.



Fonte: Elaborado pelo autor

Após as buscas nos três bancos de dados analisados, foram excluídos os manuscritos que se caracterizavam como livros, capítulos de livros, resenhas, trabalhos monográficos, teses e dissertações. Também foram retirados do corpus de fontes os textos que não continham em sua centralidade a pesquisa em Migração Esportiva, os artigos duplicados e os que não possuíam disponibilidade integral online³⁴. Para identificar as informações analisadas, seguiram-se os seguintes procedimentos: 1) leitura dos resumos em primeiro momento e, posteriormente, dos trabalhos completos; 2) listagem dos principais assuntos discutidos pelos artigos.

Posteriormente, utilizou-se o software *Microsoft Office Excel* para catalogar as informações dos artigos, sendo elas: título, ano de publicação, revista, autores, instituição, país da instituição, tipo do artigo, instrumento de pesquisa, modalidade esportiva estudada, local de origem do migrante, local do destino do migrante, tipo de migração, temática central e teoria exposta.

A segunda forma de pesquisa utilizada foi a observacional (GIL 2008; GRATTON; JONES, 2010; THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2012; SPARK; SMITH, 2014). Nesse contexto, entende-se como observação o uso dos sentidos para conseguir capturar os conhecimentos necessários para o cotidiano (GIL, 2008).

Sobre o fazer pesquisa a partir da observação, Gratton e Jones (2010) afirmam que esse modelo se configura como a técnica de pesquisa mais negligenciada pelos pesquisadores do esporte, mas ressaltam que ela possui várias vantagens. É conceituada como ato rigoroso de perceber por meio dos sentidos a ação das pessoas, da cultura e da sociedade (SPARK; SMITH, 2014). Posterior à observação e percepção, tem-se a documentação do que foi observado, sendo ela em notas de campo físicas ou mesmo com recursos tecnológicos (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2012; SPARK; SMITH, 2014).

Os benefícios da utilização desse método é que pode oferecer aos pesquisadores uma compreensão contextual das ações, interações e emoções das

³⁴ A exclusão dos estudos publicados por meio de livros, capítulos de livros, trabalhos monográficos, teses e dissertações se deu porque esse material não é disponibilizado online por meio de plataformas de acesso livres, o que comprometeria o acesso a um maior número de documentos.

pessoas, bem como permitir que um pesquisador examine a vida das pessoas em sua localidade e a vida como acontece no seu dia a dia (SPARK; SMITH, 2014).

Com tais embasamentos, a pesquisa observacional foi realizada durante a coleta de dados. Foi realizada a observação das instalações, bem como do comportamento dos atletas e dos agentes responsáveis por eles. Para registro, foi documentado em notas manuais pelo pesquisador. Esses registros foram utilizados para descrever e analisar o contexto social em que os migrantes africanos que vieram para o Brasil estão inseridos em seu destino.

Outra técnica de pesquisa utilizada foi a pesquisa documental. De acordo com Gil (2008), esse tipo de pesquisa tem por característica a utilização de fontes de natureza primária, ou seja, documentos que ainda não receberam tratamento científico. Os dados obtidos por meio da pesquisa documental, mesmo que sejam informações referentes aos indivíduos/atores sociais, não são coletados diretamente com os participantes de pesquisas

As coletas são realizadas em materiais que tomam a forma de documentos, como livros, jornais, papéis oficiais, registros estatísticos, fotos, discos, filmes e vídeos, entre outros (GIL, 2008). Sobre o fazer pesquisa científica, as fontes utilizadas na pesquisa documental não se reduzem apenas aos “escritos utilizados para esclarecer determinada coisa, mas qualquer objeto que possa contribuir para a investigação de determinado fato ou fenômeno” (GIL, 2008, p. 147).

De acordo com Gil (2008), as fontes de documentação podem se caracterizar em 4 tipos diferentes, sendo elas registros estatísticos, registros institucionais escritos, documentos pessoais e comunicação de massa.

No presente estudo, utilizou-se três dessas fontes de documentação, que serão detalhadas. Os registros estatísticos são dados referentes às caracterizações de determinadas sociedades, sendo geralmente coletados e armazenados por organizações públicas e privadas (GIL, 2008). Aqui, foram utilizados nesse tipo de fonte, os registros sociodemográficos coletados em organizações internacionais, conhecidos como indicadores sociais, como o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), a Linha Nacional da Pobreza (LNB) e o Produto Interno Bruto (PIB).

Já os registros institucionais escritos podem ser encontrados na forma de documentos governamentais, como projetos de lei, decretos, atas, sentenças e documentos registrados. Como documentos não governamentais há relatórios, atas, normativas, registros, entre outros (GIL, 2008). Como documentos governamentais, utilizou-se leis e decretos brasileiros referentes à migração, bem como ao esporte. Já nos documentos não governamentais, utilizou-se registros das confederações de presença de atletas estrangeiros em modalidades esportivas no Brasil, normas e regulamentos do atletismo nacional e mundial.

Por fim, considerando que fontes de documentação de comunicação de massa são arquivos no formato de jornais, revistas, rádios, televisão, sites (GIL, 2008), foram apropriadas reportagens publicadas em sites de notícias esportivas, principalmente referentes à atuação dos corredores de rua nas competições brasileiras e suas condições de permanência no país.

Os documentos elencados anteriormente tiveram como propósito fornecer elementos para as análises sobre o padrão de migração dos atletas estrangeiros em atuação no Brasil. Buscou-se também as normativas que regem a atividade desses indivíduos no território brasileiro.

Por fim, tem-se a entrevista, técnica de pesquisa muito utilizada e que gera um potencial de informações para as pesquisas da área social (GIL, 2008). Nessa ocasião, os dados e informações coletados com os depoimentos fornecidos, foram utilizados de modo complementar às demais fontes, adquiridas por meio de outras técnicas de pesquisa.

Como instrumento de pesquisa foram utilizadas entrevistas semiestruturadas. Apesar de existir um roteiro, essa modalidade de pesquisa torna flexível a fala do entrevistado (JOVCHELOVICH; BAUER, 2002). De acordo com Sparkes e Smith (2014), as entrevistas semiestruturadas têm o benefício de propiciar um conhecimento mais profundo sobre as experiências e significados das condições sociais do participante. Portanto, para a presente pesquisa foram realizadas entrevistas semiestruturadas com atletas africanos em atuação nas corridas de rua no Brasil, bem como com agentes responsáveis pela vinda e permanência desses no Brasil. Os participantes das pesquisas foram entrevistados voluntariamente para a viabilização de

seus depoimentos. Foram solicitadas a leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE A).

A entrevista se baseou em perguntas abertas sobre a percepção dos corredores e seus representantes sobre o processo de migração dos corredores de rua africanos para o Brasil. Foram investigados por meio dos questionamentos, elementos sobre os fatores que influenciam a migração, o perfil comportamental do corredor, bem como diagnosticou-se os passos e relacionamentos que permearam o recrutamento e o deslocamento dos atletas de seus locais de origem até o Brasil (APÊNDICES B e C). Tais elementos refletem o potencial de análise, proposto pelo modelo analítico da migração esportiva, idealizado.

Sobre a utilização das entrevistas para a pesquisa social no esporte, Magee e Sugden (2002) e Maguire (2004) apontam que, quando o depoente é um atleta, existe a dificuldade de se realizar a coleta de dados. Isso em decorrência do difícil acesso à pessoa, devido a sua disponibilidade e permissões de superiores.

Nesse sentido, Vinuto (2014) apresenta a seleção de amostragem denominada “Bola de Neve”, tipo de amostragem julgada útil para estudar grupos de difícil acesso. De acordo com a autora,

A execução da amostragem em bola de neve se constrói da seguinte maneira: para o pontapé inicial, lança-se mão de documentos e/ou informantes-chaves, nomeados como sementes, a fim de localizar algumas pessoas com o perfil necessário para a pesquisa, dentro da população geral. Isso acontece porque uma amostra probabilística inicial é impossível ou impraticável, e assim as sementes ajudam o pesquisador a iniciar seus contatos e a tatear o grupo a ser pesquisado. Em seguida, solicita-se que as pessoas indicadas pelas sementes indiquem novos contatos com as características desejadas, a partir de sua própria rede pessoal, e assim sucessivamente e, dessa forma, o quadro de amostragem pode crescer a cada entrevista, caso seja do interesse do pesquisador. Eventualmente o quadro de amostragem torna-se saturado, ou seja, não há novos nomes oferecidos ou os nomes encontrados não trazem informações novas ao quadro de análise (VINUTO, 2014, p. 203).

Partindo da proposta apresentada pela autora, as sementes da amostragem do presente estudo se consolidaram como entrevistas realizadas pelo autor durante a execução da monografia de graduação e reportagens veiculadas em diferentes meios.

Posteriormente, os corredores de rua entrevistados pelo autor naquela oportunidade, indicaram a existência de dois grupos de atletas de corrida de rua africanos que atuam no território brasileiro.

Com a execução da amostragem, os depoentes que compõem o grupo de participantes são atletas e treinadores pertencentes a esses grupos identificados. Ambos os grupos são coordenados por treinadores brasileiros, sendo os responsáveis por administrar a carreira do atleta durante sua estadia no Brasil. Um dos grupos reside no interior do Paraná e o outro em uma cidade do interior do estado de São Paulo (NUNES; ROCHA, 2019). Nos dois grupos, atletas de diferentes nacionalidades do leste africano compõem o leque de corredores de rua.

No que tange à escolha dos depoentes, levou-se em consideração o proposto por Carter (2013), para quem as relações pessoais do processo de migração no esporte devem ser evidenciadas a partir dos relatos dos atores envolvidos, sendo assim, importantes para o entendimento do fenômeno. Em outras palavras, Carter defende o estudo em uma escala micro, ou seja, olhando para os atores e suas conjunturas sociais.

Os depoentes foram entrevistados individualmente, sendo que as entrevistas ocorreram no local em que os atletas e agentes residem. As entrevistas dos agentes foram realizadas em português. Já as entrevistas com os atletas foram executadas em inglês. Por sua vez, vale ressaltar, que havia disponíveis no país sete atletas estrangeiros, no entanto, somente quatro desses falavam inglês, sendo os quatro que forneceram seus depoimentos. Ainda em relação a língua, mesmo sendo alfabetizados em inglês, tem-se uma dificuldade de comunicação, fato também evidenciado por Doro (2012). Entretanto, as entrevistas foram realizadas com suporte de serviços de tradução para facilitar a compreensão linguísticas de ambas as partes.

Em relação ao número de depoentes, apropria-se do entendimento fornecido por Giddens (2003) em que aponta que todos os seres humanos são agentes cognitivos. Também pode-se considerar que os agentes possuem conhecimento de suas condições e das consequências das suas ações cotidianas. Dessa forma são capazes de descrever ordinariamente o que fazem e as razões por que fazem.

Realizadas as entrevistas, na fase de análise de dados foi apropriado o método de análise de conteúdo (BARDIN, 1977; SPARKES; SMITH, 2014). De acordo com Sparkes e Smith (2014, p. 116) a análise de conteúdo consiste em

um nome genérico para uma família de métodos analíticos que visam sistematizar, reduzir e interrogar o conteúdo dos dados, contando o que está nele ou pela codificação e identificação de temas e categoria consistentes³⁵

Diante disso, a partir das transcrições das entrevistas, foram realizadas leituras e audições dos materiais produzidos, como forma de compreender o conteúdo presente, fase essa denominada imersão (SPARKES; SMITH, 2014). Adiante, as leituras realizadas objetivaram identificar - dentro dos dados brutos - temas e categorias relevantes à compreensão do processo migratório dos corredores de rua africanos para o Brasil.

Uma vez apresentadas detalhadamente as características e delineamentos do estudo, buscou-se visualizar os conteúdos, ou seja, os dados oriundos das coletas realizadas e suas relações com as dimensões da migração esportiva contidas no modelo analítico proposto. No quadro a seguir, exemplifica-se como cada instrumento corresponde a dimensão específica.

Quadro 2: Conteúdos abordados e fonte de dados.

| Conteúdo | Fonte de dados |
|---|--|
| Análise do conhecimento produzido academicamente. | Revisão sistematizada realizada a partir das bases de dados <i>Scopus</i> , <i>SPORTDiscus</i> e <i>Web Of Science</i> . |
| Dimensão política | Legislação brasileira sobre a migração; Normas sobre a participação de atletas estrangeiros em competições brasileiras; |

³⁵ Tradução livre nossa, versão original: "is a generic name for a family of analytical methods that aim to systematise, reduce and interrogate the content of data by counting what is in it or by coding and identifying themes and category".

| | |
|---------------------------------|--|
| | <p>Regulamentação das competições realizadas em território nacional;</p> <p>Questão 3 e 10 do roteiro dos atletas;</p> <p>Questão 5 do roteiro dos treinadores.</p> |
| Dimensão cultural | <p>Relatórios de participação estrangeira em competições brasileiras de diferentes modalidades (Atletismo, Basquete, Futebol e Voleibol);</p> <p>Aporte teórico sobre cultura esportiva dos países de origem dos atletas;</p> <p>Cadastro de identificação dos roteiros de entrevistas;</p> <p>Questão 2 do roteiro para os atletas.</p> |
| Dimensão econômica | <p>Dados sociodemográficos dos países de origem e Brasil;</p> <p>Questão 2, 5 e 6 do roteiro para os atletas;</p> <p>Questão 6 do roteiro para os treinadores.</p> |
| Dimensão pessoal/comportamental | <p>Questões 1, 2, 4, 7, 8, 9, 10, 11 e 12 do roteiro para os atletas.</p> <p>Questões 1, 2, 3, 4 e 7 do roteiro para os treinadores.</p> |

Fonte: Elaborado pelo autor.

Para a realização dos procedimentos de coleta de dados e realização do estudo, o projeto de pesquisa foi submetido para apreciação do comitê de ética da instituição. A partir das análises o projeto recebeu parecer favorável à sua realização, constando sob o registro do CAAE: 24963419.6.0000.0104 (ANEXO A).

4 O olhar científico/acadêmico sobre a migração esportiva

A migração esportiva é o movimento de pessoas envolvidas com o campo esportivo entre lugares distintos, sendo que essa mobilidade é mediada pelas dimensões de espaço e tempo. Ou seja, para ser de fato uma migração, ou distinção do tipo de migração³⁶, depende dos critérios de distância percorrida, fronteiras ultrapassadas e o tempo em que se permanece fora do local de origem³⁷. Esse fenômeno vem sendo discutido por autores de diferentes países há alguns anos (MADICHIE, 2009; MAGUIRE; FALCOUS, 2010), podendo-se considerar uma área de estudos em processo de consolidação no campo das Ciências do Esporte. Segundo Maguire e Falcoux (2010), a área atraiu os olhares de economistas, historiadores, sociólogos, geógrafos e cientistas políticos.

Ainda nos anos de 1980 o pesquisador John Bale, pautado pelos estudos da geografia, iniciou suas investigações sobre os fluxos migratórios em indivíduos envolvidos com o esporte (BALE, 1982; 2003; AGERGAARD, 2017). No entanto, os estudos da migração esportiva, como área propriamente dita, começam a ser desenvolvidos a partir de 1994, com a publicação do livro *The Global Sports Arena: Athletic Talent Migration in an Interdependent World* editado pelos autores John Bale e Joseph Maguire.

Com o passar dos anos os estudos sobre a migração esportiva ganharam alguns quadros conceituais específicos como é o caso da tipologia do migrante (MAGUIRE, 1994; MAGEE; SUGDEN, 2002). Além disso, além das análises de modalidades como basquetebol e cricket, o olhar se estendeu para diversas modalidades esportivas. Após duas décadas de contribuições na área da migração esportiva, não foi diagnosticado

³⁶ As distinções do termo migração são as palavras imigração, que se refere ao movimento de entrada em uma determinada localidade, e emigração, é o ato de deixar o local de origem.

³⁷ As discussões aprofundadas sobre o conceito e suas ramificações serão realizadas no próximo capítulo.

qualquer estudo que se centrasse em analisar, por meio de uma busca sistematizada, a literatura acadêmica já produzida.

Partindo do entendimento de que a área da migração esportiva conquistou o interesse de diversos pesquisadores do esporte, e durante um período de aproximadamente 25 anos já obteve um volume considerável de contribuições de diversos autores, esse capítulo objetiva analisar a produção do conhecimento acumulada durante esse recorte temporal sobre a temática.

Em consonância com a proposta de modelo de análise foram analisadas questões sociológicas do fazer ciência. Identificou-se os atores que produzem o conhecimento sobre a migração esportiva e, conseqüentemente, os objetos de pesquisas mais valorizados, assim como observou-se as hierarquias e legitimações desses conhecimentos. Também foi analisado, a partir dos dados encontrados nos artigos um diagnóstico apriorístico da migração esportiva, revelando os padrões e contextos estabelecidos pela migração esportiva.

4.1 Migração Esportiva e suas revisões de literatura

A migração esportiva, mesmo que ocorra há muitos anos (TAYLOR, 2006; 2010; LENZ, 2006; MCDOWELL, 2012), somente nas últimas décadas se tornou alvo das lentes dos pesquisadores. Considerando esse fato, as propostas de compreender como está estabelecido o campo do conhecimento sobre a temática emergem como possibilidade e interesse de pesquisa de alguns estudiosos.

Em particular, no campo da Migração Esportiva as pesquisas que buscam analisar o conhecimento já produzido sobre a temática com a utilização dos métodos de revisão da literatura ainda são pouco realizadas. Dentre as revisões existem as que prezam pelos métodos de busca de forma sistematizada, a fim de dar credibilidade a descrição do estado da arte sobre a temática. Nesse contexto diagnosticou-se alguns estudos em algumas vertentes e diferentes línguas sobre a Migração Esportiva.

A relação entre migração, o esporte e a escola foi o tema do levantamento realizado em oito bases de dados e em livros da área por Carter-Thuillier, Pastor e Fuentes (2017). As buscas levaram a uma seleção de 161 documentos, os quais foram

divididos em três grandes áreas: “*Inmigración, sociedades culturalmente diversas y sistema educativo*”; “*Deporte, Educación Física e inmigración*”; e “*Deporte educativo e inmigración*”.

O esporte e a atividade física praticados pela população migrante também foi foco de uma revisão da literatura (O'DRISCOLL *et al*, 2014), a qual partindo da premissa que a prática da atividade física e do esporte pode ser aliada a melhora na saúde dos indivíduos e, considerando que aspectos linguísticos e culturais influenciam, a vida do migrante em seu novo lar. Os pesquisadores realizaram uma revisão sistemática a partir de quatro bases de dados, selecionando artigos e capítulos de livros publicados no período entre 1990 e 2012, sendo esses escritos em língua inglesa. 72 documentos foram utilizados no trabalho, e apenas 44 expunham a correlação entre a participação nessas atividades pelos migrantes. Para os autores, no geral, existe a necessidade de ampliar a contextualização nesse aspecto, levando em consideração a aculturação desses indivíduos.

Com as buscas realizadas nas bases de dados *Web Of Science*, *Scielo* e *PsycNet*, Faggiani e seus colaboradores (2016) utilizaram de 9 artigos selecionados no levantamento por eles realizados para “identificar o(s) termo(s) utilizados nos estudos para se referir ao processo de mudança de região/país para a prática esportiva”. Os autores identificaram que não há um único termo utilizado na literatura, aparecendo entre eles transição migratória, migração e aculturação.

Revisitando a literatura sobre integração, migrantes, atividade física e esporte, foi realizada uma busca que compreendeu o recorte temporal entre os anos de 2000 e 2011, selecionaram apenas os textos escritos em língua inglesa que estavam disponíveis nas bases de dados *SCOPUS* e *SportDiscus*, que totalizou 50 artigos (GAVIRA *et al*, 2013). A revisão concluiu que o campo científico da temática da migração esportiva é heterogêneo, sendo a migração dos talentos esportivos e os estudos sociológicos sobre o fenômeno os mais recorrentes.

Em relação os estudos sociológicos das migrações esportiva, o levantamento realizado por Crossan (2012) objetivou identificar quais as teorias sociais eram utilizadas nos estudos da temática. A partir de 143 artigos publicados entre os anos de 1984 e 2008, o autor os classificou dentre as cinco teorias sociais delineadas por

Coakley (2003): Teoria funcionalista, Teoria do Conflito, Teoria Interacionista, Teorias críticas e Teoria figuracional, sendo a última a com maior número de pesquisadores adeptos, além de outras análises secundárias que emergiram das pesquisas sobre a migração esportiva.

Aqui considera-se também o esforço realizado por Joseph Maguire (2004), em que o autor, de forma não sistematizada, faz um apanhado do conhecimento produzido pelos pesquisadores que se debruçaram sobre a migração esportiva, buscando responder algumas limitações em relação aos métodos e condução das pesquisas sobre a Migração Esportiva expostas por Magee e Sugden (2002) sobre esse conhecimento científico publicado. Nesse intento, Maguire faz um panorama do estado da arte, bem como traz indícios dos possíveis caminhos a serem trilhados pelos pesquisadores da área, tanto metodologicamente quanto conceitualmente.

Para além dos estudos expostos, os quais foram sistematicamente realizados, também há na literatura as revisões realizadas de maneira intencional, como de Maguire (2004), mas com objetivos de contextualizar estudos dentro da área (FALCOUS; MAGUIRE, 2005; CARTER, 2007; MADICHIE, 2009; LEE, 2010; HOROWITZ; MCDANIEL, 2015; ENGH; AGERGAARD, 2015; EVANS; PIGGOTT, 2016; CROSSAN; PECHA, 2016; AGERGAARD, 2017; ORLOWSKI; WICKER; BREUER, 2018). Dentre outros elementos, essas revisões do conhecimento produzido apresentam as modalidades esportivas as quais se incidiram os olhares dos pesquisadores, os destinos mais comuns entre os migrantes, os padrões geográficos de migrações, bem como teorias e quadros conceituais como possibilidades de ferramentas para a observação do fenômeno.

Com o intuito de compreender o espaço social, quem produz e as temáticas abordadas pelos pesquisadores da migração esportiva foi realizada uma revisão sistematizada com objetivo de analisar a produção científica sobre a temática da Migração Esportiva disponível em periódicos internacionais. Elegeram-se para compor o escopo os artigos indexados nas seguintes bases de dados: Web Of ScienceTM (Thomson Reuters); Scopus (Elsevier); e SPORTDiscus (EBSCOhost).

Para a exposição dos resultados da pesquisa, utilizou-se de estatística descritiva básica, em que se apresenta a distribuição de frequência e número de ocorrências nas

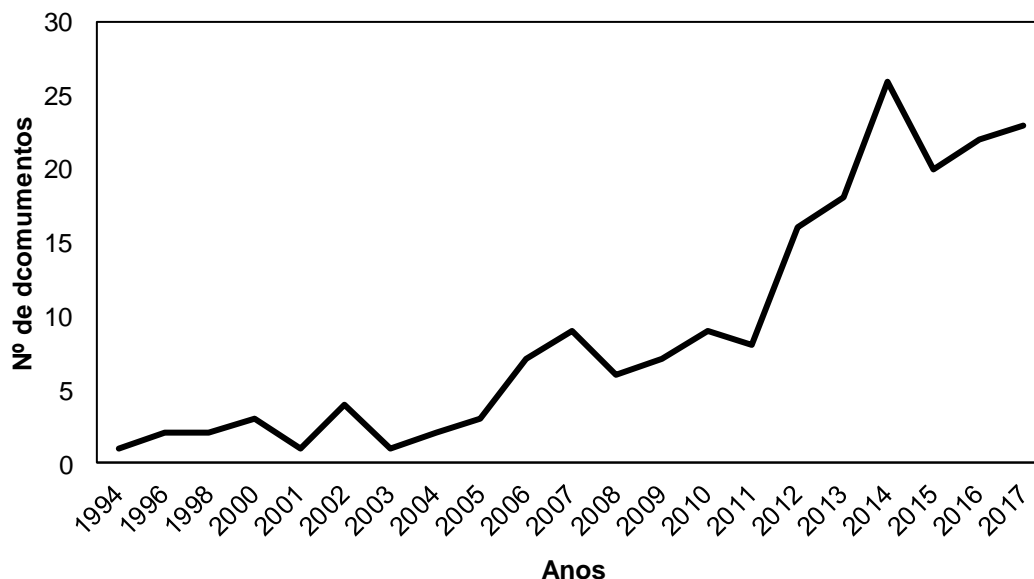
variáveis analisadas. Inicialmente apresentam-se os números gerais indicando a quantidade de publicações sobre a migração esportiva. Posteriormente os pesquisadores e os locais onde se concentram as produções sobre a temática. Na sequência, foi realizada uma análise do conteúdo dos estudos selecionados.

4.2 O campo científico da Migração Esportiva

O primeiro ponto de análise é em relação ao funcionamento do espaço acadêmico e dos pesquisadores da temática da migração esportiva. Sendo assim, pautando-se em Bourdieu (2004), considera-se importante para as reflexões sobre o objeto do produto da ciência, elementos como os pontos de vista, os lugares de publicação, os temas escolhidos, os objetos pelos quais recebem maiores interesses, entre outros aspectos. Sendo que esses pontos são resultados da estrutura das relações objetivas entre os diferentes agentes. Para o autor, é a posição que eles ocupam nessa estrutura que determinam ou orientam, suas tomadas de posição (BOURDIEU, 2004, p. 23).

Dito isso, após seleção dos artigos que se enquadravam nos critérios de inclusão da pesquisa, somou-se um total de 190 documentos, sendo que esses estão distribuídos ao longo de 24 anos. Esse dado pode ser visualizado na figura a seguir:

Figura 4: número de publicações sobre migração esportiva por ano.



Fonte: Elaboração do próprio autor.

Analisando a distribuição temporal dos documentos incluídos na análise, diagnosticou-se que a primeira publicação em periódicos científicos sobre o tema da migração esportiva ocorreu no ano de 1994. Trata-se do estudo realizado por Joseph Maguire, em que o autor traz as primeiras propostas de categorias relevantes para o estudo dos movimentos dos trabalhadores do esporte (MAGUIRE, 1994).

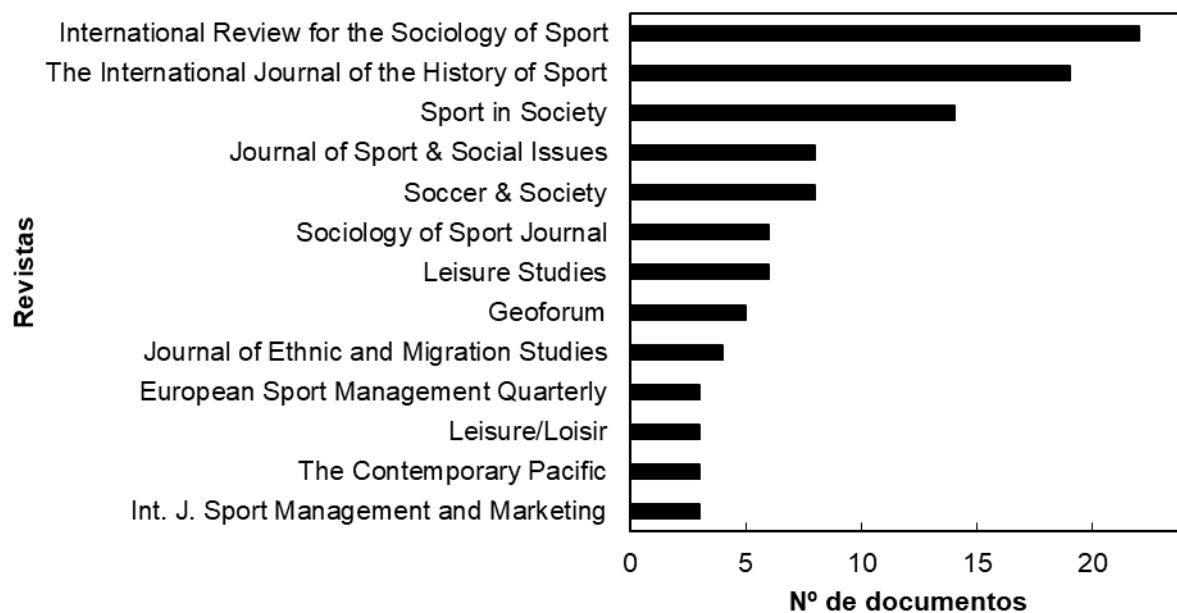
A produção e publicação dos documentos relacionados a área da Migração Esportiva obteve um crescimento moderado até o ano de 2011, após esse período o aumento do número de publicações foi expressivo, chegando ao pico de 26 documentos em 2014, com pouca variação desse montante nos anos aproximados.

Os levantamentos realizados anteriormente que mais se aproximam a esse esforço por questões de recortes temporais não conseguiram visualizar o exponencial aumento ocorrido na produção do conhecimento sobre migração esportiva posteriormente ao ano de 2011. O recorte temporal utilizado por Crossan (2012) finaliza em 2008, já o de Gavira *et al* (2013), compreende os anos de 2000 a 2011. No que se refere ao início das publicações científicas sobre a temática, o levantamento realizado por Crossan (2012), diagnosticou trabalhos em data anterior aos primeiros achados da presente revisão, sendo que o primeiro texto apresentado pelo autor data de 1984, ou

seja, 10 anos antes da primeira publicação aqui exposta. No entanto, cabe ressaltar que no escopo da pesquisa de Crossan foram considerados outros tipos de documentos como livros e capítulos de livros, além de que as buscas se deram em bases indexadoras diferentes das aqui realizadas.

O próximo elemento a ser analisado é a revista em que esses documentos foram veiculados. Para isso, realizou-se uma seleção dos periódicos científicos com maior número de publicações.

Figura 5: Número de artigos publicados por periódico.



Fonte: Elaboração do próprio autor.

Constatou-se um total de 87 periódicos científicos que publicaram documentos relacionados com a Migração Esportiva. Dentre esses, dois periódicos se destacam em quantidade de publicações, o *International Review for the Sociology of Sport*³⁸, que

³⁸ A revista é vinculada a Associação Internacional de Sociologia do Esporte (ISSA) e tem o fator de impacto (JCR) no ano de 2017 em 1.914.

publicou um total de 22 textos e o *The International Journal of the History of Sport*³⁹ que veiculou 19 manuscritos.

Posteriormente, surgem outros importantes periódicos para a área das ciências do esporte, com escopo voltado para a área das ciências sociais e humanas, como *Sport in Society*, *Soccer & Society*, *Journal of Sport & Social Issues*, *Leisure Studies*, e *Sociology of Sport Journal*.

Nesse aspecto, observou-se também que, dentre os 87 periódicos, um total de 62 publicaram apenas um (1) manuscrito sobre a migração esportiva. Esse fato pode indicar uma disseminação do conhecimento em diferentes revistas. É relevante compreender que o conhecimento produzido sobre a temática é de interesse de periódicos distintos, não sendo produto exclusivo das revistas da sociologia do esporte, fazendo com que a temática “migração esportiva” seja interdisciplinar e fruto da análise de distintas áreas do conhecimento, não apenas do esporte.

Análises em relação aos periódicos que mais publicaram sobre uma temática é algo muito próximo aos estudos bibliométricos, ou seja, buscam quantificar as informações sobre o conhecimento já produzido em algum campo. A esse respeito, os estudos aqui apontados que revisitaram a literatura sobre a temática não realizaram tal empreitada acadêmica.

Entretanto, Wai-Chung (2001) em um editorial refletindo sobre a produção e disseminação do conhecimento nas ciências sociais, elenca alguns pontos para que algumas revistas sejam mais consideradas como meio de veiculação dos relatórios de pesquisa dos pesquisadores. Para o autor tem-se uma necessidade por publicações em revistas que sejam particulares a área da pesquisa, além de serem revistas com melhores indexações e fatores de impacto. Isso se dá tanto por cobranças institucionais, como meios para ser reconhecido e se consolidar no campo acadêmico.

Para Tian e Wise (2019), a sociologia da ciência indica que além de os autores fortalecerem os autores já presentes nas áreas, os pesquisadores têm como principal meio de comunicação as revistas acadêmicas. Sendo que as revistas especializadas se tornam, nas palavras dos autores, como o ‘*life-blood*’ para a disciplina. De certa forma a

³⁹ A revista é dedicada a publicação de estudos da área da história do esporte e tem o fator de impacto (JCR) no ano de 2017 em 0.294.

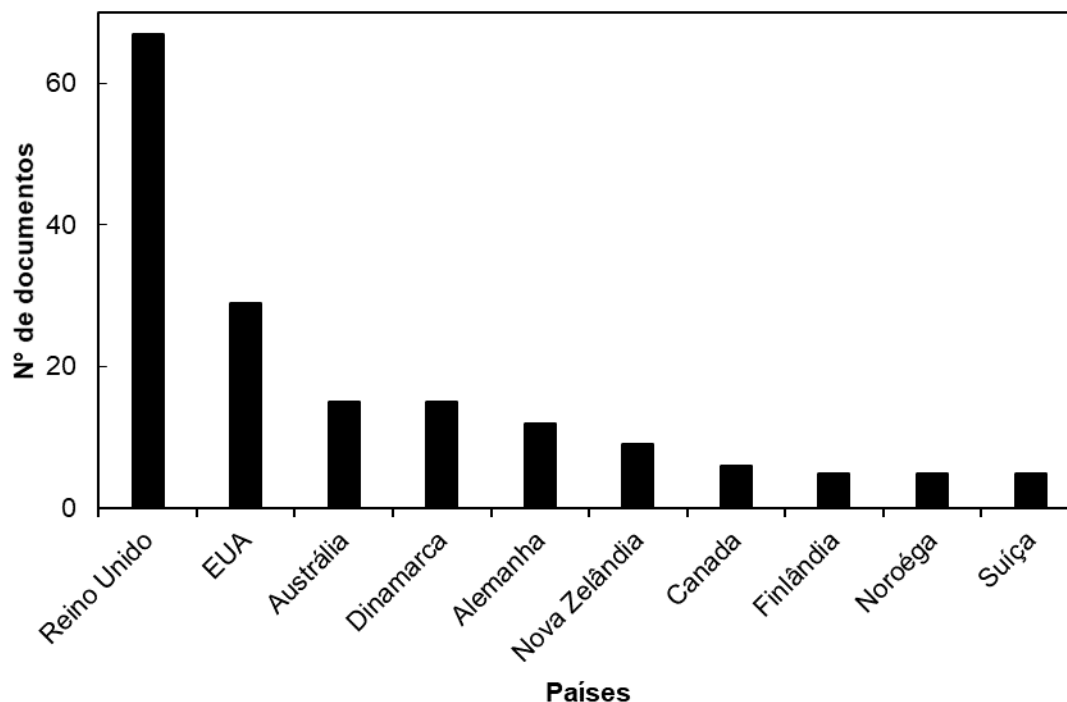
veiculação de pesquisas em periódicos especializados contribui para o fortalecimento e manutenção da área, na medida em que oferece novos materiais empíricos, discussão teórica e apontamentos das lacunas no conhecimento.

A posição do pesquisador de estabelecer alguns periódicos como centrais para receber suas contribuições acadêmicas pode ser analisada a partir da discussão do campo científico proposta por Pierre Bourdieu (2001). As revistas de alto fator de impacto são consideradas pelo campo científico como as mais prestigiadas. Para o pesquisador que veicula suas produções nesses meios se consolida como uma forma de demarcação dentro do espaço social em que está se inserindo. Além disso, as publicações se tornam capitais simbólicos, sendo importantes na tomada e ascensão nas posições do subcampo científico em que está inserido, nesse caso o da migração esportiva. Para Bourdieu (2004, p. 26)

o capital científico é uma espécie particular do capital simbólico (o qual, sabe-se, é sempre fundado sobre atos de conhecimento e reconhecimento) que consiste no reconhecimento (ou no crédito) atribuído pelo conjunto de pares-concorrentes no interior do campo científico.

Uma vez que as publicações são como moedas de acúmulo de capital científico, os países que possuem as instituições que mais publicam, também são detentores de maior prestígio internacional. Diante disso, analisou-se os países em que as pesquisas sobre migração esportiva foram realizadas. Em relação a origem desses documentos apresentam-se a seguir os países em que os autores estão vinculados institucionalmente.

Figura 6: Número de documentos por país.



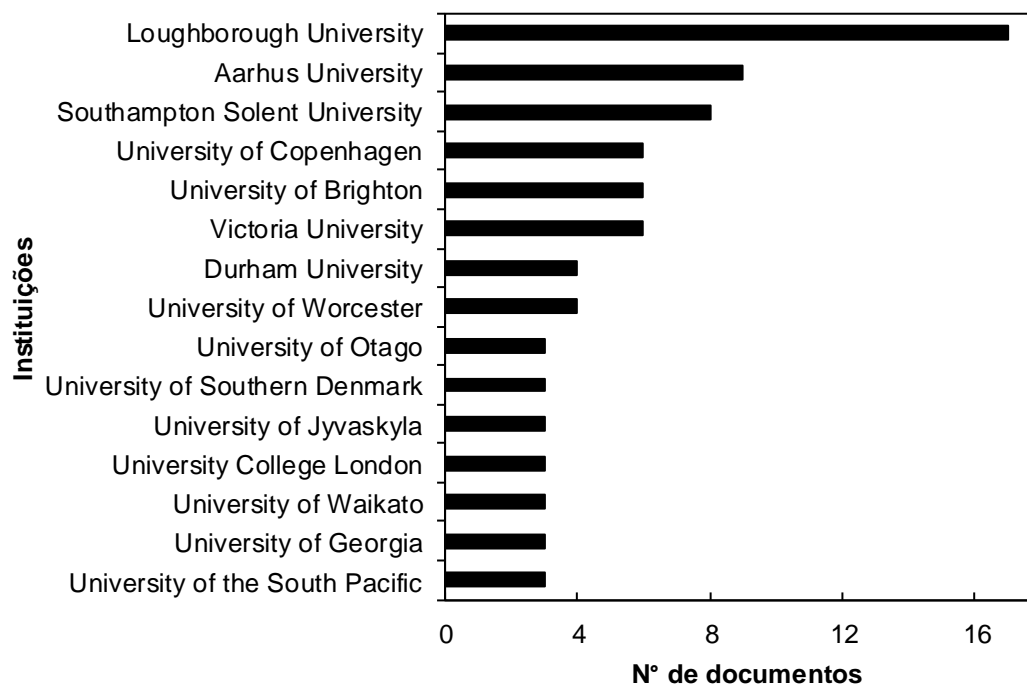
Fonte: Elaboração do próprio autor.

Diagnosticou-se 33 países com instituições nas quais os autores pesquisaram, ou estão pesquisando, sobre a migração esportiva. Dentre eles, o Reino Unido se destaca como o país com maior número de documentos publicados, contabilizando 67 textos. Na segunda posição aparece os Estados Unidos com 29 artigos, entretanto chama atenção para o volume de manuscrito que é menor que 50% do realizado pelo Reino Unido, que concentra 35,3% das publicações.

No outro extremo do cenário, aparecem 15 países que publicaram entre 1 ou 2 textos sobre a Migração Esportiva. Como se pode perceber existe predominância nos países que se consolidam como líderes na produção do conhecimento sobre a temática, assim como já apontava Chan e Costa (2005), esses países (Reino Unido e Estados Unidos) são os que mais produzem publicações científicas. Este fato também foi diagnosticado anteriormente por Wai-Chung (2001) quando analisou as produções específicas das ciências sociais. Na sociologia do esporte Tian e Wise (2019) também identificam um domínio das pesquisas por países da Europa e América do Norte.

Ainda nessa relação de lócus dos pesquisadores que se debruçaram em analisar a Migração Esportiva serão apresentados os dados referentes às instituições a que esses pesquisadores estão vinculados.

Figura 7: Número de documentos por instituição.



Fonte: Elaboração do próprio autor.

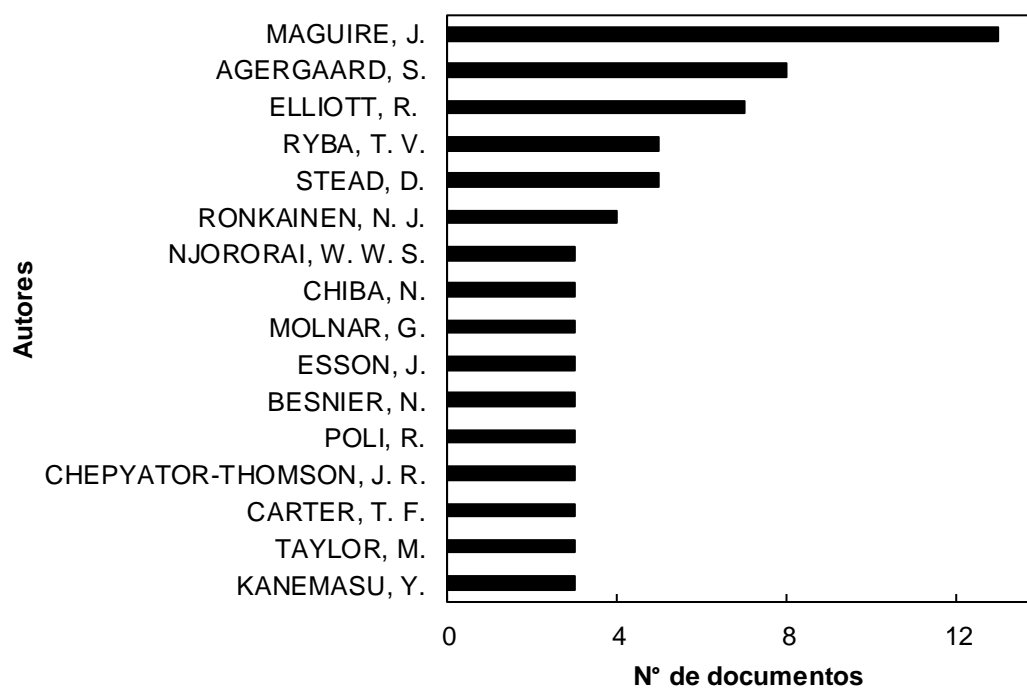
O número de instituições diagnosticado nos documentos soma 160. Dentre esse total, destacaram-se as que tinham mais artigos publicados sobre a Migração Esportiva. Como pode ser observado, a instituição com maior número de publicações é a *Loughborough University*, contabilizando um total de 16 manuscritos. Em seguida aparecem a *Aarhus Universit* (9), e *Southampton Solent University* (8).

Um fator importante a ser considerado é que das 160 instituições catalogadas nos documentos selecionados e analisados, 125 delas publicaram apenas um texto que se enquadra nas pesquisas sobre a Migração Esportiva. Esse fato evidencia que a produção do conhecimento sobre a temática pode estar pulverizada em diversas regiões, ou que apenas produções isoladas foram publicadas por esses autores, não sendo a temática central de dedicação dos pesquisadores dessas 125 instituições.

Tian e Wise (2019), ao mapearem a produção do conhecimento da sociologia do esporte entre Europa e América do Norte corroboram este achado. De acordo com os autores a “*Loughborough University is the centre for sociology of sport with its strong contribution and influence*” (p. 6). Nesse sentido acredita-se devido a migração esportiva ter raízes na sociologia do esporte, esse padrão se repete pela instituição ser considerada um centro de referência de pesquisas na área.

Em consonância com os resultados dos países com maior número de publicações, observa-se que as instituições que empregam esses pesquisadores são oriundas desses países. Para analisar mais profundamente os atores envolvidos nas publicações da Migração Esportiva, serão apresentados os principais autores dos textos publicados.

Figura 8: Autores com maior número de publicações sobre a temática.



Fonte: Elaboração do próprio autor.

Verificou-se a presença de alguns nomes com significativa contribuição para as discussões da temática, dentre os quais destacamos dois, Joseph Maguire e Sine Agergaard. O Professor Ph.D Joseph Maguire ocupa a posição de professor emérito de

sociologia do esporte da *Loughborough University*. Também foi presidente da *The International Sociology of Sport Association (ISSA)*, da qual recebeu o prêmio de membro honorário em 2012. Foi premiado também pela *The North American Society for the Sociology of Sport (NASSS)*. Maguire publicou, além dos 13 documentos encontrados nessa pesquisa, outros importantes materiais para os estudos da Migração Esportiva em forma de livros, como é o caso de *Sport and Migration: Borders, Boundaries and Crossings* (MAGUIRE; FALCOUS, 2010).

Em segundo, com 8 textos publicados, vem a professora Ph.D Sine Agergaard da *Aarhus University*. Dentre as participações e contribuições para a discussão sobre a Migração Esportiva, Agergaard é membro e diretora da *International Network for Research in Sport and Migration*, uma associação que surge com objetivo de reunir os pesquisadores e somar ideias para o avanço da pesquisa sobre a migração no e com o esporte⁴⁰.

Tian e Wise (2019), também apresentam Joseph Maguire como um dos nomes com maior produção científica na sociologia do esporte. De acordo com os autores, ele é um dos nomes que contribui para a consolidação da *Loughborough University* enquanto um centro de referência de pesquisas na área. Além disso, o autor surge como um dos nomes mais citados, ao lado do sociólogo Pierre Bourdieu, bem como Richard Giulianotti (também da *Loughborough University*), Jay Coakley, Peter Donnelly, entre outros (TIAN; WISE, 2019).

Como observado, as publicações no meio acadêmico são consideradas capitais simbólicos do campo. Nesse sentido, observa-se que a posse do capital determina as posições e lugares de disputa. Os campos são os lugares de duas formas de poder que correspondem a duas espécies de capital científico: o poder que se pode chamar de poder institucional e institucionalizado que está ligado à ocupação de posições importantes nas instituições científicas, direção de laboratórios ou departamentos, pertencimento a comissões, como exemplo. E de outro lado um poder mais específico de “prestígio” pessoal (BOURDIEU, 2004). Nas palavras do autor

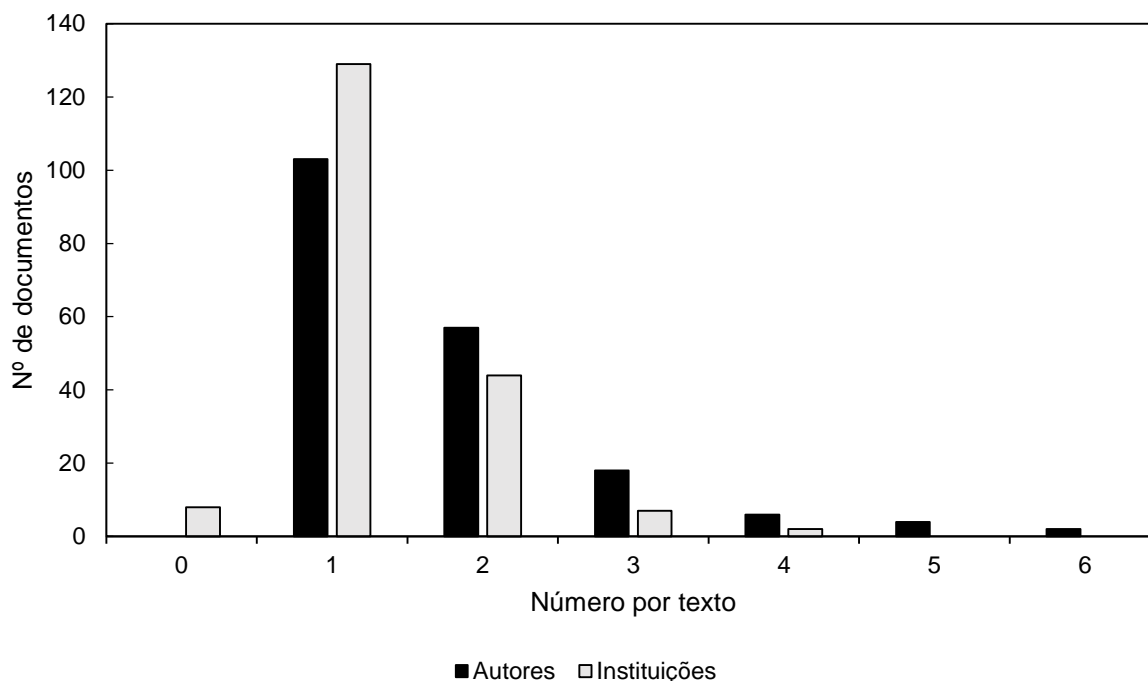
⁴⁰ A diferença apresentada para os distintos grupos existente na rede de pesquisa sobre migração esportiva consiste em que a migração como esporte retrata os estudos que investigam os deslocamentos de trabalhadores do esporte, já o outro grupo, concentra-se em estudar o papel do esporte na vida do indivíduo migrante.

As duas espécies de capital científico têm leis de acumulação diferentes: o capital científico “puro” adquire-se, principalmente, pelas contribuições reconhecidas ao progresso da ciência, as invenções ou as descobertas (as publicações, especialmente nos órgãos mais seletivos e mais prestigiosos, portanto aptos a conferir prestígio à moda de bancos de crédito simbólico, são o melhor indício); o capital científico da instituição se adquire, essencialmente, por estratégias políticas (específicas) que têm em comum o fato de todas exigirem tempo – participação em comissões, bancas (de teses, de concursos), colóquios mais ou menos convencionais no plano científico, cerimônias, reuniões etc. –, de modo que é difícil dizer se, como os professam habitualmente os detentores, sua acumulação é o princípio (a título de compensação) ou o resultado de um menor êxito na acumulação da forma mais específica e mais legítima do capital científico (BOURDIEU, 2004, p. 36).

Mas, Bourdieu atenta sobre a indissociação entre as duas formas de capital científico na busca do prestígio acadêmico, que varia seu peso em função da conformação do campo. Nesse sentido, observa-se que ambos os autores que se apresentam como expoentes do subcampo das pesquisas sobre a migração esportiva, exercem ambas as formas de poder, ou seja, possuem as duas formas de capitais. Sendo os que mais publicam sobre o assunto e líderes de importantes organizações científicas do campo.

Outra análise relevante para o conjunto do conhecimento produzido por esses autores é em relação a sua temporariedade, uma vez que as concentrações das publicações são em períodos diferentes. O Professor Maguire é um dos nomes precursores dos estudos sobre a Migração Esportiva, tem suas pesquisas publicadas entre os anos de 1994 a 2008, com uma republicação em 2011. Já a Professora Agergaard é uma das expoentes na contemporaneidade da pesquisa sobre a temática. Sua primeira publicação encontrada nessa seleção de documentos é do ano de 2008, e segue com pesquisas até o ano final do recorte temporal da análise aqui realizada, 2017.

Identificados os autores com maior produção sobre a temática da migração esportiva, foi abordado se esses autores são pesquisadores isolados ou pertencem a alguma rede de trabalho em relação a temática. Nesse sentido, apresenta-se o primeiro dado em relação ao número de autores e de instituições no desenvolvimento de cada artigo.

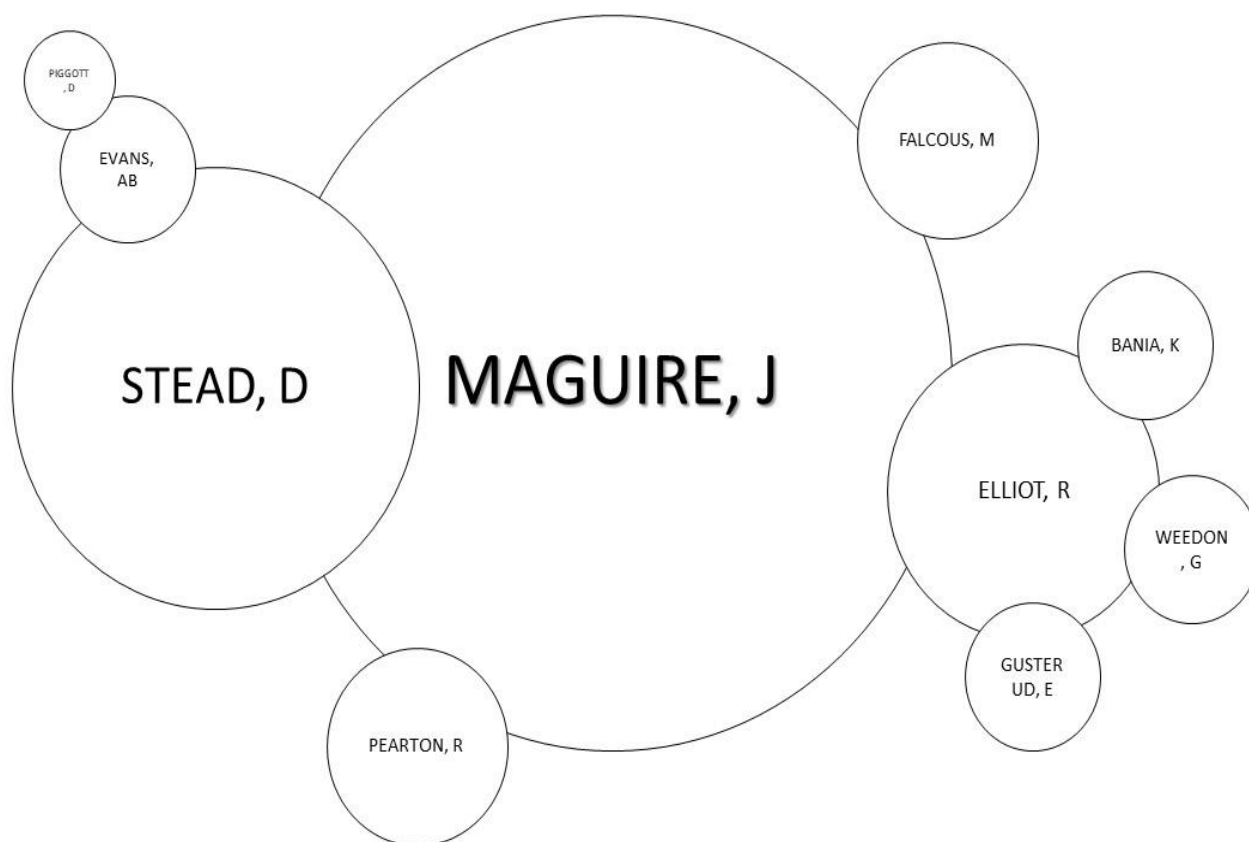
Figura 9: Número de autores e instituições por artigo.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Como pode ser observado na figura, 69,9% dos artigos analisados foram produzidos por apenas uma instituição. Já em relação a autoria, esse valor cai para 54,2% dos artigos. Pode-se analisar que mesmo havendo um *modus operandi* de pesquisas individuais, um valor considerável de pesquisas fora realizado com a colaboração de mais de um autor e de instituições diferentes. Tal fato foi observado por Quatman e Chelladurai (2008), ao analisarem a construção social do conhecimento no campo da gestão do esporte, notando um aumento nas publicações com co-autoria.

Nesse sentido, optou-se em analisar quem são os autores que estão vinculados a rede de colaboração dos pesquisadores expoentes na temática, Joseph Maguire e Sine Agergaard. O pesquisador Joseph Maguire se relaciona com 4 autores diretamente. Indiretamente, seus colaboradores inserem à rede mais 5 autores tornando assim uma rede de 9 autores para além de Maguire. Os trabalhos em colaboração de Maguire apresentam a participação de 3 universidades de dois países diferentes, Reino Unido e Nova Zelândia.

Figura 10: Rede direta e indireta de colaboração de Joseph Maguire.

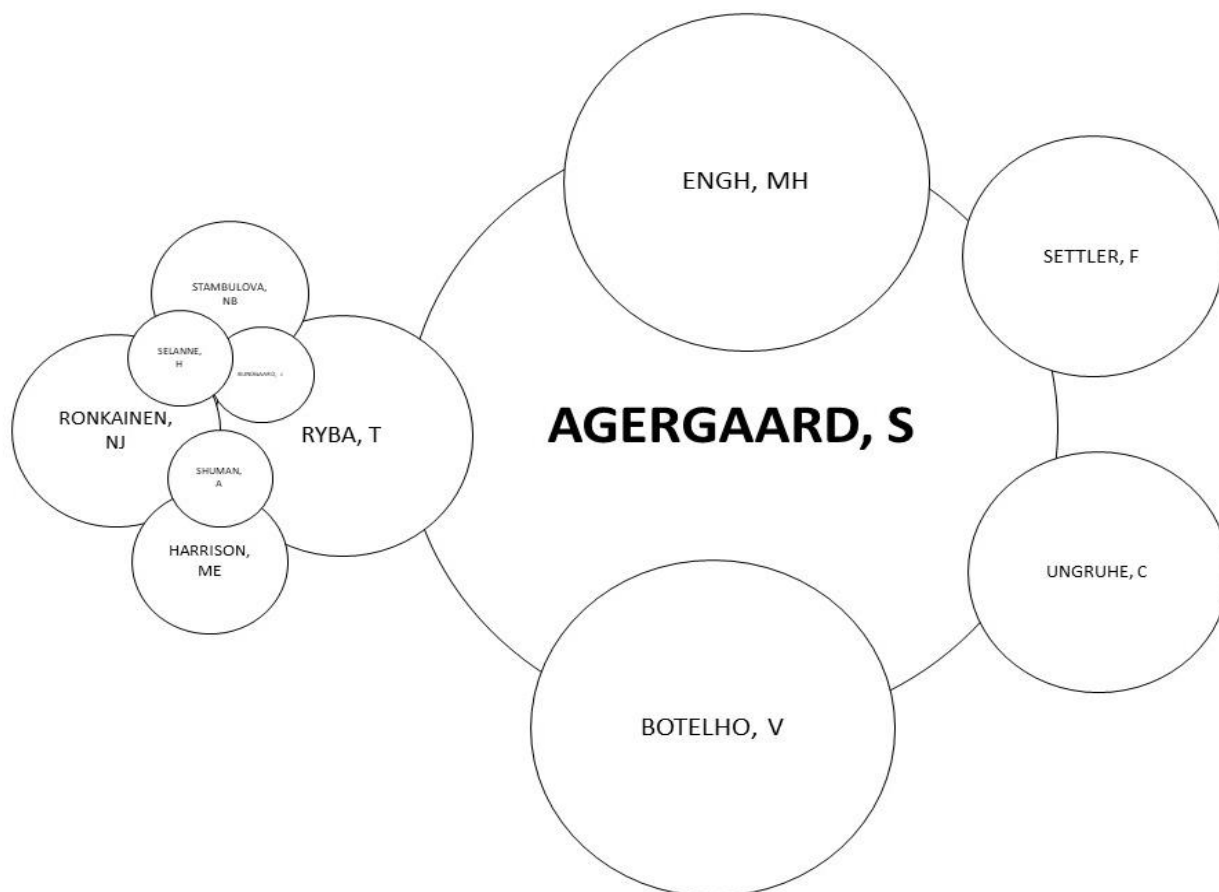


Elaborado pelo autor.

A pesquisadora Sine Agergaard se relaciona diretamente em uma rede de colaboração com 5 pesquisadores. Entretanto, uma de suas colaboradoras, também se coloca como uma das protagonistas na pesquisa sobre migração esportiva, a pesquisadora Tatiana Ryba, possui uma rede de colaboração com mais 6 pesquisadores.

Em relação as instituições, a rede de colaboração direta da professora Sine Agergaard envolveu um total de 4 universidades, sendo a maior parte delas na Dinamarca e uma na África do Sul. Já quando se refere as colaborações de da Professora Tatiana Ryba, aparecem países como China, Finlândia, Estados Unidos e Suécia.

Figura 11: Rede direta e indireta de colaboração de Sine Agergaard.



Elaborado pelo autor.

Somente os autores com cooperação direta em algum momento com o pesquisador Maguire, produziram o total 27 artigos. Já os autores da rede de Agergaard, publicaram ao todo 20 artigos em revistas acadêmicas. Os dois grupos somados publicaram 24,7% de todas as produções científicas analisadas sobre migração esportiva no período. No entanto, vale salientar que não houve relações entre os membros e os autores principais das diferentes redes.

Observa-se a partir dos dados apresentados a existência de redes de colaboração na produção do conhecimento sobre a migração esportiva. Nesse sentido Bourdieu (2001) enfatiza que as redes surgem, em primeiro lugar, a partir da existência de um *paradigm group*. Os agentes presentes nesse grupo possuem interesses “pelo mesmo problema de investigação e constitui uma reserva de contatos pessoais”

(BOURDIEU, 2001, p. 97). Essa rede se consolida, então, com a efetivação das relações reais por meio de uma *network for communications*, que cresce graças a cooptações sucessivas.

Esses autores que se evidenciam, de acordo com Bourdieu (2001), colocam em prática a visão de mundo científico ao criar as redes em que se constitui o reconhecimento da sua importância. A partir disso pode-se compreender que as redes são formadas pela influência do reconhecimento dos agentes centrais dentro do campo acadêmico, ou que, as procuras pelas criações de rede seja estratégia de se estabelecer bem posicionado no espaço social de disputas.

Compreendendo quem faz as pesquisas sobre a migração esportiva, volta-se o olhar agora para como se faz e se divulga o conhecimento científico sobre a temática. Dentre os documentos analisados, a predominância é dos redigidos em língua inglesa. Ao todo são 181 textos publicados em inglês, o que corresponde a 95,3% do total. Na análise sobre as publicações da migração esportiva realizada por Gavira *et al* (2013), os autores incluíram no *corpus* de fontes apenas os artigos apresentados em inglês, o que não permite realizar o contraponto com as demais produções. Entretanto, ao analisar o contexto aqui apresentado, observa-se um quadro em que quase a totalidade da produção se concentram na língua inglesa. Esse motivo pode ser, hipoteticamente, por questões geográficas e culturais, pois, assim como visto, os países com maior publicação são de língua inglesa, além de que as revistas nas quais foram disseminados esses materiais geralmente publicam exclusivamente em língua inglesa, corroborando a ideia de que o inglês é a língua acadêmica global.

Nesse sentido, alguns autores trazem preocupações com essa necessidade de adaptação a língua inglesa por países não nativos no idioma, uma vez que o inglês se constitui como a língua acadêmica internacional (FLOWERDEW, 1999). Bem como no processo de globalização da ciência, grande porcentagem dos textos mais citados são os redigidos em inglês, a inserção do pesquisador nesse campo depende da escrita na língua internacionalmente utilizada (ARCHAMBAULT *et al*, 2006).

Outro ponto de análise relevante em relação ao modo em que o conhecimento sobre Migração Esportiva tem sido disseminado é o tipo de documento em que as informações são materializadas. Dos documentos selecionados para as análises, 163

arquivos, ou seja 85,8%, são textos enquadrados como artigo. Por artigo entende-se aqui os estudos de caso, artigos originais, oriundo de pesquisas e dados analisados.

Sobre o fazer pesquisa diagnosticou-se que a pesquisa documental surge como a principal forma para angariar os dados sobre a migração esportiva. As fontes documentais estão presentes em 94 textos. Outro importante instrumento de pesquisa utilizado é a entrevista, podendo ser estruturadas, semiestruturadas, entre outras. Com um total de 87 textos utilizando esse instrumento, elas foram realizadas com agentes diversos como atletas, gestores, amigos e treinadores.

A utilização da literatura acadêmica⁴¹ já publicada sobre a temática surge como a terceira maior forma de coletar informações para as pesquisas em Migração Esportiva. Também foram utilizados como instrumentos de pesquisa a pesquisa observacional, questionários, grupos focais e auto narrativas. Esse quadro evidencia a diversidade de instrumentalização para realizar pesquisas sobre a temática, o que possibilita escolhas de acordo com que o pesquisador objetiva em seu estudo.

Com intento de compreender o que vem sendo estudado em termos de modalidades, sexo, países e indivíduos envolvidos na migração, o próximo subtópico dos resultados centra na exposição quantitativa desses elementos.

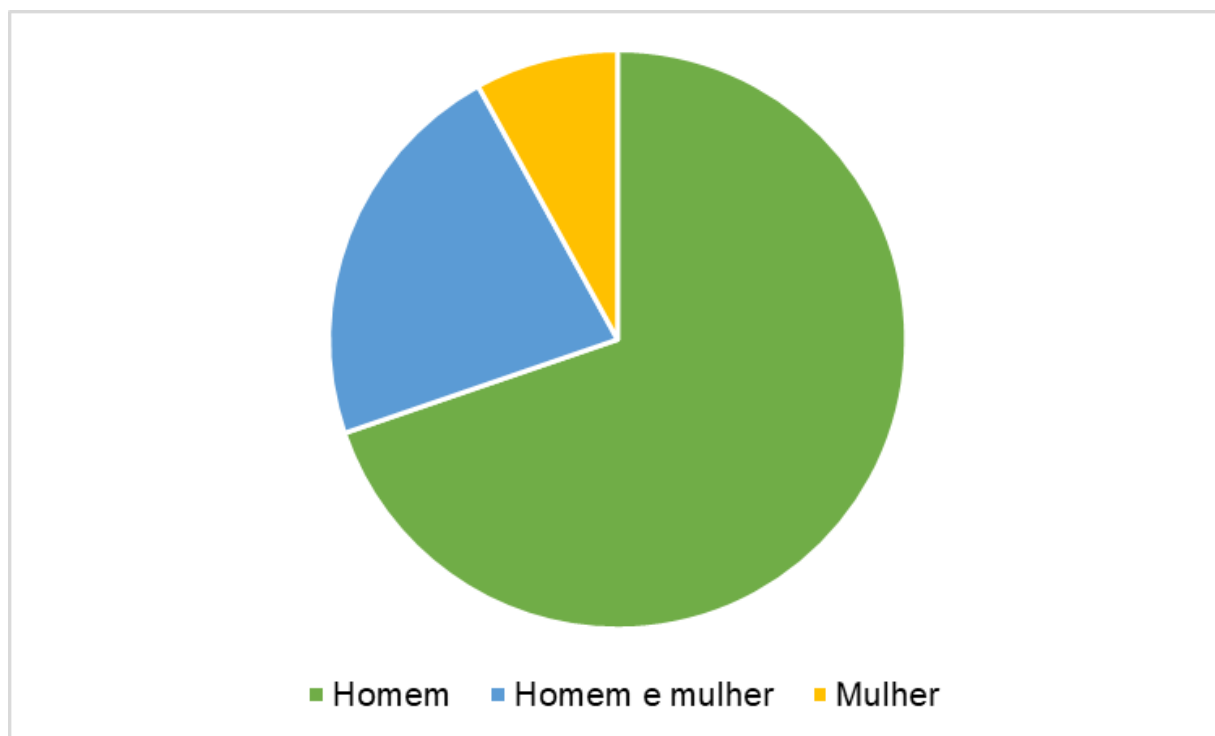
4.3 Migração Esportiva, análise dos seus padrões

Cabe salientar que dos 190 manuscritos, nem todos correspondiam a estudos capazes de observar as questões doravante aqui analisadas. Ou seja, foram excluídos nessa parte da revisão documentos como revisão, editoriais, ensaios que não abordavam realidades específicas, isto é, não traz resultados de pesquisas capazes de aglutinar e observar os padrões de movimentos propostos.

As pesquisas sobre a Migração Esportiva têm direcionamento, ou seja, padrões de investigação quanto ao sexo dos indivíduos de pesquisa. Este cenário pode ser visualizado no gráfico a seguir.

⁴¹ A literatura acadêmica aqui apresentada não faz referências a sua utilização apenas nas revisões de literatura. Mas os textos em formas de ensaios e editoriais apresentam a literatura acadêmica como fonte para suas exposições.

Figura 12: Distribuição dos estudos pelo sexo dos indivíduos de pesquisa.



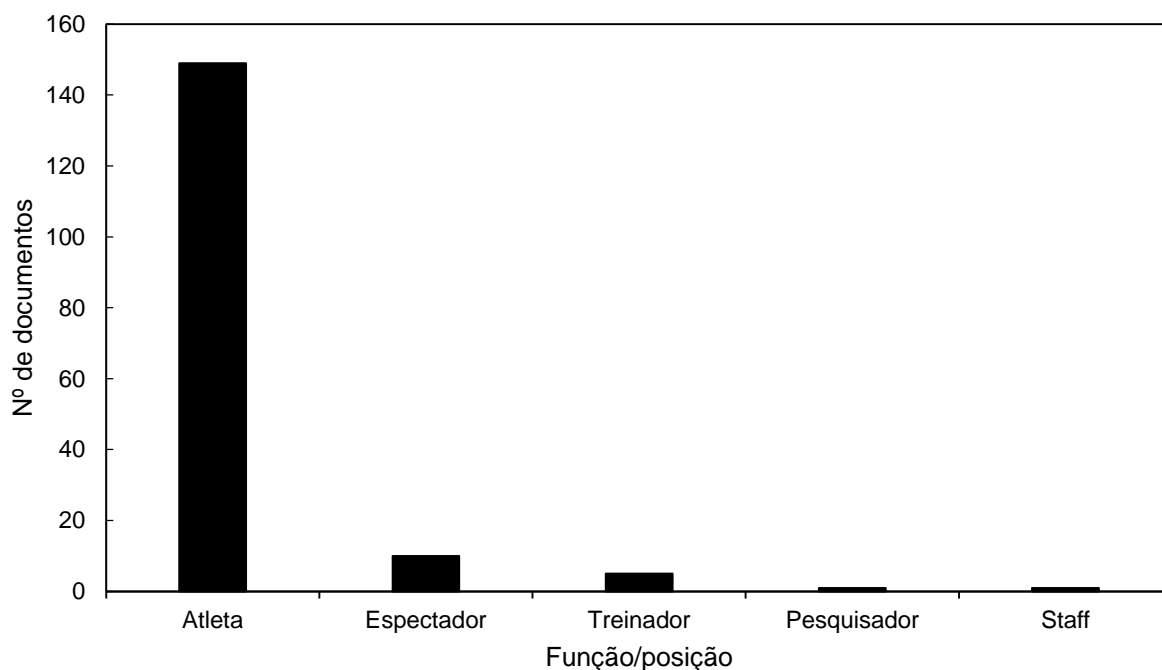
Fonte: Elaboração do próprio autor.

A distribuição dos estudos a partir do sexo do investigado evidencia uma predominância nas pesquisas realizadas com homens. A partir do levantamento dos documentos diagnosticou-se um número de 162 estudos que expunham o sexo dos indivíduos participantes das pesquisas. Dentre esse total, 113 textos versavam sobre a Migração Esportiva de atletas homens. As pesquisas que investigaram ambos os sexos aparecem com 36 escritos. Por fim, os estudos investigativos das mulheres migrantes somaram apenas 13 documentos.

O pouco olhar da literatura acadêmica para atletas mulheres foi observado por Agergaard (2008) e Agergaard e Botelho (2014), em que as autoras afirmam que os pesquisadores não tinham se interessado por esse tipo de pesquisa. No entanto, cabe aqui uma reflexão que a partir de então a própria autora Agergaard foi uma das pesquisadoras que dedicou seus esforços para pesquisar sobre a especificidade do esporte feminino e seus movimentos migratórios. Dos 13 manuscritos que foram diagnosticados discutindo a migração da mulher no esporte, sete foram desenvolvidos pela autora.

Em relação ao indivíduo migrante dentro do esporte, a próxima categoria de análise é a posição que este ocupa dentro da prática esportiva.

Figura 13: Número de documentos por posição do migrante pesquisado.



Fonte: Elaboração do próprio autor.

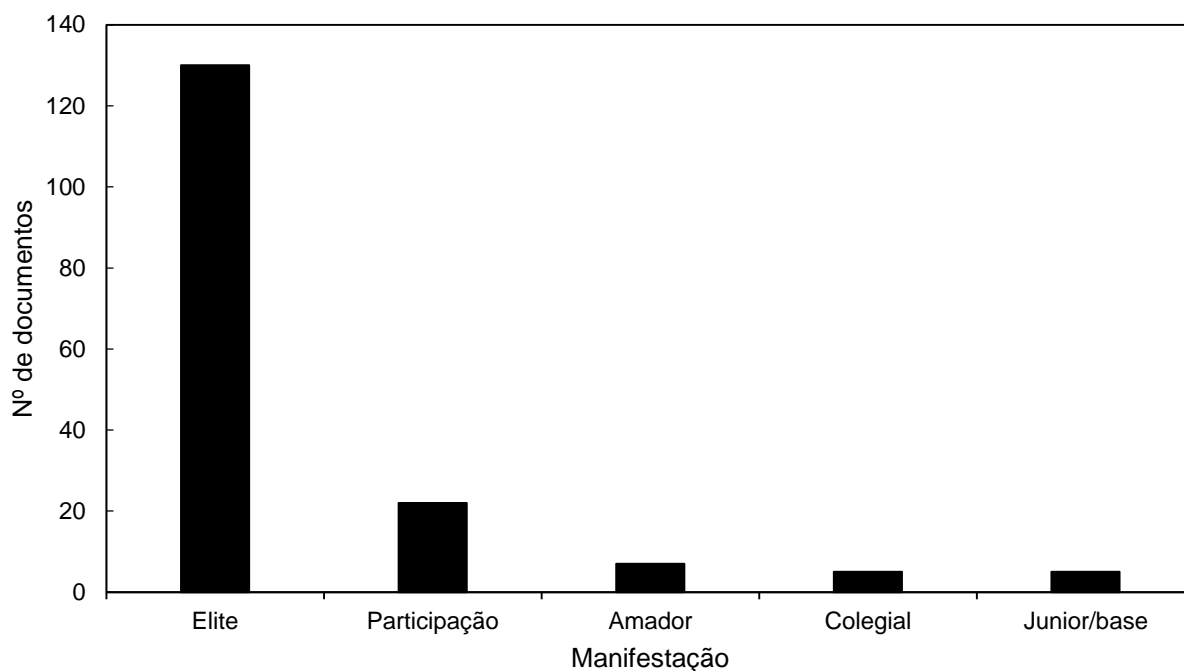
Dentre os migrantes do esporte os estudos analisados apontam para um maior interesse na movimentação de atletas na agenda de pesquisa. De um total de 166 pesquisas, 149, ou seja, 89,8% são análises a partir da migração de atletas. Com 10 manuscritos, as pesquisas sobre o deslocamento de pessoas como espectadoras de eventos esportivos é a segunda com maior atenção dos estudiosos da Migração Esportiva. Os treinadores ficam em terceiro nesse levantamento, contabilizando um total de cinco (5) estudos encontrados. Por fim, um estudo em que o migrante é o próprio pesquisador e a outra investiga os indivíduos que migram para trabalhar em eventos esportivos.

De acordo com Agergaard e Ryba (2014) a migração esportiva não é referente apenas a atletas, mas em relação a treinadores, administradores esportivos. Podendo incluir outras categorias que fazem parte do campo esportivo. No entanto, como

visualizado no levantamento realizado a atenção foi predominantemente concentrada nos atletas. Para Carter (2013), esse é um ponto que precisa ser ampliado para abranger os demais indivíduos que estão em constante deslocamento em razão do esporte.

Os indivíduos que migram ocupam diferentes posições, mas também se envolvem com o esporte em diferentes níveis. Nesse sentido será exposto e discutido sobre o nível/fase do desenvolvimento esportivo em que a migração foi analisada nos textos selecionados. Mais especificamente, abordou-se a manifestação esportiva em que ocorreu a migração⁴².

Figura 14: Manifestação esportiva investigada.



Fonte: Elaboração do próprio autor.

O esporte de elite foi a manifestação do esporte a qual concentrou os olhares dos pesquisadores da Migração Esportiva. De 169 estudos, 130 analisavam essa perspectiva, o que corresponde a 76,9% do total. Com 22 textos, aparece as pesquisas que analisaram o migrante em uma prática participativa do esporte. Aqui se entende por

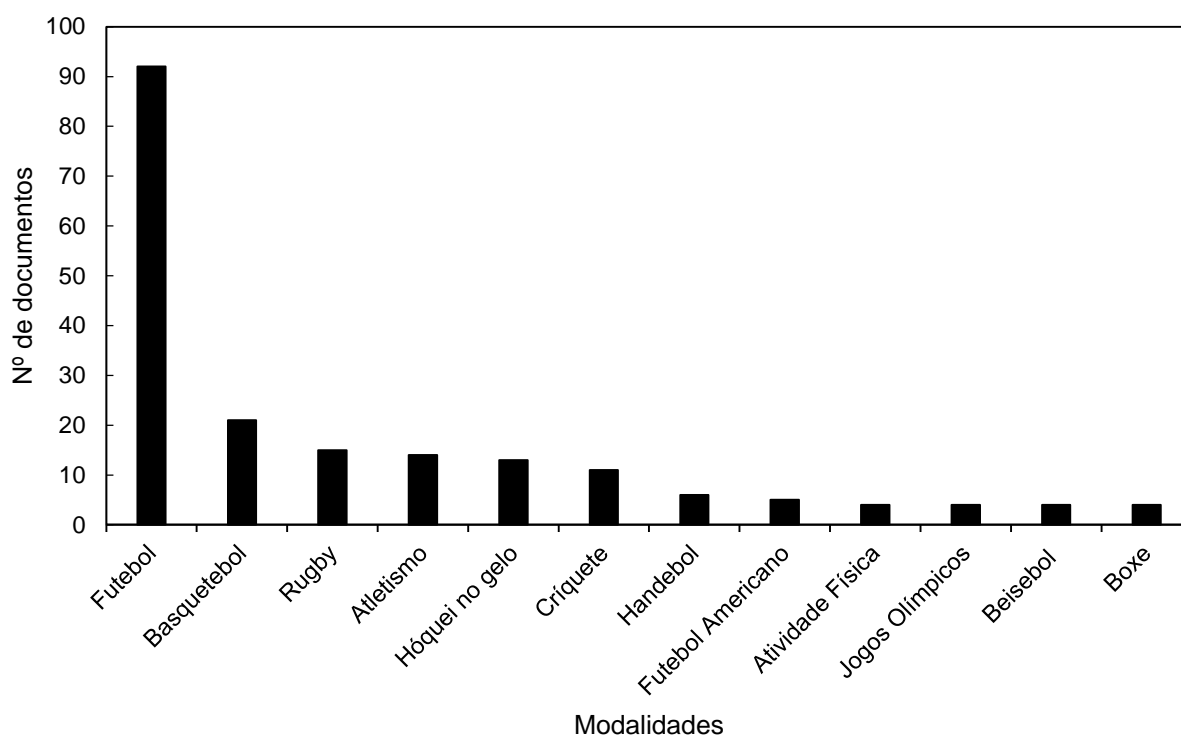
⁴² Compreende-se aqui que o esporte pode assumir diferentes manifestações ou locais de sua prática.

prática participativa as atividades físicas em geral realizadas pela população, sem ter necessariamente a busca pelo rendimento esportivo.

Já o esporte amador é compreendido como a prática esportiva competitiva, mas em ambientes diferentes das competições profissionais ou de elite, ou seja, sem salários. A migração na prática amadora do esporte aparece com sete (7) textos publicados. Por fim, duas manifestações do esporte são diagnosticadas, o colegial, ou seja, o esporte praticado em ligas de instituições de ensino e o esporte infantil (Junior) que se refere ao esporte praticado pelas crianças em clubes, por exemplo. Ambos apresentam cinco (5) estudos cada.

Em relação as modalidades esportivas que foram estudadas pelos pesquisadores da Migração Esportiva diagnosticaram-se um total 32 modalidades. Para análise foram selecionadas as que tiveram maior número de estudos realizados.

Figura 15: Número de estudos por modalidade esportiva.



Fonte: Elaboração do próprio autor.

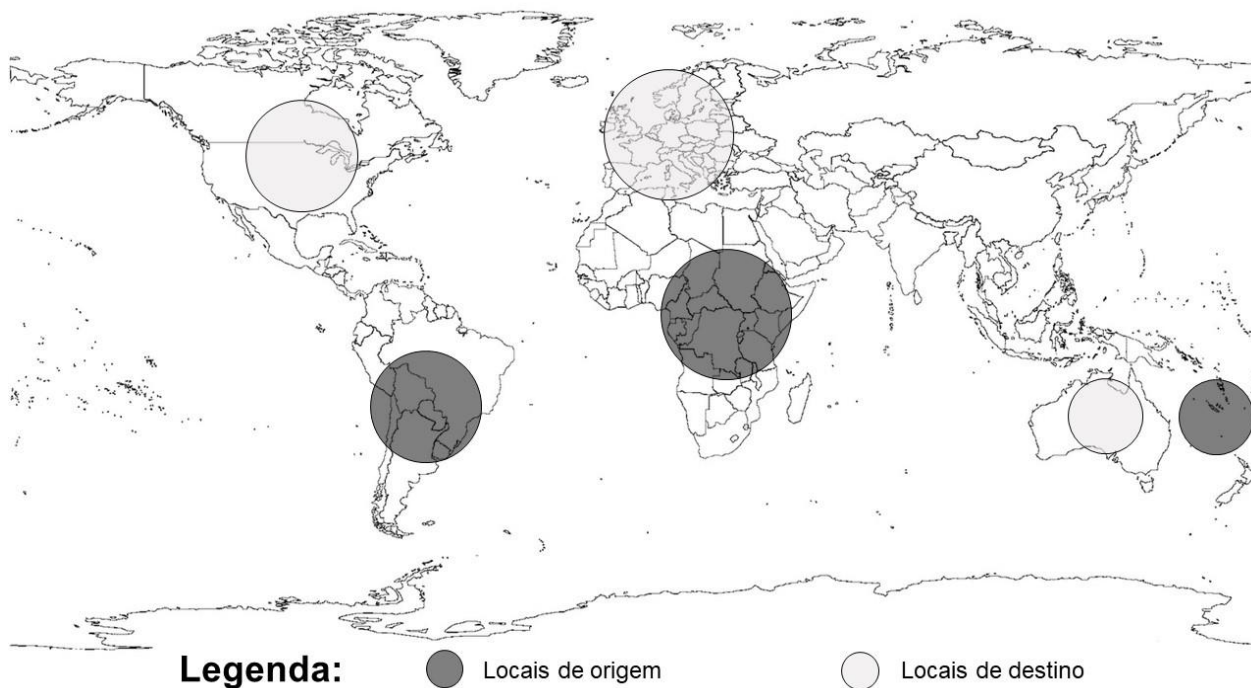
A modalidade com maior número de estudos realizados na área da Migração Esportiva é o Futebol, um total de 91 documentos versavam sobre a migração de indivíduos vinculados a prática futebolística. Outras modalidades conhecidas globalmente aparecem como objeto de pesquisa, a exemplo, basquetebol com 21 textos, rúgbi (15), atletismo (14), e o Hóquei no gelo (13).

Por outro lado, 16 modalidades se apresentam com apenas uma publicação sobre a Migração Esportiva. São elas modalidades menos mercadológicas em relação aos parâmetros globais, ou seja, são esportes que não alcançam um status de mercadoria global, geralmente modalidades regionalizadas.

É constante na literatura o discurso de que as investigações sobre a migração esportiva se direcionaram em diversas modalidades esportivas (FALCOUS; MAGUIRE, 2005; LEE, 2010; ORLOWSKI; WICKER; BREUER, 2018). No entanto, alguns autores apontam que o futebol é marcadamente predominante no interesse dos pesquisadores (ELLIOT; MAGUIRE, 2008). De acordo com Agergaard (2008), as modalidades esportivas de menor destaque não encontram espaço na literatura acadêmica. Por modalidades menores se compreende as que em escala global ainda permanecem em um patamar a baixo do futebol, ou seja, não atraem a atenção de espectadores, mídia e não movimentam o mercado esportivo global como nos níveis do futebol, como exemplo do atletismo, vôlei e basquete. O fato apontado pelos pesquisadores foi comprovado diante dos dados quantitativos levantados por essa revisão.

Os padrões de movimento são importantes aspectos em relação aos estudos da migração no contexto geral. Isso não se diferencia no que tange a especificidade do esporte. Buscando compreender as dinâmicas geográficas da mobilidade dos indivíduos envolvidos com o esporte realizou-se um diagnóstico dos locais de origem e de destino dessas pessoas. Essas informações podem ser observadas na figura 16, um mapa confeccionado a partir da aglutinação dos dados coletados diretamente dos resultados dos artigos apropriados para a pesquisa.

Figura 16: Locais de origem e destino⁴³.



Fonte: Elaboração do próprio autor.

A figura mostra cada região/país como local de origem e destino dos indivíduos migrantes estudados. Como os dados sugerem, grande parte dos textos envolvem pesquisas que analisaram deslocamentos de migrantes a níveis globais. Esse fato é identificado porque tanto no local de origem quanto no de destino, os estudos que analisavam países de diferentes continentes são predominantes no quantitativo de frequência.

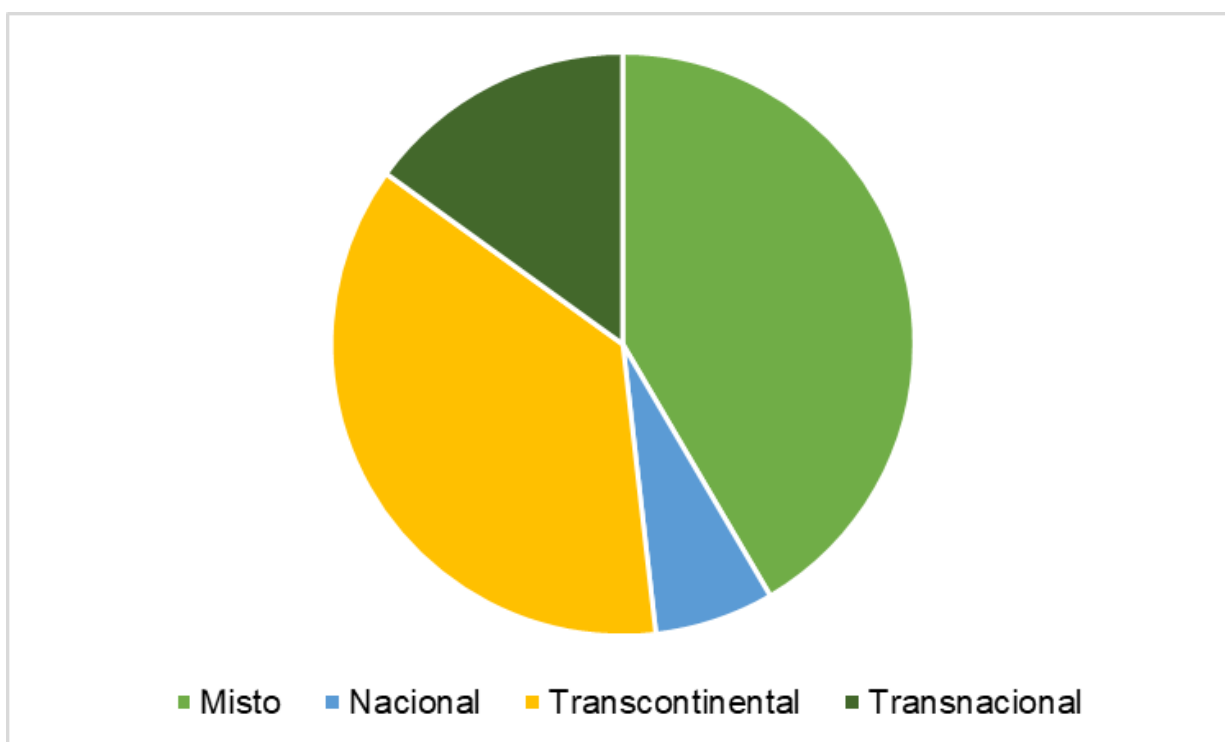
Entretanto, pode-se observar que os países europeus e norte-americanos concentram o maior número de registro de recepções dos migrantes estudados. De acordo com Gavira *et al* (2013) as regiões que mais receberam migrantes nos estudos analisados são os países norte-americanos e europeus, corroborando os achados da presente pesquisa, enquanto a origem dos indivíduos em mobilidade é mais pulverizada em países do continente africano, sul-americano, Oceania e europeu. Nessa dimensão,

⁴³ Os dados evidenciados aqui foram compilados de acordo com as aparições nos textos. Ou seja, em pesquisas que investigavam países de um mesmo continente, foram classificados como aquela região (ex: African Countries, European Countries, etc), estudos que envolviam diversos países de continentes diferentes, foram classificados com "diferentes países" (Several Countries).

o estudo de Gavira *et al* (2013) também corrobora os dados apresentados. Para os autores a procedência dos migrantes são em grande parte da América do Sul, Ásia e África. Olhando para os dados por uma perspectiva do sistema mundial, observa-se um padrão de países periféricos e semiperiféricos enviando sua mão de obra ou talentos esportivos para os grandes centros da economia global.

Ainda representando esse panorama geral das modalidades, apropriou-se das categorias de mobilidades apresentadas por Maguire (1994), que divide o deslocamento em três níveis. A migração nacional, que é a movimentação de pessoas entre regiões dentro de um mesmo Estado-Nação; migração transnacional, que se configura pelo fluxo de pessoas de um país para outro, sendo eles dentro de um mesmo continente; e a migração transcontinental, caracterizada pela mobilidade entre regiões de diferentes continentes.

Figura 17: Número de artigo por tipo de padrão de migração.



Fonte: Elaboração do próprio autor.

Partindo das categorias apresentadas por Maguire (1994), observa-se uma tendência nos estudos com foco na mobilidade envolvendo diferentes países. As

pesquisas que analisam as migrações dentro de um mesmo país, ou seja, a migração nacional⁴⁴, corresponde a 6,6% do total de documentos selecionados. Já as análises sobre migração transnacional contabilizaram 25 documentos. A transcontinental somou 61 estudos. Por fim, as pesquisas que envolveram movimentações entre mais de uma forma de migração, categorizada aqui como mista, somou 69 estudos.

A partir dos dados expostos pode-se compreender que tanto as dinâmicas da migração esportiva, bem como os olhares dos pesquisadores da área têm sido predominantes em uma escala global, haja vista que a maior parte das pesquisas envolvem mobilidades entre diversas regiões do planeta.

Para compreender as dinâmicas da migração que ocorrem no meio esportivo, considera-se que as modalidades esportivas em que os indivíduos migrantes estão vinculados têm importante influência nos padrões de movimento (CROSSAN, 2017). Diante disso, foi realizado um levantamento dos locais envolvidos nos deslocamentos dos migrantes dos esportes, detalhando as peculiaridades de cada modalidade. Para isso selecionou-se as cinco modalidades esportivas com mais estudos diagnosticados: futebol, basquetebol, rúgbi, atletismo e roquei no gelo.

No hóquei no gelo, muito em decorrência das condições climáticas, resultantes da localização geográfica, os países envolvidos são específicos. Uma situação diagnosticada na relação entre doador e receptor dos atletas migrantes do roquei no gelo é que, diferentemente do atletismo, tem-se uma bilateralidade entre os locais envolvidos. Isso significa que o fluxo de migrantes ocorre tanto de entrada, como de saída. Entre os países que participam do processo foram diagnosticados Canadá, Estados Unidos, Inglaterra, Rússia, países escandinavos, entre outros (MAGUIRE, 1996; WONG; TRUMPER, 2002; DEPKEN; DUCKING; GROOTHUIS, 2017). Observando geograficamente verifica-se que são países localizados ao norte do planeta e com invernos mais rigorosos, fato importante a se considerar pois a modalidade se constitui como um esporte de inverno.

No atletismo pode-se encontrar alguns padrões aparentes. Dos documentos publicados sobre o atletismo e a migração, oito concentram-se no esporte de elite, ou seja, no qual ocorre maior mercantilização e as negociações em torno dos

⁴⁴ Outro termo utilizado é o intra-nacional, como encontrado no estudo de Roderick (2013).

trabalhadores do esporte. Entretanto, diagnosticou-se dois trabalhos que analisaram a migração de um atleta em específico durante a primeira metade do século 20, o caso do corredor finlandês Hannes Kolehmainen (VIITA, 2012; BERG; DYRESON, 2012). Já em relação a mobilidade mais recente, os estudos do atletismo focaram seus esforços principalmente em atletas com origem no Quênia, sendo que seus destinos foram mapeados em diversos lugares do planeta, como Estados Unidos, países da Europa e Qatar (CHEPYATOR-THOMSON, 2003; NJORORAI, 2010; 2012), e também com outros países africanos, como a Etiópia, se consolidando como importantes centros de origem de atletas migrantes (CHEPYATOR-THOMSON; ARIYO, 2016).

O regionalismo também foi observado no que concerne ao rúgbi. Na especificidade da modalidade foi observada uma predominância da origem dos atletas migrantes de alguns países. Os jogadores de rúgbi que migraram têm origem da região da Oceania, principalmente advindo de países como Samoa, Austrália, e uma certa predominância de Fiji. Em relação aos destinos desses migrantes, tem-se uma maior pulverização, ou seja, eles giram o globo terrestre pela prática do rúgbi. Entre os países de destino diagnosticou-se Japão, Estados Unidos, Canadá, Austrália, e principalmente Inglaterra (HORTON, 2012; KANEMASU; MOLNAR, 2013; EVANS; STEAD, 2014; GUINNESS; BESNIER, 2016).

O segundo esporte mais analisado pelos pesquisadores da migração esportiva é o basquetebol, com 21 estudos. A modalidade, apesar de ter sua predominância em algumas regiões - diferente das duas anteriormente apresentadas - possui um maior avanço no estágio de globalização de seu consumo e prática. Diante disso, diagnosticou-se estudos com diferentes origens e também diferentes destinos, como exemplo pode-se citar atletas chineses migrando para Austrália (HIBBINS, 2005), Lituânia para Inglaterra (EVANS; PIGGOTT, 2016), e jogadoras de Taiwan para China (JIANG; LEE, 2016), porém os estudos que envolvem os Estados Unidos são os que predominam. Esse fenômeno ocorre tanto em relação aos atletas que saem em direção a países como Japão, Israel, República Tcheca, Inglaterra, entre outros (MAGUIRE, 1994; FALCOUS; MAGUIRE, 2005; SHOR; GALILY, 2012; CHIBA, 2013; CROSSAN, 2016), como no sentido contrário, de entrada no país norte americano (CHIBA, 2012; RYBA *et al*, 2015; CHEPYATOR-THOMSON; TNRCOTT; SMITH, 2016).

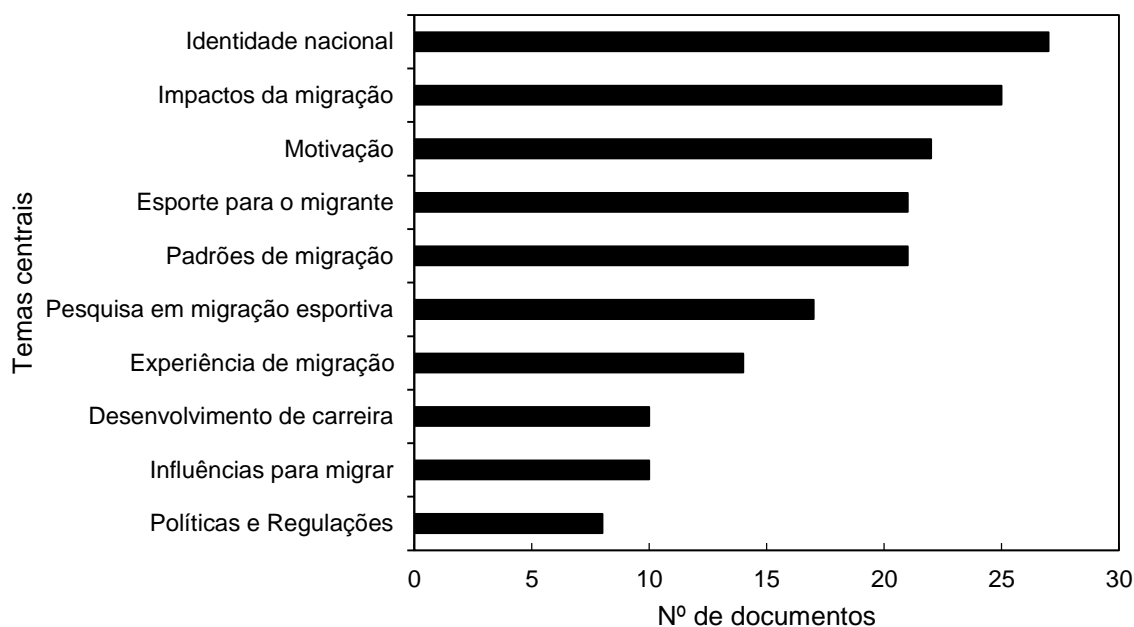
O futebol foi a modalidade esportiva que recebeu mais os olhares dos pesquisadores da migração esportiva. Não sem motivo, visto que é o esporte com maior abrangência de aceitação no mundo globalizado (ALVITO, 2006). Sua penetração ocorre em vários países e os valores que envolvem o mercado de jogadores são relativamente superiores a maioria das outras modalidades. Esse fato, portanto, contribui para um maior número de fluxos migratórios, e conseqüentemente, um maior interesse acadêmico por estudar o fenômeno.

Quanto aos padrões de movimento de trabalhadores do esporte existentes no futebol, as rotas migratórias são multilaterais e os estudos analisam as idas e vindas de jogadores em diversas direções do planeta. Entretanto, uma direção é predominante nos estudos analisados. As origens são diversas, mas o destino é principalmente os países da Europa, onde estão concentradas as maiores ligas de futebol do mundo (MAGUIRE; STEAD, 1998; MAGEE; SUGDEN, 2002; POLI, 2006; 2007; RIBEIRO; DIMEU, 2009; EGILSSON; DOLLES, 2017).

Como observado nas cinco modalidades que receberam maior atenção dos pesquisadores, algumas possuem regionalismos culturais devidos a questões geográficas/climatológicas, outras possuem relação ao status do esporte dentro daquelas localidades, assim como já sinalizado por Crossan (2017), e também existem as modalidades de maior abrangência global, como é o caso do futebol, em que as forças do mercado também são influenciadoras no modo e nas rotas da migração dos trabalhadores envolvidos com o esporte.

Por fim, as análises se concentram nos temas centrais abordados nos textos selecionados para essa revisão. É importante considerar que se diagnosticou, a partir da leitura dos documentos, um total de 16 temas centrais nos textos. Entretanto, cabe informar que a centralidade do tema não impediu que os textos abordassem outros temas de maneira secundária. Dessa forma os temas abordados de maneira secundária não foram contabilizados nas análises.

Figura 18: Temas centrais de estudo com maior publicação.



Fonte: Elaboração do próprio autor.

A figura traz um quantitativo de trabalhos distribuídos pelos 10 temas centrais mais pesquisados. O tema da identidade nacional foi central em 27 dos 190 documentos selecionados para análise. Os estudos que envolvem a identidade nacional focaram seus esforços em compreender como os indivíduos migrantes se sentiam em relação ao seu reconhecimento de pertencimento ao local. São discutidos aspectos de reconhecimento do estrangeiro por parte da população local, como o atleta migrante se reconhece fora de sua terra natal, bem como de que forma os esportes contribuem para manter as características de seu país de origem mesmo vivendo fora dele (MALCOLM, 2001; FALCOUS; MAGUIRE, 2005; KRØVEL, 2012; GEHRING, 2016; USHER, 2017).

No que se refere aos impactos da migração, os estudos da migração esportiva se concentram em investigar às alterações sociais ocorridas no destino do migrante. Como exemplo, pode-se destacar os estudos que versam sobre como o aumento de estrangeiros interferem na formação de novos talentos no país receptor, as consequências refletidas nas equipes de representação nacional, bem como no nível da competição local com a chegada dos indivíduos migrantes (CROSSAN; PECHA, 2016;

TRAVLOS; DIMITROPOULOS; PANAGIOTOPOULOS, 2017). Também se classificou nessa temática as consequências na vida do próprio migrante, como é o caso de estudos de Njororai (2012) e de Weendon (2012).

Como terceiro tema com maior publicação diagnosticado, a motivação para migrar somou um total de 22 estudos. Por motivação entende-se aqui os fatores que levam os indivíduos a deixarem seus locais de origem para migrarem com foco no esporte. Os estudos revelam que essa motivação pode ser pelo desejo de ter uma carreira profissional no esporte (STEAD; MAGUIRE, 1998), conquistar o sucesso de ser um atleta olímpico (NJORORAI, 2010), motivações pessoais como amor e paixão pelo esporte (BOTELHO; AGERGAARD, 2011). Nesse tema, vale ressaltar que alguns estudos se baseiam nas tipologias de migração desenvolvidas por Maguire (1996) e Magee e Sugden (2002) para identificar os fatores que motivam o deslocamento dos indivíduos (STEAD; MAGUIRE, 2000; LOVE; KIM, 2011; CHIBA, 2013).

Distanciando um pouco do campo esportivo de elite, o próximo tema que conta com maior número de registros no levantamento é o esporte para o migrante. Com 21 textos publicados, esse tema aborda as modalidades esportivas e atividades físicas praticadas ou acompanhadas pela população estrangeira em determinado local de destino. Nesse sentido, os estudos são predominantemente amparados na ideia de como o esporte e a atividade física contribuem para o sentimento de integração do migrante em seu novo lar, podendo ser essa uma população jovem/escolar (DOHERTY; TAYLOR, 2007; BARKER *ET AL*, 2014), bem como migrantes adultos (LUDWING; SCHIERL, 2013; LONG; HILTON; SPRACKLEN, 2014).

Com apropriações das discussões do campo da geografia, os estudos que versam sobre os padrões de migração somaram um total de 21 manuscritos. As pesquisas foram realizadas para identificar os fluxos de diversas modalidades, detectaram os países que doam e os que recebem os trabalhadores do esporte em realidades esportivas diferentes, como no futebol (MAGUIRE; PEARTON, 2000; CORNELISSEN; SOLBERG, 2007; STOREY, 2011), basebol (TAKAHASHI; HORNE, 2006) e basquetebol (CHEPYATOR-THOMSON; TNRCOTT; SMITH, 2016). Cabe salientar que os estudos específicos da geografia do esporte antecedem os estudos da migração esportiva identificados nos artigos analisados. Estudando o esporte, a partir

dos preceitos da geografia, Bale (1982), já investigava o fenômeno da mobilidade dos indivíduos envolvidos com o esporte.

Para além dos temas centrais expostos anteriormente, outros temas foram identificados em menor quantidade de publicações. Manuscritos que versavam sobre pesquisas da migração esportiva somaram 16 documentos, experiências da migração totalizaram 14 estudos, 10 pesquisas centralizaram seus esforços no desenvolvimento de carreira do migrante do esporte e fatores que influenciam a migração. Apresentaram números menores de artigos publicados os temas de políticas e regulações, redes de migração, negócios esportivos, resistência ao migrante, implicações de gestão, lealdade de equipe e identidade de gênero. Vale lembrar que a baixa incidência de publicações de alguns dos temas, não significa que não foram abordados em outros textos, porém a centralidade do texto não foi direcionada a eles em outros momentos, como é o caso das políticas e regulações e redes de migração que são consideradas em diversos textos.

Como pode ser observado, os dados evidenciam que o futebol é uma modalidade em um estágio de globalização a frente das demais. No entanto, se constatou também que os países possuem suas características locais em relação ao esporte. Trazendo para um contexto recente na história, pode-se aplicar o entendimento na produção de localidades ou mesmo identidades. Segundo Giulianotti e Robertson (2007), uma especialização da cultura local, ou seja, os países com maior capacidade de produção de talentos em determinados esportes enviam seus atletas ao redor do mundo, nas interpretações dos autores, universalizam suas culturas locais.

4.4 A parte que cabe ao Brasil

O Brasil é uma importante localidade quando se refere ao campo da migração esportiva. Muitos jogadores brasileiros rodam o mundo no futebol (RIAL, 2008), no voleibol (GARCIA *et al*, 2017), no futsal (DIMEO; RIBEIRO, 2009; TEDESCO, 2014), entre outros. No entanto, essa expansão do fenômeno ainda não se constitui no que diz respeito à produção acadêmica da área.

Como observado na revisão de literatura apresentada neste estudo, a qual foi levantada a partir de importantes bases de dados para as pesquisas acadêmicas, apenas dois artigos foram diagnosticados em português. No entanto apenas um refere-se ao Brasil nessa relação de migração, que é o estudo de Rial (2008)⁴⁵. E quando se aborda a origem dos estudos apenas quatro estudos foram realizados com colaboração de pesquisadores vinculados a instituições brasileira (RIAL, 2008; RIBEIRO; DIMEO, 2009; DIMEO; RIBEIRO, 2009; TEDESCO, 2014).

Compreende-se aqui as limitações desse diagnóstico, uma vez que assim como apontam Flowerdew (1999) e Archambault *et al* (2006), as dinâmicas presentes nos meios de publicação científica podem excluir uma parte potencial dos pesquisadores por questão de idioma, bem como de veículos indexados as bases analisadas. Diante disso, outras buscas foram realizadas com intuito de integrar as análises. Estas foram realizadas de forma intencional, sem sistematização de buscas.

Com as novas buscas, novos estudos foram encontrados colocando o Brasil enquanto espaço inerente a movimentação de atletas. De 13 artigos diagnosticados 6 versavam sobre o futebol. Dentre esses estudos, Rial (2008) aborda a circulação de jogadores de futebol pelos grandes “mercados da bola”. Pautada numa pesquisa antropológica, a qual considera as dinâmicas de um mundo globalizado, para a autora os jogadores não cruzam fronteiras geográficas e sim de clubes e mesmo com novas cidadanias permanecem com sentimentos de estrangeiros.

Já o estudo de Ribeiro e Dimeo (2009) trabalha com a experiência dos jogadores de futebol brasileiros com a migração. A partir dos discursos de experiências migrantes, os autores analisam as construções de identidade pessoal e de suas famílias. Já Silva *et al* (2012), com base em uma pesquisa documental, analisou a naturalização e o processo de dupla cidadania de jogadores africanos e brasileiros.

As jogadoras de futebol, algo pouco analisado e de baixo valor no mercado futebolístico, é o centro das atenções de Pisani (2014). A autora aborda diversas questões como o funcionamento do mercado do futebol, redes de contato, e os fluxos consolidados de mulheres atletas de futebol brasileiras que saem do país. Na linha das

⁴⁵ O segundo estudo em português refere-se as mulheres mexicanas que atuam no futebol norte americano (KUMMELS, 2011).

transferências, porém agora no futebol masculino, Cavalcanti e Capraro (2015) fazem uma comparação entre os clubes brasileiros e europeus nas negociações de jogadores brasileiros.

Por fim, com um apoio em estudos da geografia, Piraudeau (2018) investiga as questões espaciais da migração de jogadores brasileiros em direção ao mercado chinês de futebol. Tal estudo traz à tona a ideia de globalização, colocando uma localidade oriental como mercado potencial para o futebol.

O voleibol também foi analisado em duas pesquisas. Garcia *et al* (2017) analisaram o sistema de classificação de jogadores das Ligas de Voleibol brasileiras a partir de entrevistas com jogadores (as) e treinadores e verificaram qual o impacto do mecanismo na migração dos jogadores. Pontes *et al* (2018), fruto da mesma pesquisa, investigam a percepção de atletas e treinadores do voleibol em relação a migração.

Os autores Dimeo e Ribeiro (2009), para além do futebol como já mencionado, também dedicaram seus esforços para analisar os jogadores brasileiro de futsal em suas experiências na Europa. Por meio de entrevistas, investigaram questões que envolvem identidade nacional, planos de carreira e adaptação ao país de destino.

Diferentemente dos demais estudos, Rubio (2017) traz em sua pesquisa um olhar para um deslocamento a diferentes níveis. A autora faz um levantamento da origem e o destino dos atletas brasileiros que compuseram as seleções nacionais nos Jogos Olímpicos de 1992 em Barcelona e analisa a partir da taxonomia proposta por Tilly (1978), a qual estabelece critérios para classificar os tipos de migrantes.

Por fim, tem-se três estudos em sentido oposto, ou seja, o fluxo de migração é de entrada no país e não mais de saída de jogadores. Ribeiro *et al* (2013) analisam por meio de entrevistas com treinadores a percepção sobre os mecanismos reguladores da participação de estrangeiros no atletismo brasileiro, mais precisamente nas corridas de rua. Almeida e Rubio (2018) lançam luz para a naturalização de estrangeiros para competir pelo Brasil nos Jogos Olímpicos de 2016 no Rio de Janeiro. Para isso, os autores apropriam de uma discussão de motivação e da tipologia de migração de Joseph Maguire (1996). Por fim, a partir de um olhar historiográfico Furtado, Quitzeu e Moraes e Silva (2018) trabalham com a cultura física (clubes de tiro e ginástica)

praticada pela comunidade migrante alemã no Brasil na segunda metade do século XIX.

Como pode-se observar, os estudos nacionais em relação a migração do esporte possuem suas particularidades, tanto na direção dos fluxos, as modalidades investigadas, as bases teóricas apropriadas e as disciplinas que compõe.

4.5 Alguns apontamentos

O presente levantamento teve como objetivo central analisar a produção do conhecimento sobre a migração esportiva. Ao final do processo de busca, inclusão e exclusão dos documentos, selecionou-se um total de 190 arquivos.

Quantitativamente diagnosticou-se que as pesquisas são realizadas predominantemente sobre a modalidade do futebol, além de que os migrantes são majoritariamente atletas, a manifestação esportiva recorrente é o esporte de elite, e em grande parte homens. Outras informações como os fluxos de migrações foram analisadas, e conclui-se que o status da modalidade esportiva e aspectos culturais e geográficos influenciam nos padrões de migração no esporte.

Entende-se que a pesquisa seja capaz de contribuir com o campo acadêmico da migração esportiva, no sentido de que, a partir de uma busca sistematizada, consegue refletir de maneira padronizada uma ideia do cenário das pesquisas da área. Com isso é possível perceber elementos como lacunas existentes, grupos de pesquisas expoentes, possibilidades de locais de publicações, entre outras informações.

Quanto as lacunas encontradas, estudos com olhares voltados a outras rotas de migração podem ser pertinentes, questionando a ideia de que os fluxos são direcionados sempre aos grandes centros, ou seja, aos locais mais desenvolvidos economicamente (Europa e Estados Unidos), e diante disso, discutir os aspectos referentes ao migrante que não está presente nesse padrão. Isso pode ser completado com olhar maior para outras classes de trabalhadores do esporte como técnicos, staffs, jornalistas etc., bem como ao sexo feminino.

No entanto, a partir do cenário observado pelas pesquisas sobre migração esportiva, acredita-se que para qualificar os estudos sobre a temática é necessário

estabelecer alguns pontos adicionais. Em relação as modalidades esportivas, aponta-se que é relevante focar em outras modalidades com particularidades mais acentuadas, até mesmo já analisadas, mas ainda em estágio inicial. No que tange aos métodos de pesquisa menos de 46% dos estudos utilizaram as entrevistas como instrumentos. Já as fontes documentais somam-se menos de 50% dos estudos. Nesse sentido acredita-se que ampliar esse tipo de método de pesquisa pode qualificar as discussões sobre a migração esportiva em novos estudos.

As limitações que os estudos da migração esportiva enfrentam podem se relacionar com as dinâmicas da produção do conhecimento. Grande parte da produção é centralizada em dois autores e suas redes de colaboração, com isso há um direcionamento excessivo para pontos como a predominância do futebol e das análises mercadológicas da modalidade. Com essa visão eurocêntrica não se considera outras manifestações do fenômeno da migração esportiva dentro da agenda de pesquisa, como é o caso de outras modalidades esportivas, ampliação dos fatores de influência, outros sentidos dos fluxos migratórios, e até rotas não exploradas pela literatura já produzida.

Compreende-se que as análises aqui realizadas são importantes e de contribuições relevantes para literatura. Entretanto, cabe ressaltar que existe algumas limitações nesse estudo. Importante lembrar que as buscas foram realizadas em três bases de dados, com descritores em inglês, com isso algumas publicações podem não ter entrado no escopo da pesquisa. Isso se dá porque nem todos os periódicos, potenciais veiculadores da temática, podem estar indexados nas bases de dados utilizadas, textos publicados em revistas de alcance regional/nacional. Além disso, foram excluídos os documentos em formatos de livros e capítulos de livros que ainda hoje se constitui como uma importante ferramenta de disseminação do conhecimento de pesquisas nas áreas das ciências humanas e sociais.

Alguns cenários e padrões em relação a migração esportiva foram identificados por meio da análise do conhecimento produzido. Nesse momento, será então analisado o caso da migração dos corredores de rua africanos para o Brasil. Num primeiro momento, será contextualizado o funcionamento e a situação dos migrantes no Brasil e posteriormente aplicadas as dimensões da migração esportiva.

5 UMA VIDA CORRIDA, ENTRE A ÁFRICA E O BRASIL

O presente capítulo busca, por meio do diálogo com os dados provenientes das fontes de pesquisas propostas, analisar a migração de atletas africanos de corrida de rua para o Brasil utilizando o modelo analítico proposto. Para iniciar as reflexões aqui pretendidas, contextualizar-se-á os participantes que forneceram as informações para o presente estudo. São eles: os atletas africanos e seus agentes brasileiros⁴⁶. Esse esforço tem como objetivo conhecer um pouco da história de vida e relação desses indivíduos com o universo das corridas de rua, como se pode observar no quadro a seguir, as informações dos agentes de atletas entrevistados.

Quadro 3: perfil dos agentes brasileiros de atletas africanos.

| Agente | Idade | Vida pregressa | Tempo de carreira |
|---------------|--------------|-----------------------|--------------------------|
| Agente 1 | 61 anos | Ex-atleta | 34 anos |
| Agente 2 | 56 anos | Ex-atleta | 12 anos |

Fonte: Elaborado pelo autor

Em relação aos depoentes que atuam com os corredores africanos no Brasil, apenas os dois entrevistados são oficialmente registrados para atuar como agentes. De acordo com a IAAF (2012), a atuação dessas pessoas é regulada pela regra sete do livro de regras do atletismo, bem como pelo regulamento dos representantes de atletas. Segundo o regulamento, um agente/representante de atleta é a pessoa que esteja devidamente autorizada e registrada em uma das federações membro da IAAF (IAAF, 2012).

Tratando das características pessoais dos agentes brasileiros, um ponto de semelhança entre os dois agentes é que ambos têm uma vida pregressa no atletismo.

⁴⁶ Os atletas de corrida de rua que migram para o Brasil, fazem por meio do agenciamento de brasileiros com autorização para realização dessas tarefas. Nesse sentido, nesse trabalho os nomes dados como anonimato serão, Agente 1 e Agente 2.

eu sou atleta desde 74, eu comecei minha carreira como atleta, fui atleta 25 anos (AGENTE 1). Sou ex-atleta olímpico (AGENTE 2).

Pode-se observar que ambos foram atletas e, além disso, tiveram uma carreira internacional, inclusive competindo fora do Brasil, com sucesso internacional, tendo o Agente 1 vencido importantes maratonas no mundo, e o Agente 2, além de vencer diferentes provas, foi também medalhista de bronze em mundial de atletismo.

No entanto, o contraste entre os dois agentes surge em relação ao tempo que trabalham com os atletas. O Agente 1 exerce a função de agente/representante há 34 anos, porém, com atletas africanos, há 25 (AGENTE 1). Já o Agente 2, realiza o trabalho de agente/representante⁴⁷ faz 12 anos (AGENTE 2).

A forma como encaram seus trabalhos é outro ponto de distinção entre os depoentes. Por um lado, um apresenta um olhar de que é um agente, mas não se atém à função, “ainda hoje eu além de ser técnico, sou agente, sou motorista, sou papai, sou todos pros atletas” (AGENTE 1). Já o outro quando indagado se é treinador de atletas africanos, ele afirma, “não sou treinador de africanos, sou treinador de atletas brasileiros, apenas trabalho com eles como agente” (AGENTE 2).

Essa diferença entre os agentes acontece porque enquanto o Agente 1 atua apenas com os atletas africanos, o Agente 2 possui uma entidade que trabalha o atletismo para crianças, jovens e adultos brasileiros, tanto no atletismo olímpico como paralímpico. O agenciamento de atletas africanos é, portanto, apenas uma parte do seu trabalho dentro do atletismo.

Nesse sentido, vale considerar que no depoimento do Agente 1, ele remete a uma situação semelhante de projeto social voltada ao público infantil, no entanto, o projeto foi encerrado (AGENTE 1). Já em relação aos atletas de elite, o depoente informa que os primeiros trabalhos como agenciador foi justamente com atletas brasileiros, fazendo a rota contrária, levando esses corredores para as provas dos Estados Unidos e Itália.

⁴⁷ A ação dos agentes de corredores de rua, além de serem permitidos agenciar os atletas, também são considerados representantes, ou seja, são os agentes que representam os interesses desses atletas perante os trâmites legais e as organizadores de eventos da modalidade.

Não por acaso, a experiência desses agentes possibilitou o acesso aos corredores africanos e gerou a oportunidade de atuarem nesse ramo. Para o Agente 2, o seu contato com os atletas africanos se deu “*devido ao meu conhecimento no mundo esportivo como atleta*” (AGENTE 2).

Os agentes entrevistados são os únicos brasileiros com registros oficializados para atuarem como agentes de africanos. Eles tiveram contatos com atletas de origem africana enquanto atuavam como atletas, e nesse momento atuam trazendo corredores dessa origem para o Brasil.

Esses atletas africanos que migram para o Brasil possuem as seguintes características:

Quadro 4: perfis das (os) atletas entrevistados(as).

| Atleta | Idade | Origem | Tempo de prática | Posição Ranking Mundial* |
|---------------|--------------|---------------|-------------------------|---------------------------------|
| Man 1 | 29 anos | Quênia | 8 anos | 396 |
| Man 2 | 34 anos | Quênia | 10 anos | 959 |
| Woman 1 | 32 anos | Uganda | 10 anos | 593 |
| Woman 2 | 28 anos | Quênia | 6 anos | 609 |

*World Ranking Road Running (2020)

Fonte: Elaborado pelo autor.

O quadro apresentado traz algumas informações em relação aos atletas que atuam no Brasil na condição de migrante, sendo que se tem dois homens e duas mulheres entrevistadas. Três dos depoentes são de origem queniana, como já observado, o país com maior número de representantes nos maiores eventos de corridas de rua do mundo (NJORORAI, 2012).

Outro ponto a se considerar é que a média de idade dos quatro depoentes está por volta dos 30 anos de idade. Para muitos esportes pode ser considerada alta. No entanto, ao voltar o olhar para o tempo de prática, ou tempo atuando como atletas de elite, a percepção muda. O tempo médio de prática dos entrevistados é de aproximadamente oito anos e meio. Focando nessas informações, percebe-se que ambos começaram suas vidas no atletismo profissional depois dos 20 anos de idade.

Mesmo com poucos anos de atuação dentro do atletismo, os atletas depoentes possuem vasta experiência internacional, como pode ser observado quando questionados sobre suas experiências.

Sim. Muitas competições, muitos países. Deixe-me começar pela América do Sul: Colômbia, Paraguai. Vamos para os EUA, você conhece a Guatemala? EUA, Europa. Vamos terminar com os EUA e depois ir para a Europa. Na Europa, Espanha, França, Alemanha. Ásia, China, Coreia, muitos (MAN 1).

Sim, participei em vários países do mundo e também no meu país. Fui para a Europa, por exemplo. Estive na Itália, estive na Holanda. Eu estive na Coreia, China, EUA, Argentina, Colômbia (MAN 2).

Em 2015, participei do Campeonato Mundial de Cross Country na China. Eu também participo em Uganda, Valência. Também participo da meia maratona do Commonwealth Games no Reino Unido. A experiência que tive em outros países, como quando você está competindo com esses campeões, precisa treinar duro, mais duro para poder também chegar lá (WOMAN 1).

Eu participei na Itália, Europa no ano de 2016 (WOMAN 2).

Os atletas, além de atuarem no Brasil durante as coletas das entrevistas, já passaram por diversos países. No entanto, um ponto a se considerar é a relação desses depoentes com os agentes brasileiros, que se dá apenas no território brasileiro, ou seja, nessas experiências globais, como pode ser constatado, esses atletas eram agenciados por outros indivíduos.

Outro ponto que se pode considerar dos atletas que forneceram seus depoimentos, é em relação ao nível técnico apresentado por eles dentro das corridas de rua. Evidentemente que no cenário das corridas de rua no Brasil esses atletas figuram nos pódios dos eventos. No entanto, como pode ser visualizada na coluna referente ao ranking mundial de corridas de rua, esses atletas não pertencem ao primeiro escalão. O melhor colocado está na 396ª colocação. Outro dado que evidencia tal leitura é a classificação dentro dos moldes da *Road Races Labels* da IAAF. Os

entrevistados não são listados entre os aproximadamente 1300 atletas, homens e mulheres, que estão distribuídos nas categorias *bronze, silver, gold e platinum*⁴⁸.

Como exposto anteriormente, esses atletas que migram para o Brasil já participaram de competições em diversos países. No entanto, é importante frisar que por mais que tenham uma ampla experiência internacional, não podem ser enquadrados no tipo de migrante caracterizado por Maguire (1996) e Magee e Sugden (2002) como cosmopolitas nômades, uma vez que possuem residência temporária no Brasil.

De acordo com a Contra Relógio (2010), os atletas africanos podem permanecer no Brasil por até seis meses. No entanto, é comum observar que a residência dura aproximadamente quatro meses (DORO, 2012; LUCENA, 2011; WEBRUN, 2012).

O período de residência que esses migrantes africanos permanecem no Brasil, distribui-se em duas cidades diferentes, uma no interior do Paraná e outra no interior de São Paulo (LUCENA, 2012). As casas em que residem foram montadas e equipadas especificamente para alojá-los durante o período de permanência.

No interior do Paraná, em uma pequena cidade de aproximadamente 4.000 habitantes, encontra-se a casa de um dos agentes dos atletas africanos. Logo a frente, uma casa com bom padrão de construção - se comparada à realidade das pequenas cidades paranaenses - é o local de residência desses atletas. Dentro da propriedade, vários quartos com camas e armários, e toda uma estrutura de uma residência normal, exceto pela existência de jogos de mesa para a distração dos atletas e uma grande hidromassagem em um local separado.

Nessa casa, uma mulher é designada como a funcionária do local. Sob sua responsabilidade durante o dia está, além de manter a limpeza da propriedade, fazer o café da manhã, almoço e café tarde para os atletas. Somente o jantar é preparado pelos próprios moradores.

Não muito diferente, é o que ocorre no interior de São Paulo. Mesmo que a residência desse grupo seja em uma cidade com mais habitantes, esses atletas levam

⁴⁸ As categorias mencionadas fazem parte de um programa de ranqueamento de atletas e eventos de corridas de rua realizado pela World Athletics (WA). Um maior detalhamento será realizado posteriormente.

uma vida semelhante. Eles moram em uma chácara onde há, além da residência do agente, outras três casas que são destinadas aos atletas africanos.

Em ambas as casas, os atletas vivem de maneira semelhante. Suas rotinas no período em que residem no Brasil está em viajar para as competições e, no momento em que estão em casa, treinar, se alimentar, e também aproveitar as tecnologias para lembrar de suas culturas e manter contato com a família em seus países (LUCENA, 2012).

Toda a estrutura oferecida para os atletas africanos, entre moradias, alimentação, e comodidades de um lar, bem como seus deslocamentos - tanto para as competições dentro do Brasil, como a vinda de seus países para o Brasil - são custeadas pelos seus agentes. Para arcar com essas despesas, um dos agentes tem uma patrocinadora master desde o início de sua atuação e o agente tem contrato com a marca de produtos esportivos italiana FILA, além de outros patrocínios menores e temporários.

Já o outro agente não exibe uma marca esportiva de representação internacional para sua equipe de africanos. Por outro lado, como atua com atletas brasileiros, também se utiliza de diversos patrocínios, inclusive o de uma empresa estatal, como é o caso da Caixa Econômica Federal.

Para além dos patrocínios que as equipes comandadas por esses agentes recebem, outra fonte de financiamento vem dos contratos com os atletas. Os contratos firmados com os estrangeiros preveem que uma porcentagem das premiações pagas pelos eventos seja destinada ao agente responsável por esse atleta (LUCENA, 2012; DORO, 2010; WEBRUN, 2012).

Apresentados os perfis dos atletas e dos agentes que participaram da pesquisa, bem como relatado como funciona a residência dos atletas africanos no Brasil, explorando o contexto social inserido e os custos gerados e de onde vem as fontes para cobri-los, nas próximas páginas desse relatório de pesquisa serão realizadas as análises das dimensões da migração esportiva propostas.

O capítulo será dividido em quatro subtópicos, cada qual trazendo elementos de aplicação e diálogo entre as dimensões propostas e os dados empíricos que se apresentam como interferentes no processo de migração dos atletas corredores de rua

de origem africana para o Brasil. O primeiro abordará as relações culturais entre a corrida de rua e os países do leste africano. Num segundo momento, serão abordadas questões sobre os trâmites legais do processo. O terceiro tópico se atentará às condições socioeconômicas encontradas nos diferentes países envolvidos no processo migratório. Por fim, os aspectos motivadores e as constituições de redes para a migração serão analisados no quarto subtópico do capítulo.

5.1 DE ONDE ELES VÊM – Dimensão Cultural

Durante esse subcapítulo será aplicada a dimensão denominada como cultural. O ponto de partida para a compreensão das relações que culturalmente podem influenciar e moldar o padrão de movimento dos atletas é entender que a cultura esportiva do país ou região pode ter influência importante nesse fenômeno.

Como já mencionado, para analisar a dimensão cultural apropriou-se do modelo desenvolvido por Willian Crossan (2013), que após realizar uma análise de quatro níveis, considera os países envolvidos no processo sob perspectivas de onde se localizam dentro da distribuição do sistema mundo, bem como qual é o status da modalidade esportiva dentro da popularidade do país (CROSSAN, 2013).

Diante disso, aplicou-se a proposta como possibilidade de leitura da migração esportiva de corredores de rua para o Brasil. Sendo que na dimensão cultural, como foi idealizada, dar-se-á peso maior para a cultura esportiva dos países envolvidos nos fluxos migratório, ou seja, para a compreensão da posição da modalidade dentro do espaço social dos países envolvidos. No entanto, não se nega as influências das questões econômicas e políticas, até mesmo porque serão discutidas e aprofundadas nas demais dimensões do modelo proposto para esta tese.

Os padrões de migração dos atletas de corridas de rua que participam de competições esportivas no território brasileiro são abordados a partir da identificação de suas origens. Para atender ao intento de avaliar se a cultura esportiva do país influencia nos padrões migratórios estabelecidos, optou-se por realizar uma análise comparativa dos estrangeiros da corrida de rua com os de outras modalidades praticadas no Brasil.

Para as reflexões aqui pretendidas se apropriou de relatórios das confederações esportivas brasileiras de quatro modalidades, sendo elas atletismo, basquetebol, futebol e voleibol. Essas escolhas se deram a partir do retorno por parte das entidades após a solicitação das informações via e-mail e telefonemas. Algumas entidades representativas, como a do futsal e handebol, não retornaram, ou não havia relatórios elaborados sobre a participação de atletas estrangeiros em suas competições nacionais⁴⁹.

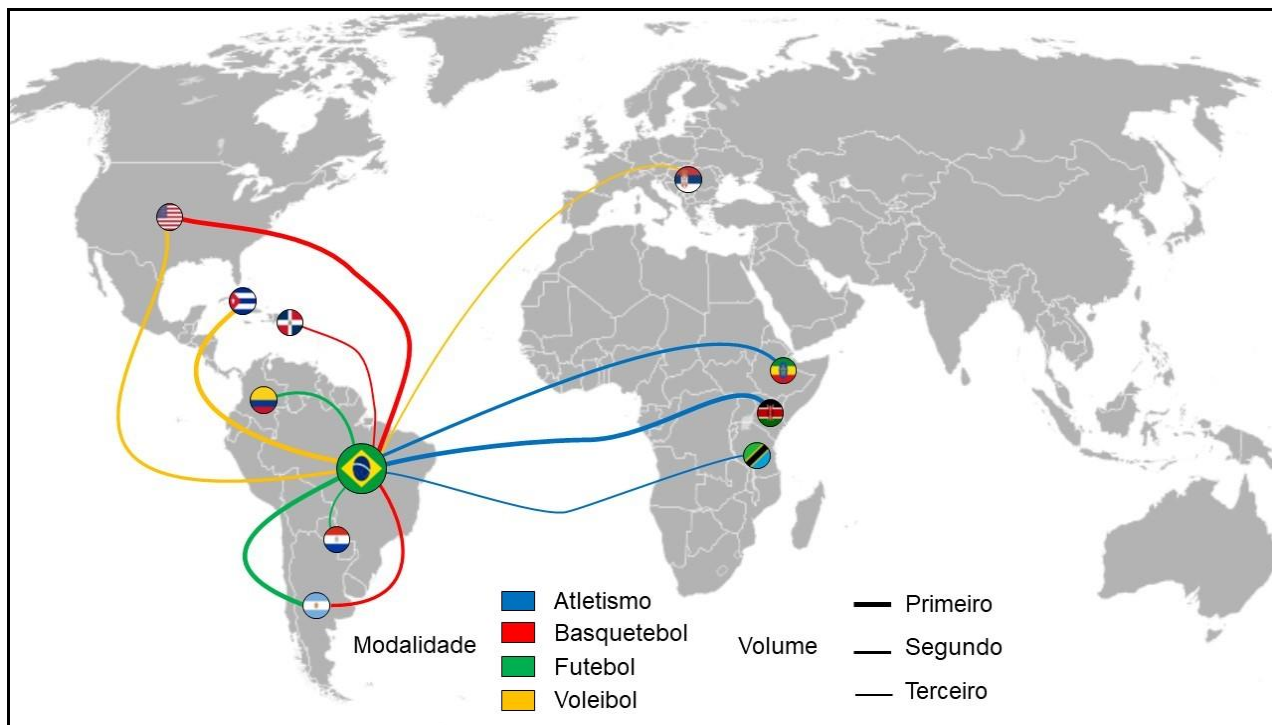
Como uma pesquisa que busca diagnosticar os padrões de migração de atletas estrangeiros para o Brasil, em diferentes modalidades esportivas, essa pesquisa se caracteriza como mista. Isso se dá pelo fato de que análises qualitativas serão realizadas a partir de dados, que por sua vez, são de origens qualitativas e quantitativas.

Os dados qualitativos referenciados nesse método são oriundos de fontes documentais, que se materializam em forma de reportagens, notas entre outros. A busca por tais fontes foi realizada por meio eletrônico, utilizando-se de acesso a sites das organizações oficiais das modalidades aqui representadas e de jornais que veicularam matérias relacionadas à presença dos atletas estrangeiros no Brasil. Já em relação aos dados quantitativos, foram adquiridos diretamente com as confederações responsáveis pelas modalidades esportivas analisadas. Foram feitas planilhas com a descrição dos atletas estrangeiros que atuaram ou atuam nas competições nacionais. Nelas estão descritas a temporada, o nome, o país de origem, o sexo dos atletas, e em alguns casos outras informações, como o clube de destino.

Os padrões de movimentos das modalidades esportivas são influenciados pelas próprias características culturais em que se consolida o esporte. Nesse sentido, buscou-se compreender como isso se dá quando o Brasil surge com o papel de hospedeiro do atleta migrante. Serão apresentadas a seguir informações relativas a quatro modalidades esportivas disputadas no Brasil e que contam com a presença de estrangeiros em suas competições. São elas: futebol, basquetebol, voleibol e atletismo.

⁴⁹ O recorte temporal estabelecido, foi de acordo com a disponibilidade de dados de cada modalidade. Sendo assim, o futebol tem abrangido os anos de 2005 até 2017, o basquetebol os anos de 2008 até 2017, o voleibol de 2010 até 2017 e o atletismo de 2012 até 2017.

Figura 19: Fluxos migratórios em diferentes modalidades esportivas

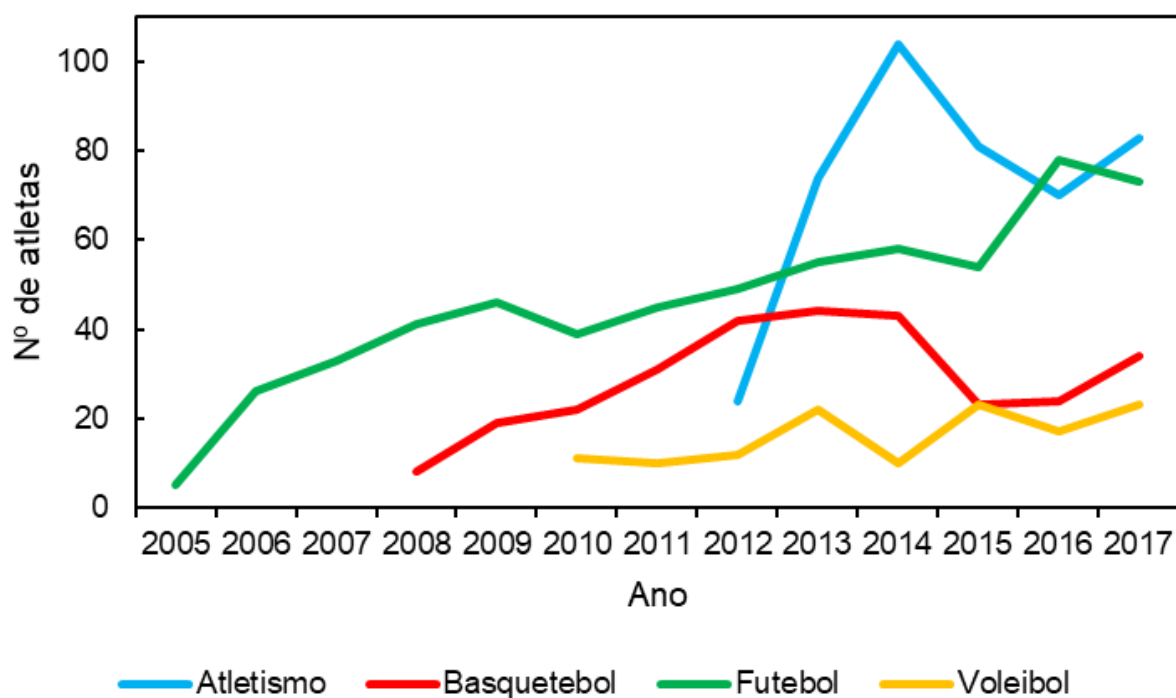


Fonte: Elaboração do autor a partir dos dados.

A figura 19 evidencia os principais exportadores de atletas para as competições brasileiras. Em um primeiro momento já se pode perceber que os fatores geográficos de proximidades fronteiriças e culturais, como língua materna do migrante em relação à utilizada no Brasil, não fazem tanto efeito no protagonismo dos fluxos migratórios. Nesse sentido, o ponto de análise da cultura esportiva dos países se faz relevante e apropriada para compreensão do fenômeno.

Dados os indícios dos padrões migratórios em relação a cada modalidade, será apresentado quantitativamente esse cenário. No que tange ao futebol, durante o recorte temporal estipulado para a presente pesquisa, diagnosticou-se um relativo crescimento no número de jogadores estrangeiros participando do principal campeonato brasileiro. No ano de 2005 foram cinco jogadores, posteriormente, ocorreu crescimento relativamente gradual, até atingir no ano de 2016 um total de 78 futebolistas. Os dados compilados de todas as modalidades podem ser observados na figura 20, que apresenta a distribuição por ano desses atletas.

Figura 20: Número de atletas estrangeiros por ano e por modalidades.



Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados coletados.

Ao todo, Campeonato Brasileiro de Futebol Masculino da Série A, principal competição nacional da modalidade, recebeu 353 atletas durante um período de 14 anos, sendo eles oriundos de 34 países diferentes. Entretanto, tem-se uma predominância da região sul da América Latina. A Argentina é o país que mais cedeu jogadores, totalizando 107. Na segunda posição, a Colômbia doou 50 jogadores para o principal campeonato brasileiro, ao passo que Paraguai cedeu 42.

Já em relação ao basquetebol, no abordar a origem dos jogadores estrangeiros que atuaram no NBB, num primeiro momento já se percebe a variedade de localidades doadoras. Durante toda a história do campeonato, um total de 19 países cederam atletas para a competição brasileira. Quando se volta o olhar apenas para o país de origem, fica evidente a massiva presença de jogadores norte-americanos. Dos 19 países, os Estados Unidos, sozinho, representa 71,3% dos atletas estrangeiros presentes nas 10 temporadas do NBB.

No que tange à modalidade do voleibol, as principais competições nacionais são as chamadas Superligas. Quanto à participação de jogadores estrangeiros, diagnosticou-se que não há um padrão de crescimento gradativo como nas demais modalidades aqui apresentadas. Nos primeiros registros fornecidos pela CBV no ano de 2010, somaram-se aos jogadores nativos do Brasil um total de 11 estrangeiros. Já em 2017, último ano do recorte temporal, havia 23 atletas nos times brasileiros. No entanto, mesmo com notável crescimento, ele não ocorreu de forma regular e uniforme.

Com uma diferença particular no que tange às realidades entre os sexos nas Superligas de voleibol no Brasil, observa-se que há dois países que se destacam como origem dos estrangeiros presentes no país. No sexo masculino, a origem de 15 dos jogadores que vieram ao Brasil nesses oito anos é cubana. Já no sexo feminino, os Estados Unidos doaram 15 jogadoras, sendo o maior doador de atletas. Na segunda posição essa dinâmica se inverte, o Estados Unidos cedeu mais atletas para o masculino (5) e Cuba para o feminino (7)⁵⁰.

A modalidade central deste estudo é o atletismo. De acordo com as informações fornecidas pela CBAAt, o registro dos atletas estrangeiros começou a ser realizado em 2012. Diante disso, os dados evidenciam que o número de atletas estrangeiros competindo no Brasil teve um aumento nos primeiros anos de registros. Posteriormente, estabilizou, não alterando significativamente o quantitativo de estrangeiros.

Durante os anos de que se tem registros, um total de 282 estrangeiros, de 26 países diferentes, teve permissão para residir e participar de competições em território nacional. No entanto, alguns países se destacam em relação ao número de atletas doados às competições brasileiras. O Quênia com um total de 148 atletas - sendo 92 homens e 56 mulheres – consolidou-se como o país com maior número de atletas cedidos.

Na segunda posição, outro país do leste africano, a Etiópia, com um total de 44 atletas, 22 de cada sexo. A Tanzânia surge como o terceiro país com maior número de atletas migrando para as competições brasileiras. Foram 19 homens e 10 mulheres, totalizando 29 estrangeiros no atletismo em território nacional.

⁵⁰ As modalidades basquetebol e futebol não forneceram dados sobre a presença de mulheres estrangeiras.

A partir dos dados apresentados em relação a cada uma das modalidades apropriadas com a finalidade de comparação com a realidade do atletismo, compreende-se alguns elementos que serão aqui discutidos. Primeiro ponto: o aumento de estrangeiros nas competições brasileiras foi observado em ambas as modalidades. Em uma análise panorâmica pode-se apropriar-se das justificativas de Poli e Besson (2011), em que os autores destacam que esse fenômeno pode ser consequência do trabalho globalizado no esporte.

Nesse sentido, apropriando-se também dos dados da literatura acadêmica anteriormente analisada, bem como do levantamento dos estrangeiros em atuação no Brasil, entende-se que quanto mais avançado o processo de globalização da modalidade, maior o número de ocorrências de deslocamento de indivíduos. Assim, observa-se o aumento da migração de atletas do futebol (RIAL, 2008; POLI; BESSON, 2011), no basquete (CHIBA, 2013; CROSSAN, 2017), no voleibol (PONTES *et al*, 2018), e não diferente, no caso do atletismo e das corridas de rua (NJORORAI, 2012; NUNES; ROCHA, 2019).

Observados os possíveis fatores para o aumento no número de migrações nas diferentes modalidades, insere-se o Brasil enquanto ponto geográfico de recepção dessa movimentação, consolidando-se não somente como um país doador de talentos, mas enquanto intersecção dessa teia de inter-relação do esporte global. Discussões serão realizadas a respeito do posicionamento dessas modalidades dentro da cultura dos países envolvidos.

O Brasil é considerado “o país do futebol”, ou como diz Júnior (2013), Brasil é o país de grandes futebolistas, sendo que daqui saíram diversos jogadores considerados como os melhores do mundo, muitos desses assinando contratos milionários. Os jogadores de futebol brasileiros ocupam uma parte econômica e numérica significativa de um mercado globalmente conhecido, no qual se concentram os principais jogadores e clubes (RIAL, 2008).

No ano de 2019 o Brasil figurava na terceira colocação do ranking mundial de países no futebol da FIFA, enquanto os países que cederam jogadores ao campeonato brasileiro apareciam em colocações inferiores. O primeiro deles é a Argentina na 9ª

posição, seguida pela Colômbia (10^a). O Paraguai aparece apenas na 40^a posição (FIFA, 2019).

Ao comparar os dados aqui expostos com um estudo realizado na Inglaterra (POLI, 2007), notamos que a realidade não é parecida com a do Brasil. A pesquisa citada aponta que a maioria dos atletas que migraram para o país ao longo das temporadas são de outros continentes, dentre os quais predominam a América do Sul e a África. Segundo o autor, a liberação progressiva da circulação de desportistas facilitou o processo.

Nesse sentido, observa-se que as grandes ligas europeias são os objetivos finais dos jogadores de futebol, por isso futebolistas de todo o planeta almejam migrar para o continente, incluindo sul-americanos, africanos e asiáticos. No entanto, no caso do Brasil, os jogadores que em sua maioria se deslocam para o campeonato local são predominantemente de países vizinhos, o que pode ser explicado pela proximidade geográfica, cultura não muito diferente, um mercado de trabalho mais atrativo dentro da realidade regional e o país ter se tornado uma vitrine para as grandes ligas europeias.

Compreende-se então que nas propostas de análise de Crossan (2013), o futebol é um esporte primário no Brasil, sendo o país uma nação semiperiférica. Classificação em que também se enquadram os países de origem dos futebolistas estrangeiros. Em síntese, o número de brasileiros que deixam o país para atuar no exterior é maior que o número de estrangeiros que entram no país. Essa afirmação é amparada em dados como apontado pelo *CIES Football Observatory* que apontam o Brasil como o maior exportador de jogadores de futebol, sendo um total de 1600 no ano de 2019 (CIES, 2020). Isso se deve ao fato de o Brasil ter no futebol seu esporte primário e ser um grande produtor de talentos na modalidade (BARBOSA, 2007).

Já em relação ao basquete, ao observar a origem dos jogadores estrangeiros que passaram pelo NBB, permite-se pensar alguns padrões de movimentação desses migrantes. Os números referentes aos países doadores para o basquete brasileiro evidenciam uma grande proporção de jogadores oriundos dos Estados Unidos da América. Ao analisar pelo viés econômico, encontra-se uma contradição nessa informação, pois geralmente atletas de países periféricos procuram outras nações mais centrais economicamente para trabalhar (ANDREFF, 2015). Nesse caso, se trata de um

país central (Estados Unidos) servindo mão de obra para um país semiperiférico (Brasil).

Falcous e Maguire (2005) apresentam uma possível explicação para esse tipo de fenômeno quando expõem que mesmo os Estados Unidos sendo um país de centralidade socioeconômica, onde está localizada a maior liga de basquete do mundo, a NBA, e culturalmente se consome mais o esporte, a produção de talentos massiva em seus estágios escolares e universitários que alimentam a liga geram um excedente. A produção é imensamente maior que a demanda e se considerarmos que a NBA também seja destino dos melhores jogadores de basquete do mundo, o excedente de talentos produzidos nos EUA pode buscar espaços em países ao redor do mundo, como é o caso do Brasil.

Nesse sentido, encontra-se respaldo nas proposições feitas nos estudos de Crossan (2008), em que o autor indica a necessidade de considerar as condições socioeconômicas e culturais dos países envolvidos no processo migratório. Para Crossan também é preciso entender qual o *status* da modalidade dentro da preferência de prática e midiática nos países. Importa, então, dizer que o basquete é um dos principais esportes dos Estados Unidos, ou seja, figura entre as modalidades primárias do país. Já no Brasil, mesmo que tenha havido historicamente tempos de sucesso para o basquete brasileiro no cenário internacional, atualmente a modalidade vem reconstruindo seu status (HIRATA, 2020). Mesmo assim, culturalmente, no Brasil o esporte primário é o futebol, deixando às demais modalidades condições de coadjuvantes no campo esportivo.

Diante dessas constatações, mesmo que em condições financeiras muito aquém do que teriam na NBA, devido ao excesso de talentos formados nos Estados Unidos, uma das opções desses jogadores é migrar para outros países, mesmo sendo esses semiperiféricos ou periféricos, tendo assim condições de continuar atuando na modalidade. O espaço para atuarem em um país onde o basquete é um esporte culturalmente secundário é maior, pois a produção de jogadores de alta qualidade é proporcionalmente menor.

Classificam-se os padrões de migração do basquete brasileiro como jogadores de origem de um país central, onde a modalidade é primária, que se deslocam para um

país semiperiférico, onde o basquetebol é uma modalidade secundária. De acordo com Chiba (2004), isso ocorre porque esses migrantes geralmente são um segundo escalão dentro de seu país, não exercendo atividade em sua terra natal pelo excedente de talentos encontrados.

No que tange ao voleibol, observa-se dois grandes doadores de atletas, cada qual com suas peculiaridades. De um ponto encontra-se os Estados Unidos, como observado no caso do basquete, um país considerado central dentro da economia global. Por outro lado, Cuba, país caribenho classificado como um país periférico no mundo globalizado.

Por mais que as posições dentro da economia global ocupadas pelos dois países sejam diferentes, quando se volta o olhar para os aspectos esportivos, ambos têm grandes semelhanças. Os países obtiveram importantes resultados internacionais com suas seleções. No entanto, ao se tratar da profissionalização nas competições internas esse cenário não se repete.

Nos Estados Unidos, o voleibol está presente dentro das competições universitárias, sendo a competição feminina a com maior concentração de equipes. No entanto, ao comparar a modalidade com outros esportes universitários o prestígio é relativamente baixo (ZAPALAC; ZHANG; PEASE, 2010). Mesmo que existam e desenvolva-se importantes talentos, a modalidade não é primária para a cultura do país. Outro ponto a se considerar, é que até o ano de 2018 não havia uma liga profissional de voleibol nos Estados Unidos (CANOSSA, 2017), até que foi criada a NVA (*National Volleyball Association*), que surge como uma forma de profissionalizar a modalidade no país (NVA, 2020).

O mesmo ocorre com o voleibol cubano. No país não existe uma liga profissional da modalidade. De acordo com Barifouse (2019), não há clubes para jogar em Cuba e, segundo sua reportagem, jogadores que representam o país em sua seleção de voleibol recebem em média US\$ 8 por mês, o que motivaria os jogadores a deixarem o país onde os esportes mais populares são o boxe e o baseball (WAGNER, 1984).

Em relação ao status do Brasil nesse meio, como observado, na posição dentro do sistema global, o Brasil se classifica como um país de semiperiferia. Já em relação ao voleibol dentro da cultura popular do país, constata-se que a representação

internacional o consolida enquanto líder mundial da modalidade (ALMEIDA *et al*, 2012; MOREIRA; VLASTUIN; MARCHI JR, 2013). E internamente, mesmo reconhecendo o protagonismo do futebol, Kasznar e Graça Filho (2002), apresentam que naquele período a modalidade havia conquistado espaço de preferência da população brasileira, atrás do futebol, sendo inclusive transmitida em TV aberta.

Nesse sentido, compreende-se que por mais que fatores econômicos sejam variáveis importantes a se considerar na análise do processo migratório, esse não pode ser a eles resumidos. Observa-se um país central e um país periférico enviando jogadores à liga de voleibol brasileira, sendo o Brasil semiperiférico. No entanto, compreendendo as dinâmicas do voleibol e sua representação dentro do campo esportivo mundial, mesmo em ambas as localidades não sendo a modalidade primária, são grandes representantes desse esporte no contexto mundial. Diante disso, a não existência ou a recente instauração de possibilidades de atuação em suas origens forçam, ou forçaram os jogadores desses países a se deslocarem para o Brasil.

Por fim, em relação ao atletismo, no qual se encontra a corrida de rua, os países mais doadores de atletas para as competições de corrida de rua no Brasil estão todos localizados no leste africano, sendo os quenianos em maior número. No primeiro ponto de classificação fica evidente que ambos os países são periféricos enviando seus talentos para um país de semiperiferia, o Brasil.

Nesse quadro, o Brasil se apresenta com condições econômicas e sociais um pouco melhores em relação aos emissores de corredores de rua. Ou seja, as melhores condições econômicas podem atrair esses atletas ao Brasil para “ganhar a vida” no esporte. No entanto, atenta-se que somente esse aspecto não molda as rotas migratórias em análise. Nesse sentido, faz-se necessário lançar o olhar para a cultura esportiva desses países doadores.

Em um primeiro ponto de vista, ao observar a posição dos países do leste africano no espaço social do esporte globalizado, é notável sua referência nas corridas de médias e longas distâncias (BALE; SANG, 1996; PITSILADIS *et al*, 2007). Porém, esse cenário nem sempre foi assim, e diante disso, será discutido como esses atletas chegaram a tal posição de prestígio internacional.

É imprescindível - na relação de análise da migração de atletas africanos para o Brasil - a compreensão da relevância desses indivíduos dentro do universo das corridas de médias e longas distâncias (corridas de rua inclusive). Para Christensen e Damkjær (2002), as relações culturais dos quenianos com a corrida são anteriores à colonização inglesa, pela qual o país foi envolvido. No entanto, é somente durante esse período de colonização - fim do séc. XIX até meados do séc. XX - que a corrida, enquanto esporte moderno, é fortemente trabalhada nas escolas e por instituições militares.

No entanto, como apontado por Bale e Sang (1996), o ocorrido no Quênia não pode ser extrapolado para além de suas fronteiras. De acordo com os autores, seus vizinhos mais próximos, Etiópia e Tanzânia - que também apresentam resultados positivos nas corridas de longa distância, apesar de serem geograficamente similares - passaram por contextos de histórias política e social diferentes da nação queniana. Outro ponto é que, mesmo com certa incursão de alemães (Tanzânia) e de italianos (Etiópia), não sofreram as mesmas influências europeias.

Em se tratando do esporte moderno, os atletas dos países do leste africano, mais precisamente Etiópia e Quênia, tem sua primeira participação em nível global nos Jogos Olímpicos de Melbourne no ano de 1956, em que foram representados por uma pequena equipe de atletismo e boxeadores (WILBER; PITSILADIS, 2012). Já a primeira medalha olímpica foi conquistada pelo corredor etíope Abebe Bikila, ao vencer a maratona dos Jogos Olímpicos de Roma em 1960 (GOTAAS, 2013; WILBER; PITSILADIS, 2012; BALE, 2007; BALE; SANG, 1996). Quatro anos depois, na cidade de Tóquio, o Quênia também realizou o feito de sua primeira medalha olímpica.

Posteriormente aos primeiros êxitos do leste africano em nível mundial no atletismo de longa distância, a região se manteve e se consolidou enquanto potência nesse tipo de prova (WILBER; PITSILADIS, 2012; NIKOLAIDIS; ONYWERA; KNECHTLE, 2017). No entanto, como observou-se em relação ao voleibol americano e cubano, não só de bom desenvolvimento se faz a cultura esportiva do país. Nesse sentido, tem-se a necessidade de aprofundar nessas questões para não cair nas crenças limitantes sobre a cultura esportiva desses países. Para isso, optou-se por analisar alguns manuscritos que foram produzidos por autores com relações íntimas com as realidades dessas localidades.

Expondo sobre as condições organizacionais do esporte na Etiópia, Wolde e Gaudin (2007, p. 472) apontam para a ideia dos grandes atletas a nível internacional e posicionam as corridas no espaço social.

O "corredor natural" não está sozinho. De fato, os atletas etíopes de nível internacional que vemos na televisão são apenas a parte visível de um mundo inteiro de atletismo, composto por várias instituições esportivas (clubes, federações) e estruturado por um complexo conjunto de competições. E esse mundo do atletismo faz parte de um mundo mais amplo: o mundo dos esportes etíopes, que possuem uma história própria e lida com várias questões sociais, econômicas e políticas. Todas essas dimensões interferem na criação de um atleta, na Etiópia, como em qualquer outro lugar⁵¹.

Como observado nas palavras dos autores, o reconhecimento internacional é dado aos corredores etíopes que tem prestígio no esporte global. No entanto, o atletismo apenas faz parte de um espaço social do esporte na Etiópia. Sendo que esse espaço social encontrado no país é ocupado majoritariamente pelo atletismo e o futebol. O futebol existe por tradição e é apoiado pelo setor privado, enquanto o atletismo ocorre com suporte das instituições estatais, uma vez que é essa a modalidade que gera uma melhor imagem internacional do país (WOLDE; GAUDIN, 2007). Nesse aspecto entra a dimensão da popularidade e da cultura do país, o que são muito influenciadas pela mídia.

Não se pode negar o papel da mídia (especialmente a televisão) de promover um determinado esporte, o futebol, em detrimento de outro, o atletismo. Apesar de muitos prêmios olímpicos e atletas famosos em todo o mundo, o atletismo etíope não é líder em seu país. É o futebol que é o esporte mais popular do país (como no Quênia). A juventude etíope se organizou para apoiar as ligas de classe mundial (Reino Unido) em maior extensão. É comum em todas as grandes cidades do país estar entre os adolescentes com as camisetas de seus ídolos europeus. Por outro lado, é difícil, se não impossível, ver alguém com

⁵¹ Tradução livre nossa, versão original: "The "natural runner" is not alone. In fact, the international-level Ethiopian athletes we see on television are only the visible part of a whole world of athletics composed of various sport institutions (clubs, federations) and structured by a complex set of competitions. And this world of athletics is itself part of a broader world: the world of Ethiopian sports, which possess its own history and deals with various social, economical and political issues. All these dimensions interfere on the making of an athlete, in Ethiopia as anywhere else".

camisetas dos heróis do atletismo, passado e presente. A paixão está do lado do futebol. O atletismo faz parte dos projetos de vida profissional (WOLDE; GAUDIN, 2007, p. 491-492).

Observa-se que o futebol é o esporte mais popular do país. Como antes mencionado, também o esporte moderno mais antigo em seu território. Contudo, percebe-se um ponto de descontentamento em relação aos meios midiáticos em favor do futebol, o que pode ser consequência da própria preferência da população ou motor para a tal preferência. Tal fato também foi apontado por McHenry Jr (1980) ao analisar o esporte tanzaniano”. Para o autor “qualquer exame de esportes na Tanzânia se preocupa principalmente com o soccer - mais conhecido como futebol na África. Nenhuma outra atividade se aproxima de sua popularidade e importância” (MCHENRY JR, 1980, p. 237-238)⁵².

Amplia-se o olhar sobre a construção histórica da cultura esportiva dos países do leste africano. Njororai (2017) aponta que o futebol, além de ser uma modalidade transnacional, nos termos aqui adotados, globalizada, também é seguida “apaixonadamente” pelos países da África oriental, sendo eles Uganda, Tanzânia e Quênia ⁵³. Em outro estudo, o autor afirma ainda que por mais que haja o reconhecimento do Quênia por seus corredores, é o futebol “que capturou a imaginação da nação como o esporte número um” (NJORORAI, 2009, p.866).

Novamente se observa uma dualidade entre as duas modalidades, atletismo e o futebol. No que tange à cultura esportiva do Quênia, o autor aponta que diversas modalidades foram inseridas no contexto escolar pela colonização inglesa. No entanto foram o atletismo e o futebol que atraíram a população local (NJORORAI, 2009). Por sinal, em outro estudo do autor, é apontado que das modalidades incluídas no território queniano no período colonial, apenas o atletismo, o boxe e o futebol eram destinados aos indígenas quenianos (NJORORAI, 2013).

Por mais que em ambos os países sobre os quais se realizaram as reflexões apontem o atletismo e o futebol como suas principais preferências - tendo o futebol

⁵² Tradução livre nossa, versão original: “Any examination of sports in Tanzania is principally concerned with soccer - more widely called football in Africa. No other activity approaches its popularity and importance”.

⁵³ Segundo o autor ambos os países passaram por períodos de colonização inglesa. Por isso semelhanças em sua formação cultural.

maior prestígio - Njororai (2017, p. 2) aponta que: “no entanto, para os países da África Oriental, o desenvolvimento do futebol de associação e o conseqüente sucesso nas competições internacionais têm sido ilusórios”. Isso revela que por mais que o futebol tenha prestígio internamente, no âmbito global os resultados obtidos pelos países não os colocam em posição de reputação internacional.

Na literatura ficou evidente um dualismo de preferência pelo futebol e o pelo atletismo de provas de médias e longas distâncias nessas localidades. No entanto, ao questionar os atletas de origem africana - que migraram para o Brasil para participar das corridas de rua em território nacional sobre a popularidade da modalidade em seus países - as respostas são unânimes em afirmar positivamente a respeito.

Sim, no Quênia é popular. É popular no Quênia [...] Sim, como país, vê o esporte como um dos principais fatores, que como um bom país em um nível superior, porque você descobre que no meu país você encontra grandes atletas. Então, isso significa que meu país será reconhecido pelo esporte do atletismo (MAN 2).

A justificativa apresentada pelo discurso do entrevistado, para a popularidade da corrida de rua/atletismo em seu país, o Quênia, é em relação a sua capacidade de produzir uma boa imagem internacionalmente. Esse fato corrobora os apontamentos realizados por Wolde e Gaudin (2007) e Njororai (2009), os quais afirmam que os corredores passam uma imagem positiva dos países para comunidade esportiva global.

A importância da corrida de rua para a cultura do país foi outro questionamento direcionado aos (às) participantes das entrevistas. Nesse ponto alguns fatores foram levantados, principalmente em relação aos próprios corredores. Um dos entrevistados aponta para a existência de muitos corredores em seu país, sendo para ele um fator que incentiva os atletas a se dedicarem e treinar (MAN 2). Já dois dos discursos são pautados na transformação social que a corrida de rua está ocasionando em sua comunidade.

Sim, no Quênia, minha tribo de onde eu venho, é uma tribo da qual a maioria dos atletas de ponta do Quênia vem. Então, pelo menos, a corrida mudou a maneira de viver, porque a vida no Quênia não é decente. Então, pelo menos a corrida mudou. Chegou a mudar seu modo de vida (MAN 1).

Ainda no mesmo sentido a entrevistada com origem em Uganda afirma.

Importância de correr em nossa casa? Muitas pessoas se desenvolveram através da corrida. E eles apoiaram muitas pessoas que eram muito pobres, mas agora eles se saíram bem (WOMAN 1).

Em ambos os relatos, os entrevistados argumentam o desenvolvimento social e econômico para justificar a importância da corrida de rua/atletismo para a cultura do país. Fato que se encontra na afirmação de Wolde e Gaudin (2007), de que o atletismo faz parte do projeto de vida profissional dessas pessoas. Por outro lado, uma das entrevistas levanta uma questão cultural diferente.

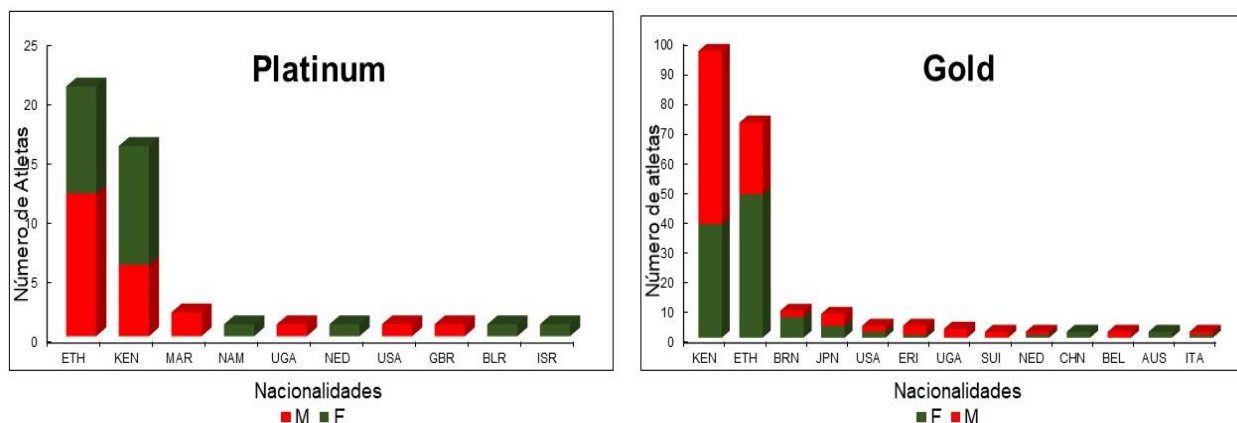
É importante. Às vezes, em nosso país ou em nossa cultura, é como se nos juntássemos. Sabemos muitas coisas sobre nossas culturas porque nosso país, temos muitas, muitas tribos e você aprende muitas coisas de diferentes tribos (WOMAN 2).

A entrevistada, de origem queniana, revela que a corrida de rua pode ser um elemento de congregação entre diferentes tribos e culturas dentro de seu país. Além do excerto exposto, em outras partes o depoimento faz menção às diferentes origens dos atletas. “Muitos atletas como..., temos os Kikuyus. Nós temos os Luos, os Nandis. Então, são muitos” (WOMAN 2). Adiante, a depoente ressalta que por mais que eles possuam origens, línguas e culturas distintas, as línguas oficiais do país são ferramentas para se comunicarem e conhecerem mais de suas culturas. A respeito dessas informações Njororai (2009) afirma que no Quênia existem 42 etnias diferentes, distribuídas em três grandes famílias linguísticas, representando para o autor importantes características de identidade nacional queniana, influenciando inclusive nas distribuições de poderes sociais. No entanto, os idiomas oficiais são o suaíli e o inglês (NJORORAI, 2009).

Como observado, mesmo com as disputas relatadas pelos autores em relação à preferência esportiva nos países do leste africano, para os atletas entrevistados a corrida de rua possui importância para a construção cultural do país. Não se deve negar também que fora das fronteiras desses países, esses lugares são as nações de

corredores, principalmente Quênia e Etiópia. Fato que se justifica ao analisar os dados referentes aos melhores atletas no mundo.

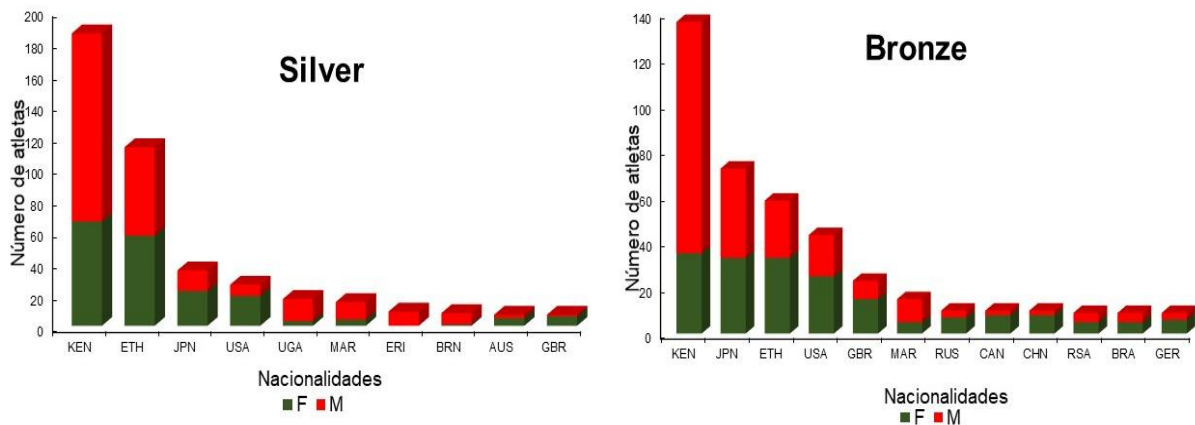
Figura 21: Número de atletas *platinum* e *gold* por nacionalidade.



Fonte: Elaborado pelo autor.

As classificações apresentadas obedecem a um critério de hierarquia em que *platinum* são os atletas de maior prestígio internacional, em outras palavras, são os melhores atletas do mundo. Esse grupo seletivo, contém um total de 23 atletas homens e mulheres. *Gold*, é um segundo nível de corredores, nos registros somam pouco mais de 100 atletas. Na figura 22, aparecem as distribuições pelas categorias *silver* e *bronze*.

Figura 22: Número de atletas *silver* e *bronze* por nacionalidade.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Os dados representados nos gráficos são referentes ao programa "IAAF *Label Road Races*", que tem como objetivo reunir as principais corridas de rua do mundo (IAAF, 2019). De acordo com o regulamento do programa os selos distribuídos aos eventos (Platinum, Gold, Silver e Bronze) refletem os padrões das organizações dos eventos. Ademais, busca também categorizar as melhores corridas para orientar atletas de elite, fãs e mídia. Além de serem selos de padrões de segurança para os corredores de participação de massa (IAAF, 2019).

Esses selos são facultados a eventos a partir de uma avaliação da organização da edição da corrida de rua no ano anterior (IAAF, 2019). Outrossim, assim como os eventos são classificados a partir dos selos do programa "IAAF *Label Road Races*", os atletas também recebem uma classificação, a que foi exposta nas figuras anteriores, sendo que o status de um atleta é determinado pela sua classificação nos eventos daquele grupo do selo. Por exemplo, atletas vencedores de corridas selo Gold serão classificados no próximo ano como atleta Gold (IAAF, 2019).

Com isso, pode-se observar que entre os maiores atletas do mundo das corridas de rua, o predomínio é dos atletas do leste africano, principalmente Quênia e Etiópia. Nesse sentido, é razoável, a partir da literatura, dos dados oficiais da modalidade, e dos depoimentos dos atletas entrevistados, considerar que o atletismo, nas corridas de médias e longas distâncias, é um esporte primário nesses países, juntamente com o futebol. Isso em decorrência de sua popularidade e preferência da população entre os demais esportes. No entanto, como colocado por Njororai (2017), apenas o atletismo tem um reconhecimento no esporte global.

Assim como classifica Crossan (2013), Quênia, e nesse caso também a Etiópia, são países periféricos na economia global. Sendo que exportam seu esporte primário para o mundo (MAGUIRE; PEARTON, 2000). Porém, ao inserir o Brasil dentro desse contexto, distancia-se da análise dos autores citados, que afirmam que é um país periférico enviando talentos a países centrais no sistema global.

O Brasil, como já mencionado, se classifica como um país de semiperiferia nesse contexto. Ou seja, seria um país de periferia enviando seus talentos a um país de

semiperiferia. Uma posição acima no desenvolvimento socioeconômico, mas não no padrão fixo apontado pelos autores.

Em relação à popularidade da corrida de rua no Brasil, recentemente observa-se um ganho na popularidade da modalidade entre a população. Não somente no registro do acompanhamento midiático, mas também na adesão à prática da corrida pelas pessoas (ROJO *et al*, 2017a, b; ROJO *et al*, 2019). Apesar disso, pode-se afirmar que a corrida de rua ainda é um esporte secundário na preferência da população brasileira.

Ainda assim pode-se concluir que haja países periféricos enviando seus talentos de um esporte primário, para um país semiperiférico no qual a modalidade é um esporte secundário. Diante disso, compreende-se que há um nível de desenvolvimento socioeconômico maior do Brasil, em relação às origens dos corredores, explicando o fluxo dos atletas. No entanto, não sendo o Brasil um centro socioeconômico no mundo, percebe-se que os atletas que se deslocam até aqui possuam menor desempenho esportivo, como aponta Crossan (2013).

Norte-americanos no basquetebol, argentinos e demais sul-americanos no futebol, cubanos e norte-americanos no voleibol e, por fim, quenianos e etíopes no atletismo/corrída de rua. É salutar pensar que o Brasil enquanto um ponto não central no sistema global, economicamente falando, não é um objeto de atração para esses esportistas, ainda mais se tratando de países semelhante ou superior à sua posição nesse sistema.

Nesse sentido, acredita-se que a cultura esportiva do país pode sim influenciar na formação de talentos, o que em excesso pode necessitar de uma distribuição por diversas partes do globo. Para Bale e Sang (1996) é uma clara característica da globalização. Segundo os autores se trata de uma divisão internacional do trabalho esportivo.

O que vemos aqui é uma divisão internacional do trabalho - uma característica comum da globalização. O Caribe e a África Ocidental fornecem os velocistas, os países escandinavos os lançadores e o Quênia os corredores de distância (BALE; SANG, 1996, p. 125)⁵⁴.

⁵⁴ Tradução livre nossa, versão original: "What we see here is an international division of labour - a common feature of globalisation. The Caribbean and West Africa provides the sprinters, the Scandinavian countries the throwers, and Kenya the distance runners".

É imprescindível nessas análises ter cautela com inferências, uma vez que o entendimento de divisão internacional de trabalho empregado aqui, não faz referência ao entendimento marxista. De acordo com Molnar (2011) as análises estruturalistas do fenômeno indicam que os países mais periféricos do sistema mundial permanecem dependentes do domínio dos países centrais. Apesar de terem seus pontos fortes na relação do mecanismo de recrutamento e deslocamento de atletas, no caso da presente pesquisa essa abordagem falha, uma vez que países superiores ou semelhantes na posição do sistema global enviam “mão de obra” para o Brasil, não sendo possível pautar as explicações e análises do fenômeno migratório apenas pelo viés econômico. Nesse sentido, Molnar e Maguire (2008), alertam que outros fatores afetam os padrões de migração, como é o caso da proximidade geográfica e a cultura, como aqui foi proposto.

Apoiando-se em Giddens (2008, p. 381), compreende-se que a divisão de trabalho é algo extremamente complexo.

A existência de uma divisão do trabalho extremamente complexa e diversificada constitui uma das características mais distintivas do sistema econômico das sociedades modernas. Por outras palavras, o trabalho divide-se em numerosas ocupações diferentes, em que as pessoas se especializam.

Para o autor, o trabalho se divide em diferentes ocupações, sendo que as pessoas estão se especializando nas funções. Aproximando do campo esportivo, e para o lócus do presente estudo, observa-se que os países se especializam em algumas modalidades, podendo ser essa especialização observada pela capacidade de formação de talentos de cada localidade, assim como evidenciado por Bale e Sang (1996).

Como essa divisão do trabalho no esporte, de acordo com Bale e Sang (1996), é uma característica da globalização, vale apoiar-se na análise a partir da glocalização. De acordo com Giulianotti e Robertson (2007b, p. 134),

a glocalização destaca como as culturas locais podem se adaptar ou resistir criticamente aos fenômenos "globais" e revela a maneira pela qual a própria criação de localidades é um componente padrão da globalização⁵⁵.

Dialogar com a compreensão dos autores do objeto do presente estudo, perpassa entender que por mais que os países possuam seus esportes primários em conjunto com o futebol, que se consolida como uma modalidade globalizada, as corridas de longa distância têm seu papel na cultura nacional dos países. Isso se dá, pois durante o processo de colonização britânica as formas e o gesto motor atlético e as atividades que envolviam corridas de longa duração já se encontravam nas tribos quenianas sendo, talvez um indício da cultura local em se adaptar ao fenômeno global.

Também, trazendo para um contexto recente na história, pode-se aplicar o entendimento na produção de localidades ou mesmo identidades. Segundo Giulianotti e Robertson (2007b), uma especialização da cultura esportiva local, ou seja, os países com maior capacidade de produção de talentos e esportes primários, enviam seus atletas ao redor do mundo. Nas interpretações dos autores, universalizam suas culturas locais.

Os dados evidenciam que em alguns casos a preferência populacional por uma modalidade esportiva pode resultar em um maior desenvolvimento de talentos atléticos. Porém, como observado nos casos do voleibol americano e cubano, os países são produtores de talentos, contudo, não há mercado para a demanda interna, obrigando seus talentos a buscarem posições fora do país.

Analisadas as origens dos atletas estrangeiros em atuação no Brasil, e particularmente em relação aos corredores de rua, compreende-se que a migração de pessoas envolvidas com o esporte está ligada ao avanço da globalização do fenômeno, bem como da sociedade. Não esquecendo de que por mais que a globalização do esporte seja evidenciada, observa-se que os dados reforçam que a globalização não é um fenômeno unilateral, ou unicamente imperialista, e sim envolve uma

⁵⁵ Tradução livre nossa, versão original: "Rather, glocalization both highlights how local cultures may critically adapt or resist 'global' phenomena, and reveals the way in which the very creation of localities is a standard component of globalization".

interdependência complexa de localidades. A glocalização ajuda a compreender as produções de identidade e de resistências ou adaptações de culturas locais.

Nesse processo de resistências e adaptações, pode-se inserir também a atuação dos Estados-nações, bem como instituições transnacionais, as quais atuam também para minimizar ou avançar com o fenômeno globalizante. Nesse sentido, o próximo subtópico da presente tese tem como objetivo analisar as políticas relacionadas a migração no Brasil. Não só atentando para a legislação estatal, mas também abordando as normativas e regulamentações provenientes das instituições responsáveis pelo atletismo, inclui-se aqui as corridas de rua, em âmbito nacional e internacional.

5.2 CORRENDO DENTRO DA LEI – Dimensão Política

Os estudos sobre a migração esportiva em alguns momentos referem-se às questões políticas dos movimentos migratórios. Nesse aspecto observa-se três frentes de diálogo. O primeiro ponto é em relação às regulamentações estatais sobre a presença de estrangeiro e/ou transferências de atletas/jogadores; o segundo ponto diz respeito às cotas estabelecidas pelas organizações esportivas com o objetivo de limitar a participação de estrangeiros nas ligas nacionais; por fim, também se observou uma preocupação com a tentativa de evitar o êxodo dos talentos esportivos de algumas nações.

Nesse sentido, Maguire e Stead (1996) apresentam que as ações políticas e regulatórias podem ser observadas em cinco tipos. São elas: as cotas, qualificações de residências, status, duração de contratos e isenções especiais. Diante disso, para analisar a dimensão política, analisou-se alguns pontos sobre a regulação da atividade do esportista estrangeiro no Brasil. Para abordar as questões das políticas migratórias do deslocamento de atletas de corrida de rua para o Brasil alguns elementos são necessários para compreender as normas e regulamentos que permeiam o fenômeno. Os pontos aqui analisados são oriundos de dois níveis de instituições, um primeiro que envolve os ordenamentos legais de um Estado-nação e o outro os regimentos internos

das organizações controladoras da modalidade, tanto em âmbito global, como no contexto nacional.

A partir de uma pesquisa documental, em complemento com as entrevistas realizadas, este subcapítulo realiza uma discussão sobre as legislações dos países sobre a migração de atletas para o Brasil e versa sobre as normas regimentais institucionais que controlam a migração de atletas. No caso do presente, as normas da Federação Amadora Internacional de Atletismo (IAAF), Confederação Brasileira de Atletismo (CBAt) e as confederações dos respectivos países de origem dos atletas.

No que tange à regulamentação em caráter de Estado-nação no Brasil, tem-se como lei maior a Lei nº 13445/2017, conhecida popularmente como Lei da Migração, a qual foi regulamentada pelo Decreto nº 9199/2017. A legislação em voga “dispõe sobre os direitos e os deveres do migrante e do visitante, regula a sua entrada e estada no País e estabelece princípios e diretrizes para as políticas públicas para o emigrante” (BRASIL, 2017a, s.p.). Referente à área do presente estudo, os princípios e garantias previstos na forma da lei regem-se a partir do “desenvolvimento econômico, turístico, social, cultural, esportivo, científico e tecnológico do Brasil” (BRASIL, 2017a, s.p.).

De acordo com alguns estudiosos da migração no Brasil, esse aparelho legislativo é considerado como um elemento vanguardista no olhar em direção às pessoas estrangeiras no mundo (OLIVEIRA, 2017; GUERRA, 2017). Ainda para os autores, a “Nova lei da migração” demonstra avanços na maneira com a qual a pessoa migrante é tratada pelo Estado brasileiro, uma vez que o aparato legal anterior a sua implementação remontava aos modos do regime militar. Nas palavras de Oliveira (2017, p. 174),

O avanço mais geral reside na mudança de enfoque desse novo marco legal das migrações, agora com ênfase na garantia dos direitos das pessoas migrantes, tanto dos estrangeiros que por aqui aportam quanto para os brasileiros que vivem no exterior.

Ao tratar dos conceitos e termologias, a Lei da Migração considera,

II - imigrante: pessoa nacional de outro país ou apátrida que trabalha ou reside e se estabelece temporária ou definitivamente no Brasil;

III - emigrante: brasileiro que se estabelece temporária ou definitivamente no exterior;

IV - residente fronteiriço: pessoa nacional de país limítrofe ou apátrida que conserva a sua residência habitual em município fronteiriço de país vizinho;

V - visitante: pessoa nacional de outro país ou apátrida que vem ao Brasil para estadas de curta duração, sem pretensão de se estabelecer temporária ou definitivamente no território nacional;

VI - apátrida: pessoa que não seja considerada como nacional por nenhum Estado, segundo a sua legislação, nos termos da Convenção sobre o Estatuto dos Apátridas, de 1954, promulgada pelo Decreto nº 4.246, de 22 de maio de 2002, ou assim reconhecida pelo Estado brasileiro (BRASIL, 2017a, s.p.).

A partir das considerações legais previstas pela Lei da Migração, os corredores de rua em análise podem ser classificados *a priori* como imigrantes. Como anteriormente mencionado, os atletas que se deslocam ao Brasil para participações em competições exclusivas e retornam as suas origens não são considerados nesse estudo. No entanto, vale salientar que a presença desse tipo de indivíduo também é frequente nas corridas de rua brasileiras, principalmente em eventos como a São Silvestre, os quais possuem maior visibilidade internacional. Não obstante, lembra-se também dos atletas que vieram ao país para representações nos últimos grandes eventos sediados em território nacional, como é o caso dos Jogos Pan-americanos em 2007 e Jogos Olímpicos em 2016.

Depois de compreender a classificação da pessoa em deslocamento a partir das definições previstas em lei, é necessária a apresentação dos tipos de documentação, ou seja, o visto concedido para que possa entrar no país. Nesse sentido são considerados cinco tipos de vistos. São eles: visto de visita, temporário, diplomático, oficial e de cortesia.

Das cinco possibilidades de vistos, três delas preveem a concessão do documento de permissão de entrada no país para pessoas com envolvimento no esporte. No entanto, a relação do visto de cortesia com o setor esportivo só aparece no texto de regulamentação da lei. De acordo com o artigo 57 do texto regulatório, o visto de cortesia poderá ser concedido

aos artistas e aos desportistas estrangeiros que venham ao País para evento gratuito, de caráter eminentemente cultural, sem percepção de

honorários no território brasileiro, sob requisição formal de missão diplomática estrangeira ou de organização internacional de que o País seja parte (BRASIL, 2017b, s.p.).

Segundo o site do Itamaraty, órgão ligado ao atual Ministério das Relações Exteriores do Brasil e responsável pelas questões ligadas a migrações e relacionamentos com outros países, o visto de cortesia é “concedido a personalidades e autoridades estrangeiras em viagem não oficial ao Brasil” (BRASIL, 2019, s.p.). Ao verificar na história recente de eventos esportivos no Brasil não se observa a utilização desse meio. No entanto, pode-se compreender o dispositivo como de uso semelhante ao que a seleção brasileira de futebol realizou em 2004 no Haiti, quando se deslocou ao país contribuindo com a missão de paz (BIAZZI; NETO 2007).

O visto de visita é o segundo tipo de permissão de entrada no Brasil para pessoas relacionadas ao esporte. De acordo com os textos da Lei da Migração e sua regulamentação, o documento pode ser fornecido à pessoa que venha ao Brasil na condição de visitante “para estada de curta duração, sem intenção de estabelecer residência, para fins de turismo, negócios, trânsito, realização de atividades artísticas ou desportivas ou em situações excepcionais, por interesse nacional” (BRASIL, 2017b, s. p.).

Outro ponto relevante da Lei é que a pessoa de posse do visto de visita não pode exercer atividade remunerada no país (BRASIL, 2017a, b). Entretanto, os textos também apresentam a ressalva de que no caso de desportistas e artistas o recebimento de valores pode ser realizado.

§ 2º O beneficiário de visto de visita poderá receber pagamento do governo, de empregador brasileiro ou de entidade privada a título de diária, ajuda de custo, cachê, pró-labore ou outras despesas com a viagem, bem como concorrer a prêmios, inclusive em dinheiro, em competições desportivas ou em concursos artísticos ou culturais (BRASIL, 2017a, s.p.)⁵⁶.

Nessas condições, o visto de visita também é concedido a outros indivíduos envolvidos com o esporte, não se resumindo aos atletas (BRASIL, 2017b). Para além

⁵⁶ O texto encontrado na regulamentação é semelhante ao da lei. Somente tem-se a alteração nos termos, onde se lê “bem como” se lê “além de concorrer”.

disso, a Lei ressalta que mesmo com a concessão do visto de visita, o visitante deve obter autorização do Ministério do Trabalho, bem como é exigida uma série de documentos de comprovação de sua atuação (BRASIL, 2017b), sendo que sua permanência no Brasil é de no máximo 90 dias por ano migratório (BRASIL, 2018).

Por fim, no que tange à Lei da Migração, tem-se o visto temporário. Esse tipo de visto pode ser concedido ao indivíduo que realize atividades desportivas com contrato firmado por um prazo determinado e que, diante disso, venha ao Brasil com o intuito de estabelecer residência por esse tempo (BRASIL, 2017a, b).

Art. 46. O visto temporário para atividades artísticas ou desportivas poderá ser concedido ao imigrante que venha ao País para participar de exposições, espetáculos, apresentações artísticas, encontros de artistas, competições desportivas e outras atividades congêneres, com intenção de permanecer no País por período superior a noventa dias, com contrato por prazo determinado, sem vínculo empregatício com pessoa física ou jurídica sediada no País (BRASIL, 2017b, s.p.).

Como observado no texto regulatório da Lei da Migração, por mais que o imigrante possa exercer atividade remunerada, o mesmo não pode obter vínculos empregatícios no Brasil. Ademais, vale salientar que assim como no visto de visita, o visto não abrange somente o atleta, mas também treinadores, técnicos e demais profissionais que participem da atividade (BRASIL, 2017b). Para esse migrante suas atividades remuneradas só podem ser de caráter artístico ou desportivo.

Diante do observado nas leis anteriormente apresentadas, é importante expor sobre a atividade profissional no esporte no Brasil. Para isso, tem-se a Lei nº 9.615 de março de 1998, a qual versa sobre as normas gerais do desporto e rege a atividade profissional no país, conhecida como Lei Pelé. Entre outras particularidades, quando se trata da pessoa migrante, o texto traz referências ao Estatuto do Estrangeiro, que à época era o texto que versava sobre a entrada e permanência de estrangeiros no Brasil.

Todo esse arcabouço legal refere-se aquilo que Maguire e Stead (1996) chamam de “Qualidade e status”, ou seja, sobre as permissões que o Estado-nação concede ao estrangeiro para atuar no Brasil. Como observado, no texto Lei da migração, ao dispor sobre a atuação dos desportistas estrangeiros em território brasileiro, refere-se à

regulamentação da abertura das fronteiras para que esse atleta atue e receba por isso, não trazendo imposições e limites para isso.

A posição da Nova lei da migração em conjunto com a Lei Pelé, a qual Rial (2008) já mencionava uma forma de liberar os atletas de futebol, aproxima-se das proposições ocorridas com o caso Bosman. De acordo com Binder e Findlay (2012) a decisão da corte europeia eliminou as taxas de transferências de jogadores dentro na União Europeia, além de tornar ilegal as quotas para estrangeiros nos clubes. Ainda a esse respeito, de acordo com Poli e Besson (2011), em decorrência da referida lei, houve um aumento na presença de estrangeiros nas ligas europeias de futebol.

Os indivíduos são "livres" para atuar e trabalhar onde desejarem na UE. A legislação de proteção ao emprego também se aplica ao trabalho migrante. A ação do Tribunal Europeu interposta por Jean-Marc Bosman contra a UEFA garantiu efetivamente o direito das estrelas do esporte da UE de trabalhar em qualquer país da Comunidade sem restrições. No entanto, os direitos que o caso Bosman estabeleceu não são aplicáveis a todos os atores. Indivíduos de países fora da UE estão sujeitos a um procedimento de seleção (MAGUIRE, 2011, p. 1048)⁵⁷.

Já no contexto social brasileiro, a lei da migração não faz interferência na maneira como as instituições legalmente responsáveis pela organização e gerenciamento das modalidades esportivas regulam a participação de desportistas estrangeiros no Brasil. Diante disso, é imprescindível compreender o que as organizações do atletismo compreendem e como se organizam a esse respeito.

No que se refere aos aspectos normativos estabelecidos pelas instituições gestoras da modalidade do atletismo, torna-se importante apresentar para as análises as normativas sobre a atuação de estrangeiros tanto da IAAF, quanto da CBAAt. Nesse sentido, partindo da compreensão de que a Norma 09 da CBAAt estabelece que a participação de estrangeiros em provas no Brasil é regida primeiramente pela regra 4 da IAAF, será apresentado primeiro o texto em questão.

⁵⁷ Tradução livre nossa, versão original: "Individuals are 'free' to perform and work where they wish within the EU. Employment protection legislation also applies to migrant labour. The European Court action brought by Jean-Marc Bosman against UEFA effectively secured the rights of EU sports stars to work in any country of the Community without restriction. Yet, the rights that the Bosman case established are not applicable to all players. Individuals from countries outside the EU are subject to a selection procedure".

Para a IAAF os atletas para participarem de competições internacionais devem seguir os seguintes requisitos:

1. Nenhum Atleta pode participar de competições internacionais, a menos que:
 - (a) seja um Membro de um clube filiado a uma Federação; ou
 - (b) seja ele próprio filiado a uma Federação; ou
 - (c) tenha de algum modo concordado em acatar as Regras da Federação; e
 - (d) para Competições Internacionais em que a IAAF é responsável pelo controle de dopagem (ver Regra 35.7), tenha assinado um acordo em um formulário preparado pela IAAF em que ele concorde em seguir as Regras Oficiais, Regulamentos e Manual de Procedimentos da IAAF (conforme emendado de tempo em tempo) e submeter-se a todas as disputas que possa ter com a IAAF ou um Membro para julgar de acordo com estas Regras, aceitando não recorrer sobre qualquer de tais disputas a qualquer outra Corte ou Autoridade que não esteja inclusa nestas Regras (IAAF, 2018, p. 5).

Em suma, para a Instituição o atleta é qualificado a participar de competições internacionais, desde que tenha vínculos institucionais com clubes e/ou federações, ou até mesmo fixado acordos individuais pelas exigências estabelecidas pela IAAF em suas regras. O atleta para participar das competições internacionais, para além de cumprir os requisitos estabelecidos pela IAAF, deve também ter autorização da federação anfitriã para que possa competir (IAAF, 2018).

Estabelecidos os critérios da IAAF em competições internas no Brasil, a CBAAt estabelece suas próprias normativas. Em seu texto, o primeiro ponto a ser compreendido é que para além das normativas estabelecida pela principal organização responsável pela modalidade, a CBAAt deixa claro que todos os trâmites devem seguir a legislação vigente no país.

Em consonância com o texto da IAAF, a norma 09 da CBAAt informa que é obrigatória a apresentação para a CBAAt de autorização específica emitida pela Federação nacional de Atletismo do país de origem do atleta estrangeiro, antes de sua participação em eventos do atletismo nacional (CBAAt, 2009). Essa demanda só é dispensada nas seguintes situações

- a) Eventos internacionais de Atletismo realizados no Brasil com participação de seleções nacionais, sob a chancela da IAAF e da

CONSUDATLE (Confederação Sul-Americana de Atletismo), com organização da CBAAt.

b) Eventos internacionais a convite realizados no Brasil, com organização direta da CBAAt.

c) Quando a participação de atletas estrangeiros for definida entre os organizadores do evento e Representantes de Atletas como tal reconhecidos pela IAAF, em eventos autorizados pela CBAAt (CBAAt, 2009, p. 1).

Como observado no texto, boa parte das condições de dispensa de autorização não condiz com a realidade dos eventos de corridas de rua que ocorrem no Brasil, pois geralmente são realizados por promotoras independentes e muitas vezes até mesmo sem autorização e reconhecimentos da CBAAt (ROJO *et al*, 2017a). Quando se volta o olhar para as corridas de rua, a normativa da entidade estabelece que a participação de atletas estrangeiros deve atender a alguns elementos.

Art. 4º - A participação de atletas estrangeiros em eventos realizados no Brasil, com organizadores particulares, mas com chancela da CBAAt, deve atender ao seguinte:

a) Os organizadores devem enviar convite, dirigido ao atleta e específico para o evento, com todas as condições oferecidas para tal participação (no caso dos países sul-americanos, em conformidade com acordo firmado entre a CBAAt e a CONSUDATLE – Confederação Sul-Americana de Atletismo, esse convite não é exigido).

b) Cópia do convite deve ser encaminhada, obrigatoriamente, para a CBAAt.

c) O convite deve ser enviado diretamente ao atleta, à sua Federação Nacional ou ao seu Representante, devidamente reconhecido como tal pela IAAF.

d) Cabe aos organizadores dos eventos as providências relativas à obtenção de vistos de entrada para o Brasil, dos atletas convidados, quando for o caso.

Art. 6º - A quantidade de atletas estrangeiros para participação em competições de pista e campo será definida nos regulamentos dos eventos, os quais devem ser, obrigatoriamente, aprovados pela CBAAt (CBAAt, 2009, p. 1).

Atendendo às normas que estabelecem a participação de estrangeiros em eventos que não sejam organizados pela entidade, como é o caso das corridas de rua que ocorrem no Brasil, solicitam que seja oficializado o convite aos atletas. O texto também indica que os organizadores sejam os responsáveis por solucionar as demandas legais em relação à legislação vigente no país. Em relação à quantidade de

participação de estrangeiros em provas, a CBAAt previamente estipula números limites apenas para as corridas de rua.

Art. 7º - A participação de atletas estrangeiros em eventos de rua, cross-country, de montanha e em praia será realizada conforme abaixo:

[...]

e) Corridas de Rua: as quantidades limite de atletas estrangeiros são as seguintes, observadas as Normas para Reconhecimento e Homologação de Corridas de Rua da CBAAt:

- Corridas com Permit CBAAt Ouro: até 3 (três) atletas por país no masculino e 3 (três) atletas no feminino.

- Corridas com Permit CBAAt Prata: até 2 (dois) atletas por país no masculino e 2 (duas) atletas no feminino.

- Corrida com Permit Bronze: até 1 (um) atleta por país no masculino e 1 (uma) atleta no feminino.

§ único - A CBAAt pode, a seu exclusivo critério, para Corridas com Permit CBAAt Ouro, rever a quantidade acima autorizada (CBAAt, 2009, p. 2).

Como pode ser observado, a participação de atleta estrangeiro em corridas de rua no território brasileiro é controlada mediante o nível da prova. Os níveis de provas, denominados como Permit, podem ser elas Ouro, Prata e Bronze são estabelecidos pela Norma 07 da CBAAt. De acordo com a normativa que regulamenta e reconhece os eventos de corridas de rua no Brasil, as provas Ouro e Prata são de abrangência nacional e as Bronze são de abrangência estadual/regional (CBAAt, 2019). Nesse sentido, observa-se que quanto menor a abrangência do evento menor a participação de atletas estrangeiros, cabendo às organizadoras estabelecer os critérios de inscrição desses atletas.

Outro ponto a se considerar é que toda essa regulamentação versa apenas para atletas considerados como da elite esportiva, ou seja, apenas aqueles que participam de maneira formal e oficial de competições de atletismo em seus países de origem. Os demais indivíduos que queiram participar dos eventos podem ser inscritos sem limitações de cotas, mas não podem receber tratamento diferenciados ou largar em pelotões de elite (CBAAt, 2019).

Um ponto ressaltado nas regulações das entidades promotoras do atletismo, mais precisamente a CBAAt no Brasil, é o que Maguire e Stead (1996) apontam como o

primeiro elemento importante de análise nas questões políticas. As quotas de participação de estrangeiros nas competições realizadas em território nacional.

De acordo com Poli e Besson (2011), as quotas limitando a presença estrangeira no esporte tiveram sua primeira introdução na década de 1920, isso em decorrência de conflitos geopolíticos. Essa situação permaneceu no continente europeu até meados dos anos de 1990, com a implementação da lei de Bosman, que como visto anteriormente, abriu o mercado de transferências de desportistas dentro da Europa.

No entanto, como observado nas normativas da CBAAt e em alguns estudos (GARCIA; NASCIMENTO; PEREIRA, 2017; FALCOUS; MAGUIRE, 2005; HORTON, 2012), o cenário da lei de Bosman se circunscreve à Europa, referindo-se apenas à circulação dentro de seu território, ainda estando ativa em alguns lugares pelo mundo a limitação de estrangeiros em atuação em competições nacionais ou externas ao território.

De acordo com Giddens (2008), as quotas ajudam a diminuir o influxo de estrangeiros em determinado território ou Estado-nação. Pode-se compreender como uma resistência dessa localidade em relação ao processo de globalização (GIULIANOTTI; ROBERTSON, 2007a).

Porém ao analisar a fala de um dos depoentes das entrevistas realizadas, pode-se observar o contra ponto ao movimento limitante de atletas.

uma característica label, Bronze, que pode aí atletas que tem, estejam na lista da label/bronze e outros atletas que pedem oportunidade pra correr, então não tem mais limite (AGENTE 1).

A fala do entrevistado refere-se à resolução de classificação das corridas de rua perante os selos de sua controladora mundial. De acordo com a outrora IAAF, as maiores e principais corridas de rua do mundo estão presentes no que chamam de “IAAF LABEL ROAD RACES” (IAAF, 2019). Como já mencionado, esse é um programa de classificação dos eventos a partir de selos, sendo eles quatro: Platinum, Gold, Silver, Bronze.

Contrário ao teor da Norma 09 da CBAAt, que limita a participação de estrangeiros em uma competição de acordo com o nível de reconhecimento que ela tem, a IAAF

Label Road Races impõe um quantitativo mínimo de atletas para que a competição seja classificada dentro de seus selos.

Todas as corridas *Label Races* devem ter no mínimo 6 homens + 6 mulheres (para corridas do mesmo sexo, 7 atletas) do grupo de atletas que possuem status que corresponde ao rótulo solicitado, no grupo de eventos relevante para a corrida (IAAF, 2019, p. 2)⁵⁸.

A regulamentação imposta pela IAAF expõe que para que o evento seja classificado como Gold, como exemplo, deve ter quantitativo mínimo de atletas Gold entre os concorrentes da corrida, não havendo quotas limitando o máximo de atletas por nacionalidades. Em relação às nacionalidades, ou mais precisamente aos continentes de origem dos atletas, a resolução traz que

Além dos 6 + 6 (ou 7) atletas com status Gold, as corridas Gold e Platinum devem ter um mínimo de 4 e 8 atletas respectivamente (independentemente do sexo) selecionados da lista dos 100 melhores do continente (em 4 de dezembro de 2018) no grupo de eventos relevante. Observe que essa cota continental pode já ter sido preenchida por atletas com status Gold (IAAF, 2019, p. 3)⁵⁹.

O referido dispositivo busca fomentar a participação de atletas oriundos dos próprios continentes em que os eventos são realizados. Uma vez que, como visto, a maioria de atletas classificados com selo Platinum e Gold são originários dos países do leste africano.

Como pôde ser observado, por mais que a organização nacional do atletismo (CBAt) busque limitar a participação de atletas estrangeiros por nacionalidade nos eventos nacionais, as medidas da organização mundial da modalidade buscam fomentar o alcance global dos eventos e dos atletas. Para isso, além de flexibilizar a

⁵⁸ Tradução livre nossa, versão original: "All Label races must have a minimum of 6 men + 6 women (for single-gender races, 7 athletes) from the pool of athletes who have status that corresponds to the Label applied for, in the event group relevant to the race".

⁵⁹ Tradução livre nossa, versão original: "In addition to the 6+6 (or 7) athletes with Gold Status, Gold and Platinum Races must have a minimum of 4 and 8 athletes respectively (regardless the gender) selected from their continent's top 100 list (as of 4 December 2018) in the relevant event group. Note that this continental quota may have already been filled by athletes with Gold Status".

participação de estrangeiros, ainda impõe a necessidade de incluir os melhores atletas de acordo com sua classificação para que os eventos sejam reconhecidos.

Esse ponto chega ao Brasil, uma vez que no ano de 2019 dois eventos e em 2020 três eventos brasileiros foram certificados com o selo Bronze na IAAF (WA, 2020), levando flexibilização da participação estrangeira outrora limitada pela CBAAt. Com isso, é necessário compreender a estrutura hierárquica em que se constitui o atletismo internacional, sendo que “A *World Athletics* é a única autoridade internacional competente para o esporte de Atletismo em todo o mundo e é reconhecida como tal pelo COI” (WA, 2019, p. 1). Abaixo do poder central da WA são estabelecidas as chamadas associações de áreas, que são divisões regionais entre os continentes, a exemplo, África, Europa e Ásia. Nas limitações territoriais de Estado-nação se constituem as federações membro, como é o caso da CBAAt (WA, 2019).

Dentro de cada país, as regras normativas e divisões institucionais são de responsabilidade da federação membro. No entanto, vale ressaltar que essa federação membro obrigatoriamente segue as normativas da entidade maior que é a WA. Mesmo a CBAAt limitando a presença de estrangeiros em eventos, para esses eventos atenderem às normas apontadas pela WA devem seguir as normas por ela estabelecida. Ou seja, prevalecem as normativas da WA. A esse respeito, Maguire (2011) afirma que esse processo de desregulação e flexibilização do mercado de trabalho transnacional é fruto da intensificação do processo de globalização.

Os pontos de resistências ao processo de globalização, em alguns casos, não se circunscrevem apenas à localidade hospedeira da pessoa migrante. Em um dos depoimentos dos entrevistados essa situação fica evidente pelo aparato necessário para que haja a liberação do atleta para se deslocar para outro país.

Eles têm o visto, que é o visto turismo esportista, e mais fundamentalmente, ele só pega esse visto se eles tiverem registro na federação queniana, a federação queniana tem que dar uma autorização pra mim, pra confederação brasileira, onde vai no site autorizando esse atleta a competir no Brasil. E automaticamente quando você vai pedir na embaixada, como ele é atleta, esse agente responsável para pegar o visto já tem que levar essa carta da confederação queniana também, dizendo que ele é atleta e que tá no Brasil pra esses fins (AGENTE 1).

Como pode ser observado na fala do agente, por mais que se trate de uma entrada em um país, algo que pode se considerar mais rigoroso do que os controles de eventos esportivos, a maior preocupação do depoente é em relação à documentação da organização esportiva. Mais precisamente, a origem do atleta. Tal ponto é evidenciado na fala de uma das atletas.

O processo que uso no meu país, escrevi para minha federação. Eles me deram uma carta autorizada de lá para que eu o mandasse para o AGENTE 1. A outra coisa era que eles me permitiram vir para este país (WOMAN 1).

Essa condição de controle de saída de atletas por parte da federação queniana de atletismo não é algo recente. Bale e Sang (1996), já haviam relatado sobre a preocupação da entidade em relação ao êxodo de talentos de seu país.

Em 1994, cada vez mais tentava-se obter atletas quenianos para obter permissão por escrito do órgão governamental nacional antes de competir no exterior; sim, esta é a regra da IAAF. Isso se mostrou impraticável e, como resultado, considerou-se que a federação queniana estava perdendo o controle de seus atletas. O que poderia acontecer no futuro é que os quenianos que correm sem a permissão da federação nacional não serão escolhidos para os grandes campeonatos internacionais. Em 1994, a AAA do Quênia determinou que os atletas não seriam considerados nos Jogos da Commonwealth se não competissem primeiro nos testes nacionais. Como resultado, dos 12 líderes de obstáculos da Commonwealth, todos quenianos, apenas um foi escolhido para representar a nação nos Jogos da Commonwealth de 1994. Quando o dinheiro é mais importante do que representar a nação, os campeonatos (nos quais nenhum prêmio é concedido) tornam-se irrelevantes. As forças de mercado podem, portanto, ajudar a romper o vínculo entre atleta e nação. O mesmo aconteceu no tênis que, exceto no pequeno número de eventos como a Copa Davis, não pode mais ser considerado um esporte "representacional". (BALE; SANG, 1996, p. 183)⁶⁰.

⁶⁰ Tradução livre nossa, versão original: "In 1994 attempts were increasingly being made to get Kenyan athletes to obtain written permission from the national governing body before competing abroad; indeed, this is the IAAF rule. It has proved unworkable and, as a result, the Kenyan federation was reckoned to be losing control of its' athletes. What could happen in the future is that Kenyans running without the permission of the national federation will not be picked for the big international championships. In 1994, the Kenyan AAA ruled that athletes would not be considered for the Commonwealth Games if they did not first compete in the national trials. As a result, of the 12 leading steeplechasers in the Commonwealth, all of whom were Kenyans, only one was chosen to represent the nation in the 1994 Commonwealth Games. When money is more important than representing one's nation, however, championships (in which no

Como pode ser observado no ano de 1994, as tensões a respeito da liberação dos atletas quenianos para correr em outras partes do mundo geraram certa preocupação na organização do atletismo no Quênia. De acordo com os depoentes foi implantada então a necessidade de liberação por parte da entidade, e mais, somente agentes registrados podem realizar essa tramitação dos processos migratórios de atletas.

Tenho registro na federação do Quênia aonde para eles saírem de lá preciso ter, se não eles não saem e aí fazem os processos com embaixada e federação do país e confederação do Brasil (AGENTE 2).

Como é constatado pela literatura, posteriormente à grande perda de talentos a federação queniana de atletismo alterou suas normativas para tentar conter o fluxo de atletas para o exterior. Para isso, reforçaram as circunstâncias e condições sob as quais os atletas podem obter vistos para deixar o país (JARVIE, 2007).

Nesse sentido, Jarvie (2007) indica que os interesses conflitantes são decorrentes de uma maior liberdade de circulação de atletas. Os conflitos gerados entre a IAAF, hoje WA, e as confederações, ou federações, a ela vinculadas giram em torno das regulações de mobilidade de atletas. Por um lado, as federações membros da IAAF criam regras para segurar seus atletas, por outro, a IAAF acredita que não deve haver aparatos que prejudiquem as regras do livre comércio de mercado e capitalismo do esporte global (JARVIE, 2007).

Os dados expostos durante esse subcapítulo evidenciam novamente os processos de globalização, e nos termos de resistências, de glocalização. Entre os pontos identificados pode-se analisar que a legislação estatal brasileira, apesar de ter suas regulações, recentemente posicionou-se frente a uma maior abertura de suas fronteiras. Esse elemento remete à intensificação do processo de globalização, pois como mencionado anteriormente, Giddens (2008), aponta que a migração de pessoas é

money prizes are awarded) become irrelevant. Market forces may, therefore, assist in breaking the link between athlete and nation. Much the same has happened in tennis which, except in the small number of events such as the Davis Cup, can no longer be regarded as a 'representational' sport. (BALE; SANG, 1996, p. 183)".

intensificada em decorrência do processo de globalização contemporânea. Ou que para Eliasson (2009), a globalização é retrato da intensificação da migração. Com uma abertura maior das fronteiras brasileiras, tende a aumentar o fluxo de pessoas, caracterizando assim um aumento no processo globalizante.

No entanto, nem só com aberturas e facilitações na mobilidade de pessoas ocorrem os processos migratórios no setor esportivo. Na perspectiva de uma resistência ao fenômeno global, encontra-se o aparelho normativo da CBAAt, o qual limita a presença de atletas estrangeiros por nacionalidade de acordo com as características, e porque não dizer, níveis de eventos.

Nesse sentido, observa-se uma tentativa de quanto menor o alcance de determinado evento, menor a participação de estrangeiros. Ou seja, nos eventos mais regionalizados, com alcance apenas em suas localidades, é menor a probabilidade de uma internacionalização de seus participantes. Por outro lado, ao ver as resoluções da IAAF (WA) para a concessão de selos para os principais eventos globais, a imposição é de que haja número mínimo de participantes bem posicionados globalmente. Com isso, observa-se que quanto maior o alcance do evento - ou seja, mais globalizado - maior a participação internacional.

Por fim, as restrições ou regulação da mobilidade de atletas, também foi observada na origem da pessoa migrante. Nesse caso, as análises não seguem no sentido de uma resistência ao processo de globalização interferindo na entrada no contexto local, mas sim na saída do talento interno em direção a um mundo globalizado.

Esse aspecto pode ser analisado não pela circulação dos atletas nos circuitos mundiais, mas sim pela troca de nacionalidade evidenciada por Njororai (2012). Quanto mais desreguladas eram as transferências e mobilidade dos corredores, maior a probabilidade de a federação queniana perder o seu atleta. Nesse sentido, aproximando a produção do mercado esportivo da produção do mercado industrial global, percebe-se que, de acordo com Giddens (1991, p. 67), “todos os Estados-nação, capitalistas e Estados socialistas, dentro dos setores ‘desenvolvidos’ do mundo, confiam em primeiro lugar na produção industrial para a geração da riqueza na qual se baseiam seus ganhos”. Isso quer dizer que o Estado-nação ou a entidade que a

representa em determinada modalidade esportiva baseia-se na geração de riqueza a partir de sua produção, no caso do esporte, do talento esportivo.

Ainda apropriando-se das explicações de Giddens (1991) sobre as dimensões da globalização e da indústria, em geral, e a indústria do esporte, o autor diz que um dos aspectos óbvios da globalização é a divisão global do trabalho e a sua expansão.

A indústria moderna se baseia intrinsecamente em divisões de trabalho, não apenas ao que diz respeito às tarefas, mas também à especialização regional em termos de tipo de indústria, capacitações e a produção de matérias-primas. Não há dúvida de que ocorreu uma importante expansão de interdependência global na divisão do trabalho desde a Segunda Guerra Mundial. Isto concorreu para a realização de mudanças na distribuição mundial da produção, incluindo a desindustrialização de certas regiões nos países desenvolvidos e o surgimento dos "Países Recém-Industrializados" no Terceiro Mundo (GIDDENS, 1991, p. 70).

O leste africano, e principalmente o Quênia, é o grande pólo de formação de talentos esportivos para as corridas de longa distância. É exemplo da especialização regional do tipo de indústria, como apontado por Giddens, assim como visto anteriormente na dimensão cultural dessa tese. Nesse sentido, compreende-se que a posição de impor critérios mais rígidos e controles de seus atletas por parte da federação queniana tem como objetivo evitar a "desindustrialização" nos termos de Giddens, ou a perda de talentos esportivos. Uma vez que, de acordo com Wolde e Gaudin (2007) e Njororai (2009), o atletismo posiciona os países internacionalmente com boa reputação perante o sistema global, mesmo que em termos esportivos.

As políticas ou regulações da mobilidade migratória, sejam elas estatais ou oriundas de entidades do esporte, evidenciaram tanto o processo de globalização em andamento no esporte, quanto as resistências e tentativas de manutenção de suas identidades, a partir do olhar da glocalização. Esses aparatos moldam os fluxos, padrões ou rotas de migração, uma vez que tornam mais fácil ou mais complexo entrar e sair de determinadas localidades.

Uma das discussões encontradas entre os estudiosos da globalização é a compreensão do papel e ou posicionamento dos Estados-nação frente ao processo global, ou seja, em que medida são afetados, perdem ou aumentam seus poderes, bem

como suas autonomias frente ao sistema mundial (GIDDENS, 2006). Esse aspecto entra em voga ao analisar que em certa medida as normativas das entidades esportivas, aqui CBAAt e WA, são submetidas às legislações dos Estados-nações em que estão localizadas (WA, 2019). Observa-se nesse sentido que atuando no sistema mundial ainda possuem algum poder.

Os Estados-nações são, com certeza, ainda poderosos e os líderes políticos ainda têm papéis importantes a desempenhar no mundo. Mas, ao mesmo tempo, o Estado-nação está a transformar-se diante dos nossos olhos. A política econômica nacional não consegue ser tão eficiente como já foi. E, ainda mais importante, agora que as velhas formas de geopolítica se estão a se tornar obsoletas, as nações veem-se obrigadas a repensar as próprias identidades (GIDDENS, 2006, p. 28).

Os apontamentos realizados por Giddens, podem ser visualizados na atuação do Estado brasileiro. Mesmo reforçando seus domínios e autonomia dentro de suas fronteiras cursou um caminho de mudança de política internacional em relação à pessoa migrante, tornando suas fronteiras mais flexíveis. O que para IANNI (1994) é um desafio para os Estados-nações em meio a globalização.

Entretanto, outro elemento se relaciona com essa dinâmica da política do Estado-nação. Mesmo tendo sua atuação submetida à legislação dos Estados, as entidades/instituições de controle do esporte também formulam suas próprias normativas e regulamentações. Como pode ser visto neste capítulo, a CBAAt é uma entidade hierarquicamente submetida às regras e normativas da WA. Nesse sentido, observou uma dinâmica de oposição nas regulações impostas pelas duas entidades.

Prevalendo a posição da WA, os eventos de maior porte no Brasil tendem a incorporar um maior número de atletas estrangeiros, sendo esses de maior nível de desempenho atlético, conseqüentemente mais corredores africanos. Com isso pode-se perceber um interesse das organizadoras em adentrar o mercado global de corridas de rua, uma vez que receber o selo da *IAAF Road Races Label* tem significado, pelo menos institucionalmente, de estar entre as maiores corridas do mundo, gerando assim maior visibilidade midiática e receita.

Para Giulianotti (2015) esses atores citados na análise são partes de um grupo de quatro tipos de atores sociais que atuam na política econômica global. Desses

quatro atores políticos mencionados, pode-se identificar dois tipos no presente caso, o primeiro são os denominados “nacionais”, ou seja, os que visam manter a governança do esporte em nível nacional e representar o interesse nacional no esporte global, como é o caso da CBAAt e departamentos estatais. O segundo tipo de atores políticos apontados são os “internacionais”, associados a políticas que mantêm e aumentam a influência de estruturas formais de governança internacional (GIULIANOTTI, 2015). Eles são formalizados como órgãos e associações internacionais de esporte, como é o caso da WA⁶¹.

Os atores supracitados fazem parte da dinâmica da globalização do esporte, que tem sido marcada por forte aumento no volume e variedade de atores políticos ou partes interessadas, ou seja, clubes, confederações, associações internacionais, departamentos e secretarias estatais, por exemplo. De fato, a presença desses atores políticos é justificada por tenderem a ter interesses e querer exercer influência sobre as políticas do esporte global, o que é fortemente marcado pela economia mundial (GIULIANOTTI, 2015).

Tais influências - quando se tratando das regulamentações de permissão ou negativa ao atleta estrangeiro poder competir, bem como poder sair de sua origem - são capazes de influenciar a moldar o fluxo migratório dentro do esporte. No entanto, para que haja a permissão ou negativa à saída ou entrada de um indivíduo em algum local, é necessário que haja fatores influenciando a decisão de migrar. Partindo dessa perspectiva, o próximo subtópico desta tese abordará as questões relacionadas à dimensão econômica da migração esportiva, seguindo a proposta deste estudo.

5.3 EM BUSCA DE DIAS MELHORES – Dimensão Econômica

Por mais que se considere que a dimensão econômica não seja um fator único na influência para a pessoa migrar, ela não pode ser desconsiderada da análise. Diante

⁶¹ De acordo com o autor existem quatro categorias de atores políticos no esporte, além da nacional e internacional mencionados no texto, tem-se outras duas. A *Individual* que é o ator que se beneficia particularmente das políticas, representados como clubes, agentes e atletas de maior representatividade. E a *global civil society*, que se manifesta na condição de ONG's, movimentos sociais, entre outros.

disso, nesse subcapítulo serão abordadas algumas questões que remetem às condições econômicas e sociais dos países envolvidos.

Para isso, apropriou-se de uma noção de desequilíbrio econômico entre os Estados-nações envolvidos no fenômeno migratório (DORIGO; TOBLER, 1983; GIDDENS, 2008), ou seja, o país doador e o receptor do talento esportivo. Para além disso, assumiu-se que tais países fazem parte de um sistema mundial em que são classificados de acordo com seus *status* socioeconômicos (CHEPYATOR-THOMSON; ARIYO, 2016; GIDDENS, 1991).

Compreendidas as premissas das análises, dentro da questão econômica serão analisadas algumas situações em nível macrossocial, ou seja, serão realizadas comparações entre indicadores sociais de ambos os países envolvidos no processo migratório, bem como os depoimentos dos atletas e técnicos sobre ganhos financeiros, condições sociais e de trabalho.

Para isso, apropriou-se de dados referentes a alguns indicadores sociais fornecidos por entidades globais. Entre elas, Organização das Nações Unidas (ONU), Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e Banco Mundial. Partindo da apropriação desses instrumentos para balizar nossas análises sobre a dimensão econômica do processo migratório de corredores de rua para o Brasil, resta saber o que são tais indicadores e como eles podem ajudar a explicar a migração dessas pessoas.

O termo e a ideia de indicadores sociais surgem mais fortemente nos Estados Unidos em meados da década de 1960 (LAND, 1983; SANTAGADA, 1993; SOLIGO, 2012; JANNUZZI, 2002). Ele surge fortemente vinculado ao contexto da corrida espacial americana, como afirmam Land (1983) e Santagada (1993), o termo foi aplicado em um estudo cuja finalidade era avaliar os impactos da corrida espacial na sociedade americana. Para outros autores os objetivos eram mais abrangentes. Segundo esses autores os propósitos inicialmente eram formular “tentativas de organização de sistemas mais abrangentes de acompanhamento das transformações sociais e aferição do impacto das políticas sociais nas sociedades desenvolvidas e subdesenvolvidas” (JANNUZZI, 2002).

De acordo com Jannuzzi (2002) e Figueiredo Filho e colaboradores (2013) os indicadores sociais têm fortes relações com o setor público. “O aparecimento e desenvolvimento dos indicadores sociais está intrinsecamente ligado à consolidação das atividades de planejamento do setor público ao longo do século XX” (JANNUZZI, 2002, p. 54). No entanto, outras entidades colaboraram com o esforço de qualificar os usos dos indicadores sociais.

Desde o fim da década de 60, vários organismos mundiais e regionais têm participado do esforço de estudar os indicadores sociais, podendo-se citar, dentre eles, a Organização das Nações Unidas (ONU) e seus organismos especializados, bem como o ex-Conselho para Assistência Econômica Mútua (COMECON), a Comunidade Econômica Europeia (CEE), a Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e o Instituto Interamericano de Estatística (ONU, 1978) (SANTAGADA, 1993, p. 248).

Sabe-se que os indicadores sociais são utilizados tanto por membros do setor público como por organizações não governamentais. E essa ferramenta faz parte da sociedade contemporânea. “Medir e transformar essas medidas em índices utilizados para revelar e sinalizar diversos aspectos da sociedade passou a integrar inúmeras atividades cotidianas” (SOLIGO, 2012, p. 14).

A definição dos indicadores sociais e os seus usos são distintos. Para Jannuzzi (2002) por exemplo, os indicadores podem ser usados para duas finalidades.

Um indicador social é uma medida em geral quantitativa, dotada de significado social substantivo, usado para substituir, quantificar ou operacionalizar um conceito social abstrato, de interesse teórico (para pesquisa acadêmica) ou programático (para a formulação de políticas). É um recurso metodológico, empiricamente referido, que informa algo sobre um aspecto da realidade social ou sobre mudanças que estão ocorrendo na mesma. (JANNUZZI, 2002, p. 55).

Para o autor, os indicadores sociais são recursos metodológicos, apoiados em dados empíricos para relatar alguns aspectos da realidade social. É usado tanto para fins de formulação de ações políticas, como para usos acadêmicos, como é o caso do presente estudo. “Para a pesquisa acadêmica, o indicador social é, pois, o elo entre os

modelos explicativos da teoria social e a evidência empírica dos fenômenos sociais observados” (JANNUZZI, 2002, p. 55).

No entanto, por mais que os indicadores sejam importantes ferramentas, - ou recursos metodológicos para informar alguns elementos sociais - o autor faz ressalva ao mal uso ou uso excessivo desse recurso. Para Jannuzzi (2002) um indicador apenas indica algo. Ou seja, pode-se concluir que os indicadores não são a resposta concreta para a compreensão de uma realidade social e muito menos que alteram o contexto social.

Diante disso, para o presente estudo, optou-se por agregar alguns indicadores sociais com a finalidade de apoiar os discursos gerados pelos depoentes. Compreendendo que a seleção de indicadores é algo complexo, e a necessidade de garantir que existe, de fato, uma relação recíproca entre indicando (conceito) e os indicadores propostos (JANNUZZI, 2002), apropriou-se para as análises aqui pretendidas dos seguintes indicadores: Índice de Desenvolvimento Humano – IDH; Produto Interno Bruto – PIB por Paridade do Poder de Compra - PPC; e Linha Nacional da Pobreza – LNP.

O primeiro ponto a ser abordado é o índice de desenvolvimento encontrado nos países. Para isso na figura nº 23, observa-se o IDH referente a cada Estado-nação das análises. De acordo com Neri (2008), ainda que haja muitas divergências quanto ao seu uso, o IDH era um dos indicadores multidimensionais mais utilizados naquele período. O IDH foi o primeiro índice social mundial, possibilitando assim a realização de comparações entre as localidades (NERI, 2008).

A criação do índice é creditada à ONU (TORRES; FERREIRA; DINI, 2003). Por mais que análises fossem feitas - para a maioria dos países - desde 1975, a primeira publicação do relatório foi realizada apenas no ano de 1990 (JANNUZZI, 2002; SANTAGADA, 1993; BUENO, 2007). Para Jannuzzi (2002), a compreensão de desenvolvimento humano assumida pela desenvolvedora do IDH é de um processo dinâmico e permanente de ampliação das oportunidades dos indivíduos para a conquista de níveis crescentes de bem-estar.

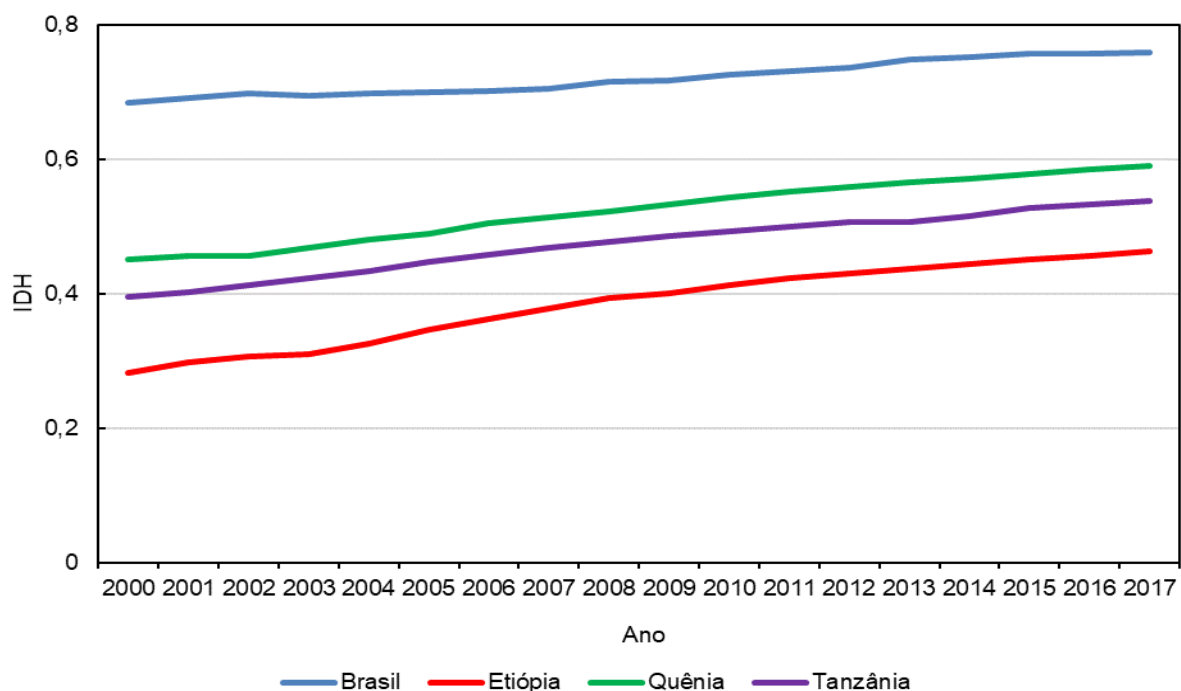
A partir dessa compreensão, para avaliar o progresso e o nível de desenvolvimento humano, propuseram então o IDH.

construído a partir da aglutinação de indicadores representativos das três dimensões básicas citadas do desenvolvimento humano e para as quais se dispõe de informações com maior regularidade nos diversos países: um indicador composto de nível educacional (computado a partir da taxa de alfabetização de adultos e da taxa de escolarização); a esperança de vida, como medida-síntese das condições de saúde e riscos à morbimortalidade; e o produto interno bruto per capita ajustado segundo uma técnica específica, de modo a refletir melhor a necessidade de recursos monetários para a compra de bens e serviços indispensáveis à sobrevivência material em cada país (JANNUZZI, 2002, p 67).

O IDH é considerado um indicador síntese, pois como observado na citação apresentada, trata-se de uma aglutinação de diferentes dimensões a fim de proporcionar uma única medida (FIGUEIREDO FILHO *et al*, 2013). As dimensões apresentadas foram escolhidas por contemplarem aspectos básicos do desenvolvimento humano (BUENO, 2007).

Dada a contextualização do IDH, apresenta-se um gráfico comparativo entre o Brasil (destino) e os três países que mais enviaram atletas de corrida de rua para os eventos de corrida brasileiros (Etiópia, Tanzânia e Quênia).

Figura 23: Índice de Desenvolvimento Humano dos países.



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da ONU.

Como pode ser observado pelo gráfico, durante um período histórico de 17 anos a diferença entre o indicador de IDH dos países sofreu uma diminuição. No entanto, ainda se tem uma diferença considerável entre os países comparados. De acordo com os dados, o Brasil se enquadrava no IDH 2017 como um país de alto desenvolvimento humano com um valor de 0,759. Já Quênia, com um índice de 0,59, é considerado um país de médio desenvolvimento humano. Por fim, Tanzânia (0,538) e Etiópia (0,463), com os menores valores, se classificam enquanto países de baixo desenvolvimento humano.

Depoimentos categorizados a partir das entrevistas são confirmados com os dados sobre o IDH fornecido pela ONU. Três dos atletas, quando questionados sobre as diferenças percebidas entre o Brasil e suas origens, retratam o desequilíbrio em relação ao desenvolvimento socioeconômico.

Se eu puder comparar agora meu país de origem com o Brasil, digamos que o desenvolvimento no Brasil seja mais alto que o meu país. Na África, ainda estamos atrasados, ainda estamos desenvolvendo. No Brasil, é mais alto. A vida certamente ainda é muito interessante (MAN 1).

Sim, as condições financeiras são realmente diferentes. Aqui no Brasil, são um pouco melhores que no Quênia. Mas atualmente, o Brasil não é como há dois, três anos atrás. Você acha financeiramente um pouco desafiador, mas não tão desafiador quanto o meu país (MAN 2).

Sim. Aqui no Brasil, o país é mais desenvolvido. É como se este país fosse muito mais desenvolvido que o nosso país (WOMAN 2).

Essa percepção também surge no questionamento feito a um dos agentes. De acordo com o entrevistado, mesmo que recentemente tenha ocorrido uma melhora nas condições sociais especialmente no Quênia, o país ainda possui uma situação social mais crítica do que o Brasil.

Hoje mudou muito, né? Mas no interior a gente vê muitas dificuldades ainda. Mas hoje tem escola particular. Hoje os alunos vão todos uniformizadinho, com um tenizinho. Então evoluiu muito, o Quênia se preocupa muito com isso que o atletismo faz parte do calendário escolar,

e é ali que começa tudo hoje, né? Mas a dificuldade de muitos atletas, a gente vê que lá tem muito campo de treinamento, né? Ou da Fila, ou Adidas, ou Nike. E muitos atletas vão nesses campos para ficar treinando e poder ter uma vida melhor, com a alimentação, uma vida social melhor, um grupo pra se treinar. Mas é muito, tem muita dificuldade (AGENTE 1).

O relato do agente corrobora os dados do IDH, sendo o Quênia o país com maior IDH dentre os três do leste africano. Também é observada uma linha de melhora no índice, principalmente em período posterior ao ano de 2003. Fato que ocorre também nos demais países posteriormente. Para Wilber e Pitsiladis (2012), que também apontam para uma melhora nas condições em diversas áreas sociais no Quênia e na Etiópia, ainda há um cenário de precariedade.

A produção de riquezas econômicas de um país é outro indicador com possibilidades de análises no sentido de compreender como a dimensão econômica pode influenciar na decisão do indivíduo de migrar. Diante disso, a figura a seguir expõe o Produto Interno Bruto (PIB) corrigido pela Paridade do Poder de Compra (PPC) dos quatro países envolvidos na análise da migração da corrida de rua.

O PIB-PPC é um indicador elaborado e divulgado pelo Banco Mundial (KILSZTAJN, 2000), oriundo de discussões referentes as taxas de câmbio internacional (TAYLOR; TAYLOR, 2004).

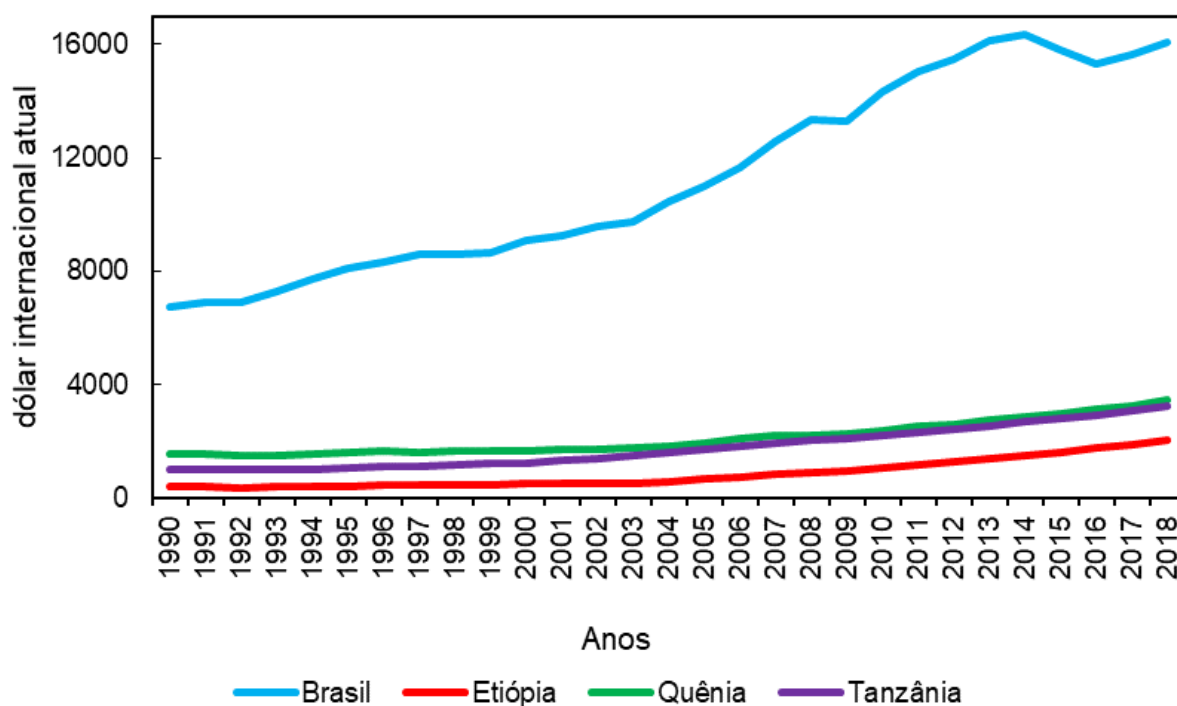
Assim como outros indicadores, o PIB-PPC também possui suas limitações e sofre com algumas críticas do seu uso, principalmente o acadêmico (KILSZTAJN, 2000). No entanto, como aponta o autor, mesmo com essas limitações “a utilização da PPC para comparações internacionais, mesmo distorcida, representa ainda assim uma melhor aproximação que a permitida pela utilização do PIB per capita em dólares americanos” (KILSZTAJN, 2000, p. 98).

O PIB-PPC é desenvolvido a partir da teoria da paridade do poder de compra. De acordo com Taylor e Taylor (2004), trata-se de uma teoria simples que defende que a taxa de câmbio nominal entre as moedas de diferentes países deve ser igual a proporção dos níveis de preços agregados entre os países. Isso é pensado para que “uma unidade de moeda de um país tenha o mesmo poder de compra em um país estrangeiro” (TAYLOR; TAYLOR, 2004, p. 135).

Para comparações internacionais, os pesquisadores sempre utilizaram a conversão do valor da moeda de cada país em uma única moeda nacional – o dólar americano, por exemplo. Mas a taxa de câmbio do dólar americano, que é utilizada nas transações internacionais, e que reflete o movimento de mercadorias, serviços e capitais, não reflete necessariamente o poder de compra do dólar americano em cada um dos diferentes países (KILSZTAJN, 2000, p. 93).

Como o dólar americano e sua taxa cambial não reflete o poder de compra de diferentes países, foi desenvolvido o PPC. A partir disso, foi criada a unidade de medida para expressar valores monetários, o dólar internacional (KILSZTAJN, 2000, p. 93). A partir do exposto, acredita-se que o indicador seja mais apropriado para comparar as produções de riquezas entre o Brasil e os países de origem dos corredores de rua que atuam no país.

Figura 24: Produto Interno Bruto (PIB) por Paridade do Poder de Compra (PPC).



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do Banco Mundial.

A comparação entre os países a partir do PIB por PPC historicamente apresenta uma diferença entre os países envolvidos. Durante todo o período exposto nos dados, o Brasil permanece com maior produção de riqueza em relação aos demais países. No

entanto, diferentemente das análises realizadas pelo IDH, no caso PIB por PPC, a diferença entre os países e o Brasil aumentou nos últimos anos. No ano de 2018, último ano da análise, a Etiópia estava com um valor per capita de 2.018,57\$. Enquanto Quênia e Tanzânia indicavam um valor de 3.461,44\$ e 3.227,03\$. Já o Brasil, no mesmo período apontou um total de 16.068,02\$ de PIB por PPC per capita.

Os valores apresentados entre o Brasil e os países de origem dos atletas de corrida de rua estrangeiros em atuação no Brasil mostram uma diferença importante nesse indicador. O Quênia, país com valores mais próximos aos apresentados pelo Brasil, corresponde a 21,5% do PIB por PPC per capita do destino desses atletas.

Mesmo que o PIB-PPC seja um indicador importante para analisar as condições socioeconômicas entre os diferentes países, argumenta-se que o indicador retrata uma condição macroestrutural. Nesse sentido optou-se por também analisar o percentual da população que vive abaixo da linha da pobreza nesses países. O primeiro passo nessa análise é definir os indicadores utilizados.

Nesse sentido, para entender o que é o indicador, necessita-se compreender o que ele indica. No caso a seguir são indicadores de pobreza em determinados países. Rocha (1992) apresenta que a ideia de pobreza não é de fácil definição e compreensão. Para a autora, a “pobreza é um fenômeno complexo que pode ter significados distintos para diferentes pessoas” (ROCHA, 1992, p. 541). Para Barros, Henriques e Mendonça (2000), independentemente da compreensão, a pobreza trata-se de “situações de carência em que os indivíduos não conseguem manter um padrão mínimo de vida condizente com as referências socialmente estabelecidas em cada contexto histórico” (p. 124). Ainda assim, mesmo com suas distinções para cada público, a pobreza é um dos problemas mais significativos da humanidade (FURSTENAU; WINK JR, 2016).

Assim como os significados de pobreza são dos mais diversos, as formas de mensurar e classificar as pessoas que se encontram nesse contexto também são diversos. De acordo com Furstenau e Wink Jr (2016, p. 80)

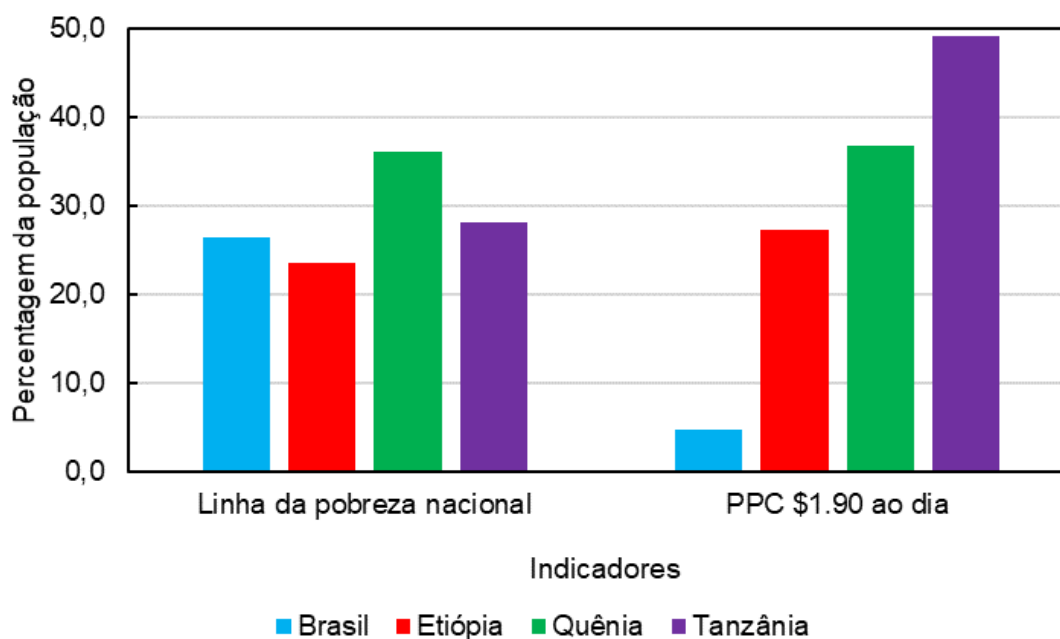
Suas manifestações variam conforme o contexto econômico e social em que se encontra, podendo-se conceituá-la como absoluta (vinculada à noção de subsistência), relativa (de acordo com o padrão de vida

predominante em determinada sociedade) ou, ainda, subjetiva (interpretação das pessoas quanto à pobreza).

Com as definições de pobreza divididas em absoluta, relativa e subjetiva, também surgem as diversas formas de mensurar (GIDDENS, 2008). As formas de fazer esses levantamentos são as chamadas linhas da pobreza (SOARES, 2009; FURSTENAU; WINK JR, 2016). Para Furstenau e Wink Jr (2016, p. 81) “pode-se atribuir um valor monetário à capacidade das pessoas de adquirir produtos e serviços, derivando-se, assim, as linhas de pobreza”. Ao olhar para as linhas da pobreza, cada entidade ou Estado-nação escolhe um ou mais formas de mensurar o fenômeno. De acordo com Soares (2009) e Furstenau e Wink Jr (2016), o Brasil não adotou uma metodologia oficial, e cada ação ou programa social utiliza uma maneira diferente de classificar a população pobre.

Por outro lado, o Banco Mundial propõe uma linha de pobreza internacional, utilizando-se também, de seus critérios de Paridade de Poder de Compra (PPC), essa linha fixa um valor de referência em dólares internacionais, em que as pessoas com ganhos inferiores ao valor são consideradas abaixo da linha da pobreza (SOARES, 2009; FURSTENAU; WINK JR, 2016).

Figura 25: Percentual de população abaixo do nível da pobreza.



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados.

Observando o gráfico apresentado percebe-se duas situações distintas e cabe algumas reflexões em relação ao entendimento de pobreza. De um lado da figura, o gráfico com o percentual da população abaixo da linha da pobreza pelas métricas utilizadas nacionalmente em cada país. Por outro lado, é utilizada uma linha de comparação internacional, uma medida adaptada pelo PPC que estabelece o ganho até a \$1,90 em dólares por dia, representando a população pobre em cada país.

Considerando a linha da pobreza nacional, ou seja, aquela estabelecida e apropriada pelas autoridades de um determinado país, observa-se um valor próximo entre os países comparados. O Quênia é o país com maior percentual de pobreza, com 36,1%. Posteriormente, vem a Tanzânia e o Brasil com 28,2% e 26,5% respectivamente. Por fim, a Etiópia é o país com menor percentual de pobreza entre os analisados com 23,5%, considerando a linha da pobreza nacional.

Esses dados são muito diferentes quando a linha da pobreza é olhada pelo indicador internacional, ou seja, a métrica apoiada pela Paridade de Poder de Compra (PPC) que estabelece, dentro pobreza internacional, os indivíduos com ganhos inferiores a 1,90 dólares internacional por dia. Além das ordens de classificação se alterarem, há também um aumento na distância entre os países. A Tanzânia aparece com o maior percentual de pobreza, 49,1% de sua população. Já o Quênia apresenta um total de 36,8% da população vivendo abaixo da linha da pobreza internacional. Na Etiópia 27,3% estão nas condições de pobreza. Por fim, há o Brasil, país com o menor percentual de pessoas abaixo da linha da pobreza internacional, com 4,8% da sua população nesse cenário.

Em relação aos indicadores apresentados, referem-se aos países com maior envio de atletas (Quênia, Etiópia e Tanzânia). No entanto, uma das participantes da pesquisa tem origem em Uganda. A respeito dos dados do país de origem da atleta eles não se diferem muitos dos seus países vizinhos. O IDH de 2017 é de 0,516, já o PIB por PPC aparece com o valor per capita de 2.033,28\$. Por fim em relação ao percentual de pobreza, Uganda aparece com 41,7% de sua população vivendo abaixo da linha da pobreza internacional.

Wilber e Pitsiladis (2012), como já mencionado, reconhecem os vários avanços em diferentes áreas nesses países. Porém, os autores também apresentam dados significativos de taxas de desemprego no Quênia e na Etiópia. A métrica da Organização Mundial da Saúde (OMS), aponta que mais de 40% da população dos dois países vivia abaixo da linha de pobreza. De acordo com Jarvie (2007), a noção de pobreza recente não é aplicada e utilizada nas reflexões e pesquisa sobre o esporte. Ainda segundo Jarvie (2007), a pobreza é razão e motivação aparentes para a atuação de alguns atletas. Em outras palavras, o esporte é uma das formas de pessoas saírem da condição de pobreza.

Os indicadores referentes à capacidade de ganhos comparados entre os diferentes países retratam uma condição socioeconômica mais deficitária nos países de origem desses atletas. Esses dados são também evidenciados nos depoimentos dos atletas entrevistados. Em relação à remuneração, ou seja, a possibilidade de ganhos em seus países, eles dizem

Ok, no nosso país, as pessoas trabalham, existem empregos, mas as taxas não são as mesmas, é diferente. Como o dinheiro de Uganda e o dinheiro do Brasil são diferentes, não é o mesmo, suas taxas são diferentes. É por isso que talvez Uganda esteja em baixa e o Brasil, está em alta. É diferente (WOMAN 1).

A depoente apresenta um olhar para a desigualdade entre os valores recebidos em seu país de origem e no Brasil. Mesmo que haja empregos e que as pessoas estejam ativas em sua percepção, os ganhos são menores do que no Brasil, justificando assim, por sua ótica, a compreensão de o Brasil possuir um desenvolvimento maior do que em seu local de origem.

Um segundo olhar voltado às questões salariais, ou remunerações, é informado por outra depoente. Nesse caso a entrevistada fornece relatos de como o dinheiro escasso prejudica sua atuação enquanto atleta em seu país.

Sim, também na parte financeira, é muito difícil. Às vezes você vai, não tem dinheiro para sustentar sua família, para sustentá-lo. Às vezes, você acaba suspendendo o treinamento por uma semana ou até um mês, porque você não tem um executor ou financiador (WOMAN 2).

O depoimento fornecido pela atleta refere-se claramente às condições que são postas para a sua atuação enquanto corredora. Sua reclamação está direcionada à ausência de salários ou apoio para que se dedique somente ao atletismo, e falta de recursos para se sustentar e sustentar sua família. Seguindo nessa ótica, outro relato aponta que o ganho financeiro de um corredor depende de seu desempenho.

Por enquanto, você pode dizer que esse é o salário, porque o dinheiro que receberei agora dependerá do meu desempenho. Digamos que eu venho ao Brasil, eu corro. Se eu ganhar, posso ganhar um bom dinheiro. Se eu não correr muito bem, pelo menos receberei um pouco de dinheiro. Portanto, minha conquista na corrida agora dependerá do meu desempenho na corrida (MAN 1).

Na mesma direção da depoente anterior, o atleta afirma que seu ganho depende de seu desempenho na corrida, ou seja, sem vitórias, sem rendimentos financeiros. Essa situação é observada uma vez que os ganhos dos atletas são referentes aos prêmios oferecidos pelas corridas em que eles participam. E pelo registro dos depoentes é a única fonte de recurso. Um dos agentes também informa essa condição.

Com certeza, esse é o objetivo de todos, saírem do Quênia. Para poder., o Quênia, Uganda, a Tanzânia, , Etiópia. Ele sai com esses fins de correr atrás da premiação e que é o meio de vida deles é onde eles se transformam. Eles e família (AGENTE 1).

Como pode ser observado, a percepção do agente é que os atletas corredores de rua deixam seus países de origem com objetivo de trabalho. A decisão de sair de sua casa tem grande influência econômica, ou seja, para conseguir seus proventos precisam correr nas corridas pelo mundo e obter desempenho positivo. Em outras palavras, estar entre os primeiros colocados lhes garante receber as premiações estipuladas, que são os seus sustentos.

Alguns autores - que debruçaram seus esforços em analisar o esporte (e mais profundamente o atletismo) do oriente africano - apresentam esse contexto de busca pela melhora das condições de vida, ou fuga da pobreza. Wilber e Pitsiladis (2012, p.99), afirmam que “o sucesso na corrida à distância fornece ao atleta os meios para avançar para o topo da sociedade queniana e etíope, que serve como um fator

motivacional significativo”⁶². Isso baseado em pesquisas com corredores, que apontam que 33% dos corredores de elite relataram que o sucesso econômico é a principal razão para serem atletas, já ser campeão olímpico é exposto por apenas 14% (WILBER; PITSILADIS, 2012).

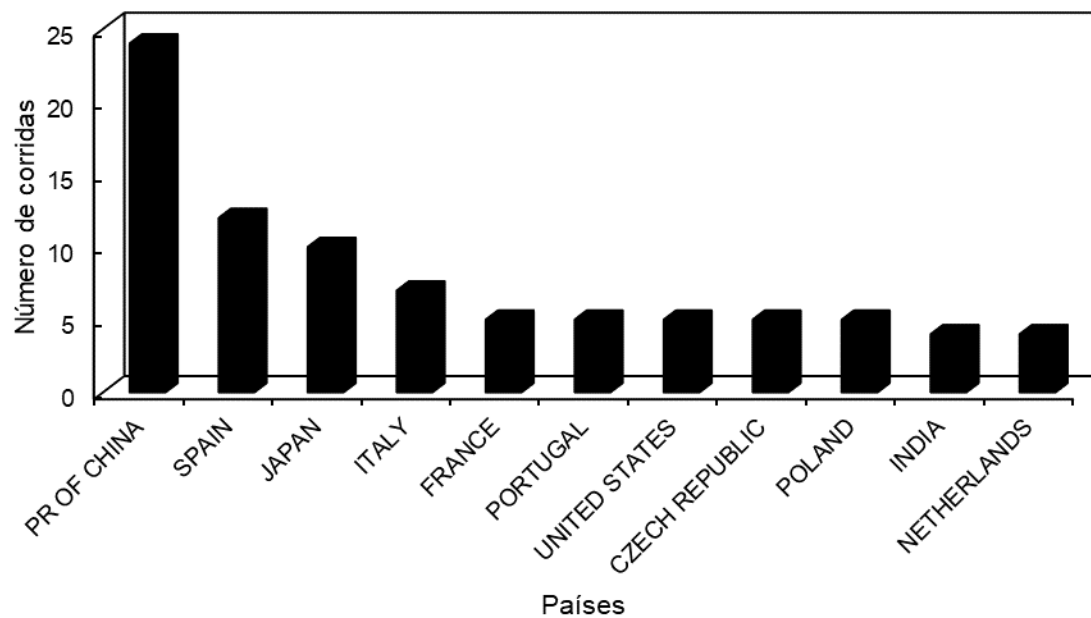
O estilo de vida, oriundo de uma produção de riqueza, melhorou com o tempo e o desenvolvimento do atletismo do Quênia (BALE; SANG, 1996; NJORORAI, 2012). Os recursos advindos de suas corridas ao redor do mundo são utilizados para adquirir fazendas, propriedades e terrenos no Quênia. (BALE, SANG, 1996). De acordo com Njororai (2010), isso gera uma esperança entre os jovens atletas, que buscam uma transição da pobreza para serem empresários bem-sucedidos, por meio da corrida. Segundo o autor, isso inspirou jovens atletas a saírem das fronteiras do Quênia (NJORORAI, 2010).

É evidente que a participação desses atletas nos eventos de corrida de rua é em grande parte motivada pelo interesse econômico. As premiações das corridas são as fontes de receitas destinadas à manutenção de suas vidas e de suas famílias, como observado nos depoimentos dos atletas e agente.

No entanto, isso por si só não explicaria a necessidade de saírem de seus países de origem e se deslocarem para outras regiões no mundo. Nesse sentido, buscou-se a partir de dados da WA em sua classificação das *Road Races Label*, onde estão os maiores eventos de corridas de rua no mundo.

⁶² Tradução livre nossa, versão original: “Success in distance running provides an athlete the means to advance to the top of Kenyan and Ethiopian society, which serves as a significant motivational factor”.

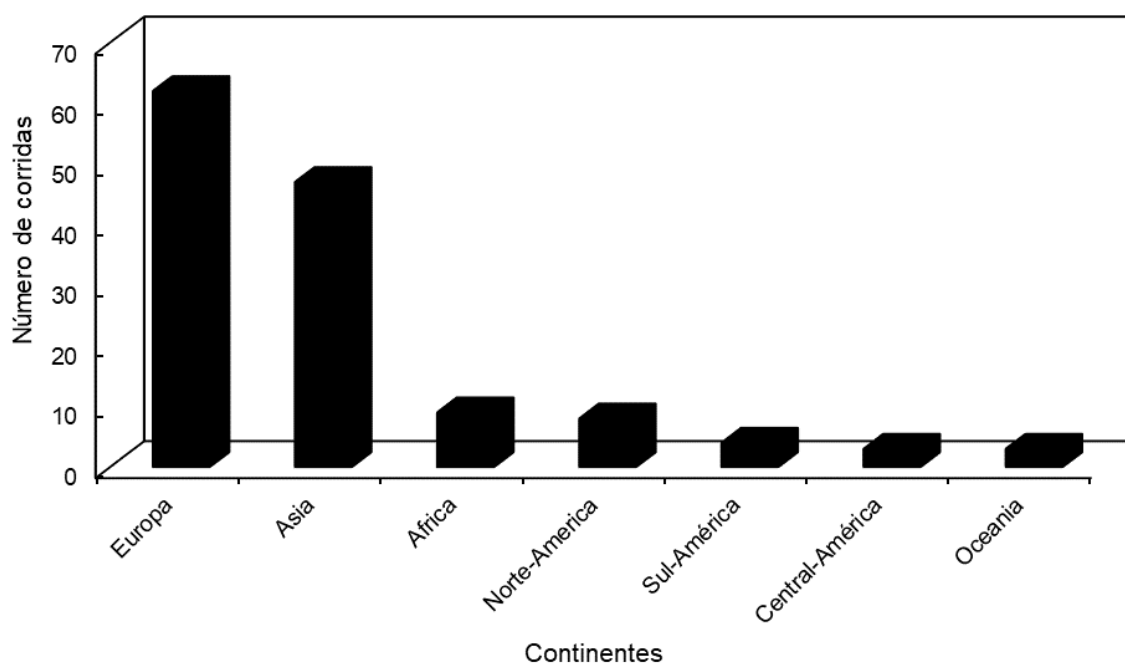
Figura 26: Número de provas *Road Races Label* por país.



Fonte: elaborado pelo autor

Como pode ser observado, entre os 10 primeiros países com maior número de provas classificadas com os selos da WA, nenhum deles pertence aos grandes produtores de corredores de médias e longas distâncias, e nenhum está no continente africano. Porém, esse cenário muda razoavelmente, quando se volta o olhar para os continentes em que os eventos são realizados.

Figura 27: Número de provas *Road Races Label* por continente.



Fonte: Elaborado pelo autor

Quando passa o foco para os continentes, observa-se um predomínio das grandes provas com selos da WA em países da Europa. No entanto, logo na terceira posição aparece o continente africano. Mas é necessário um olhar mais profundo para essas provas e localidades. Na África foram realizadas nove corridas *Road Races Label*, sendo que sete foram classificadas como Bronze, uma como Silver e uma como Gold. Dessas provas, três aconteceram na África do Sul, Nigéria e Gabão, com duas provas cada. Por fim, Marrocos e Tunísia realizaram uma corrida cada.

Os dados das provas evidenciam que majoritariamente os eventos classificados pela WA como os melhores do mundo são realizados em países com concentração de riquezas econômicas ou com grandes populações, como é o caso dos países da Europa e da Ásia. Nenhuma dessas corridas foi realizada nos países de origem dos grandes atletas de médias e longas distâncias. Mesmo que haja provas no continente africano, não foram realizadas nos países do leste africano com domínios nesse tipo de prova. Esse elemento é um indicador de que esses atletas precisam se deslocar para

fora de seus países para que possam competir e ganhar o seu dinheiro por meio da corrida de rua.

Ao analisar os dados e informações apresentados, dentro da proposta de estudo, tem-se a compreensão próxima de Bale e Sang (1996), em que os autores aproximam o atletismo global a uma empresa multinacional. Os atletas buscam maior rendimento e produção de recordes e conseqüentemente melhoram suas condições de vida.

Nesse sentido, busca-se algumas explicações do porquê da dimensão econômica ser um fator que empurra esses atletas para fora de seus países e porque são atraídos pelo Brasil. Observa-se que o movimento de atletas de países cujas economias são subdesenvolvidas para locais com economias mais avançadas no mundo pode ser explicado, pois um migrante deixa voluntariamente seu local de residência para buscar renda mais alta, devido ao processo de oferta e demanda do mercado de trabalho esportivo, nesse caso o atletismo de médias e longas distâncias (CHEPYATOR-THOMSON; ARIYO, 2016).

A ideia do entendimento de oferta e demanda pode ser explicada pois esses corredores migrantes possuem habilidades que os distinguem dos demais atletas (CHEPYATOR-THOMSON; ARIYO, 2016). Como observado na dimensão cultura, tem-se uma divisão internacional do trabalho que os tornam especialistas nesse contexto. Por outro lado, como bem observado nos dados apresentados, os eventos de corridas com os melhores posicionamentos no sistema de classificação da entidade mundial do atletismo não são localizados nos territórios de nascimento desses migrantes, gerando uma alta demanda por essa mão de obra. Nesse sentido, Jarvie (2007), aponta como uma explicação para essa migração a atração pelas forças econômicas que estão no centro do sistema mundial (JARVIE, 2007).

Njororai (2010) argumenta que há reivindicações desiguais da mão de obra altamente desenvolvida, ou seja, os atletas especialistas em suas provas. Diante, essa mão de obra é escassa, ao mesmo tempo que é alta a demanda global, acarretando a um alto fluxo migratório. “Assim, a migração do talento esportivo africano para outros continentes é uma resposta a um sistema global que é considerado desigual”⁶³

⁶³ Tradução livre nossa, versão original: “Thus, the migration of African sporting talent to other continents is a response to a global system that is perceived to be unequal”.

(NJORORAI, 2010, p. 451). Nesse sentido, o autor defende que as diferenças econômicas entre os países são fatores de atração e empurre desses atletas, “a riqueza pode puxar mão-de-obra dos países menos ricos e, ao mesmo tempo, é um fator de pressão onde se escapa da pobreza”⁶⁴ (NJORORAI, 2010, p. 455).

Dadas essas conjunturas, Chepyator-Thomson e Ariyo (2016), afirmam que a globalização foi protagonista no processo de profissionalização e comercialização do esporte, o que levou o movimento migratório para fora da África.

Por exemplo, nas últimas duas décadas, o movimento dos corredores quenianos se enredou na dinâmica global da desigualdade econômica, na comercialização e no profissional do esporte, o que levou os atletas qualificados a passarem de regiões com mais excedentes para regiões com déficits ou com disposição para pagar mais. [...] Uma faceta da globalização é que as pessoas se afastam de sua base para melhorar seus padrões de vida (CHEPYATOR-THOMSON; ARIYO, 2016, p. 1828)⁶⁵.

Em síntese, a literatura apropriada, os dados de indicadores, juntamente aos relatos dos entrevistados trazem a compreensão para a dimensão econômica da migração dos corredores de rua do leste africano para o Brasil. Assim como observado anteriormente, esses países são considerados periféricos dentro do entendimento do sistema mundial (GIDDENS, 1991). Caracterizados pela falta de industrialização, altos níveis de pobreza, entre outros aspectos sociais (NJORORAI, 2010). Tais elementos são considerados como fatores de empurre para fora de seus países em busca de maiores ganhos em termos econômicos.

Como bem observado na literatura, o principal motivo para que esses atletas participem de corridas é o econômico (BALE; SANG, 1996; NJORORAI, 2012; CHEPYATOR-THOMSON; ARIYO, 2016). Isso porque buscam acumulação de capital

⁶⁴ Tradução livre nossa, versão original: “Thus, wealth can pull labour from the less wealthy countries while at the same time it is a push factor where one escapes from poverty”.

⁶⁵ Tradução livre nossa, versão original: “For instance, in the last two decades, the movement of Kenyan runners became entangled with ‘global dynamics of economic inequality, commercialization and professional of sport which has prompted skilled athletes to move from regions of surplus to those of deficits or those willing to pay more for their services’.[...] One facet of globalization is that people move far from their home base to improve their standards of living”.

econômico em decorrência de serem de países relativamente pobres e o esporte ser uma escada econômica para se afastarem da pobreza (NJORORAI, 2012).

No entanto, mesmo que o mercado do atletismo global as forças de pressão tendam a empurrar os atletas de seus países, quanto mais periféricos para os mais centrais (GIULIANOTTI, 2015), a prática migratória não se limita a uma ação irracional ou apenas um empurre estrutural do sistema esportivo mundial.

Bale e Sang (1996) aproximam esses indivíduos a objetos inanimados, sem liberdade para decidir quando e onde competem. Em contraponto, o presente trabalho discorda de tal posição. Diante disso, no próximo subcapítulo será discutida a dimensão pessoal. Em outras palavras, considera-se que por mais que haja pressões sociais que forcem esses atletas a se deslocarem de suas origens, as escolhas e motivações partem de suas racionalidades, redes de contatos e objetivos dentro da carreira esportiva.

5.4 EU SOU UM(A) CORREDOR(A) – Dimensão Pessoal

Posteriormente às análises de três dimensões, caracterizadas como externas ao indivíduo migrante, nesse subcapítulo serão abordados alguns pontos que compõem a dimensão aqui denominada como pessoal. Nesse sentido, a dimensão pessoal é compreendida como as relações microsociais do indivíduo migrante.

Para analisar a dimensão pessoal defendida e proposta nesse estudo, as reflexões partiram de duas frentes de análises. Em um primeiro momento serão abordadas as ambições e motivações dos indivíduos migrantes, bem como a importância da corrida na vida dessas pessoas. Ainda nessa frente, serão discutidas as reflexões que pautaram a escolha do Brasil como destino desses corredores, além de quais são seus planos futuros para as suas carreiras e permanência no Brasil.

No segundo momento das análises da dimensão pessoal será discutido como ocorre e quem colabora no processo de recrutamento desses atletas. Nesse sentido, avançar-se-á na direção de tentar compreender como se estabelecem as redes de colaboração ou comunicação para que o indivíduo opte por migrar.

Importância, objetivos, escolhas e motivações

Para iniciar as discussões sobre a atuação do atleta no contexto de opção por migrar, distanciando-se da ideia de que somente a estrutura social atua como força de deslocamento do ator, como já apontado, propõe-se observar a ação dos corredores a partir de uma percepção de agência (GIDDENS, 1978), a ação humana a partir do seu monitoramento reflexivo.

Partindo dessa compreensão de agência serão abordados alguns pontos da atuação dos corredores de rua africanos no Brasil. Como já apontado pela produção do conhecimento analisada, alguns estudos se debruçaram a estudar os motivos que levam o atleta a migrar. Afinal, por mais que os ganhos financeiros sejam sustento de suas vidas e familiares, não se resumem a esse aspecto (AGERGAAD; BOTELHO, 2011; BOTELHO; AGERGAAD, 2011).

Diante do entendimento de que os indivíduos migrantes possuem suas capacidades de decidir sobre suas ações e mediar seus motivos para a tomada de decisão (GIDDENS, 1978). E compreendendo que os motivos para migrar não se resumem ao fator econômico, foram analisadas as questões motivacionais em relação aos corredores africanos.

Para tanto, optou-se por investigar elementos relacionados aos significados e objetivos da prática da corrida de rua na vida desses migrantes. Nesse sentido, questionou-se qual a importância da corrida de rua na vida dos corredores depoentes. Uma das depoentes forneceu uma resposta genérica, porém carregada de sentidos, afirmando que a corrida é tudo o que ela possui (WOMAN 2).

Já outro depoente justifica a importância da corrida de rua em sua vida por conta das transformações sociais pelas quais ele passou.

Correr é importante, meu amigo. Porque pelo menos a corrida mudou minha vida. Isso mudou minha maneira de viver. Eu vivo um bom padrão de vida por causa da corrida (MAN 1).

O depoente afirma que a corrida mudou sua maneira de viver, uma vez que atualmente consegue desfrutar de um bom padrão de vida por conta da prática da

modalidade. Em outras palavras, a corrida é importante na vida do entrevistado por fatores econômicos. No entanto, por mais que o aspecto econômico seja observado em todos os entrevistados, outros pontos também surgem.

É importante de duas maneiras, obviamente: como parte da minha carreira, é importante porque me permite ganhar a vida e também é importante porque me permite estar fisicamente apto e também no que diz respeito a minha saúde (MAN 2).

Além do aspecto econômico, ou seja, referente à corrida como carreira profissional, o depoimento do atleta supracitado faz menção às questões físicas e à saúde do corredor.

Em um quarto depoimento as questões de relacionamento interpessoal aparecem no relato.

Correr para mim, como agora, eu vim para outro país como aqui no Brasil. Isso é a importância para mim. Eu vim ao país com outras pessoas. Outra coisa, você ganha dinheiro quando corre e ganha a corrida, recebe seu dinheiro. Eu me encontro com meus amigos em outros países (WOMAN 1).

O último depoimento apresenta diversos fatores que justificam a importância da corrida para a entrevistada. O primeiro ponto é a possibilidade de viajar e conhecer outro país. Também aparecem as relações interpessoais, ou seja, conhecer e reencontrar pessoas. Além de, também, fatores econômicos, pois a corrida é o seu trabalho e maneira de receber proventos.

Observados os depoimentos em relação à importância da corrida de rua para a vida dos atletas entrevistados, outro ponto a se analisar em relação à capacidade de escolha do atleta em migrar é entender quais são os objetivos desses com a prática da corrida de rua. Como observado anteriormente, mesmo sendo situações distintas, pela escassez de demanda de trabalho em suas origens, suas motivações e objetivos com a prática se aproximam com a de migrar.

Nas falas dos depoentes alguns pontos podem ser observados.

Meu objetivo como atleta é correr muito bem, executar muito bem a corrida (MAN 1).

Sim, inicialmente pretendo correr bem no futuro em uma das maiores maratonas do mundo (MAN 2).

OK. Como agora, quando voltar, talvez comece a treinar. Eu quero correr uma maratona. Mas agora, talvez, vou estar me preparando para as Olimpíadas, talvez com outras corridas. Embora até agora, as pessoas se preparem para o mundial de meia maratona, que é que eles vão participar da partida. Talvez se eu tiver essa chance, talvez eles me deem ... eles me incluirão na atividade porque na outra vez eu estive lá, mas por enquanto não estou convocada. Talvez se eles me colocarem, eu irei me preparar para alcançar a partida (WOMAN 1).

Sim, espero algumas coisas. Como agora, corro por uma curta distância, mas a seguir quero estender até a meia-maratona, talvez corra maratonas, para poder correr bem. Então, eu arranjo um bom gerente para me levar a algum lugar (WOMAN 2).

Todos os depoentes foram marcantes em falar que seus principais objetivos são correr bem as provas, para isso consideram a necessidade de um treinamento. No entanto, foi evidenciado nas falas de três dos depoentes que almejam com o tempo começar a competir em maratonas. A prova é a estrela entre os eventos de corrida de rua, sendo objetivo para os atletas não pertencentes à elite esportiva, sendo modo de distinção entre corredores (FALCÃO; UVINHA, 2019).

Porém, para os atletas da elite esportiva a maratona pode ser o evento que lhes proporcionaria uma melhora em suas condições sociais e financeiras. Por mais que em outras provas menores também tenha seus ganhos financeiros, são as maratonas que pagam os melhores prêmios aos primeiros colocados (KNECHTLE *et al*, 2016). Outro ponto a esse respeito é que segundo pesquisas em relação à idade pico da performance nesse tipo de prova, por mais que haja casos fora do padrão, a idade ideal gire por volta dos 29 anos (KNECHTLE *et al*, 2016; NIKOLAIDIS; ONYWERA; KNECHTLE, 2017).

Um objetivo mais específico surge no depoimento da Woman 1, que é o desejo de participar de uma Olimpíada e do mundial de meia maratona. Não por acaso a corredora que proferiu o discurso é de origem ugandense. Tal fato pode ser justificado pela sua nacionalidade lhe permitir estar mais próxima de atingir esse objetivo, uma vez

que concorrência dentro do Quênia é muito maior do que para as demais nacionalidades para se chegar a uma Olimpíada. De acordo com o Sportv (2016), para os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, somente entre os homens e só na maratona o Quênia obteve 332 atletas com índices para participar do evento, sendo apenas três vagas por país.

A partir da compreensão dos aspectos que tornam a corrida de rua como algo importante na vida dos depoentes, bem como quais são os objetivos que esses têm com a prática da modalidade, identificados que por mais que tenham elementos distintos, os aspectos econômicos estão em primeiro plano, sendo apontados mais vezes nos discursos dos entrevistados.

No entanto, tais elementos, por mais que possam explicar os motivos pelos quais essas pessoas escolhem a prática da corrida como uma vida profissional e conseqüentemente para deixar seus locais de origem, isso não justifica o padrão de movimento em direção ao Brasil. Nesse sentido, nesse momento serão abordados as escolhas, motivos e os planos que esses atletas possuem em relação ao Brasil, uma vez que os posicionamentos geográficos, posicionamentos no sistema esportivo global, e econômico global influenciam as escolhas desses atletas.

Questionados sobre o que fizeram os depoentes escolherem o Brasil enquanto destino para competir, algumas categorias foram elencadas. Uma primeira categoria versa sobre as condições trabalhistas. Posteriormente uma sobre as relações interpessoais com o agente, e por fim, as condições competitivas do Brasil em relação aos demais países.

O entrevistado que expõe a categoria referente às condições trabalhistas, quando indagado sobre o motivo da sua escolha do Brasil para competir e viver responde

Não é uma questão de escolher o Brasil, mas é porque atualmente meu gerente está trabalhando com a equipe Brasil. [...] Sim, inicialmente são competições como parte do meu trabalho (MAN 2).

Como pode ser observado no depoimento, o atleta não considera estar no Brasil por uma questão de escolha pessoal. De acordo com sua fala, a sua permanência no

país é simplesmente por conta de ser o local de residência do agente com que ele tem contrato assinado. Em análise, pode-se entender que se o agente fosse de outro país, ele estaria em outro país, parecendo ser sua escolha primariamente econômica, não levando em consideração outras questões relacionadas ao seu convívio social.

Em diálogo com a literatura pode-se identificar uma direção discursiva que corrobora o relato do depoente. Chiba (2013) ao analisar a migração de jogadores de basquetebol com origem norte-americana, apresenta a fala de um de seus entrevistados afirmando que o esporte é seu negócio, e suas escolhas partem dessa premissa.

A segunda categoria evidenciada diz respeito às relações interpessoais dos atletas. Diferentemente do relato anterior, as duas depoentes colocam em evidência a atuação do agente que está no Brasil.

Eu escolhi o Brasil porque, às vezes, nosso agente não é ruim e é diferente com os outros países. Pode ser como se você realmente quisesse ir para a América. O oficial dos Estados Unidos da América está muito feliz, mas para o Brasil é muito mais. Sim eu gosto do Brasil (WOMAN 1).

Vejo que o 'Agente 1', é bom. Ele costuma nos dar nosso dinheiro. E ele nos alimenta bem (WOMAN 2).

Nos relatos feitos pelas depoentes observa dois pontos em relação aos agentes brasileiros. Por um lado, uma faz menção ao tratamento e a recepção do agente, que segundo a atleta, fica feliz com a vinda dos atletas, demonstrando um relacionamento pessoal agradável entre agente e atletas.

A segunda depoente também faz menção ao relacionamento entre agente e atleta, no entanto essa relação se circunscreve à dimensão laboral e fornecimento de condições trabalhistas. Para a depoente, a escolha do Brasil é devido à clara atuação do agente em repassar o valor de direito dos atletas e fornecer as condições básicas para viver e treinar, como é o caso da alimentação.

Por fim, a última categoria visualizada nos depoimentos a respeito das escolhas desses atletas para virem ao Brasil é em relação às condições competitivas do país dentro da corrida de rua.

Sim, o Brasil tem sido bom para mim, tipo, por enquanto, este é o meu quarto ano competindo no Brasil. Então, se eu comparar agora o Brasil com outros países que estão competindo, pelo menos, o Brasil é melhor. E com uma boa forma, então eu posso pensar em algo bom. É mais interessante no Brasil, pois talvez na Europa, posso dizer que é mais competitivo na Europa, porque na Europa você encontra muitos atletas, muitos etíopes, marroquinos, muitos. Então, na Europa, posso dizer que é mais competitivo que o Brasil (MAN 1).

O depoimento do atleta revela uma justificativa com uma racionalidade esportiva, de acordo com o relato observa-se que o Brasil é um lugar promissor e que fez o atleta permanecer em terras brasileiras por quatro anos. A ideia de ser um local bom, ou frutífero, para o atleta vem de seus cálculos em relação às possibilidades de ganhos no país. Para isso o depoente faz uma comparação entre a qualidade técnica entre os eventos de corridas do Brasil e os que são realizados na Europa. Segundo o atleta, os eventos europeus são mais competitivos do que os brasileiros, em outras palavras pode se observar que é mais vantajoso para o atleta vir ao Brasil pois sua concorrência aqui é menor, e conseqüentemente, maior é a probabilidade de vencer as corridas e obter ganhos.

Esse discurso é potencializado e reforçado quando questionado sobre o motivo de se estar no Brasil, já que o depoente participa das competições por um período de quatro anos.

Eu acho que é mais ou menos relacionado com facilidade. Então, eu posso repetir também o mesmo. O Brasil é um bom lugar. As corridas aqui, pelo menos são melhores. As corridas também estão pagando muito bem (MAN 1).

O entrevistado dessa vez usa o termo facilidade, ou seja, evidencia o potencial de vencer as provas brasileiras. Mas apenas isso não seria um motivo para permanecer no Brasil. Com isso, observa-se a justificativa do atleta em relação aos proventos financeiros fornecidos pelas competições brasileiras. E segundo o depoente, paga-se muito bem no Brasil.

Como exemplo da fala do atleta em relação às premiações, observa-se alguns cenários. Uma prova de 10 km realizada no interior do país oferece um prêmio ao primeiro colocado no valor de R\$ 6.000,00 (PROVA RUSTICA TIRADENTES, 2020). Já

uma de 10 km realizada no estado de São Paulo, paga o valor de R\$ 24.000,00 (10 km TRIBUNA FM, 2020). Um valor muito próximo é o oferecido pela organização de uma maratona no estado do Rio de Janeiro, sendo R\$ 20.000,00 (MARATONA DO RIO, 2020). Por fim, o evento de maior prestígio é também o que oferece o maior valor em premiações: a Corrida Internacional de São Silvestre, que no ano de 2019 pagou um valor de R\$ 94.000,00 ao vencedor da prova (SÃO SILVESTRE, 2019).

Essa conduta por parte do atleta pode ser analisada a partir das observações apontadas por Giddens (1978) e já mencionadas anteriormente. Para o autor, “os seres humanos monitoram reflexivamente sua conduta através de o conhecimento que eles têm das circunstâncias de sua atividade”⁶⁶ (GIDDENS, 1978, p. 254). Em análise, pode-se apontar que o atleta conhecendo o funcionamento do contexto das corridas de rua em âmbito global, sabe calcular as possibilidades de ganhos de sua atuação comparando a realidade social das corridas brasileiras e europeias.

Ainda em relação a sua permanência no Brasil, corroborando os discursos das atletas apresentadas e do atleta que revelou não ser uma escolha, a convivência e receptividade das pessoas como um elemento favorável ao país.

Sim. É um bom lugar também para ficar. As pessoas aqui são muito amigáveis, especialmente agora em [cidade base]. As pessoas são amigáveis, acolhedoras (MAN 1).

Além da competição e da corrida, pretendo adotar o estilo de vida do Brasil. Acho que as pessoas aqui são amigáveis. Elas são boas pessoas. Na verdade, elas recebem quase sempre com boa hospitalidade (MAN 2).

Ambos os atletas apresentam o comportamento social das pessoas com quem convivem como um elemento que colabora para que o Brasil seja um local agradável para permanecerem. Nesse sentido, também se questionou os depoentes sobre quais eram os planos que tinham para permanecer no Brasil.

⁶⁶ Tradução livre nossa, versão original: “that human beings reflexively monitor their conduct via the knowledge they have of the circumstances of their activity”.

A esse respeito, observa-se que todos os depoentes tinham calendários de permanência semelhante. Todos já estavam residindo no Brasil por algumas semanas, sendo que ainda permaneceriam em território brasileiro por mais um período.

Sim. Por enquanto, eu estou aqui desde o primeiro dia deste ano. Eu competi na São Silvestre no dia 1º de janeiro. Eu vou ficar até a segunda semana de fevereiro. Tenho minha última corrida no dia 9 de fevereiro e depois vou embora. Após a corrida no dia 9, no dia 11 de fevereiro, voltarei ao Quênia. Talvez em maio ou agosto, ainda não tenha certeza, mas provavelmente em maio. Deixe-nos ver (MAN 1).

Meu plano no momento é focar nas próximas corridas, e planejo voltar aos treinos no Quênia por dois a três meses, para que, quando voltar ao Brasil, tenha um plano para correr muito bem da próxima vez. Sim, voltarei ao Quênia a partir do próximo mês. E vou treinar por uns dois a três meses depois dos quais ... em maio, estarei aqui (MAN 2).

O que eu espero aqui é vir, correr e vencer, para conseguir algo para quando voltar no meu país. Vou ficar aqui por dois meses e depois volto. Eu estou aqui há um mês (WOMAN 1).

Você sabe que precisa planejar quando tiver alguma coisa. Então, se eu moro aqui no Brasil, muitos esperam em minha casa. Como você vê, somos uma família jovem, temos muitas coisas para fazer. Estou aqui há apenas um mês, mas ficamos aqui por dois meses. Partimos daqui em 10 de fevereiro. Eu tenho que trabalhar duro no meu treinamento para ganhar a corrida que eu participo (WOMAN 2).

Por mais que o calendário e planos de permanência no país sejam semelhantes em todos os corredores entrevistados, alguns elementos de suas falas trazem distinção em suas medidas para suas atuações futuras. Dois dos atletas revelam que voltarão ao seu país de origem, porém pretendem retornar ao Brasil no decorrer do ano em que as entrevistas foram realizadas (MAN 1; MAN 2). Três dos depoimentos tem preocupações em relação aos treinamentos e serem bem-sucedidos nas corridas em que vão participar (MAN 2; WOMAN 1; WOMAN 2). Uma das depoentes expõe a preocupação com o retorno em suas origens, fazendo menção a sua família e o convívio com seus familiares.

A partir dos relatos fornecidos pelos entrevistados pode-se evidenciar que, por mais que alguns aspectos como saúde e interação social apareçam, a maior importância dada à prática da corrida é em relação ao aspecto financeiro, sendo

considerada uma carreira profissional, assim como apresentado em estudos anteriores (BALE; SANG, 1996; NJORORAI, 2012; CHEPYATOR-THOMSON; ARIYO, 2016). O padrão se repete ao analisar os objetivos com a corrida de rua. Todos procuram uma melhora no desenvolvimento da carreira. Esse dado é semelhante ao diagnosticado por Agergaard e Botelho (2011) ao analisar as jogadoras de futebol que migraram para a Europa.

No que se refere à escolha do Brasil como destino, apresenta-se pontos distintos. Primeiro um olhar para a carreira profissional, o que se assemelha aos achados de Chiba (2013) com migrantes do basquetebol. Bale e Sang (1996) apontam para um olhar para o esporte como uma empresa multinacional. Por outra perspectiva, uma escolha baseada no balanceamento de possibilidades de ganhos em relação a outras localidades. Por fim, um olhar baseado nas interações sociais contidas na relação profissional com seus agentes.

Após esse panorama, compreende-se que diversos elementos são considerados na construção do processo migratório desses atletas. Ou seja, como Giddens (1978; 1991) propõe, todo o conhecimento da atividade exercida por esses indivíduos é considerado na tomada de ação. No entanto, fica evidente um peso maior das condições econômicas nesse cálculo.

A maioria dos atletas que abandonam seus lares africanos e migram o fazem por motivações econômicas e sociais e devido ao desejo de ter sucesso em sua profissão esportiva, de modo a representar não apenas eles mesmos, mas também suas famílias e país. As grandes histórias de sucesso de atletas / jogadores africanos inspiram jovens atletas a migrar para outros países pela chance de competir globalmente (CHEPYATOR-THOMSON; ARIYO, 2016, p. 1841)⁶⁷.

Como pode ser evidenciado, os achados aqui corroboram os indícios levantados pelas autoras citadas, colocando as motivações e objetivos em fatores econômicos como um elemento importante no processo de escolha desse indivíduo. No entanto,

⁶⁷ Tradução livre nossa, versão original: "The majority of athletes who leave their African homes and migrate do so because of economic and social motivations, and due to the desire to succeed in their sporting profession so as to represent not only themselves, but also their families and country. The great successful stories of African athletes/players inspire young athletes to migrate to other countries for the chance to compete globally".

esse tem em sua posse o poder de escolha por migrar ou não, nas palavras de Giddens (1978), de intervir ou se abster da intervenção nos eventos que direcionam seu curso.

O mercado esportivo global, assim como qualquer outro setor, requer os mais aptos a exercer sua função. Nesse sentido, como se trata de um contexto de interação e comunicação, o processo migratório não reduz a única escolha do migrante em se deslocar. Por outro lado, o recrutador também tem as suas escolhas, igualmente racionalizadas, para que o migrante seja eleito para o exercício de suas funções em outras localidades.

Recrutamento e network

Por mais que esses atletas possam ter suas escolhas em migrar para o Brasil, o esporte como qualquer mercado altamente especializado, busca por pessoas qualificadas para desenvolver determinadas atividades. Com isso existe uma forma de realizar a seleção e recrutamento desses atletas. Também pode ser considerado nesse processo a atuação de uma rede de contatos para que o processo migratório se concretize.

Para alguns autores o recrutamento é motivado pela demanda por trabalhadores no sistema global do esporte (ELLIOTT; MAGUIRE, 2008b). Assim como mencionado nas dimensões anteriores, as estratégias para o recrutamento global elaboradas refletem o desenvolvimento de uma nova divisão internacional do trabalho (POLI; BESSON, 2011), ou divisão internacional do trabalho esportivo (BALE; SANG, 1996). Para Elliott e Maguire (2008a, b; 2011) esse tipo de recrutamento tem fortes semelhanças com o mercado de mão de obra altamente qualificada, quando se olha para um mercado de trabalho global mais amplo.

Em relação as *networks* da migração Giddens (2008), ao exemplificar o processo migratório de turcos para a Alemanha, expõe que nesse nível estão presentes as redes informais e os canais de apoio existentes entre a comunidade que reside no destino do migrante, bem como as redes de contatos que permanecem em seu local de origem, a exemplo da família e dos amigos. Elliott e Gusterud (2016) apontam que os estudos identificaram a importância das redes para intermediar o empregado com o futuro empregador. Dentre eles, os que evidenciam como as redes de amigos de amigos, que

são quando atletas já estabelecidos colaboram com a intermediação para contratação de novos (BALE, 1991, ELLIOTT; GUSTERUD, 2016; ELLIOTT; MAGUIRE, 2008), bem como a utilização de agentes profissionais de intermediação entre atleta e clube (AGERGAARD; RYBA, 2014). De acordo com as autoras, em comparação entre atletas norte americanas e africanas, por terem condições sociais mais deficitárias, as de origem africana são mais dependentes de agentes profissionais (AGERGAARD; RYBA, 2014).

Em outro tipo de pesquisa dentre os estudos da migração esportiva com foco para a existências de *network*, observa-se para além de redes profissionais emergem redes informais de contato. A esse respeito Fry e Bloyce (2017) analisaram jogadores de golfe. Estes estabelecem redes de amizade com intuito de amenizar as consequências do estilo de vida presenciado pelos atletas que participam dos circuitos mundiais da modalidade.

Apresentado um panorama rápido da literatura sobre as dinâmicas de recrutamento e a formação das redes de migração, é preciso reconhecer as peculiaridades das modalidades analisadas. Como Agergaard e Ryba (2014) apontam, diferente das formas encontradas nas grandes ligas e clubes de futebol masculino, esses elementos ocorrem de maneira diferente no futebol feminino, haja visto que não possui o mesmo recurso, impossibilitando a identificação de talentos internacionalmente. Nessa lógica, compreende-se que as dinâmicas dentro do atletismo, principalmente entre corredores de rua que se deslocam para o Brasil, seja também um caso distinto.

Um primeiro ponto de distinção dos demais estudos é em relação à natureza da modalidade estudada e do país em que ela se desenvolve. No caso do Brasil, os locais de recepção desses atletas são de dois tipos. Um primeiro é uma equipe de atletismo com trabalhos também desenvolvidos com brasileiros e em diversas provas da modalidade (AGENTE 2). Já o outro é uma equipe especializada em trabalho com corredores de rua internacionais, principalmente oriundos do leste africano (AGENTE 1). Nesse aspecto o principal contraste com os estudos supracitados é que os coordenadores das equipes são os próprios agentes. A atuação desses agentes é em relação ao intermédio do atleta com os eventos de corridas de rua, ou seja, não é

intermediador entre atleta e clube. Isso pode ser justificado pela natureza da modalidade em ser um esporte individual.

Ainda sobre o recrutamento e a formação de rede, os depoentes foram questionados sobre como foi o processo de seleção ao qual foram submetidos para se qualificarem a virem para o Brasil. Além de verificar se tinham contatos ou conhecidos no Brasil e em seus locais de origem.

Em relação ao processo de seleção e recrutamento dos atletas percebe-se que existe diferentes formas como isso pode ocorrer. De acordo com os agentes entrevistados, isso pode ocorrer com ou sem a presença deles nas origens dos corredores.

eu tenho pessoas que trabalham para mim lá, tem pessoas responsáveis para ver visto, autorização da federação, e eu tenho atletas e ex-atletas meus que hoje são olheiros pra mim. Quando tem bons atletas eles pedem oportunidade e a gente fica nessa relação (AGENTE 1).

Eu tenho um camping de treinamento no Quênia aonde os atletas ficam e lá temos treinadores e assim fazemos a seleção (AGENTE 2).

Como pode ser observado, ambos os agentes entrevistados afirmam ter uma estrutura, seja ela física ou burocrática sediada no Quênia em que pessoas trabalham para reconhecer e selecionar corredores para vir ao Brasil. Em diálogo com a literatura, o relato dos depoentes corrobora o exposto por Njororai (2012). De acordo com o autor, esse movimento se iniciou por volta de 1995 quando representantes da empresa de calçados esportivos italiana Fila⁶⁸ iniciou a operação de vários campings de treinamento no Quênia (NJORORAI, 2012).

Os campos são operados por atletas atuais e antigos do Quênia, que forneceram liderança, conhecimento e experiência para jovens e futuros atletas. Os esforços da Fila foram seguidos por outros fabricantes de

⁶⁸ A título de exposição trata-se da mesma empresa que patrocina uma das equipes/agente sediada no Brasil.

calçados, que montaram campos rivais e estimularam a concorrência feroz (NJORORAI, 2012, p. 191)⁶⁹.

De acordo com o autor os campings são geralmente operados por atletas e ex-atletas. Tal ponto reforça o depoimento dos agentes. Outro ponto é que o ponto de partida dado pela Fila e ampliado por outras empresas. As empresas globais Nike e Adidas exercem grande poder naquela região (AGENTE 1).

Para Bale (1996), as empresas sediadas em diferentes países se mostram como as principais recrutadoras de corredores. A esse respeito os atletas apontam para diferentes formas como foram recrutados.

Minha primeira tentativa antes de vir aqui, o 'agente 1' fez cerca de 10 corridas. Quero dizer, tivemos uma competição de 10 dias no Quênia. Então, depois da corrida, a minha foi a segunda posição no Quênia. Então, 'agente 1' deveria escolher a primeira e segunda colocação. Então, eu estava na segunda posição, entre os que foram escolhidos para vir ao Brasil (MAN 1).

O primeiro caso apresentado é de uma seleção por meio de aferição de desempenho. Em outras palavras, o agente faz uma série de treinamentos e uma competição interna entre os corredores interessados em atuar no Brasil, e assim, os que obtêm as melhores colocações são selecionados. O método utilizado descrito pelo primeiro depoente, também é apresentado pela depoente do relato a seguir. De acordo com a corredora, seu recrutamento se deu depois de conseguir uma segunda colocação em uma prova de corrida.

Antes de tudo, quando eu estava me preparando para vir ao Brasil, estava com meu amigo, que precisava de contatos de Agente 1. Então, conversamos com ele. [...] Depois que falei com ele, que não tinha mais agente para mim, mas consegui a segunda colocação (WOMAN 1).

A distinção entre os dois casos é evidenciada no que diz respeito à atuação da corredora, como visto anteriormente, a depoente é de origem ugandense. Pelo

⁶⁹ Tradução livre nossa, versão original: "The camps are operated by current and former Kenyan athletes who provided leadership, expertise and experience to young and upcoming athletes. The efforts of Fila were followed by other shoe manufactures, which set up rival camps and stimulated ferocious competition".

depoimento a atleta buscou o contato com o agente devido a estar sem um representante oficial durante aquele período. Assim foi ao Quênia para participar do processo de seleção por meio da participação em corridas.

Uma segunda maneira de ser recrutado corrobora o relato fornecido pelo agente 1. De acordo com o depoente ele foi apresentado ao agente brasileiro por uma pessoa que atuava como olheiro.

Ok, meu processo para o Brasil é que, inicialmente, quando eu estava competindo no Quênia, viram minhas apresentações e decidiram me apresentar a um dos agentes que na verdade era um agente do Brasil. Então ele me apresentou e eu fiquei interessado porque estava participando de corridas de rua e você sabe que corridas de rua é uma boa preparação para alguém que está se preparando para correr uma maratona rápida em alguns anos. Depois de alguns meses, esse cara veio até mim e conversou comigo, viu minhas performances e ficou como se estivesse satisfeito com minha determinação e prometeu me oferecer uma chance de vir e competir no Brasil e o que eu pessoalmente gostei (MAN 2).

Observa-se o modo de avaliar o desempenho do atleta, mesmo que não em uma determinada prova, como meio de seleção de corredores. Para além dos desempenhos evidenciados, exceto o caso da corredora que procurou o agente (WOMAN 1), os demais casos expõem uma clara atuação de intermediadores entre os agentes e os atletas.

Alguns agentes de corridas vieram e nós os conhecemos para que eles se organizassem e os conhecessem. Ele costumava ter seus agentes ou treinadores. Então, eles usam seus treinadores (WOMAN 2).

Como exposto, os atletas passam por uma avaliação de desempenho, e geralmente ocorre também uma intermediação entre atletas e agentes brasileiros. Porém outros critérios são expostos por um dos agentes para que concretize esse recrutamento

Mas a maioria das vezes a gente pega atletas até 24. 18 a 24 anos são os atletas que estão mais em ascendência e quer oportunidade e não tem agente. Então eu vou lá, avalio, as vezes eu faço corrida lá e

determino um tempo, ai eu dou oportunidade para esses três primeiros, ai eles vem e ficam comigo dois anos (AGENTE 1).

Os atletas buscados pelo agente ainda não são atletas que figuram entre os melhores atletas do mundo. São atletas que estão em início de carreira. Esse exemplo pode ser configurado no caso do atleta Man 1, que afirma já estar há quatro anos competindo no Brasil, sendo que sua idade no momento da entrevista era de 29 anos.

Em análise, cruzando os depoimentos sobre planos de permanência no Brasil por parte dos atletas, bem como os critérios estabelecidos pelo agente supracitado, reconhece que os atletas são caracterizados como um dos dois modelos de migrantes apontados por Bale e Sang (1996). De acordo com os autores, um primeiro grupo são os que viajam para competir e fixam residência, seja ela permanente ou temporária, no destino, em seu caso os países da Europa. Um segundo grupo é o de atletas que viajam para grandes eventos como Jogos Olímpicos e já retornam ao seu país. Os atletas aqui analisados, mesmo que sazonalmente, fixam residência no Brasil, não se deslocando apenas para competições específicas, estando enquadrados no primeiro grupo indicado pelos autores.

Bale e Sang (1996) argumentam que nesses dois tipos de migrações podem existir três tipos de grupos de atletas. Primeiro os “*jet setters*”, corredores globalmente conhecidos, que têm maior poder de negociação e escolhas de onde e quando competir. De acordo com os autores, esses atletas geralmente residem maior parte do tempo fora do Quênia. O segundo grupo são os “viajantes”. Esses precisam estar em constante viagem para que alcancem o primeiro grupo. Segundo os autores esses têm menor poder de negociação. Por fim, um terceiro grupo, são os atletas com pouca ou nenhuma mobilidade, estando em um país estrangeiro ou mesmo no interior do Quênia (BALE; SANG, 1996).

Nesse ponto, pondera-se as análises e caracterizações sobre os grupos apontados pelos autores. Primeiro há de se concordar que quanto maior o desempenho dos atletas, maior visibilidade no mercado esportivo global, conseqüentemente maior capacidade de poder, aqui caracterizado até mesmo como poder de intervir ou não, migrar ou não (GIDDENS, 1978). No entanto, em relação ao nível de migração reconhece a leitura feita por Crossan (2013), para o autor é possível perceber uma

relação entre nível do talento do atleta com nível de migração. Em outras palavras, atletas mais bem posicionados no sistema esportivo global tem uma mobilidade maior, podendo viajar e retornar às suas origens. Por outro lado, atletas com menor desempenho esportivo tendem a permanecer por maior tempo no destino, às vezes até mudando de nacionalidade (CROSSAN, 2013).

Essa ponderação deve ser olhada não como uma crítica simplista ou mesmo como apontamento de leitura equivocada dos autores. Acredita-se que deve ser levado em consideração as noções de temporariedade da contribuição dos autores. Em síntese, Bale e Sang (1996), escrevem de duas décadas e meia atrás, período, como já mencionado, do início do profissionalismo no atletismo e das alterações das dinâmicas das migrações nas corridas de rua. Nesse decorrer de tempo, pode-se evidenciar que os avanços da globalização e das tecnologias de transporte e comunicação reduziram os distanciamentos entre as fronteiras.

A partir dos relatos pode ser verificada a atuação de pessoas nesse processo, ou seja, existe uma rede de comunicação para que o processo de recrutamento, e por fim migração, ocorra. Nesse sentido, questionou-se aos atletas se haviam pessoas que os treinavam e intermediariam em seus países e no Brasil.

Em relação aos seus locais de origem, identificou-se duas formas de comunicação. Uma rede formal e uma rede informal. A exemplo de rede formal, já se observou a atuação dos olheiros e também de treinadores.

Sim. Treinamento no Quênia. Temos um treinador, estamos treinando em grupo. Portanto, há um treinador controlando todo o grupo (MAN 1).

A partir da fala do atleta, em conjunto com os relatos anteriormente expostos dos agentes, observa-se uma atuação de redes formais de migração. Todos os recrutamentos passaram por uma avaliação de tomada de qualidade feito pelo agente (pessoa registrada para atuar como tal, os participantes de pesquisa) ou mesmo com a atuação de terceiros. No entanto um caso de rede informal também foi diagnosticado. É o caso da depoente a seguir.

Você conhece Agente 1? Meu irmão costumava treinar, ele foi o primeiro a vir para este lugar. Depois que falei com ele, que eu não tinha mais gerente, mas consegui a segunda colocação. Eles queriam me dar contatos, só eu levei para a maratona (WOMAN 1).

Uma rede informal pode ser visualizada, uma vez que os contatos que foram firmados em um primeiro momento partiram de uma rede familiar, constituindo posteriormente laços profissionais. Quando questionados sobre se conheciam pessoas no Brasil, as respostas de três são negativas. Apenas um corredor afirmou ter amigos no país. *“Antes de eu vir, pela primeira vez? Sim, eu conhecia alguns homens. Primeiro, eu tinha alguns amigos aqui no Brasil antes de vir meu primeiro dia aqui” (MAN 1).* Dentre os que não conheciam ninguém no Brasil, uma das depoentes afirma *“Não, eu só conhecia o Sr. Agente 1 e o Agente 2 em São Paulo” (WOMAN 2).*

Analisando os depoimentos alguns elementos são diagnosticados. Primeiro o de compreender que o tipo de recrutamento utilizado para selecionar os potenciais migrantes para atuar na corrida de rua no Brasil não reflete nenhum aspecto de relações históricas entre os países, assim como orientado por Poli e Besson (2011). Diferente de outras análises, as interações entre os agentes e os atletas para a vinda ao Brasil têm mais a ver com os novos contornos da globalização que intensificam uma divisão internacional do trabalho esportivo (BALE; SANG, 1996) e tornam mais especializados indivíduos de determinados países.

Já no que tange ao uso de intermediários profissionais, observa-se na literatura que esse mecanismo pode ser menos utilizado, pois gera um custo maior ao empregador (ELLIOTT; GUSTERUD, 2016). Porém, esse tipo de estrutura que busca realizar uma triagem da mão de obra é utilizado pelos agentes brasileiros, explicados pela característica da modalidade, em que o retorno financeiro do agente também depende diretamente do rendimento atlético desses atletas.

Essa estrutura é formalizada, de acordo com os depoentes, a partir de membros dessa rede de contatos, ou seja, são treinadores, atletas e ex-atletas. Os estudos de Elliott e Maguire (2008a, b; 2011) apontam que esse tipo de rede é um mecanismo conhecido como “cabeça de ponte”. Em outras palavras, o recrutador utiliza-se de pessoas que já atuaram no destino e que têm conhecimentos sobre o funcionamento

das corridas de rua e processos migratórios, tanto para selecionar possíveis migrantes, como transmitir conhecimento a seus conterrâneos.

Dentre os casos analisados um chama a atenção. Diferente dos demais, em que há clara mediação de intermediários com funções estabelecidas, uma das depoentes apresenta que o contato para sua vinda ao Brasil se deu por meio da sua relação com a família. Nesse sentido,

Pesquisas que examinam o recrutamento de trabalhadores migrantes mostram que o recrutamento nem sempre precisa ser mediado por um terceiro formal. Nesse sentido, os especialistas em recrutamento, sejam eles agentes ou consultores, nem sempre estão envolvidos na obtenção de oportunidades de emprego para os trabalhadores migrantes. Em vez disso, de maneira mais informal, amigos ou colegas podem assumir o papel de intermediário, circulando conhecimento com relação a funcionários e empregadores em potencial em uma série de redes comunicativas interdependentes (ELLIOTT; MAGUIRE, 2011, p. 104)⁷⁰.

A depoente aqui analisada utilizou o conhecimento prévio que seu irmão tinha sobre o Brasil e sobre o agente recrutador. Esse caso se assemelha aos apontados por Bale (1991). Segundo o autor, esses canais de comunicação são capazes de transmitir informações sobre destinos migratórios específicos ou sobre possíveis oportunidades de emprego.

Em síntese, pode-se compreender que as dinâmicas do avanço da globalização contribuem para um processo de aumento das especificações dentro do mercado esportivo global, gerando com isso uma divisão internacional do trabalho esportivo (BALE; SANG, 1996; POLI; BESSON, 2011). Nesse sentido, o recrutamento de corredores de rua do leste africano não possui em si influências de contextos históricos e políticos consequentes de relações de colonização, uma vez que os países do leste africano não possuem relações históricas de colonização brasileira. Mas sim reflete os avanços do processo amplo e complexo da globalização.

⁷⁰ Tradução livre nossa, versão original: "Research examining the recruitment of migrant workers shows that recruitment need not always be mediated by a formal third party. In this respect, recruitment specialists, be they agents or consultants, are not always involved in the securing of employment opportunities for migrant workers. Instead, in a more informal manner, friends or colleagues can assume the role of intermediary, circulating knowledge with respect to potential employees and potential employers within a series of interdependent communicative networks".

Pode ser evidenciada a existência de redes de comunicação que facilitam o recrutamento e migração desses corredores de rua para o Brasil. No entanto, por questões específicas da modalidade ou talvez até mesmo semântica, pode-se compreender que todas são realizadas por redes formais. Uma vez que o recrutamento é realizado por profissionais contratados para agenciar atletas (ELLIOTT; MAGUIRE, 2008a, b; ELLIOTT; MAGUIRE, 2011).

Porém esses agentes, participantes da pesquisa são em si os representantes de atletas no Brasil, em comparação com os estudos realizados com o futebol, por exemplo, eles são como os clubes, equipes ou técnicos. Esses permanecem no Brasil pela maior parte do tempo, sendo que o recrutamento dos atletas no continente africano é realizado na maior parte das vezes com apoio de terceiros. Essa intersecção da rede pode ser formal como treinador, olheiros, ou informal, como atletas, ex-atletas e até mesmo familiares.

Observados esses aspectos pode-se compreender que no caso da migração de corredores de rua de origem africana para o Brasil, há um uso variado das redes de comunicação. Há casos de intermediários contratados para tal, como também a existência de uma rede comunicativa informal, caso de familiares que experienciaram o mesmo fluxo migratório anteriormente.

Observou-se que o processo migratório de corredores africanos para o Brasil envolve diversos elementos, sendo apontados pelas dimensões propostas para o modelo analítico da migração esportiva. Apesar do modelo proposto, foi feita uma ressalva, que atenta para a possível existência de interlocução entre as quatro dimensões. Tal diálogo perpassa a característica inerente ao esporte de elite, ou também, pode-se colocar o esporte como meio de trabalho.

A partir dos resultados apresentados, avalia-se que o elemento econômico, central da dimensão econômica, pode ser visto como um fio condutor para estabelecer os deslocamentos migratórios. No entanto, esse fator não se resume a uma explicação universal, e é dependente das demais dimensões para que se molde os padrões de migração.

O destaque para a dimensão econômica, no papel de um motor de empurre para saída da inércia do indivíduo que vem a ser um migrante, parte dos elementos

apontados como parte do fenômeno da globalização. Isso partindo da ideia de uma visão de um sistema global, em que existem países centrais, semiperiféricos e periféricos. Em que a divisão de recursos econômicos entre eles é desigual favorecendo os mais posicionados ao centro (CHEPYATOR-THOMSON; ARIYO, 2016; GIDDENS, 1991).

Diante desse quadro pode-se observar que os elementos econômicos e do trabalho são encontrados nas demais dimensões. Por exemplo, quando observada a dimensão cultural, observa-se que existe uma forte relação na produção de talentos, sendo que os países que mais produzem talento esportivo em uma determinada modalidade tendem a ser os maiores doadores de atletas para o Brasil. Esse fator é apontado como uma divisão internacional de trabalho, algo apontado como característico da globalização (BALE; SANG, 1996; GIDDENS, 2008; POLI; BESSON, 2011). Esse ponto é reflexo da economia global, pois como aponta Giddens (1991), em uma sociedade “industrial” os Estados baseiam seus ganhos em suas produções. Quando se aproxima do setor esportivo, a produção de talentos esportivos pode ser observada como uma geração da riqueza nacional.

Esse ponto traz consigo proximidades da dimensão política. Se por um lado alguns Estados-nações e entidades esportivas de representatividade nacional tentam estabelecer o controle de seus talentos e fortalecer sua imagem internacional por meio do esporte, como é o caso aqui analisado com os países africanos, por outro observa-se entidades nacionais de outros países buscando a limitação da atuação desses atletas estrangeiros em seu território, como é o caso das normativas da CBAAt. Porém, como é denominado por Giddens (1991) e Giulianotti (2015), outro ator dentro desse sistema mundial, busca uma padronização internacional do movimento esportivo, que é o observado pela WA. Esse aspecto se relaciona, também, com a dimensão econômica, uma vez que a busca pela flexibilização do movimento e competição dos atletas globais é notadamente objetivando uma melhor posição do atletismo dentro do espaço social da economia esportiva global, com isso atraindo mais participações em seus eventos de massa e transmissões nas grandes mídias internacionais, por exemplo.

Por fim, a leitura dos possíveis diálogos entre as dimensões volta-se para a dimensão pessoal. Obviamente o primeiro fator que influencia os indivíduos a migrar, é o mesmo que influencia a prática da corrida, ou seja, a sua carreira profissional. Os corredores correm por conta dos seus ganhos financeiros, no entanto a migração ocorre pelo excesso de atletas em seus países - como visto na dimensão cultural - em contraponto à ausência de eventos que paguem boas premiações, forçando a procurar oferta de trabalho. No entanto, a dimensão pessoal traz consigo a ideia de reflexividade, colocando no atleta a capacidade de analisar seus riscos, ganhos e perdas para a escolha de suas ações (GIDDENS, 1974). Isso quer dizer que mesmo que a dimensão econômica o force a sair do seu local de origem, a dimensão pessoal contribui para a escolha do destino, justificando a escolha do Brasil e não de países mais centrais no sistema mundial.

A partir das possíveis interlocuções entre as dimensões da migração esportiva, observa-se a centralidade na economia no processo migratório, principalmente no que tange ao porquê de migrar. No entanto, como destacado nessa tese, a ideia é compreender o que influencia a migração, não só no sentido de porque se deslocar de suas origens, mas como ela se desenvolve. Nesse sentido, observa-se que os fatores encontrados nas dimensões políticas, cultural e pessoal, moldam o movimento iniciado pela dimensão econômica.

6 CONCLUSÃO

Com o objetivo de analisar o processo migratório de atletas de corrida de rua oriundos de países africanos para o Brasil, a presente tese foi construída a partir do questionamento de quais fatores influenciam o processo migratório dos corredores de rua africanos para o Brasil. Estabeleceu-se a hipótese de que o processo de migração de corredores de rua africanos para o Brasil é inerente ao processo de globalização contemporânea e com particularidades, por ser parte do setor esportivo e se tratar de uma modalidade esportiva específica, a corrida de rua. Ademais, indicou-se a existência de elementos que moldam os fluxos migratórios, sendo eles estabelecidos como dinâmicas culturais, políticas, econômicas e de orientação pessoal, não se resumindo a uma pressão externa de estrutura social da economia global do esporte. Ou seja, as relações e interações dos indivíduos que os levam a migrar para o Brasil seriam influenciadas tanto por questões macrossociais (econômicas, legais e culturais), como microssociais, no âmbito de suas ambições e reflexões pessoais.

Para testar a hipótese defendida nessa tese, elaborou-se - a partir de uma leitura da literatura acadêmica sobre a migração em um contexto amplo da sociedade, bem como sobre um espaço social mais restrito, que é o esporte - uma proposta de análise com base na compreensão do fenômeno sob a luz de quatro dimensões. Tais dimensões foram elaboradas partindo da noção de globalização e das dimensões que ela possui, isso embasado nas propostas de leitura social da modernidade de Giddens (1991).

As dimensões elaboradas para análise do caso do estudo foram denominadas dimensões da migração esportiva. São elas: a dimensão cultural, a dimensão política, a dimensão econômica e a dimensão pessoal. Por dimensão cultural entende-se a cultura esportiva dos países, ou seja, a popularidade que é dada a uma determinada modalidade esportiva dentro de uma população. Já a dimensão política se concentrou em examinar quais são as normas, regimentos e legislações tanto na esfera pública quanto privada, que moldam os contornos dos fluxos migratórios. A dimensão econômica buscou averiguar como as questões socioeconômicas dos países em

desequilíbrio podem ser fatores de pressão para o deslocamento das pessoas migrantes. Por fim, a dimensão pessoal investigou aspectos mais íntimos das relações sociais da pessoa migrante. Para isso foram abordadas questões sobre motivações, escolhas e objetivos de vida do atleta, bem como elementos que mostram os mecanismos de recrutamento e as contribuições de redes de comunicação entre pessoas que envolvidas no processo migratório e no espaço social da corrida de rua/atletismo.

Nesse sentido, compreende-se que a hipótese foi confirmada, uma vez que há elementos que demonstram que aspectos da globalização podem ser visualizados na migração de corredores de rua africanos para o Brasil. Dentre esses elementos destaca-se a ideia de um sistema mundial, ou seja, uma economia global, em que o desequilíbrio da distribuição de riquezas entre os posicionados nesse sistema atua como influenciador para o deslocamento migratório de atletas. Outro ponto importante é o apontamento para uma nova divisão internacional do trabalho, nesse caso o trabalho esportivo. Por fim, confirmou-se que a globalização não se resume a uma pressão estrutural dos países centrais para uma exploração econômica da migração do trabalho esportivo, sendo que a migração nesse setor é moldada, também, por elementos culturais, políticos, sociais e de ordem pessoal.

Diante do cenário apresentado, o esporte, assim como outras áreas da sociedade – como a cultura cinematográfica, musical – possui uma abrangência global. Em outros termos, o esporte é capaz de romper fronteiras físicas e potencializar o fenômeno da globalização, bem como seus atores sociais, ou seja, as estrelas esportivas constituídas no papel de atletas, se tornam pessoas globais.

Quando se especifica o espaço social do atletismo, nesse caso exclusivamente da corrida de rua, observa-se que o *modus operandi* do funcionamento globalizante por meio dos processos migratórios se difere do que acontece nos casos das modalidades coletivas, principalmente o futebol. Os atletas atuam em sua maioria de maneira individualizada, no sentido de não serem contratados por clubes, sendo que esses firmam contratos, nos casos de atletas de maiores destaques, com empresas de materiais esportivos. Outra relação contratual é com os agentes, que por sua vez atuam

como representantes oficiais dos atletas, gerenciando as provas e competições que possam disputar.

Visualizadas algumas das particularidades do esporte, e também das corridas de rua no que tange aos mecanismos de atuação desses atletas, é importante ressaltar os achados referentes aos aspectos que moldam o processo migratório de corredores de rua africanos para o Brasil. No que se refere à dimensão cultural, quando comparada às origens dos esportistas de outras três modalidades, foi diagnosticada a existência de um fenômeno vinculado ao processo de globalização, que é a divisão internacional do trabalho esportivo. Nesse aspecto, concluiu-se que essa divisão se dá por dois motivos. Primeiro um forte desenvolvimento de talentos esportivos, gerando excedente de produção em relação às oportunidades de trabalho na origem do migrante, ao passo que no destino há uma grande oferta de oportunidades, sendo que para o ano de 2020 havia mais de 200 eventos de corrida de rua com registro e selo *permit* CBAAt. Segundo, refere-se à cultura esportiva do país, ou seja, à popularidade da modalidade entre os nativos, sendo que esse é um potencializador do primeiro motivo.

A dimensão política também reflete alguns elementos da globalização, principalmente no que tange à atuação de diferentes atores políticos, tanto nacionais quanto internacionais. Foi diagnosticado que em âmbito nacional, a política estatal brasileira surge como uma das precursoras em relação à recepção e garantias de direitos migrantes. Por outro lado, observa-se uma ação de restrição de atuação de atletas quando observadas as normativas da entidade nacional brasileira que representa o atletismo. Tal fato também é observado na entidade nacional queniana, só que em sentido oposto, limitando a liberdade de atuação do atleta queniano, buscando um maior controle de seus federados. Já no âmbito internacional, observou-se que o ator político em questão é a WA, que por sua vez busca maior abertura da atuação dos atletas globais nos maiores eventos do mundo. Mesmo que entidades estatais tenham direitos sob seus territórios, no contexto esportivo as entidades nacionais representantes do atletismo são submissas às normas da WA, que com essa flexibilização busca inserir o atletismo no contexto da economia esportiva global.

A dimensão econômica, quando observada por uma perspectiva macrossocial da globalização, revela no caso estudado, uma atuação estrutural do que se chama

sistema mundial. Em outras palavras, foi encontrado que em uma comparação das condições socioeconômicas entre os países que são partes no processo migratório dos corredores de rua africanos para o Brasil há um desequilíbrio que posiciona o Brasil em uma classificação melhor do que seus doadores de atletas. O Brasil, mesmo não sendo um país central no sistema econômico global, tem desenvolvimento e industrialização mais avançados do que os países africanos de onde se originam os atletas corredores de rua, sendo um fator calculado pelos atletas para decidirem migrar para o Brasil em busca de melhores condições de adquirir recursos financeiros.

Em um olhar mais microssocial observou-se que a globalização não é um fenômeno externo à vida cotidiana das pessoas. Por mais que os fatores estruturais ajam como força para um deslocamento migratório, os indivíduos se relacionam e calculam suas ações, moldando assim os padrões de migração das modalidades, bem como dos países envolvidos. Os atletas enquanto trabalhadores globais, são capazes de analisar as ofertas de trabalho e decidir a partir de suas relações sociais com amigos, família, como também, pelas possibilidades de ganhos financeiros e facilidade no que se refere ao esforço esportivo.

Também em uma perspectiva microssocial, evidenciou-se a existência de diferentes redes de colaboração para migração, sendo redes informais – exercidas por meio de amigos e de familiares – e redes formais, aquelas pelas quais as pessoas são contratadas para realizar o contato e o recrutamento de atletas. Nesse aspecto os processos de recrutamentos foram baseados na identificação e mensuração de potencial rendimento, uma vez que o retorno financeiro dos agentes está diretamente associado ao bom rendimento desses atletas, ou seja, precisam vencer as disputas que são inseridos.

Quando se observa esses aspectos a partir de uma análise da globalização, pode-se compreender que o fenômeno, mesmo sendo influenciado por questões macroestruturais, não pode ser reduzido a um olhar de homogeneização ou imperialismo das grandes potências econômicas ocidentais. Mesmo que haja um movimento de padronização do fenômeno esportivo global, as localidades também se evidenciam nesse processo. Isso pode ser observado na divisão internacional do trabalho esportivo, nas tentativas de regulamentar a atuação de atletas estrangeiros no

território brasileiro, como também na tentativa de fortalecer uma identidade nacional de bons corredores de médias e longas distâncias pelas federações do oriente africano, principalmente a queniana.

Para além das questões centrais observadas, algumas inquietações também surgiram em relação aos depoimentos dos atletas. Por exemplo, o controle dos atletas por parte das instituições regulatórias dos seus países de origem, cobrando a necessidade de documentação e um agente esportivo responsável pelo atleta. Bem como a indicação de não haver o cumprimento de acordos trabalhistas com os atletas em outras localidades. Tais fatos sugerem a necessidade de estudos futuros em relação a uma possível violência institucional e também processos análogos ao tráfico humano.

Conclui-se então, que o processo de migração de corredores de rua africanos para o Brasil faz parte de um processo de globalização que evidencia suas localidades e identidades, sendo que o fator predominante para a decisão de migrar é o econômico. No entanto, o que molda o processo não pode ser reduzido a questões financeiras. Nesse contexto, outros aspectos podem facilitar a atuação desses atletas em determinadas localidades, influenciando assim o padrão de movimento. Como é o caso de uma política migratória mais flexível, a existência de excedente de talentos esportivos em suas origens, as relações sociais entre os envolvidos no espaço social da corrida de rua, e também, a capacidade de calcular os ganhos e perdas nas escolhas de destino por parte dos atletas.

Por fim, acredita-se que a tese aqui apresentada em conjunto com o modelo analítico da migração esportiva proposto, traz consigo avanços para qualificar as discussões sobre a migração esportiva, uma vez que se propõe a agregar em suas análises um conjunto de informações compilados por múltiplas fontes e tipos de pesquisas. Adiante, o modelo analítico proposto também busca, em alguma medida, suprir as necessidades apontadas pela literatura em agregar diferentes perspectivas para analisar o fenômeno, reduzindo assim as dicotomias e olhares limitados. Com isso, a proposta possibilitou um olhar mais amplo para como é moldado o processo de migração dentro do contexto esportivo, nesse caso especificamente na corrida de rua.

Ademais a presente tese apresenta elementos importantes na ampliação e qualificação da temática da migração no que tange ao seu conteúdo. Para além da entrega de um possível modelo de análise, o presente estudo direcionou seus olhares para uma parte do fenômeno negligenciada pela literatura acadêmica com olhar mais eurocêntrico. O fluxo inverso a saída de atletas nascidos no Brasil em direção aos clubes europeus aponta que as dinâmicas da globalização do esporte são mais complexas do que apenas uma questão de pressão econômica global. De fato, a pesquisa aqui relatada contribui significativamente para qualificação apresentando novos fluxos, novas direções, e outra modalidade esportiva, para além das já evidenciadas por outros estudos.

Mesmo reafirmando as contribuições, não apenas da tese em si, mas também do modelo analítico proposto para a qualificação das discussões sobre a migração esportiva, é salutar apontar algumas limitações encontradas no presente estudo, para não dizer algumas dificuldades. Primeiro, em relação aos registros documentais institucionais e estatísticos provenientes das entidades representantes das modalidades esportivas no Brasil. Nem todas que foram consultadas realizam o esforço de registrar a participação estrangeira no Brasil, dificultando o olhar para a origem dos estrangeiros que competem no Brasil. Segundo, assim como mencionado em outros estudos, realizar entrevistas com atletas tem suas dificuldades, tanto no processo de disponibilidade, como com a linguagem, o que limita as apropriações em questões mais profundas da reflexividade do depoente. No entanto, mesmo com esses aspectos limitantes, acredita-se que o estudo traz à tona novas possibilidades de olhar para o fenômeno da migração esportiva.

Com os achados obtidos no presente estudo, bem como no intuito de qualificar e refinar o modelo analítico da migração esportiva aqui proposto, sugere-se o seu teste e aplicação em outros cenários. Vista a particularidade da corrida de rua e do Estado brasileiro, entende-se que para verificar a aplicabilidade do modelo é necessário o exercício de leitura da migração esportiva em países e modalidades diferentes, atentando às possíveis adaptações, agregações e formulações de novas ideias que contribuam para uma melhor leitura do fenômeno da migração esportiva.

REFERÊNCIAS

10 KM TRIBUNA FM (Santos). **REGULAMENTO**. 2020. Disponível em: <http://atdigital.com.br/10km/Regulamento-10kmtribunafm-2020.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2020.

ANDREFF, Wladimir. Correlation between Economic Underdevelopment and Sport. **European Sport Management Quartely**, v. 1, p. 251-279, 2001.

AGERGAARD, Sine. Elite athletes as migrants in Danish women's handball. **International review for the sociology of sport**, v. 43, n. 1, p. 5-19, 2008.

AGERGAARD, Sine; RYBA, Tatiana V. Migration and career transitions in professional sports: Transnational athletic careers in a psychological and sociological perspective. **Sociology of Sport Journal**, v. 31, n. 2, p. 228-247, 2014.

AGERGAARD, Sine. Learning in landscapes of professional sports: transnational perspectives on talent development and migration into Danish women's handball around the time of the financial crisis, 2004–2012. **Sport in Society**, v. 20, n. 10, p. 1457-1469, 2017.

AGERGAARD, Sine; BOTELHO, Vera. The way out? African players' migration to Scandinavian women's football. **Sport in Society**, v. 17, n. 4, p. 523-536, 2014.

AGERGAARD, Sine; BOTELHO, Vera. Female football migration: motivational factors for early migratory processes. In: **Sport and Migration**. Routledge, 2011. p. 157-172.

ALMEIDA, William Douglas; RUBIO, Katia. Novos brasileiros nos jogos olímpicos: a presença de migrantes internacionais na delegação do país na Rio-2016. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 26, n. 1, p. 131-142, 2018.

ALMEIDA, Bárbara Schaustek de; MEZZADRI, Fernando Marinho. Quadros conceituais em políticas públicas: aplicações e possibilidades para a área do esporte. **Caderno de Educação Física e Esporte**, v. 15, n. 1, p. 41-52, 2017.

ALMEIDA, Barbara Schaustek de *et al.* O PAÍS DO FUTEBOL QUE JOGA COM AS MÃOS: A GESTÃO ESPORTIVA DA CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE VOLEIBOL. **REVISTA INTERCONTINENTAL DE GESTÃO DESPORTIVA-RIGD**, v. 2, n. 2, p. 144-162, 2012.

ALVITO, Marcos. «A parte que te cabe neste latifúndio»: o futebol brasileiro e a globalização. **Análise Social**, n. 179, p. 451-474, 2006.

ARANDA, Renato. **Elite brasileira de fundistas protesta contra excesso de estrangeiros em provas nacionais**. 2013. Disponível em: <<http://www.webrun.com.br/h/noticias/fundistasbrasileirasprotestamcontraexcessivonumerodeestrangeiro/15191>> . Acesso em: 27 out. 2015.

ARCHAMBAULT, Éric *et al.* Benchmarking scientific output in the social sciences and humanities: The limits of existing databases. **Scientometrics**, v. 68, n. 3, p. 329-342, 2006.

BALASSIANO, F. **Como parceria com a NBA ajudou a trazer reforços americanos para o NBB**. 2017. Acessi em 30 outubro 2019. Disponível em: <https://balanacesta.blogosfera.uol.com.br/2017/11/06/como-parceria-com-a-nba-ajudou-a-trazerreforcoss-americanos-para-o-nbb/>

BALE, John. Kenyan running before the 1968 Mexico Olympics. In: **East African Running**. Routledge, 2007. p. 35-47.

BALE, John. **Sport and place. A geography of sport in England, Scotland and Wales**. C. Hurst &Co. (Publishers) Ltd., 1982.

BALE, John. **Sports geography**. Routledge, 2003.

BALE, John. **The brawn drain: Foreign student-athletes in American universities**. University of Illinois Press, 1991.

BALE, John; MAGUIRE, Joseph. **The global sports arena: Athletic talent migration in an interdependent world**. Routledge, 1994.

BALE, John; SANG, Joe. **Kenyan running: Movement culture, geography and global change**. Routledge, 1996.

BARBOSA, Attila Magno E. Silva. O futebol e a sociedade global: uma reavaliação da identidade sociocultural brasileira. **Sociedade e cultura**, v. 10, n. 2, p. 173-186, 2007.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, LTDA., 1977.

BARIFOUSE, Rafael. **Liga das Nações de Vôlei: como Leal se tornou o primeiro 'estrangeiro' da seleção brasileira**. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-48440440>. Acesso em: 04 fev. 2020.

BARKER, Dean *et al.* Youths with migration backgrounds and their experiences of physical education: An examination of three cases. **Sport, education and society**, v. 19, n. 2, p. 186-203, 2014.

BARROS, Ricardo Paes de; HENRIQUES, Ricardo; MENDONÇA, Rosane. Desigualdade e pobreza no Brasil: retrato de uma estabilidade inaceitável. **Revista brasileira de ciências sociais**, v. 15, n. 42, p. 123-142, 2000.

BASTOS, F. C.; PEDRO, M. A. D.; PALHARES, J. M. Corrida de rua: Análise da produção científica em universidades paulistas. **Revista Mineira de Educação Física**, Viçosa, v. 17, n. 2, p. 76-86, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Zahar, 1999.

BBC. **Racism row over Trieste half-marathon**. 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-europe-48080872>>. Acesso em: 19 set. 2019.

BECK, Ulrich. **¿ Qué es la globalización?**. Barcelona: Paidós, 1998.

BERG, Adam; DYRESON, Mark. The Flying Finn's American Sojourn: Hannes Kolehmainen in the United States, 1912–1921. **The International Journal of the History of Sport**, v. 29, n. 7, p. 1035-1059, 2012.

BIAZZI, Alessandro; NETO, Virgílio Franceschi. Futebol e política externa brasileira: entre o político-identitário e o comercial. **Lecturas: Educación física y deportes**, n. 104, p. 39, 2007.

BINDER, John J.; FINDLAY, Murray. The effects of the Bosman Ruling on national and club teams in Europe. **Journal of Sports Economics**, v. 13, n. 2, p. 107-129, 2012.

BÓGUS, Lucia Maria M.; FABIANO, Maria Lucia Alves. O Brasil como destino das migrações internacionais recentes: novas relações, possibilidades e desafios. **Ponto-e-Vírgula: Revista de Ciências Sociais**, n. 18, p. 126-145, 2015.

BORGES, Mário *et al.* Coaches' migration: a qualitative analysis of recruitment, motivations and experiences. **Leisure Studies**, v. 34, n. 5, p. 588-602, 2015.

BOTELHO, Vera L.; AGERGAARD, Sine. Moving for the love of the game? International migration of female footballers into Scandinavian countries. **Soccer & Society**, v. 12, n. 6, p. 806-819, 2011.

BOURDIEU P. **Para uma Sociologia da Ciência**. Lisboa: Edições 70, 2001.

BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1983.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Papyrus Editora, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **Usos sociais da ciência**. Unesp, 2004.

BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loïc. The organic ethnologist of Algerian migration. **Ethnography**, v. 1, n. 2, p. 173-182, 2000.

BRASIL. **Lei n. 9.615, de 24 de março de 1998**. Institui normas gerais sobre desporto e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 25 mar. 1998.

BRASIL. Brasil. Presidência da República. **LEI Nº 13.445, DE 24 DE MAIO DE 2017**. 2017. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/L13445.htm>. Acesso em: 02 abr. 2019a.

BRASIL. Constituição (2017). Decreto nº 9.199, de 20 de novembro de 2017. **Decreto Nº 9.199, de 20 de Novembro de 2017b**. Brasil,

BRASIL. Brasil. Itamaraty. **Vistos para viajar ao Brasil**. 2019. Disponível em: <http://www.portalconsular.itamaraty.gov.br/>. Acesso em: 19 dez. 2019.

BRETTELL, Caroline B.; HOLLIFIELD, James F. (Ed.). **Migration theory: Talking across disciplines**. Routledge, 2014.

BRITO, Daniel. Uol. **Caixa banca equipe de atletas estrangeiros em corridas de rua no Brasil**. 2014. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/esporte/atletismo/ultimas-noticias/2014/09/24/caixa-banca-equipe-de-atletas-estrangeiros-em-corridas-de-rua-no-brasil.htm>>. Acesso em: 21 set. 2019.

BUENO, Edir de Paiva. O índice de desenvolvimento humano (idh): avaliação de seus pressupostos teóricos e metodológicos. **Boletim Goiano de Geografia**, v. 27, n. 3, p. 49-69, 2007.

BUSCH, Andreas. The development of the debate: Intellectual precursors and selected aspects. In: **Globalization**. Routledge, 2007. p. 38-55.

BUSCH, Andreas. Die Globalisierungsdebatte: Ein einführender Überblick über Ansätze und Daten. **Busch, Andreas/Plümper, Thomas (Hrsg.)**, p. 13-40, 1999.

CAPINUSÚ, José Mauricio; LIMA, Wallace Apicelo. O retorno dos patrocinadores do novo basquete brasil. **Revista Intercontinental de Gestão Desportiva-Rigd**, v. 1, n. 2, p. 122-131, 2011.

CARTER, Thomas F. Family networks, state interventions and the experience of Cuban transnational sport migration. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 42, n. 4, p. 371-389, 2007.

CARTER, Thomas F. Re-placing sport migrants: Moving beyond the institutional structures informing international sport migration. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 48, n. 1, p. 66-82, 2013.

CARTER-THUILLIER, Bastian; PASTOR, Víctor Manuel López; FUENTES, Francisco Gallardo. Inmigración, deporte y escuela. Revisión del estado de la cuestión (Immigration, sport and school. A review of the state of the art). **Retos**, n. 32, p. 19-24.

CAVALCANTI, Everton Albuquerque; CAPRARO, André Mendes. Transferências internacionais no futebol: um estudo de caso comparativo entre os maiores clubes europeus e brasileiros. **RBFF-Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 7, n. 23, p. 3-15, 2015.

CBAT (Brasil). **NORMA 07: RECONHECIMENTO E HOMOLOGAÇÃO DE CORRIDAS DE RUA**. São Paulo: Cbat, 2019.

CBAT (Brasil). **NORMA 09: PARTICIPAÇÃO DE ATLETAS ESTRANGEIROS EM COMPETIÇÕES NO BRASIL**. São Paulo: Cbat, 2009.

CBF. **Raio-X 2017: 1.630 jogadores para o exterior**. 2018. Disponível em: <<https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/index/raio-x-2017-1630-jogadores-para-o-externo>>. Acesso em: 02 abr. 2019.

CHAN, Leslie; COSTA, Sely. Participation in the global knowledge commons: challenges and opportunities for research dissemination in developing countries. **New library world**, v. 106, n. 3/4, p. 141-163, 2005.

CHEPYATOR-THOMSON, J. R. Kenyan scholar-runners in the United States: Their thirst for education and intercollegiate experiences. **AVANTE-ONTARIO-**, v. 9, n. 3, p. 31-39, 2003.

CHEPYATOR-THOMSON, Jepkorir Rose; ARIYO, Emma Sande. Out of Eastern Africa: An Examination of Sport Labour Migration in the Post-Independence Era. **The International Journal of the History of Sport**, v. 33, n. 15, p. 1826-1846, 2016.

CHEPYATOR-THOMSON, Rose; TNRCOTT, Ryan; SMITH, Matthew Lee. Exploring migration patterns and university destination choices of international student athletes in ncaa division 1 men's basketball {2004- 2014}. **International Journal Of Sport Management**, v. 4, n. 17, p.576-593, 2016.

CHIBA, Naoki. Globalisation and management of the National Basketball Association since the 1980s. **International Journal of Sport Management and Marketing**, v. 11, n. 3-4, p. 143-157, 2012.

CHIBA, Naoki. Migratory motivations of American professional basketball players in Japan, Spain and Australia. **Asia Pacific Journal of Sport and Social Science**, v. 2, n. 2, p. 104-116, 2013.

CHIBA, Naoki. Pacific professional baseball leagues and migratory patterns and trends: 1995-1999. **Journal of Sport and Social Issues**, v. 28, n. 2, p. 193-211, 2004.

CHRISTENSEN, Dirk Lund; DAMKJÆR, Søren. Traditionel og moderne løbekultur hos kalenjin-folket i Kenya: et historisk og antropologisk perspektivA historical and anthropological perspective. In: **Idrætshistorisk Årbog**. Syddansk Universitetsforlag, 2002. p. 117-137.

CIES SPORTS OBSERVATORY; FIBA. **International Basketball Migration Report 2015**, 2015.

CIES FOOTBALL OBSERVATORY N. **Player export: Brazil leads the table**. 2020. Elaborada por Raffaele Poli, Roger Besson and Loïc Ravenel. Disponível em: <https://football-observatory.com/IMG/sites/b5wp/2019/wp292/en/>. Acesso em: 20 set. 2020.

COAKLEY, J. **Sports in Society: Issues and Controversies** (8th ed.). McGraw-Hill Humanities/Social Sciences/Languages. 2003.

COCHRANE, A. and PAIN, K. 'A Globalizing Society?', in D. Held (ed.), **A Globalising World? Culture, Economics, Politics**. London: Routledge, 2000.

CONOSSA, Carolina. **Liga profissional nos EUA seria fantástica, mas ainda é sonho distante**. 2017. Disponível em: <https://saidaderede.blogosfera.uol.com.br/2017/03/06/liga-profissional-nos-eua-seria-fantastica-mas-ainda-e-sonho-distante/>. Acesso em: 04 fev. 2020.

CONTRA RELÓGIO. **QUENIANOS NO BRASIL**: um sonho de liberdade. 2010. Disponível em: <https://www.contrarelogio.com.br/colunas/especial/quenianos-no-brasil-um-sonho-de-liberdade/>. Acesso em: 19 abr. 2020.

CROSSAN, William. A PRELIMINARY CATEGORIZATION OF SPORTING IMMIGRANTS. In: SMIDOVA, J.; FLEMR, L. (Ed.). **Proceedings of the International Student Conference: Science in motion—Movement in science**. Prague, Czech Republic: Charles University, 2008. p. 14-19.

CROSSAN, William. Applying social theory to sport migration. **Acta Universitatis Carolinae: Kinanthropologica**, v. 48, n. 1, p. 99-117, 2012.

CROSSAN, William M. **Sporting immigrants and their effect on sport growth and popularity in a culture: a case study in czech basketball**. 2013. 174 f. Tese (Doutorado) - Faculty Of Physical Education And Sport, Charles University, Prague, 2013.

CROSSAN, William. Representation of sporting migrants: primary versus secondary. **European Journal for Sport and Society**, v. 14, n. 1, p. 5-25, 2017.

CROSSAN, William; PECHA, Ondřej. USING SPORTING MIGRANTS TO BUILD SECONDARY SPORT: A 12 YEAR CASE STUDY OF CZECH BASKETBALL. **Acta Universitatis Carolinae: Kinanthropologica**, v. 52, n. 1, 2016.

DALLARI, M.M. **Corrida de rua**: um fenômeno sociocultural contemporâneo. São Paulo: USP, 2009. 130f. Tese (Doutorado em educação) – Faculdade de educação, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2009.

DENYER, David; TRANFIELD, David. Producing a systematic review. In: BUCHANAN, David; BRYMAN, Alan (Ed.). **The Sage handbook of organizational research methods**. Sage Publications Ltd, 2009. p. 671–689.

DEPKEN, Craig A.; DUCKING, Johnny; GROOTHUIS, Peter A. Career duration in the NHL: pushing and pulling on Europeans?. **Applied Economics**, v. 49, n. 59, p. 5923-5934, 2017.

DIMEO, Paul; DE VASCONCELLOS RIBEIRO, Carlos Henrique. 'I Am Not A Foreigner Anymore': a microsociological study of the experiences of brazilian futsal players in european leagues. **Movimento**, v. 15, n. 2, p. 33-44, 2009.

DOHERTY, Alison; TAYLOR, Tracy. Sport and physical recreation in the settlement of immigrant youth. **Leisure/loisir**, v. 31, n. 1, p. 27-55, 2007.

DONNELLY, Peter. The local and the global: Globalization in the sociology of sport. **Journal of Sport and Social Issues**, v. 20, n. 3, p. 239-257, 1996.

DORIGO, Guido; TOBLER, Waldo. Push-pull migration laws. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 73, n. 1, p. 1-17, 1983.

DORO, Bruno. **Brasileiro cria CTs no Quênia para manter tradição de bicho-papão das corridas de rua**. 2012. Disponível em:

<https://www.uol.com.br/esporte/atletismo/ultimas-noticias/2012/04/02/brasileiro-cria-cts-no-kenia-para-manter-tradicao-de-bicho-papao-das-corridas-de-rua.htm>. Acesso em: 19 abr. 2020.

EGILSSON, Birnir; DOLLES, Harald. “From Heroes to Zeroes”– self-initiated expatriation of talented Young footballers. **Journal of Global Mobility: The Home of Expatriate Management Research**, v. 5, n. 2, p. 174-193, 2017.

ELIASSON, Annika. The European football market, globalization and mobility among players. **Soccer & Society**, v. 10, n. 3-4, p. 386-397, 2009.

ELLIOTT, Richard. Net-gains: Informal recruiting, Canadian players and British professional ice hockey. In: **Sport and Migration: Borders, boundaries and crossings**. 2011, p. 102-111.

ELLIOTT, Richard; GUSTERUD, Erik. Finding the back of the net: Networks and migrant recruitment in Norwegian football. **International Review for the Sociology of Sport**, p. V. 53, n. 1, p. 69 - 83, 2016.

ELLIOTT, Richard; MAGUIRE, Joseph. “Getting Caught in the Net” Examining the Recruitment of Canadian Players in British Professional Ice Hockey. **Journal of Sport and Social Issues**, v. 32, n. 2, p. 158-176, 2008b.

ELLIOTT, Richard; MAGUIRE, Joseph. Thinking outside of the box: Exploring a conceptual synthesis for research in the area of athletic labor migration. **Sociology of Sport Journal**, v. 25, n. 4, p. 482-497, 2008a.

EL-OJEILI, Chamsy; HAYDEN, Patrick. **Critical theories of globalization: an introduction**. Springer, 2006.

ENGH, Mari Haugaa; AGERGAARD, Sine. Producing mobility through locality and visibility: Developing a transnational perspective on sports labour migration. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 50, n. 8, p. 974-992, 2015.

EVANS, Adam B.; PIGGOTT, David. Shooting for Lithuania: migration, national identity and men's basketball in the East of England. **Sociology of Sport Journal**, v. 33, n. 1, p. 26-38, 2016.

EVANS, Adam B.; STEAD, David E. 'It's a long way to the Super League': The experiences of Australasian professional rugby league migrants in the United Kingdom. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 49, n. 6, p. 707-727, 2014.

FAGGIANI, Fernanda *et al.* The Phenomenon of Expatriates in the Sports Context. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 36, n. 3, p. 738-747, 2016.

FALCÃO, Tiago Brant De Carvalho; UVINHA, Ricardo Ricci. Por dentro de uma Maratona. **Olimpianos-Journal of Olympic Studies**, v. 3, p. 1-17, 2019.

FALCOUS, Mark; MAGUIRE, Joseph. Globetrotters and local heroes? Labor migration, basketball, and local identities. **Sociology of Sport Journal**, v. 22, n. 2, p. 137-157, 2005.

FIFA. **RANKING MASCULINO**. 2019. Disponível em: <https://www.fifa.com/fifa-world-ranking/franking-table/men/>. Acesso em: 14 jan. 2020.

FIGUEIREDO FILHO, Dalson Britto *et al.* ANÁLISE DE COMPONENTES PRINCIPAIS PARA CONSTRUÇÃO DE INDICADORES SOCIAIS. **Rev. Bras. Biom**, v. 31, n. 1, p. 61-78, 2013.

FLOWERDEW, John. Problems in writing for scholarly publication in English: The case of Hong Kong. **Journal of Second Language Writing**, v. 8, n. 3, p. 243-264, 1999.

FRY, John; BLOYCE, Daniel. 'Friends as enemies': A sociological analysis of the relationship among touring professional golfers. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 52, n. 3, p. 336-360, 2017.

FURSTENAU, Carina Ribas; JUNIOR, Marcos Vinicio Wink. Medidas de extrema pobreza no Brasil, Grandes Regiões e Rio Grande do Sul: uma análise com os dados da PNAD 2011-14. **Indicadores Econômicos FEE**, v. 43, n. 4, p. 79-90, 2016.

FURTADO, Heitor Luiz *et al.* Blumenau e seus imigrantes: apontamentos acerca da emergência de uma cultura física (1850-1899). **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v. 24, n. 2, p. 665-676, 2018.

G1. **G20 reconhece crise migratória como problema mundial**. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/09/g20reconhececrisemigratoriacomoproblema mundial.html>>. Acesso em: 2 maio 2017.

GARCIA, Rafael Marques; DO NASCIMENTO, Diego Ramos; PEREIRA, Erik Giuseppe Barbosa. The Migratory Process and the Volleyball Ranking: First Approaches. **American Journal of Sports Science**, v. 5, n. 4, p. 21, 2017.

GAVIRA, Jesús Fernández *et al.* Análisis de la bibliografía existente sobre inmigrante, actividad física, deporte e integración en lengua inglesa. **Movimento**, v. 19, n. 1, p. 183-202, 2013.

GAZETA ESPORTIVA (São Paulo). **CAMPEÕES**. 2019. Disponível em: <<https://www.gazetaesportiva.com/sao-silvestre/campeoes/>>. Acesso em: 19 set. 2019.

GEHRING, Jacqueline. Race, ethnicity and German identity: a media analysis of the 2010 world cup men's national soccer team. **Ethnic and Racial Studies**, v. 39, n. 11, p. 1962-1980, 2016.

GIDDENS, Anthony. A Constituição da Sociedade. ed. **Martin Fontes. Rido de Janeiro**, 2003.

GIDDENS, Anthony. A vida em uma sociedade pós-tradicional” In: GIDDENS, A. BECK. U; LASH, S. **Modernização reflexiva**, p. 73-133, 1995.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. unesp, 1991.

GIDDENS, Anthony. **Central problems in social theory: Action, structure, and contradiction in social analysis**. Univ of California Press, 1978.

GIDDENS, Anthony. **O mundo na era da globalização**. Editorial Presença, 2006.

GIDDENS, Anthony. **sociología**. Alianza editorial, 2008.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIULIANOTTI, Richard (Ed.). **Routledge handbook of the sociology of sport**. Routledge, 2015.

GIULIANOTTI, Richard; ROBERTSON, Roland. Forms of glocalization: Globalization and the migration strategies of Scottish football fans in North America. **Sociology**, v. 41, n. 1, p. 133-152, 2007b.

GIULIANOTTI, Richard; ROBERTSON, Roland. Recovering the social: globalization, football and transnationalism. **Global Networks**, v. 7, n. 2, p. 166-186, 2007a.

GIULIANOTTI, Richard; ROBERTSON, Roland. Sport and globalization: transnational dimensions. **Global networks**, v. 7, n. 2, p. 107-112, 2007c.

GOTAAS, Thor. Correr: a história de uma das atividades físicas mais praticadas no mundo. **São Paulo: Matríz**, 2013.

GRATTON, Chris; JONES, Ian. **Research methods for sports studies**. Routledge, 2010.

GUERRA, Sidney. A nova lei de migração no Brasil: avanços e melhorias no campo dos direitos humanos. **Revista de Direito da Cidade**, v. 9, n. 4, p. 1717-1737, 2017.

GUINNESS, Daniel; BESNIER, Niko. Nation, nationalism, and sport: Fijian rugby in the local–global Nexus. **Anthropological Quarterly**, v. 89, n. 4, p. 1109-1141, 2016.

GUTTMANN, Allen. **From ritual to record: The nature of modern sports**. Columbia University Press, 1978.

HARVEY, Jean; RAIL, Geneviève; THIBAUT, Lucie. Globalization and sport: Sketching a theoretical model for empirical analyses. **Journal of Sport and Social Issues**, v. 20, n. 3, p. 258-277, 1996.

HAUG, Sonja. Migration networks and migration decision-making. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, v. 34, n. 4, p. 585-605, 2008.

HELD, David *et al.* Global transformations: Politics, economics and culture. In: **Politics at the Edge**. Palgrave Macmillan, London, 2000. p. 14-28.

HIBBINS, Ray. Migration and gender identity among Chinese killed male migrants to Australia. **Geoforum**, v. 36, n. 2, p. 167-180, 2005.

HIRATA, Edson. “**Liga forte, clubes fracos?**”: A espetacularização do basquete masculino brasileiro (2008-2019). 2019. 273f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Centro de Ciências da Saúde. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2019.

HIRST, Paul; THOMPSON, Grahame; BROMLEY, Simon. **Globalization in question**. John Wiley & Sons, 2019.

HOROWITZ, Jonathan; MCDANIEL, Stephen R. Investigating the global productivity effects of highly skilled labour migration: how immigrant athletes impact Olympic medal counts. **International Journal of Sport Policy and Politics**, v. 7, n. 1, p. 19-42, 2015.

HORTON, Peter. Pacific Islanders in global rugby: The changing currents of sports migration. **The International Journal of the History of Sport**, v. 29, n. 17, p. 2388-2404, 2012.

IAAF. **Atletismo: REGRAS OFICIAIS DE COMPETIÇÃO 2018 – 2019**. São Paulo: Cbat, 2018.

IAAF. **IAAF ATHLETES' REPRESENTATIVES REGULATIONS**. Dakar: IAAF, 2012.

IAAF. **IAAF LABEL ROAD RACES: REGULATIONS 2019**. na, 2019. Disponível em: <https://media.aws.iaaf.org/competitioninfo/37136688-ea01-44da-8d15-7b0584b10694.pdf>. Acesso em: 04 fev. 2020.

IANNI, Octavio. Globalização: novo paradigma das ciências sociais. **Estudos avançados**, v. 8, n. 21, p. 147-163, 1994.

JANNUZZI, Paulo De Martino. Considerações sobre o uso, mau uso e abuso dos indicadores sociais na formulação e avaliação de políticas públicas municipais. **Revista de Administração Pública**, v. 36, n. 1, p. 51-72, 2002.

JARVIE, Grant. The promise and possibilities of running in and out of East Africa. In: **East African Running**. Routledge, 2007. p. 48-63.

JIANG, Ren-Shiang; LEE, Ping-Chao. An Evolution of the Migration of Taiwanese Female Basketball Players: From the 'American Dream' to the 'Chinese Dream'. **The International Journal of the History of Sport**, v. 33, n. 18, p. 2253-2270, 2016.

JOVCHELOVICH, S.; BAUER, M. W. Entrevista Narrativa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, Vozes, 2002. p. 90- 113.

JUNIOR, Hilário F. Brasil, país do futebol?. **Universidade de São Paulo (USP)**, n. 99, p. 45-56, 2013.

KANEMASU, Yoko; MOLNAR, Gyozo. Collective identity and contested allegiance: A case of migrant professional Fijian rugby players. **Sport in society**, v. 16, n. 7, p. 863-882, 2013.

KASZNAR, Istvan Karoly; GRAÇA FILHO GRAÇA FO. **O esporte como indústria: solução para criação de riqueza e emprego**. Confederação Brasileira de Voleibol, 2002.

KING, Russell. Theories and typologies of migration: an overview and a primer.–Willy Brandt Series of Working Papers in International Migration and Ethnic Relations 3/12. **Malmö Institute for Studies of Migration, Diversity and Welfare (MIM)**.– Malmö, 2012.

KILSZTAJN, Samuel. Paridade do poder de compra, renda per capita e outros indicadores econômicos. **Pesquisa & Debate. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Economia Política**, v. 11, n. 2 (18), p. 93-106, 2000.

KNECHTLE, Beat *et al.* Performance and age of African and non-African runners in World Marathon Majors races 2000–2014. **Journal of sports sciences**, v. 35, n. 10, p. 1012-1024, 2017.

KOSER, Khalid; SALT, John. The geography of highly skilled international migration. **International Journal of Population Geography**, v. 3, n. 4, p. 285-303, 1997.

KRØVEL, Roy. New media and identity among fans of a Norwegian football club. **First Monday**, v. 17, n. 5, 2012.

LAND, Kenneth C. Social indicators. **Annual review of sociology**, v. 9, n. 1, p. 1-26, 1983.

LEE, Everett S. A theory of migration. **Demography**, v. 3, n. 1, p. 47-57, 1966.

LEE, Seungbum. Global Outsourcing: A different approach to an understanding of sport labour migration. **Global Business Review**, v. 11, n. 2, p. 153-165, 2010.

LENZ, Britta. Vereintim Verein? Städtische Freizeitkultur und die Integration von polnischen und masurischen Zuwanderern im Ruhrgebiet zwischen 1900 und 1939. **Archiv für Sozialgeschichte**, v. 46, n. 1, p. S3, 2006.

LONG, Jonathan; HYLTON, Kevin; SPRACKLEN, Karl. Whiteness, blackness and settlement: Leisure and the integration of new migrants. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, v. 40, n. 11, p. 1779-1797, 2014.

LOVE, Adam; KIM, Seungmo. Sport Labor Migration and Collegiate Sport in the United States: A Typology of Migrant Athletes. **Journal of Issues in Intercollegiate Athletics**, v. 4, n. 9, p. 90-104, 2011.

LUCENA, Rodolfo. **Corredores de elite protestam contra o que consideram número excessivo de estrangeiros no Circuito Nacional de Corrida**. 2013. Disponível em: <<http://rodolfolucena.blogfolha.uol.com.br/2013/10/23/corredoresdeeliteprotestamcontraoqueconsideramnumeroexcessivodeestrangeirosnocircu...>>. Acesso em: 27 out. 2015.

LUCENA, Rodolfo. **Como funciona as casas onde atletas africanos treinam no Brasil**. 2011. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrissima/15473-vencedores-em-linha-de-producao.shtml>. Acesso em: 19 abr. 2020.

LUDWIG, Mark; SCHIERL, Thomas. Sport, media and migration: use of sports media by Turkish migrants and its potential for integration. **Sport in Society**, v. 16, n. 1, p. 94-105, 2013.

MARCHI JÚNIOR, Wanderley. O esporte “em cena”: perspectivas históricas e interpretações conceituais para a construção de um Modelo Analítico. **The journal of the Latin American socio-cultural studies of sport (ALESDE)**, v. 5, n. 1, p. 46-67, 2015.

MADICHIE, Nnamdi. Management implications of foreign players in the English Premiership League football. **Management Decision**, v. 47, n. 1, p. 24-50, 2009.

MAGEE, Jonathan; SUGDEN, John. “The World at their Feet” Professional Football and International Labor Migration. **Journal of sport and social issues**, v. 26, n. 4, p. 421-437, 2002.

MAGUIRE, Joseph; BALE, John. Introduction: sports labour migration in the global arena. **The global sports arena: athletic talent migration in an interdependent world.**, p. 1-21, 1994.

MAGUIRE, Joseph. Blade runners: Canadian migrants, ice hockey, and the global sports process. **Journal of Sport and Social Issues**, v. 20, n. 3, p. 335-360, 1996.

MAGUIRE, Joseph A. **Social Sciences in Sport**. Human Kinetics, 2014.

MAGUIRE, Joseph. Globalización y creación del Deporte Moderno. **Lecturas: Educación física y deportes**, n. 67, p. 30, 2003.

MAGUIRE, Joseph. Preliminary observations on globalisation and the migration of sport labour. **The Sociological Review**, v. 42, n. 3, p. 452-480, 1994.

MAGUIRE, Joseph. 'Real politic' or 'ethically based': Sport, globalization, migration and nation-state policies. **Sport in Society**, v. 11, n. 4, p. 443-458, 2008.

MAGUIRE, Joseph. Sport and globalization: Key issues, phases, and trends. **Handbook of sports and media**, p. 470-481, 2009.

MAGUIRE, Joseph. Sport labor migration research revisited. **Journal of sport and social issues**, v. 28, n. 4, p. 477-482, 2004.

MAGUIRE, Joseph. **Sport and migration**. Blackwell Publishing Ltd, 2013.

MAGUIRE, Joseph; FALCOUS, Mark (Ed.). **Sport and migration: Borders, boundaries and crossings**. Routledge, 2011.

MAGUIRE, Joseph; PEARTON, Robert. Global sport and the migration patterns of France '98 World Cup finals players: Some preliminary observations. **Soccer & Society**, v. 1, n. 1, p. 175-189, 2000.

MAGUIRE, Joseph; STEAD, David. Far pavilions?: cricket migrants, foreign sojourns and contested identities. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 31, n. 1, p. 1-23, 1996.

MAGUIRE, Joseph; STEAD, David. Border crossings: Soccer labour migration and the European Union. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 33, n. 1, p. 59-73, 1998.

MAGUIRE, Joseph A. 'Real politic' or 'ethically based': Sport, globalization, migration and nation-state policies. **Sport in society**, v. 14, n. 7-8, p. 1040-1055, 2011.

MAGUIRE, Joseph. Sociologia do esporte. In: HAAG, Herbert; KESKINEN, Kari; TALBOT, Margaret (Ed.). **Diretório da ciência desportiva**. 6. ed. Tradução: FERREIRA, Eliana Lucia (Coord.). Juiz de Fora: NGIME/UFJF, 2016. p. 115-122.

MALCOLM, Dominic. 'It's not cricket': Colonial legacies and contemporary inequalities. **Journal of historical sociology**, v. 14, n. 3, p. 253-275, 2001.

MANNERS, John. Raiders from the Rift Valley: Cattle raiding and distance running in east Africa. In: **East African Running**. Routledge, 2007. p. 64-74.

MARATONA DO RIO (Rio de Janeiro). **REGULAMENTO GERAL**. 2020. Disponível em: <https://maratonadorio.com.br/wp-content/uploads/2019/11/Regulamento-Maratona-2020-22-NOV-2019-ALTERADO-PORT.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2020.

MARQUES, Renato Francisco Rodrigues; GUTIERREZ, Gustavo Luis; MONTAGNER, Paulo César. Novas configurações socioeconômicas do esporte contemporâneo. **Rev Educ Fís/UEM**, v. 20, p. 637-48, 2009.

MARQUES, Renato Francisco Rodrigues; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. Migration for Work: Brazilian Futsal Players' Labor Conditions and Disposition for Mobility. **Journal of Sport and Social Issues**, p. 0193723520928592, 2020.

MASSEY, Douglas S. *et al.* Theories of international migration: A review and appraisal. **Population and development review**, v. 19, n. 3, p. 431-466, 1993.

MCDOWELL, Matthew Lynn. Football, migration and industrial patronage in the west of Scotland, c. 1870–1900. **Sport in History**, v. 32, n. 3, p. 405-425, 2012.

MCGREW, Anthony G.; HELD, David (Ed.). **The global transformations reader: an introduction to the globalization debate**. Polity Press, 2000.

MCKELVEY, Steve; SANDLER, Dennis; SNYDER, Kevin. Sport participant attitudes toward ambush marketing: An exploratory study of ING New York City Marathon runners. **Sport Marketing Quarterly**, v. 21, n. 1, p. 7, 2012.

MCKIBBON, Ann. Systematic reviews and librarians. **Library trends**, v. 55, n. 1, p. 202-215, 2006.

MCHENRY, Dean E. The use of sports in policy implementation: the case of Tanzania. **The Journal of Modern African Studies**, v. 18, n. 2, p. 237-256, 1980.

MIGRA MUNDO. **Migrantes no mundo alcançam quase 250 milhões**: breves e necessárias reflexões. 2018. Disponível em: <<https://migramundo.com/migrantes-no-mundo-alcancam-quase-250-milhoes-breves-e-necessarias-reflexoes/>>. Acesso em: 29 mar. 2019.

MILESI, Rosita; ANDRADE, William Cezar de. Migrações internacionais no Brasil: Realidade e desafios contemporâneos. **Instituto Migrações e Direitos Humanos**, v. 17, 2010.

MOLHO, Ian. Theories of migration: a review. **Scottish Journal of Political Economy**, v. 33, n. 4, p. 396-419, 1986.

MOLNAR, Gyozo. From the Soviet Bloc to the European community: Migrating professional footballers in and out of Hungary. **Sport and Migration: Borders, Boundaries and Crossings**. London: Routledge, p. 56-69, 2011.

MOLNAR, Gyozo; MAGUIRE, Joseph. Hungarian footballers on the move: Issues of and observations on the first migratory phase. **Sport in Society**, v. 11, n. 1, p. 74-89, 2008.

MOREIRA, Tatiana; VLASTUIN, Juliana; MARCHI JR, Wanderley. O voleibol feminino e seu posicionamento no campo esportivo brasileiro. **Motrivivência**, n. 41, p. 269-280, 2013.

MUTZ, Michael. Transnational public attention in European club football: Current trends and driving forces. **European Societies**, v. 17, n. 5, p. 724-746, 2015.

NERI, Marcelo. O IDH percebido. **Revista Conjuntura Econômica**, v. 62, n. 8, p. 102-105, 2008.

NJORORAI, W. W. S. Contextualization of Kenya's Post-independence Sporting Success. In: **KESSA Conference Proceedings**. 2013. p. 40-45.

NJORORAI, W. W. S. AFC Leopards and Gor Mahia: footballing rivalry and shared political underdog status in Kenya. **Soccer & Society**, v. 19, n. 5-6, p. 811-828, 2017.

NJORORAI, Wycliffe W S. Distance running in Kenya: athletics labour migration and its consequences. **Leisure/Loisir**, v. 36, n. 2, p. 187-209, 2012.

NJORORAI, Wycliffe W S. Global inequality and athlete labour migration from Kenya. **Leisure/Loisir**, v. 34, n. 4, p. 443-461, 2010.

NJORORAI, Wycliffe W S. Iconic figures in African football: from Roger Milla to Didier Drogba. **Soccer & Society**, v. 15, n. 5, p. 761-779, 2014.

NJORORAI, Wycliffe W. Simiyu. Colonial legacy, minorities and association football in Kenya. **Soccer & Society**, v. 10, n. 6, p. 866-882, 2009.

NIKOLAIDIS, Pantelis T.; ONYWERA, Vincent O.; KNECHTLE, Beat. Running performance, nationality, sex, and age in the 10-km, half-marathon, marathon, and the 100-km ultramarathon IAAF 1999–2015. **The Journal of Strength & Conditioning Research**, v. 31, n. 8, p. 2189-2207, 2017.

NOLASCO, Carlos. Migrações internacionais: conceitos, tipologia e teorias. **Oficina do CES**, v. 434, p. 1-29, 2016.

NUNES, Camila Da Cunha; ROCHA, Manoel José Fonseca. Processos migratórios e deslocamentos: o caso de atletas estrangeiros na maratona de São Paulo. **Materiales para la Historia del Deporte**, n. 19, p. 27-45, 2019.

NVA (Usa). **About The NVA**. 2020. Disponível em: <https://nvausa.com/about>. Acesso em: 04 fev. 2020.

O'DRISCOLL, Téa *et al.* A systematic literature review of sport and physical activity participation in culturally and linguistically diverse (CALD) migrant populations. **Journal of immigrant and minority health**, v. 16, n. 3, p. 515-530, 2014.

OLIVEIRA, Antônio Tadeu Ribeiro de. Nova lei brasileira de migração: avanços, desafios e ameaças. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 34, n. 1, p. 171-179, 2017.

ONUBR. **Número de deslocados forçados ultrapassa 50 milhões pela primeira vez desde a Segunda Guerra Mundial**. 2014. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/numero-de-deslocados-forcados-ultrapassa-50-milhoes-pela-primeira-vez-desde-a-segunda-guerra-mundial/>. Acesso em: 29 mar. 2019.

O'REILLY, Karen. International migration and social theory. **The encyclopedia of global human migration**, 2013.

ORLOWSKI, Johannes; WICKER, Pamela; BREUER, Christoph. Labor migration among elite sport coaches: An exploratory study. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 53, n. 3, p. 335-349, 2018.

PATARRA, Neide Lopes. Migrações internacionais de e para o Brasil contemporâneo: volumes, fluxos, significados e políticas. **São Paulo em perspectiva**, v. 19, n. 3, p. 23-33, 2005.

PETERSEN, William. A general typology of migration. **American Sociological Review**, v. 23, n. 3, p. 256-266, 1958.

PISANI, Mariane da Silva. Migrações e deslocamentos de jogadoras de futebol: Mercadoria que ninguém compra. **Esporte e Sociedade**, v. 9, n. 23, p. 1-11, 2014.

PITSILADIS, Yannis *et al.* (Ed.). **East African running: toward a cross-disciplinary perspective**. Routledge, 2007.

PIRAUDEAU, Bertrand. « As migrações dos jogadores brasileiros para o "império do meio" do futebol chinês », **Confins** [En ligne], 35 | 2018, mis en ligne le 20 avril 2018, consulté le 12 avril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/confins/13199> ; DOI : 10.4000/confins.13199

POLI, Raffaele. Migrations and trade of African football players: historic, geographical and cultural aspects. **Africa Spectrum**, p. 393-414, 2006.

POLI, Raffaele. Migrations de footballeurs et mondialisation: du système-monde aux réseaux sociaux. **M@ppemonde**, v. 88, p. 12, 2007.

POLI, Raffaele; BESSON, Roger. From the South to Europe: a comparative analysis of African and Latin American football migration. **Sport and Migration: borders, boundaries and crossings**, p. 15-30, 2011.

POLI, Raffaele. Understanding globalization through football: The new international division of labour, migratory channels and transnational trade circuits. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 45, n. 4, p. 491-506, 2010.

PONTES, Vanessa Silva *et al.* Migração no Voleibol brasileiro: a perspectiva de atletas e treinadores de alto rendimento. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v. 24, n. 1, p. 187-198, 2018.

PRONI, Marcelo Weishaupt. Proposições para o estudo do esporte contemporâneo. **The Journal of the Latin American Socio-cultural Studies of Sport (ALESDE)**, v. 1, n. 1, p. 166-182, 2011.

PROVA RÚSTICA TIRADENTES (Maringá). **REGULAMENTO: 46ª PROVA RÚSTICA TIRADENTES.** 2020. Disponível em: <http://sisweb.maringa.pr.gov.br:81/provatiradentes/RegulamentoProvaRusticaTiradentes2020.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2020.

QUATMAN, Catherine; CHELLADURAI, Packianathan. The social construction of knowledge in the field of sport management: A social network perspective. **Journal of Sport Management**, v. 22, n. 6, p. 651-676, 2008.

REIS, Rafael. **Afinal, quantos brasileiros jogam no exterior? E que países mais contratam?** 2015. Disponível em: <https://blogdorafaelreis.blogosfera.uol.com.br/2015/10/06/afinalquantosbrasileirosjogamnoexteriorequepaisemascontratam/>. Acesso em: 18 maio 2017.

RIAL, Carmen. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. **Horizontes antropológicos**, v. 14, n. 30, p. 21-65, 2008.

RIBEIRO, Carlos *et al.* Tem um queniano correndo entre nós: atletismo e migração no Brasil. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 27, n. 3, p. 401-410, 2013.

RIBEIRO, Carlos Henrique De Vasconcellos; DIMEO, Paul. The experience of migration for Brazilian football players. **Sport in Society**, v. 12, n. 6, p. 725-736, 2009.

ROBERTSON, Roland. **Globalization: Social theory and global culture**. Sage, 1992.

ROBERTSON, Roland *et al.* Glocalization: Time-space and homogeneity-heterogeneity. **Global modernities**, v. 2, n. 1, p. 25-44, 1995.

ROCHA, Sonia. Pobreza no Brasil: parâmetros básicos e resultados empíricos. **Pesquisa e Planejamento Econômico**, v. 22, n. 3, p. 541-560, 1992.

RODERICK, Martin. Domestic moves: An exploration of intra-national labour mobility in the working lives of professional footballers. **International review for the sociology of sport**, v. 48, n. 4, p. 387-404, 2013.

ROJO, Jeferson Roberto *et al.* O MAPEAMENTO DA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO SOBRE A CORRIDA DE RUA EM PERIÓDICOS BRASILEIROS. **Corpoconsciência**, v. 22, n. 1, p. 93-105, 2018.

ROJO, Jeferson Roberto *et al.* Corrida de rua: reflexões sobre o “universo” da modalidade. **Corpoconsciência**, v. 21, n. 3, p. 82-96, 2017a.

ROJO, Jeferson Roberto *et al.* Transformações no modelo de Corridas de Rua no Brasil: um estudo na “Prova Rústica Tiradentes”. **Revista brasileira de ciência e movimento**, v. 25, n. 1, p. 19-28, 2017b.

ROJO, J. R. **PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO DAS CORRIDAS DE RUA: UM ESTUDO DA PROVA RÚSTICA TIRADENTES**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Universidade Estadual de Maringá – UEM, 2014.

ROJO, J.R. **Corrida de rua e Política Pública: um estudo a partir das ações do poder público municipal de Curitiba-PR**. Curitiba: UFPR, 2017. 137f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Departamento de Educação Física, Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2017.

RUBIO, Katia. Processos migratórios e deslocamentos: caminhos que levaram atletas de modalidades coletivas aos jogos olímpicos de Barcelona em 1992. **Olympianos-Journal of Olympic Studies**, v. 1, n. 1, p. 53-67, 2017.

RYBA, Tatiana V. *et al.* Dual career pathways of transnational athletes. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 21, p. 125-134, 2015.

SALLY, Razeen. Globalization and policy response: Three perspectives. **Government and Opposition**, v. 35, n. 2, p. 237-253, 2000.

SALOMON, Délcio Vieira. **Como fazer uma monografia**. Martins Fontes, 2004.

SANTAGADA, Salvatore. Indicadores sociais: contexto social e breve histórico. **Indicadores Econômicos FEE**, v. 20, n. 4, p. 245-255, 1993.

SANTOS, Mauro Augusto dos. *et al.* Migração: uma revisão sobre algumas das principais teorias. **Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar**, 2010.

SÃO SILVESTRE (São Paulo). **REGULAMENTO CORRIDA INTERNACIONAL DE SÃO SILVESTRE 2019**. 2019. Disponível em:

https://seguro.saosilvestre.com.br/pdf/regulamento_completo.pdf. Acesso em: 18 abr. 2020.

SASSEN, Saskia. A sociology of globalization. **Análisis político**, v. 20, n. 61, p. 3-27, 2007.

SCHIRM, Stefan A. 1 Analytical overview. **Globalization: State of the Art and Perspectives**, v. 84, p. 1, 2007.

SCOTT, Robert A. *et al.* Demographic characteristics of elite Ethiopian endurance runners. **Medicine and science in sports and exercise**, v. 35, n. 10, p. 1727-1732, 2003.

SETTON, M. G. J. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Revista Brasileira de Educação**, v. 60, n. 20, p. 60-70, 2002.

SEKOT, Ales. The socio-cultural phenomenon of global sport mobility. **Human Movement**, v. 6, n. 1, p. 59-65, 2005.

SHOR, Eran; GALILY, Yair. Between adoption and resistance: Globalization and glocalization in the development of Israeli basketball. **Sociology of Sport Journal**, v. 29, n. 4, p. 526-545, 2012.

SILVA FREITAS, Gustavo da; RIGO, Luiz Carlos; DA SILVA, Daniel Vidinha. Considerações sobre a migração, a naturalização e a dupla cidadania de jogadores de futebol. **Journal of Physical Education**, v. 23, n. 3, p. 457-468, 2012.

SINCRE. Presidência da República. **Migrações e mercado de trabalho no Brasil: RELATÓRIO ANUAL 2017**. Brasília, 2017.

SOARES, Sergei. **Metodologias para Estabelecer a Linha de Pobreza: Objetivas, Subjetivas, Relativas, Multidimensionais**. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada-IPEA, 2009.

SOLIGO, Valdecir. Indicadores: conceito e complexidade do mensurar em estudos de fenômenos sociais. **Estudos em avaliação educacional**, v. 23, n. 52, p. 12-25, 2012.

SOUZA, Juliano de; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. Por uma sociologia da produção científica no campo acadêmico da Educação Física no Brasil. **Motriz: Revista de Educação Física**, v. 17, n. 2, p. 349-360, 2011.

SOUZA, Juliano de; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. Por uma sociologia reflexiva do esporte: considerações teórico-metodológicas a partir da obra de Pierre Bourdieu. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v. 16, n. 1, p. 293-315, 2010.

SOUZA, Juliano de; STAREPRAVO, Fernando Augusto; MARCHI JUNIOR, Wanderley. A sociologia configuracional de Norbert Elias-potencialidades e contribuições para o estudo do esporte. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 36, n. 2, p. 429-445, 2014.

SPARKES, Andrew C.; SMITH, Brett. **Qualitative research methods in sport, exercise and health: From process to product**. Routledge, 2013.

SPORTV. **Treinador de atletismo do Cruzeiro vai à justiça contra corredores africanos**. 2014. Disponível em: <<http://sportv.globo.com/site/programas/sportv-news/noticia/2014/09/treinador-de-atletismo-do-cruzeiro-vai-justica-contra-corredores-africanos.html>>. Acesso em: 21 set. 2019.

SPORTV. **Quenianos registraram 332 índices olímpicos para a maratona masculina**. 2016. Disponível em: <http://sportv.globo.com/site/programas/almanaque->

olimpico/noticia/2016/06/quenianos-registraram-332-indices-olimpicos-para-maratona-masculina.html. Acesso em: 04 mar. 2020.

STEAD, David; MAGUIRE, Joseph. "Rite De Passage" or passage to riches? The motivation and objectives of Nordic/Scandinavian players in English league soccer. **Journal of Sport and Social Issues**, v. 24, n. 1, p. 36-60, 2000.

STEAD, David; MAGUIRE, Joseph. Cricket's Global 'finishing school': The migration of overseas cricketers into English county cricket. **European physical education review**, v. 4, n. 1, p. 54-69, 1998.

STOREY, David. Football, place and migration: foreign footballers in the FA Premier League. **Geography**, v. 96, p. 86, 2011.

TAKAHASHI, Yoshio; HORNE, John. Moving with the bat and the ball: Preliminary reflections on the migration of Japanese baseball labour. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 41, n. 1, p. 79-88, 2006.

TAYLOR, Alan M.; TAYLOR, Mark P. The purchasing power parity debate. **Journal of economic perspectives**, v. 18, n. 4, p. 135-158, 2004.

TAYLOR, Matthew. Football's engineers? British football coaches, migration and intercultural transfer, c. 1910–c. 1950s. **Sport in History**, v. 30, n. 1, p. 138-163, 2010.

TAYLOR, Matthew. Global Players? Football, Migration and Globalization, c. 1930-2000. **Historical Social Research**, v. 31, n. 1, p. 7-30, 2006.

TEDESCO, Joao Carlos. "Exportação de pés". Jogadores brasileiros de futsal na Itália e redes transnacionais. **Campos-Revista de Antropologia**, v. 15, n. 1, 2014.

THE GUARDIAN. **Trieste half-marathon accused of racism in excluding Africans**. 2019. Disponível em:

<<https://www.theguardian.com/world/2019/apr/27/trieste-half-marathon-accused-racism-excluding-africans>>. Acesso em: 19 set. 2019.

THIBAULT, Lucie. Globalization of sport: An inconvenient truth1. **Journal of sport management**, v. 23, n. 1, p. 1-20, 2009.

THOMAS, Jerry R.; NELSON, Jack K.; SILVERMAN, Stephen J. **Métodos de pesquisa em atividade física**. Artmed Editora, 2012.

THUILLIER, Bastian Carter; PASTOR, Víctor Manuel López; FUENTES, Francisco Javier Gallardo. Inmigración, deporte y escuela. Revisión del estado de la cuestión. **Retos: nuevas tendencias en educación física, deporte y recreación**, n. 32, p. 19-24, 2017.

TIAN, Enqing; WISE, Nicholas. An Atlantic divide? Mapping the knowledge domain of European and North American-based sociology of sport, 2008–2018. **International Review for the Sociology of Sport**, p. 1012690219878370, 2019.

TOMAZINI, Fabiano; SILVA, Eduardo Vinicius Mota. Idade cronológica e maratona: um estudo a partir dos resultados obtidos por atletas brasileiros na última década e a opinião de seus treinadores. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 12, n. 2, 2014.

TORRES, Haroldo da Gama; FERREIRA, Maria Paula; DINI, Nádía Pinheiro. Indicadores sociais: por que construir novos indicadores como o IPRS. **São Paulo em Perspectiva**, v. 17, n. 3-4, p. 80-90, 2003.

TRAVLOS, Antonios K.; DIMITROPOULOS, Panagiotis; PANAGIOTOPOULOS, Stylianos. Foreign player migration and athletic success in Greek football. **Sport, Business and Management: An International Journal**, v. 7, n. 3, p. 258-275, 2017.

TRUZZI, Oswaldo Mário Serra; MONSMA, Karl Martin. Sociologia das migrações: entre a compreensão do passado e os desafios do presente. **Sociologias. Porto Alegre, RS. Vol. 20, n. 49 (set./dez. 2018), p.[18]-23**, 2018.

USHER, Lindsay E. "Foreign Locals": Transnationalism, Expatriates, and Surfer Identity in Costa Rica. **Journal of Sport and Social Issues**, v. 41, n. 3, p. 212-238, 2017.

VANCINI, Rodrigo Luiz *et al.* O QUE EXPLICARIA O FANTÁSTICO FENÔMENO DE RENDIMENTO ESPORTIVO DOS CORREDORES AFRICANOS?. **Brazilian Journal of Biomotricity**, v. 7, n. 1, 2013.

VIITA, Ossi. A reluctant hero: Hannes Kolehmainen and the politics of sporting fame in Finland. **The International Journal of the History of Sport**, v. 29, n. 7, p. 980-1000, 2012.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014.

WA. **CONSTITUTION: IN FORCE FROM 1 NOVEMBER 2019**. Monaco: Wa, 2019.

WA. **World Athletics Label Road Races: Calendar**. 2020. Disponível em: <https://www.worldathletics.org/Competitions/world-athletics-label-road-races/calendar/2019>. Acesso em: 10 fev. 2020.

WACQUANT, Loïc. Esclarecer o habitus. **Revista da Faculdade de Letras: Sociologia**, v. 14, n. 1, p. 35-44, 2004.

WAGNER, Eric A. Baseball in Cuba. **The Journal of Popular Culture**, v. 18, n. 1, p. 113-120, 1984.

WAI-CHUNG, Yeung Henry. Redressing the Geographical Bias in Social Science Knowledge. **Environment and Planning A**, v. 33, n. 1, p. 1-9, 2001.

WALLERSTEIN, Immanuel. **The Modern World-System 1: Studies in Social Discontinuity**. 1974.

WEBRUN. **SAIBA COMO FUNCIONA UMA EQUIPE DE AFRICANOS NO BRASIL: LUASA**. 2012. Disponível em: <https://www.webrun.com.br/saiba-como-funciona-uma-equipe-de-africanos-no-brasil-luasa/>. Acesso em: 19 abr. 2020.

WEEDON, Gavin. 'Glocal boys': Exploring experiences of acculturation amongst migrant youth footballers in Premier League academies. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 47, n. 2, p. 200-216, 2012.

WICKER, Pamela; ORLOWSKI, Johannes; BREUER, Christoph. Coach migration in German high performance sport. **European Sport Management Quarterly**, v. 18, n. 1, p. 93-111, 2018.

WILBER, Randall L.; PITSILADIS, Yannis P. Kenyan and Ethiopian distance runners: what makes them so good?. **International journal of sports physiology and performance**, v. 7, n. 2, p. 92-102, 2012.

WOLDE, Bezabih; GAUDIN, Benoît. The institutional organization of Ethiopian athletics. In: **Annales d'Ethiopie**. Editions de la Table Ronde, 2007. p. 471-493.

WONG, Lloyd L.; TRUMPER, Ricardo. Global celebrity athletes and nationalism: Fútbol, hockey, and their presentation of nation. **Journal of Sport and Social Issues**, v. 26, n. 2, p. 168-194, 2002.

YOSHIO, Takahashi; HORNE, John. Japanese football players and the sport talent migration business. In: **Football Goes East**. Routledge, 2004. p. 85-102.

ZAPALAC, Ryan K.; ZHANG, James J.; PEASE, Dale G. Understanding women's collegiate volleyball spectators from the perspectives of sociodemographics, market demand and consumption level. **International Journal of Sports Marketing & Sponsorship**, v. 11, n. 4, 2010.

Entrevistas

AGENTE 1. **Entrevista concedida a Jeferson Roberto Rojo.** Brasil, 11 de janeiro de 2020.

AGENTE 2. **Entrevista concedida a Jeferson Roberto Rojo.** Brasil, 13 de fevereiro de 2020.

MAN 1. **Entrevista concedida a Jeferson Roberto Rojo.** Brasil, 11 de janeiro de 2020.

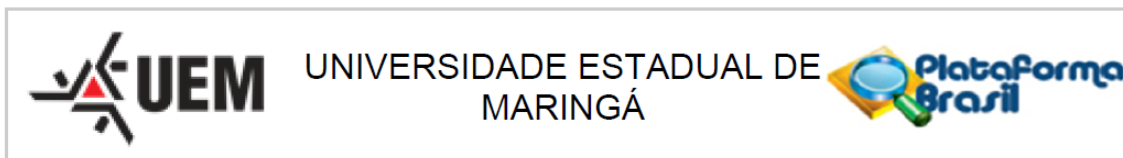
MAN 2. **Entrevista concedida a Jeferson Roberto Rojo.** Brasil, 11 de janeiro de 2020.

WOMAN 1. **Entrevista concedida a Jeferson Roberto Rojo.** Brasil, 11 de janeiro de 2020.

WOMAN 2. **Entrevista concedida a Jeferson Roberto Rojo.** Brasil, 11 de janeiro de 2020.

ANEXOS E APÊNDICES

ANEXO A: PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA - UEM



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Migração esportiva: um olhar para os corredores de rua africanos no Brasil

Pesquisador: Fernando Augusto Starepravo

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 24963419.6.0000.0104

Instituição Proponente: Universidade Estadual de Maringá

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.756.747

Apresentação do Projeto:

Trata-se de projeto de pesquisa proposto por pesquisador vinculado à Universidade Estadual de Maringá.

Objetivo da Pesquisa:

Analisar o processo migratório de atletas de corrida de rua oriundos de países africanos para o Brasil. Objetivo Secundário: Analisar os aspectos referentes a legislação brasileira e a regulamentação esportiva do atletismo a respeito da migração de atletas estrangeiros. Analisar os padrões de migração encontrados na corrida de rua no Brasil. Analisar os fatores que influenciam os atletas africanos de corridas de rua migrarem para o Brasil. Analisar o processo de recrutamento e deslocamento dos atletas de corrida de rua africanos para o Brasil.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Segundo o pesquisador, poderão ocorrer risco de constrangimento em relação as perguntas e desconfortos em relação ao tempo direcionado ao procedimento de realização da entrevista (...). No entanto, a participação do participante é totalmente voluntária, podendo o mesmo recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isto lhe acarrete qualquer ônus ou prejuízo. Benefícios: O diagnóstico e as análises que aqui serão realizados podem contribuir para uma melhor reflexão sobre formas de regulamentação e atenção a pessoa, tanto de nacionalidade brasileira ou estrangeira, em sua atuação como atleta de corrida de rua. Também, acredita-se que o estudo possa gerar dados que possibilitem pensar em formas de mediar o processo tornando o

Endereço: Av. Colombo, 5790, UEM-PPG, sala 4
Bairro: Jardim Universitário **CEP:** 87.020-900
UF: PR **Município:** MARINGÁ
Telefone: (44)3011-4597 **Fax:** (44)3011-4444 **E-mail:** copep@uem.br



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
MARINGÁ



Continuação do Parecer: 3.756.747

ambiente das corridas de rua brasileiro espaço de qualificação para ambos os profissionais desse esporte.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Nos últimos anos a migração de pessoas em várias partes do mundo tem se intensificado, dentre elas as pessoas envolvidas com o esporte. No Brasil, além de o já observado fluxo de exportação de atletas, o país é centro de recepção de atletas, como é o caso de corredores de rua de diferentes países. Diante disso o objetivo do presente trabalho é analisar o processo migratório de atletas de corrida de rua oriundos de países africanos para o Brasil. Para isso, utilizará como método de pesquisa um estudo qualitativo, a partir de fontes de diferentes origens, como pesquisa documental, pesquisa bibliográfica e a realização de entrevistas semi-estruturadas. Com o intuito de abranger um maior número de informações para atingir os objetivos proposto para o estudo, será utilizado alguns tipos de pesquisa. A pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e entrevista. A pesquisa bibliográfica será realizada por meio de uma revisão sistematizada a partir de artigos indexados nas seguintes bases de dados: Web Of Science TM (Thomson Reuters); Scopus (Elsevier); e SPORTDiscus (EBSCOhost). Também se realizará pesquisas documentais. De acordo com Gil (2008) esse tipo de pesquisa tem por característica a utilização de fontes de natureza primária, ou seja, documentos que ainda não receberam tratamento científico. Os documentos em questão são: os registros estatísticos de presença de atletas estrangeiros em modalidades esportivas no Brasil; documentos oficiais referentes a legislação e regulamentação da migração e atividade do estrangeiro em território brasileiro; normas e regulações específicas da modalidade do atletismo sobre a presença e regulação da atividade de estrangeiro na modalidade; entre outros. Por fim a entrevista, técnica de pesquisa muito utilizada e que gera um potencial de informações para as pesquisas da área social (GIL, 2008). No entanto como Magee e Sugden (2002) e Maguire (2004) apontam, quando o depoente se trata de um atleta tem-se a dificuldade de se realizar a coleta de dados. Isso em decorrência do difícil acesso a pessoa, devido sua disponibilidade e permissões de superiores. Nesse sentido, Vinuto (2014) apresenta a seleção de amostragem denominada como “Bola de Neve”. Tipo de amostragem a qual julga ser útil para estudar grupos de difícil acesso. De acordo com a autora, A execução da amostragem em bola de neve se constrói da seguinte maneira: para o pontapé inicial, lança-se mão de documentos e/ou informantes-chaves, nomeados como sementes, a fim de localizar algumas pessoas com o perfil necessário para a pesquisa, dentro da população geral. Isso acontece porque uma amostra probabilística inicial é impossível ou impraticável, e assim as sementes ajudam o pesquisador a iniciar seus contatos e a tatear o grupo a ser pesquisado. Em seguida, solicita-se que as pessoas

Endereço: Av. Colombo, 5790, UEM-PPG, sala 4
Bairro: Jardim Universitário **CEP:** 87.020-900
UF: PR **Município:** MARINGÁ
Telefone: (44)3011-4597 **Fax:** (44)3011-4444 **E-mail:** copep@uem.br



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
MARINGÁ



Continuação do Parecer: 3.756.747

indicadas pelas sementes indiquem novos contatos com as características desejadas, a partir de sua própria rede pessoal, e assim sucessivamente e, dessa forma, o quadro de amostragem pode crescer a cada entrevista, caso seja do interesse do pesquisador. Eventualmente o quadro de amostragem torna-se saturado, ou seja, não há novos nomes oferecidos ou os nomes encontrados não trazem informações novas ao quadro de análise (VINUTO, 2014, p. 203). Partindo da proposta apresentada pela autora, as sementes da amostragem do presente estudo se consolidaram como as entrevistas realizadas pelo autor durante a execução da monografia de graduação e reportagens veiculadas em diferentes meios. Posteriormente, os corredores de rua entrevistados pelo autor naquela oportunidade, indicaram a existência de atletas de corrida de rua africanos que atuam no território brasileiro. Com a execução da amostragem os depoentes que irão compor a amostra são atletas e treinadores que trabalham com esses atletas. No que tange a escolha dos depoentes, leva-se em consideração o proposto por Carter (2013), para quem a ideia de que as relações pessoais do processo de migração no esporte sejam evidenciadas a partir dos relatos dos agentes envolvidos, e assim são importantes para o entendimento do fenômeno. Em outras palavras, Carter defende o estudo em uma escala micro, ou seja, olhar para os agentes e suas conjunturas sociais. Como instrumento de pesquisa será utilizada entrevistas semiestruturadas. Apesar de existir um roteiro, essa modalidade de pesquisa torna flexível a fala do entrevistado (JOVCHELOVICH; BAUER, 2002). De acordo com Sparkes e Smith (2014), as entrevistas semiestruturadas têm o benefício de propiciar um conhecimento mais profundo sobre as experiências e significados das condições sociais do participante.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresenta dentro das normativas vigentes, os seguintes itens obrigatórios contidos na Norma operacional nº 01/2013-CNS: folha de Rosto, cronograma, orçamento detalhado, TCLE para o técnico, TCLE para os atletas participantes. Apresenta as autorizações necessárias para a execução do projeto. Obedecer o que preconiza o item IV.5.d da Res. 466/2012-CNS. "(...) devendo as páginas de assinaturas estar na mesma folha".

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O Comitê Permanente de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Maringá é de parecer favorável à aprovação do protocolo de pesquisa apresentado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Face ao exposto e considerando a normativa ética vigente, este Comitê se manifesta pela aprovação do protocolo de pesquisa em tela. Alerta-se a respeito da necessidade de apresentação

Endereço: Av. Colombo, 5790, UEM-PPG, sala 4
Bairro: Jardim Universitário **CEP:** 87.020-900
UF: PR **Município:** MARINGÁ
Telefone: (44)3011-4597 **Fax:** (44)3011-4444 **E-mail:** copep@uem.br



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
MARINGÁ



Continuação do Parecer: 3.756.747

de relatório final no prazo de 30 dias após o término do projeto.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

| Tipo Documento | Arquivo | Postagem | Autor | Situação |
|---|---|------------------------|-----------------------|----------|
| Informações Básicas do Projeto | PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1364598.pdf | 04/11/2019 19:29:21 | | Aceito |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador | PROJETOTESE.docx | 04/11/2019 19:29:02 | Jeferson Roberto Rojo | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TCLE.docx | 24/10/2019 16:47:03 | Jeferson Roberto Rojo | Aceito |
| Outros | ROTEIROENTREVISTAATLETA.docx | 24/10/2019 16:39:51 | Jeferson Roberto Rojo | Aceito |
| Outros | ROTEIROENTREVISTATREINADORES.docx | 24/10/2019 16:39:36 | Jeferson Roberto Rojo | Aceito |
| Folha de Rosto | Folhaderostofim.pdf | 13/06/2019 11:34:21 | Jeferson Roberto Rojo | Aceito |

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

MARINGÁ, 10 de Dezembro de 2019

Assinado por:
Ricardo Cesar Gardiolo
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Colombo, 5790, UEM-PPG, sala 4
Bairro: Jardim Universitário **CEP:** 87.020-900
UF: PR **Município:** MARINGÁ
Telefone: (44)3011-4597 **Fax:** (44)3011-4444 **E-mail:** copep@uem.br

APÊNDICE A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Gostaríamos de convidá-lo a participar da pesquisa intitulada “**MIGRAÇÃO ESPORTIVA: UM OLHAR PARA OS CORREDORES DE RUA AFRICANOS NO BRASIL**”, que faz parte do curso de doutorado em Educação Física e é orientada pelo prof. Dr. Fernando Augusto Starepravo da Universidade Estadual de Maringá (UEM). O objetivo da pesquisa é analisar o processo migratório de atletas de corrida de rua oriundos de países africanos para o Brasil. Para isto a sua participação é muito importante, e ela se daria da seguinte forma, participando de uma entrevista a qual será gravada por equipamento de áudio e depois transcrita. Informamos que poderão ocorrer os riscos/desconfortos a seguir, desconfortos em relação ao tempo direcionado ao procedimento de realização da entrevista, podendo ser de aproximadamente de 30 a 50 minutos. Gostaríamos de esclarecer que sua participação é totalmente voluntária, podendo você: recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Informamos ainda que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa, e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade, bem como serão apagados os registros de áudio posteriormente ao término do projeto de pesquisa. O projeto não estabelece benefícios diretos, porém acredita-se que o diagnóstico a ser realizado pode contribuir para planejamento futuros de atuação em território nacional. Caso você tenha mais dúvidas ou necessite maiores esclarecimentos, pode nos contatar nos endereços abaixo ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da UEM, cujo endereço consta deste documento. Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas, devidamente preenchida e assinada entregue a você.

Além da assinatura nos campos específicos pelo pesquisador e por você, solicitamos que sejam rubricadas todas as folhas deste documento. Isto deve ser feito por ambos (pelo pesquisador e por você, como participante de pesquisa) de tal forma a garantir o acesso ao documento completo.

Eu,.....(nome por extenso do participante de pesquisa) declaro que fui devidamente esclarecido e concordo em participar **VOLUNTARIAMENTE** da pesquisa coordenada pelo Prof. Dr. Fernando Augusto Starepravo.

_____ **Data:**.....

Assinatura ou impressão datiloscópica

Eu, (nome do pesquisador ou do membro da equipe que aplicou o TCLE), declaro que forneci todas as informações referentes ao projeto de pesquisa supra-nominado.

_____ **Data:**.....

Assinatura do pesquisador

Qualquer dúvida com relação à pesquisa poderá ser esclarecida com o pesquisador, conforme o endereço abaixo:

Nome: Jeferson Roberto Rojo

Endereço: Rua Aritã, 259. Centro, Ourizona – PR.

(44 988198027 / jeferson.rojo@hotmail.com)

Qualquer dúvida com relação aos aspectos éticos da pesquisa poderá ser esclarecida com o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa (COPEP) envolvendo Seres Humanos da UEM, no endereço abaixo:

COPEP/UEM

Universidade Estadual de Maringá.

Av. Colombo, 5790. UEM-PPG-sala 4.

CEP 87020-900. Maringá-Pr. Tel: (44) 3011-4444

E-mail: copep@uem.br

APÊNDICE B:**ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA ATLETA****Idade:****Sexo:****País de origem:****Tempo de prática na corrida:****Questões:**

1 – Quais objetivos você tem com a prática da corrida de rua?

2 – Qual a importância da corrida em sua vida?

3 – Descreva como foi a sua vinda para o Brasil.

4 – Você já competiu em outro país? Descreva como foi sua experiência em outros países.

5 – Descreva como era as condições de trabalho em seu país.

6 – Qual é a diferença que você percebe entre seu país e o Brasil?

7 – Fale sobre seus planos de permanência no Brasil? Por quanto tempo ficará aqui?

8 – Por que você escolheu o Brasil como destino para morar e participar das competições de corrida de rua?

9 – Como você percebe a reação dos atletas da corrida de rua brasileiro em relação a permanência de vocês aqui no Brasil?

10 – Alguém ajudou você no processo de migração e de residência aqui no Brasil?

11 – Você conhecia alguém no Brasil?

12 – O que mudou em sua vida desde a sua vinda para o Brasil?

APÊNDICE C:
ROTEIRO DE ENTREVISTA TREINADORES

Idade:

País:

Questões:

1 – Descreva como é sua relação com a corrida de rua/atletismo.

2 – Há quantos anos atua como treinador de atletas africanos?

3 – Como iniciou a sua relação com esses corredores?

4 – Descreva como você faz a seleção dos atletas para vir ao Brasil?

5 – Como funcionam os trâmites legais da atuação e migração dos atletas?

6 – Qual a sua percepção sobre as diferenças entre Brasil e os países de origens de seus atletas?

7 – O que a presença de seus atletas impacta nas corridas de rua brasileiras?